

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Campus de Assis

LAURA MEIRA BONFIM MANTELLATTO

INDIVIDUALIDADE E RELAÇÕES DE RECONHECIMENTO:

Um estudo a partir de histórias de vida de mulheres contemporâneas ao processo de modernização da região de Assis/SP

ASSIS
2024

LAURA MEIRA BONFIM MANTELLATTO

INDIVIDUALIDADE E RELAÇÕES DE RECONHECIMENTO:

Um estudo a partir de histórias de vida de mulheres contemporâneas ao processo de modernização da região de Assis/SP

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutora em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia e Sociedade

Orientador(a): Prof. Dr. José Sterza Justo

Coorientador(a): Profa. Dra. Mariele Rodrigues Correa.

Bolsista: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – 2019/24607-8

ASSIS
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

M292i Mantellatto, Laura Meira Bonfim
Individualidade e relações de reconhecimento : um estudo a
partir de histórias de vida de mulheres contemporâneas ao processo
de modernização da região de Assis/SP / Laura Meira Bonfim
Mantellatto. — Assis, 2024
293 f. : il.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Prof. Dr. José Sterza Justo
Coorientador: Dr. Mariele Rodrigues Correa

1. Mulheres - Aspectos sociais - Assis (SP). 2. Idosos -
Condições sociais. 3. Mudança social. 4. Individualização. 5. Teoria
do Reconhecimento. I. Título.

CDD 305.42

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Individualidade e relações de reconhecimento: um estudo a partir de histórias de vida de mulheres contemporâneas ao processo de modernização da região de Assis/SP

AUTORA: LAURA MEIRA BONFIM MANTELLATTO

ORIENTADOR: JOSÉ STERZA JUSTO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em Psicologia, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARIELE RODRIGUES CORREA (Participação Virtual)
UNESP/FCL - Assis/SP

Profa. Dra. ANDREIA DUARTE ALVES (Participação Virtual)
UNESP/FCL - Assis/SP

Profa. Dra. LUCIANA CODOGNOTO DA SILVA (Participação Virtual)
UFMS/Nova Andradina - MS

Prof. Dr. MATEUS PRANZETTI PAUL GRUDA (Participação Virtual)
Assis - SP

Profa. Dra. TALITA MACHADO VIEIRA (Participação Virtual)
UEM/Maringá

Assis, 24 de maio de 2024

Dedico este trabalho à memória de minha avó, Laura Zanardi

AGRADECIMENTOS

À FAPESP, pelo apoio financeiro, concedido por meio do Processo nº 2019/24607-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Ao meu orientador, José Sterza Justo, e coorientadora, Mariele Rodrigues Correa, pelas contribuições e direcionamentos fundamentais para o desenvolvimento e execução deste trabalho.

Aos(às) funcionários(as) da Unesp – FCL/Assis, especialmente da seção de pós-graduação e da biblioteca, pela disponibilidade e ajuda com informações sobre procedimentos técnicos e demais dúvidas que surgiram ao longo deste trabalho.

Às participantes da pesquisa de campo, pela generosidade de terem me recebido em suas casas e aceitado relatar suas histórias de vida ao longo de sucessivas visitas. Isto num momento delicado que envolveu a pandemia de Covid-19, especificamente, a transição entre o isolamento social e a retomada dos encontros presenciais: de modo que compartilhar com elas a sensação de estarmos nos reconectando socialmente foi especial e importante para mim.

Às pessoas que me acompanharam ao longo desse caminho, com eventuais paragens e retomadas, bem como, presenças pontuais entre um trecho e outro, todas elas me fortaleceram e permitiram a continuidade e finalização deste trabalho.

RESUMO

A partir do relato de história de vida de mulheres idosas, cisgênero, brancas, heterossexuais, aposentadas ou pensionistas (faixa etária média de 75 anos de idade), contemporâneas ao processo de modernização da região centro-oeste paulista, esta pesquisa qualitativa articula as transformações sociais engendradas ao longo da experiência de urbanização com as possibilidades de exercício da individualidade. Através do recurso metodológico da etnografia do espaço doméstico, foram realizadas entrevistas de história de vida diretamente no cotidiano de cada uma das participantes. Os relatos foram analisados a partir das discussões trazidas pela teoria do reconhecimento, de Axel Honneth. Sendo assim, o objetivo foi o de compreender como o processo de transformação social de modernização ensejou a abertura para relações intersubjetivas variadas num contexto de reprodução cultural de papéis de gênero e subalternização feminina. Como resultado, concluímos que, apesar das participantes não terem tido qualquer contato com a pauta política e movimentos sociais de luta por igualdade das mulheres, elas agiam a partir da tenacidade – fortalecida e amparada pelas relações intersubjetivas – para ocuparem espaços e direcionarem suas trajetórias de vida. Os resultados obtidos não são generalizáveis, a não ser que auxiliem a compreender descritivamente a dinâmica entre o processo histórico de transformação dos modos de vida e como as pessoas, tensionadas por marcadores sociais da diferença específicos, repercutem e reinventam as possibilidades de existência nesse contexto.

Palavras-chave: Mulheres – Aspectos sociais – Assis (SP); Idosos – Condições sociais; Mudança social; Individualização; Teoria do Reconhecimento.

ABSTRACT

Based on the life history of elderly, cisgender, white, heterosexual women (average age range of 75 years old), contemporary to the modernization process in the central-western region of São Paulo, this qualitative research articulates the social transformations engendered throughout the urbanization experience with the possibilities for exercising the individuality of the participants. Using the methodological resource of ethnography of the domestic space, life history interviews and participant observation were carried out directly in the daily lives of each of the participants. The reports were analyzed based on discussions brought about by Axel Honneth's theory of recognition. Therefore, the objective was to understand how the process of social transformation of modernization led to the opening to varied intersubjective relationships in a context of cultural reproduction of gender roles and female subalternization. As a result, we concluded that, although the participants did not have any contact with the political agenda and social movements fighting for women's equality, they acted based on tenacity – strengthened and supported by intersubjective relationships – to occupy spaces and direct their trajectories of life the way they want. The results obtained cannot be generalized, unless they help to understand the dynamics between a historical process of transformation of modes of life and how people, tensioned by social markers of difference, reflect and reinvent the possibilities of existence in this context.

Keywords: Women – Social aspects – Assis (SP); Elderly – Social conditions; Social change; Individualization; Recognition Theory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	08
Individualização na cidade	10
Objetivos	12
Justificativa	13
2 METODOLOGIA	19
Procedimentos metodológicos	19
Convite	19
Realização dos encontros	20
Características das participantes	21
Tratamento de dados	24
Panorama teórico-metodológico e desdobramentos da pesquisa de campo	24
3 CONCEITOS FUNDAMENTAIS	30
Individualização, reconhecimento e teoria crítica	30
Velhice, gênero, individualização e reconhecimento	38
4 TEORIA DO RECONHECIMENTO APLICADA	42
Célia	46
Nanci	50
Elenira	61
Lourdes	68
5 MODERNIDADE FEUDO-CAPITALISTA E LUTA POR RECONHECIMENTO	80
Normatividades de raça, gênero e sexualidade	87
Tenacidade, luta por reconhecimento e cotidiano	97
6 CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE	121
Relato de Célia	121
Relato de Nanci	169
Relato de Elenira	233
Relato de Lourdes	244

1 INTRODUÇÃO

Dentre as características próprias do contemporâneo, tenho me dedicado a compreender o processo de individualização na sociedade, abordando o modo como esse fenômeno se relaciona com os arranjos da materialidade urbana e como aparece nos relatos de sujeitos que vivem neste espaço. Comecei os estudos na linha de pesquisa “Processos Psicossociais e de Subjetivação na Contemporaneidade” através da iniciação científica “O eu e o outro: sentidos atribuídos à individualização por estudantes universitários que moram sozinhos” (Fapesp n.º 14/10669-8). Nela, apresentei o fenômeno de morar só como um estilo de vida próprio da atualidade, que atinge taxas significativas de crescimento nas últimas décadas, em nível nacional e internacional. Os(as) participantes da pesquisa foram estudantes universitários(as), que haviam se mudado para uma cidade de médio porte no interior paulista a fim de cursar o ensino superior numa universidade pública. Por meio da realização de entrevistas, o objetivo foi entender o modo como os(as) estudantes se apropriavam desses espaços de moradia e como os vínculos interpessoais eram construídos e mantidos.

Em seguida, na dissertação de mestrado “Individualização na cidade: uma leitura sobre a escolha de jovens universitários por morar só” (Fapesp n.º 15/23687-7), houve uma expansão da pesquisa de campo, dessa vez, acrescentando um levantamento quantitativo sobre a prevalência dos tipos de moradia entre os(as) estudantes da mesma unidade de ensino superior; além de efetuar, novamente, entrevistas com uma parcela daqueles(as) que moravam sozinhos(as). Durante o mestrado, também realizei um estágio de pesquisa no exterior, na *New York University* (NYU), com o projeto de revisão bibliográfica “Individualidade e espaço urbano: uma abordagem interdisciplinar” (Fapesp n.º 16/26252-4). Através dele, me aprofundei na produção teórica de Georg Simmel e sua posterior contribuição para os estudos em Psicologia Social e em Sociologia Urbana. Com isso, procurei compreender o jogo de interação e individualização entre os sujeitos, num contexto de crescente heterogeneidade, característico do espaço urbano moderno.

No entanto, ao longo desse percurso, surgiram novas perguntas e ramificações interpretativas que germinam da complexidade do tema analisado. A principal delas é, antes de tudo, uma crítica que elaborei diante dos dados obtidos na pesquisa de campo da iniciação científica e do mestrado. Estou falando de uma questão de gênero que, embora não estivesse no escopo da pesquisa, apareceu de modo relevante no discurso dos(as) participantes. Apesar de, no contexto estudado, as mulheres serem a maioria morando sozinhas, as estudantes falaram de uma resistência, às vezes colocada como preocupação, vinda daqueles que lhes são próximos,

diante da escolha de conduzirem suas vidas com independência, como se estivessem se colocando num lugar de vulnerabilidade. Quanto aos homens, esse estilo de vida foi interpretado como uma atribuição de valor e estima por, além de se dedicarem a um projeto de vida mais independente, lidarem com as tarefas do cotidiano, especialmente as domésticas, sozinhos.

O estigma atribuído àquelas que moram sozinhas foi anteriormente discutido nos trabalhos de Gonçalves (2007) e Martins (2010), nos quais as autoras demonstram como a figura da mulher é associada a uma relação de subalternidade a um grupo ou a alguém, sendo, dificilmente, reconhecida ou tendo a oportunidade de se colocar como agente individual. Da mesma forma, Holanda (1995) indicou que a família ocupa um espaço central na cultura brasileira, de tal modo que as relações domésticas se constituem como o modelo legitimado a partir do qual são conduzidas as demais experiências de socialização.

Através das entrevistas, verifiquei que quando as mães dos(as) estudantes não eram inteiramente responsáveis pela renda familiar, contribuíam de forma significativa com o rendimento financeiro: todas desempenhavam trabalhos informal ou formal, além de se dedicarem, com mais proximidade, ao cuidado dos(as) filhos(as) e demais integrantes da família. Não é por acaso que a categoria de trabalho invisível vem ganhando mais espaço quando tratamos das questões de gênero no contemporâneo. De acordo com Federici (2019), enquanto os homens ocupam extensivamente os postos de poder e chefia no espaço público, tudo aquilo que se refere à vida doméstica, cuidado e à organização familiar são atribuições de mulheres.

Disso se desdobra a necessidade de uma atenção constante em prol do cuidado do outro e de tudo aquilo que envolve a dinâmica da casa. É nesse sentido que Ribeiro (2017) afirma: “o mundo não é apresentado para as mulheres com todas suas possibilidades” (p.30). Da mesma forma, Bosi (2003) fala que toda relação que opera através da manutenção da dependência é, antes de tudo, uma opressão. Se retomarmos princípios gerais da modernidade, a partir de Touraine (1998), além da especificidade de eventos que se desdobraram no contexto europeu, o processo de modernização se descola dessa narrativa, podendo ser interpretado como o encapsulamento de algumas categorias-chave: urbanização, divisão social do trabalho, domínio da economia capitalista, desenvolvimento tecnológico e, por fim, o que preferimos colocar como uma *promessa* de consolidação do estado democrático de direito.

Castells (2008) afirma que um importante legado desse processo corresponde à luta por direitos de grupos sociais que foram historicamente oprimidos. Tratando especificamente do que chama de uma “crise do patriarcado” (Castells, 2008, p.173), o autor compreende que o

aumento do número de divórcios e separações, bem como, da diversificação de arranjos domésticos, sintetiza um possível enfraquecimento das estruturas de dominação até então vigentes.

Individualização na cidade

Honneth entende que o grande desafio relacionado ao processo de individualização está no fato de que isto se manifesta de forma muito mais evidente no campo da materialidade do que nas subjetividades. O autor diz: “[...] o problema central consiste em determinar a extensão através da qual a descrição de uma pluralização dos papéis individuais, relações e afiliações pode se conectar com um aumento da autonomia pessoal” (Honneth, 2012, p. 154, tradução nossa). A complexidade do conceito de individualização já estava presente na obra de Simmel, em seus estudos referenciais sobre a modernidade. Honneth indica que, no pensamento simmeliano, esse fenômeno se relaciona com alguns sentidos: diversificação dos estilos de vida, isolamento individual, aumento da capacidade reflexiva e, por fim, aumento da autenticidade. O lugar comum entre todos eles está no fato de que se baseiam nas condições características da vida urbana moderna.

De acordo com Simmel (1903), a cidade contemporânea desperta dois níveis de percepção na vida cotidiana dos sujeitos: um racional e outro emocional, os quais são fortalecidos pela alta quantidade de estímulos que intensificam a atividade psicológica nesse ambiente. Se, por um lado, há a abertura de espaço para uma autorreferência que será explorada no sentido da individualidade, também se estabelece a necessidade de proteção contra uma carga excessiva de estímulos. Para este autor, a individualidade localiza-se na esfera emocional, onde são cultivadas as relações interpessoais. Assim, por localizar-se num nível íntimo, o sujeito tem sua particularidade reconhecida entre aqueles que lhe são próximos. Por outro lado, a racionalidade surge como uma espécie de percepção simplificada sobre a maior concentração de pessoas na cidade, onde não se pode processar toda a complexidade a que a subjetividade é exposta. Portanto, a racionalidade funciona como um filtro, direcionando o sujeito através de certos comportamentos sociais generalizados.

Logo, existem diferentes níveis de contato entre as pessoas na vida urbana: ao mesmo tempo em que esse espaço promove a sensibilidade a um contorno de individualidade (experimentado na esfera íntima), a atmosfera citadina também endossa uma convivência impessoal entre os seus habitantes. Simmel destaca o viés heterogêneo do urbano, onde as pessoas se deslocam entre variados espaços e grupos, em relação aos quais compartilham um

ou outro elemento de identificação. Dessa forma, a postura elementar a ser adotada na cidade se refere a um comportamento reservado, onde transparece um traço de indiferença em relação aos demais. No entanto, internamente, essa diversidade de conteúdo, à qual o sujeito é exposto, sensibiliza a necessidade de estabelecer a si mesmo como um campo de referência. Isso acontece porque, se as pequenas comunidades estavam concentradas ao redor de um núcleo com narrativas e papéis sociais definidos, o desenvolvimento das cidades modernas trouxe condições expansivas de identificação e mobilidade para os sujeitos, rompendo com orientações pré-fixadas.

A respeito das transformações que envolvem esse processo, Honneth (2012) destaca como a consolidação do capitalismo de bens de consumo se aproxima do tema da individualização. A ideia da vida como uma autobiografia e a abertura nas possibilidades de experimentação, constituem o que o autor chama de uma “individualização sócio-estrutural” (Honneth, 2012, p. 160, tradução nossa). A diversificação de carreiras, áreas de estudo, estilos de vida, tudo isso conflui com a também segmentada oferta de bens e serviços. Honneth afirma que a expansão nas possibilidades de existência individuais não opera nenhum tipo de oposição à economia capitalista, pelo contrário, parece reforça-la. Aqui, aproximando-se de sua base frankfurtiana, o autor se refere, principalmente, às ideias de Horkheimer (2007), o qual compreende que esse fenômeno se trata, na verdade, de individualidades de prateleira.

Horkheimer pontua que o entendimento de individualidade que adota diz respeito à afirmação da consciência individual, de modo a estabelecer um microcosmo de sentidos em cada sujeito, produzindo uma diversificação de perspectivas. Porém, a desagregação conduzida pela prática político-econômica do liberalismo desfruta de mecanismos que reduzem as possibilidades de exercício da autonomia representativa do sujeito, valendo-se da indústria cultural como produtora de sentidos que se dão à revelia de quem os contempla. Tal administração das subjetividades assume a maestria das massas individualizadas, capturando-as pelo inconsciente: “Os modelos de pensamento e ação que as pessoas aceitam já preparados e fornecidos pelas agências de cultura de massa agem, por sua vez, no sentido de influenciar essa cultura como se fossem as ideias do próprio povo” (Horkheimer, 2007, p. 158).

Assim, sobremaneira criticado nos estudos sociais, o processo de individualização é facilmente associado às demandas do sistema econômico vigente. Conforme apresentamos anteriormente, o movimento de luta por direitos das mulheres parece uma ótima representação da ambiguidade de tal dinâmica. Isso porque o mecanismo de opressão é mantido: embora a força de trabalho da mulher seja absorvida, seus salários são inferiores aos dos homens que ocupam as mesmas funções, além de lhes serem delegadas as responsabilidades do espaço

doméstico, cuidado e organização da dinâmica familiar, contribuindo para a continuidade de relações de dependência e subalternidade, por exemplo.

Por fim, considerando o percurso teórico apresentado, e, também, a minha trajetória de pesquisa, almejo incluir o desdobramento da categoria de tempo, junto à questão da espacialidade, a qual predominou nos trabalhos anteriores. Berman (2007) define a modernidade como uma “[...] experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida” (Berman, 2007, p. 26). Logo, é exatamente essa experiência vital de si como sujeito e do outro como fonte do reconhecimento, aliada às experiências do universo urbano, que procuraremos compreender através de relatos de vida de mulheres idosas as quais, ao longo de suas histórias, foram contemporâneas e realizaram a travessia da vida rural para a urbana – individualizadora e orientada pela racionalidade –, dada no bojo do processo de modernização do interior paulista.

Objetivos

Através de relatos de histórias de vida de mulheres idosas, cisgênero, brancas, heterossexuais, aposentadas e pensionistas, o objetivo é percorrer o processo de modernização da região de Assis/SP, levando-se em conta o modo como as transformações estruturais e sociais desse acontecimento reverberaram intersubjetivamente, considerando a abertura para uma diversidade de relações interpessoais e possibilidades de reconhecimento engendradas. Dessa forma, analisaremos experiências concretas do processo de modernização. Entendemos que o recorte temporal adotado permitirá identificar o estabelecimento de uma dinâmica de tensionamento dada entre os valores de orientação modernos e aqueles mais arraigados na cultura da região centro-oeste paulista. Como objetivos específicos, podemos listar:

- a) traçar um histórico das relações interpessoais e seus respectivos contextos. A princípio, delimitamos os seguintes pontos de ancoragem: o espaço doméstico e a família; a vizinhança e o bairro; instituições educacionais; a religião; o trabalho; demais espaços/atividades em que se dava a relação com um determinado grupo ou alguém; relações afetivas/de amizade em geral e posterior exercício de contextualização;
- b) aprofundamento no modo como as relações trazidas pelas participantes da pesquisa fortaleciam seu sentido de autoestima ou a subordinavam a uma determinada ordem vigente;

- c) identificar narrativas a respeito da transformação dos espaços, num processo crescente de urbanização e diversificação populacional. Mapear mudanças na rotina da casa, na mobilidade, no modo como as atividades de educação, religião, trabalho, comércio e lazer se organizavam; mudanças de regimes político; a popularização dos debates, lutas e conquistas de direitos das mulheres;
- d) apreender o balanço feito sobre as relações interpessoais ao longo das trajetórias de vida;

Justificativa

Haraway (1995) indica como a produção científica reverbera a manutenção de estruturas de poder a partir do discurso universalizante. Quando nos referimos a uma categoria de indivíduo geral, que pode estar em toda parte, reforçamos uma despolitização do tema. A isenção das particularidades nos permite falar apenas de categorias que já estão consolidadas, operando uma lógica de reprodução que pouco acrescenta ao debate acadêmico. Ao contrário disso, a localização da produção do saber nos permite atingir contrassensos e descontinuidades e, principalmente, o jogo de forças que o atravessa. Da mesma forma, as produções teóricas sobre a individualização têm acompanhado essa necessidade, propondo mecanismos de análise que possam ser utilizados como ponte entre conteúdos mais específicos das experiências intersubjetivas e os enunciados normativos do contexto social, como o faz Honneth.

Assim, proponho um movimento de *zoom*, a partir do qual apresentarei algumas particularidades do contexto social que compõe esta tese. Mello e Novais (1998) afirmam que é a partir da década de 1950 que o processo de modernização brasileiro começa a se desenvolver. As taxas crescentes de urbanização, migrações internas e industrialização sinalizam as categorias-chave desse fenômeno que vai se estabelecendo no país. Ademais, os autores sublinham que a tentativa de alcançar padrões de produção e consumo significativos se deu às expensas da concentração de renda e desigualdade social. Em vista disso, há uma afinação da dinâmica social ao tom dos valores capitalistas, os quais, no entanto, não desbancam a centralidade da casa e da família no padrão de socialização brasileiro, porém fortalecem o pressuposto da aspiração individual:

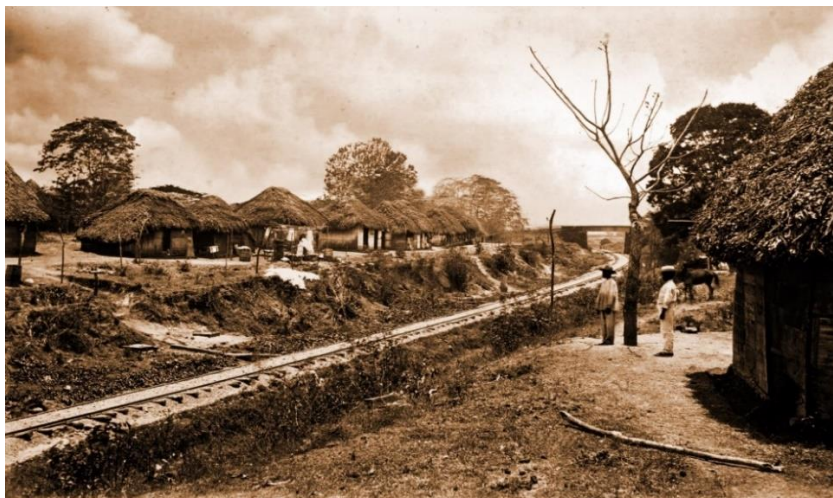
O postulado de que cada indivíduo é capaz de ação racional, de calcular vantagens e desvantagens ajustadas à realização de seus interesses materiais ou de seus desejos (...) podem se impor graças à sua funcionalidade para o desenvolvimento do sistema econômico (Mello; Novais, 1998, p. 606).

Nesse sentido, Santos (2013) se aprofunda nesse processo relacionando-o com a interiorização do território paulista, dado em virtude da industrialização do processo produtivo de artigos como a cana-de-açúcar, por exemplo. A centralidade que esse item ocupa na economia do país trouxe uma série de desdobramentos, principalmente na região Sudeste. Em primeiro lugar, trata-se de um investimento em infraestrutura, como a pavimentação de estradas, urbanização de cidades médias e expansão dos meios de comunicação, garantindo uma articulação entre regiões mais afastadas do interior com a área metropolitana. Por outro lado, essas mudanças no âmbito do processo produtivo também reverberam nas relações sociais. O autor nos apresenta o conceito de *psicosfera* para tratar do campo simbólico da racionalidade capitalista, responsável por naturalizar essas transformações em andamento enquanto um movimento de progresso e modernização: adequando a cultura local às demandas e à técnica de produção capitalista.

Como resultado disso, Santos (2013) indica o significativo desenvolvimento das cidades médias no interior do estado de São Paulo, em virtude da importância ocupam enquanto polos estratégicos de produção agroindustrial. Dessa forma, o autor afirma que há uma lógica de desmetropolização no estado de São Paulo, já que as cidades médias interioranas exercem um papel de destaque no plano econômico e produtivo, logo, a experiência de modernização é tão intensa nessas cidades quanto naquelas da região metropolitana da capital paulista. Por isso, o autor propõe que a metrópole se ramifica, alcançando de modo onipresente as cidades médias interioranas, as quais passaram a operar segundo a racionalidade e a técnica capitalista.

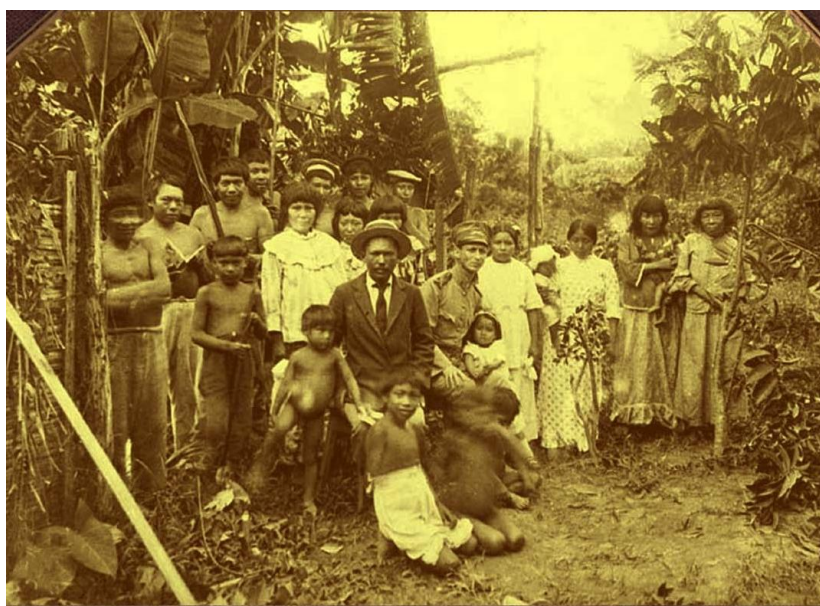
Aqui, nos aproximamos de Assis/SP. Fundada em 1905 e elevada à condição de município em 1917, a região compreendia uma vila onde se realizavam atividades de cultivos agrícola e criação de animais. Tratava-se de um lugar de passagem que oferecia pousada para tropeiros que seguiam pelas proximidades do rio Paranapanema. No entanto, a chegada da estrada de ferro Sorocabana, em 1914, desencadeou o processo de transformação nessa cidade que, até então, seguia a dinâmica de tempo e trabalho próprios do campo. Naquela época, a rede de serviços básicos do município era, em grande medida, oferecida por representantes da Igreja católica. Assim, educação, atenção à saúde, ginásio de prática de esportes, tudo isso era administrado pelos representantes da Igreja, a qual se fortalecia recebendo doações de terra, bem como, parcelas do valor total referente a lotes do município que eram vendidos (Barros, 2005). Destaca-se que o processo modernização implicou no massacre da população indígena local, da etnia Kaingang, que ocupava as imediações do Rio Paranapanema, tendo em vista, inicialmente, o avanço territorial da ferrovia e, posteriormente, das rodovias, bem como, a expansão urbana e o uso da terra para agricultura e cultivo de animais em larga escala.

Figura 1: Avanço da estrada de ferro nas imediações de Assis/SP. Década de 1910.



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 2: Grupo de indígenas da etnia Kaingang junto a colonizadores da região. Década de 1910.



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 3: Colonizadores e mulheres indígenas em uma aldeia nas imediações de Assis/SP. Década de 1910.



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Durante o processo de modernização, a cidade passou a comportar um número expressivo de instituições de ensino, das quais destacamos a implementação de uma das sedes do Instituto Isolado de Ensino Superior, em 1957, que, posteriormente, veio a se constituir como campus da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Havia uma preocupação em oferecer possibilidades de escolarização para formar profissionais que pudessem atender às demandas do município, que, na época, carecia de mão-de-obra para as atividades específicas do meio urbano que vinha se constituindo. A partir disso, Assis/SP passou a receber um fluxo de jovens que ingressavam nos cursos oferecidos pela Unesp. Relatos desses primeiros estudantes, organizados por Ferreira e Silva (2012), expressam uma convivência relativamente problemática com os moradores locais da cidade, os quais adotavam um posicionamento mais conservador que se chocava com a postura dos jovens que chegavam ao município.

Em um estudo aprofundado sobre as transformações demográficas de Assis/SP, Mendes (2005) indica que, só entre as décadas de 1940 a 1980, houve um aumento expressivo do fluxo migratório nessa cidade, de tal modo que a população não nativa do município atingiu a marca de 50% do total de habitantes. O oferecimento de serviços públicos na área da saúde e educação, bem como, o fortalecimento do setor terciário, são fatores que o autor elenca como razão de atratividade para migrantes. A maior parte dessas pessoas que se mudaram para Assis/SP eram provenientes do próprio estado de São Paulo, seguidas daquelas que vinham do Paraná, Minas Gerais e Bahia. Outro dado relevante, diante de tal fluxo migratório, constatou-se que, se antes os homens eram a maioria da população, a partir de 1940, a quantidade de mulheres ultrapassa

essa marca e elas se tornam predominantes no município. Diante disso, Mendes (2005) identifica uma diminuição na taxa de natalidade e consequente envelhecimento populacional. Ele interpreta que a rápida urbanização, o acesso à saúde, educação, e o desempenho de atividades remuneradas formais e informais por parte de mulheres, são fatores que contribuíram para essa característica se consolidar.

Figura 4: Avenida principal de Assis/SP, à direita, o Hotel Moderno. Década de 1930.



Fonte: Acervo Luiz Barros (2021).

Figura 5: Fila de jardineiras (ônibus) estacionadas em frente à estação ferroviária para transporte da população que chegava à Assis/SP. Década de 1940.



Fonte: Acervo Luiz Barros (2021).

A cidade seguiu o processo de modernização concentrando as influências de poder do capital e da Igreja católica e, na mesma medida, contrapondo os modos de vida da população local com uma corrente migratória populacional vinda de estados e municípios próximos. Nesse sentido, ao adotar um recorte de gênero para pensar neste assunto, no caso, a partir da experiência de mulheres que vivenciaram esse processo de modernização, englobo figuras sobremaneira tensionadas por essas contradições. Isso se dá em virtude das limitações que lhes são colocadas numa sociedade de viés familista-patriarcal. Será possível analisar como as participantes se apropriaram dessas contradições que foram se desdobrando, como rearranjaram suas interações cotidianas num espaço que se urbanizava e, principalmente, a relação delas consigo mesmas e com os demais, diante de relações intersubjetivas de reconhecimento heterogêneas.

2 METODOLOGIA

Procedimentos metodológicos

À princípio, planejada para o ano de 2020, a pesquisa de campo foi adiada em decorrência da pandemia de Covid-19. Logo, durante o ano de 2021 concluí esta etapa do trabalho, salvo algumas alterações de procedimento metodológico contidas no projeto inicial deste estudo. Havia planejado realizar o convite para participação na pesquisa junto às oficinas da Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati), no período de andamento das atividades, desenvolvidas presencialmente no campus da Unesp – Faculdade de Ciências e Letras de Assis (FCL Unesp). Da mesma forma, a fase posterior à seleção de 4 (quatro) participantes, que contemplaria sucessivos encontros com cada uma delas individualmente (para a atividade de resgate memorialístico e tecitura do relato de história de vida), estava programada para acontecer no espaço de uma sala de reuniões do Departamento de Psicologia Social, no campus universitário. Em virtude do fechamento do campus e da suspensão das atividades presenciais ao longo de dois anos (2020 e 2021), me reuni com meu orientador e coorientadora para pensarmos em alternativas para dar andamento à pesquisa de campo. As soluções que encontramos foram as seguintes: (1) disparar o convite para participação em um grupo de troca de mensagens que reúne frequentadoras da Unati; e (2) realizar a entrevista de história de vida presencialmente, na casa de cada participante.

Convite

Recorremos ao grupo da oficina “Encontros Unati – 2019”, no aplicativo *WhatsApp*, para disparar o convite de participação na pesquisa. A escolha do grupo desta oficina (“Encontros”) se deu pelo motivo de nela serem discutidas questões que envolvem relacionamentos interpessoais, vínculos e transitoriedades, além de experiências de luto ao longo das trajetórias de vida. Minha coorientadora, responsável pela oficina, inseriu um breve texto de apresentação sobre a pesquisa, sugerindo que, aquelas pessoas interessadas em contribuir com o estudo, se manifestassem por ali, que, em seguida, eu entraria em contato para explicar os pormenores da pesquisa. Como resultado dessa primeira tentativa, alcançamos o número excedente de pessoas interessadas. O critério de seleção foi intencional. Em reunião com minha coorientadora, ela me informou algumas características das pessoas interessadas, ponderando quais delas

indicavam ter o perfil que garantisse disponibilidade e envolvimento para o extensivo trabalho de rememoração e relato de história de vida que propus. Houve, ainda, a intermediação do contato feito por uma das participantes (Elenira) com uma outra pessoa que não participava do grupo no *WhatsApp* (Lourdes), mas que, de acordo com Elenira, tinha o potencial de trazer um relato interessante para o estudo.

Realização dos encontros

Desde o início da pandemia, me mantive reticente com a possibilidade de realizar as entrevistas por via remota. Por morar sozinha e, na época, já estar imunizada com duas doses da vacina, conversei com aquelas pessoas que se prontificaram a participar da pesquisa, verificando se era possível realizarmos a entrevista presencialmente, de modo que eu fosse a casa de cada uma delas, tendo em vista que, de hábito, eu também me mantinha resguardada de aglomerações. Houve adesão, por parte das quatro participantes, a esta proposta. Por sua vez, elas já estavam imunizadas com a terceira dose da vacina e, até mesmo por se enquadrarem no grupo de risco (idosas), passavam a maior parte do tempo em casa.

A primeira participante que visitei foi a Célia. Apesar de ela morar com um dos filhos, Célia já me recebeu explicando que estava passando muito tempo sozinha, sentia falta de ter uma pessoa para conversar. Por conta de problemas de saúde, antes da pandemia, ela precisou interromper a participação nas oficinas da Unati, fator que, segundo ela, havia desencadeado um episódio depressivo. A segunda participante que visitei foi Nanci, ela se recuperava de perdas contíguas: o marido e o seu filho mais novo haviam falecido um em seguida do outro recentemente. Depois, foi Elenira, ela não deixou de observar que, caso eu propusesse de conversarmos sobre sua história de vida via chamada de vídeo, ela não aceitaria. Elenira me contou que, antes da pandemia, preenchia todos os dias úteis da semana com as atividades oferecidas pela Unati, mas não se adaptou à modalidade *online*, então, passava os dias apenas assistindo TV. A última participante com quem realizei as visitas foi Lourdes.

O número de encontros com cada participante não tinha uma quantidade fechada, dentro da qual elas precisavam sintetizar o relato de história de vida. Pelo contrário, a cada encontro eu enfatizava que não havia necessidade de pressa, sugeria que a participante se sentisse à vontade para me falar sobre o tema que preferisse e, vez ou outra, eu faria algum apontamento ou direcionaria a conversa. Dessa forma, se sucederam, em média, quatro visitas a cada uma delas, em que havia, sim, o momento de diálogo relacionado ao tema da pesquisa, mas, necessariamente, havia, também, a transição para uma conversa mais descontraída e casual.

Assim, fomos ajustando uma forma de trabalhar juntas. A média de duração de cada visita oscilou de 1h30, para aquele mais curto, e de 5h para o mais extenso.

Características das participantes

Tabela 1: Característica gerais das participantes.

Nome	Idade	Cor	Escolaridade	Religião	Profissão	Estado Civil	Local de Origem/Residência	Renda	Arranjo Doméstico
Célia	73	Branca	Primário completo. Continuou os estudos via EJA	Católica	Açougueira, empregada doméstica, lavadeira e cozinheira	Viúva	Nasceu em São Roque/SP. Morou na zona rural de Maracá/SP. Mora em Assis/SP, na Vila Orestes	Pensionista	Mora em casa própria com um dos filhos
Nanci	72	Branca	Superior completo	Católica	Professora da rede pública de SP, supervisora de ensino	Viúva	Nasceu em Assis/SP. Morou na Vila Operária, Vila Xavier, atualmente, reside na Vila Tênis Clube	Aposentada	Mora em casa própria sozinha
Elenira	76	Branca	Superior completo	Espírita	Faxineira, Professora da rede pública de SP	Casada	Nasceu e morou na zona rural de Assis/SP. Morou na Vila Operária, atualmente reside na Vila Orestes	Aposentada	Mora em casa própria com o marido
Lourdes	74	Branca	Não escolarizada	Católica	Empregada doméstica, babá, costureira e cabelereira	Viúva	Nasceu e morou na zona rural de Poços de Calda/MG. Morou no noroeste do Paraná, atualmente reside em Assis/SP, na Vila Santa Cecília	Pensionista	Mora em casa própria sozinha

A partir da faixa etária em questão, pretendeu-se alcançar um conjunto de experiências significativo, ao passo que esta característica condensa, também, o processo histórico de modernização da região de Assis/SP, do qual as participantes foram contemporâneas. Quanto ao local de moradia, nos detivemos a uma porção comum da cidade (Vila Tênis Clube, Vila Orestes e Vila Santa Cecília), por se tratar da área onde reside grande parte do público que frequenta a Unati, em virtude da proximidade do campus universitário, sendo que duas das participantes se deslocavam a pé até o campus universitário e as outras duas iam com carro próprio.

Nanci e Elenira possuem nível superior completo pela Unesp (licenciatura em Letras e Biologia, respectivamente): se aposentaram como professoras da rede pública estadual de São Paulo. As duas têm casa própria: construções de alvenaria, fachada e interior reformados, além de seus respectivos carros na garagem. Nanci e Elenira contratam o serviço de empregada doméstica, as quais, inclusive, cheguei a conhecer durante os encontros. Já Célia e Lourdes são pensionistas, residem em casa própria sem reforma: são construções antigas, de modo que a

casa de Célia é de madeira e a de Lourdes de alvenaria, as duas não possuem carro. Elas mesmas cuidam da limpeza doméstica. Célia completou o primário quando criança, no entanto, o pai a retirou da escola logo em seguida. Sendo assim, Célia retomou os estudos aos 64 anos de idade na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos), oferecido pelo Sesi de Assis/SP. Célia trabalhou desde criança em casa, cuidando dos irmãos mais novos, na manutenção doméstica e, principalmente, cozinhando para toda a família. Aos 18 anos de idade, começou a trabalhar num açougue e, com o salário, mantinha financeiramente a família, já que o pai havia sofrido um acidente grave na ferrovia onde era empregado. Depois disso, após o casamento, além do cuidado da casa, dos filhos e de familiares do marido, realizava serviços de faxina, lavadeira e, por fim, trabalhou como cozinheira num buffet da cidade.

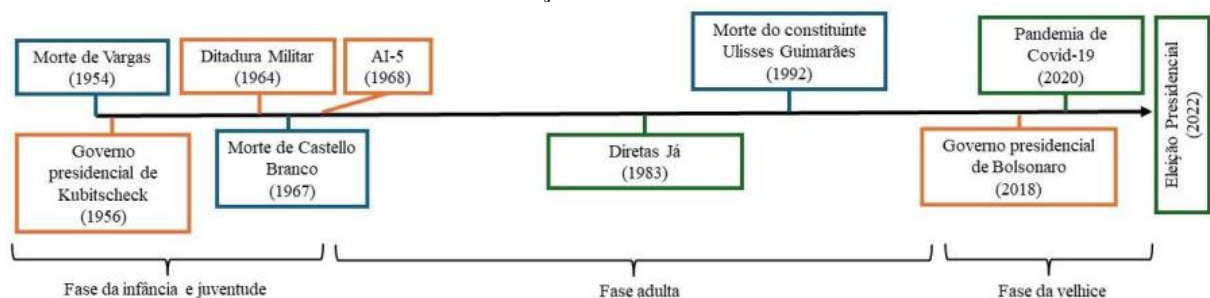
Lourdes foi criada analfabeta, seu pai não permitiu que ela frequentasse a escola. No entanto, Lourdes relata que, após o casamento, aprendeu a ler com a ajuda de uma menina de dez anos de idade – filha de um casal de vizinhos. A menina a ensinava a ler a partir de gibis do *Tio Patinhas*: “ela me ensinava as letras e a mistura delas”. Lourdes chegou a frequentar o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), porém, considera que aprendeu a ler na oficina de letramento oferecida pela Unati nos anos 2000, quando estava com 53 anos de idade. Lourdes contou que começou a trabalhar aos 10 anos de idade numa casa onde ela era responsável pelos cuidados do bebê do casal e pela faxina doméstica. Ela tinha permissão para visitar a própria família apenas aos domingos, por algumas horas, e enfatiza que não recebia pagamento, acredita que o valor era dado diretamente para sua mãe. A situação mudou após o casamento, aos 15 anos de idade, quando Lourdes mudou-se de cidade com o marido e este investiu num curso de corte e costura, em seguida, de cabelereira, para que ela também tivesse uma fonte de renda.

Célia, Nanci e Lourdes são mães e avós, com participação ativa no cuidado dos netos. Elenira não teve filhos, mas relata a existência de um vínculo estreito com os(as) sobrinhos(as). Apesar de eu não ter perguntado diretamente sobre a orientação sexual de cada uma delas, fiquei com a impressão de que as participantes mantiveram envolvimento afetivo exclusivamente com homens. Atualmente, Elenira é a única delas que está casada, reside com o seu marido, Camilo. As outras três são viúvas: Nanci e Lourdes moram sozinhas; Célia reside com um dos filhos. Todas elas são de cor de pele branca. Célia, Nanci e Elenira relatam ter ascendência de parentes negros. Célia diz que: “O pai da minha mãe era africano, foi escravo. Veio com navio negreiro. A mulher dele, era italiana. É uma mistura”. Já Nanci relata que: “Minha avó (materna), eu fui conhecer, já era grande, ela tinha a pele negra. Meu avô, era sueco”. Elenira explicou que a origem de sua família extensa é fruto do relacionamento de um padre com uma

mulher negra escravizada, de quem ele era dono. Por sua vez, Lourdes conta que seu avô era mineiro e a avó espanhola. Trata-se de histórias familiares de interracialidade: ao passo que a branquitude foi associada a uma dada nacionalidade europeia, ou à figura do padre, a negritude não foi identificada a partir de um local de origem específico, a não ser pelo continente africano. Condição em partes explicada pelo processo de escravização e apagamento histórico de vínculos familiares e pertencimento local ao qual essa população foi submetida sistematicamente. No entanto, a ênfase que as participantes atribuíram à nacionalidade europeia sugere um recurso distintivo e de confirmação da racialidade branca como traço de identidade.

A partir acontecimentos da história brasileira, rememorados espontaneamente pelas participantes, elaborei uma linha do tempo: trata-se dos acontecimentos históricos e políticos dos quais elas foram contemporâneas, dispostos em paralelo com a faixa-etária média de 75 anos de idade.

Tabela 2: Eventos históricos e políticos rememorados pelas participantes dispostos ao longo do período de suas trajetórias de vida



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Faço a ressalva de que o material obtido é o resultado do que se faz caber num dado enquadramento relacional. Este tema é desenvolvido por Goffman (2013), onde o autor tece considerações sobre a teatralidade envolvida na representação de si mesmo face às diferentes situações cotidianas de interação social. Por isso, considero importante pontuar que, não só há uma limitação de enquadramento relacional, pesquisadora e participante, como, também, o relato, produzido nas múltiplas visitas a cada uma delas, não encerra o que as participantes são. O material produzido nesta pesquisa de campo é fruto da relação estabelecida entre mim e cada participante, num determinado espaço e tempo, onde se deu o trabalho intersubjetivo de rememoração. Além disso, é importante frisar que a inserção no espaço doméstico das participantes e vínculo que estabelecemos tiveram elementos facilitadores. Um deles é que também sou uma mulher cisgênero branca, o que possibilitou certa proximidade e identificação entre nós, embora houvesse divergências quanto aos demais marcadores da diferença. O

segundo é que as participantes conheciam tanto meu orientador, quanto coorientadora das oficinas da Unati, tendo em vista que elas já estiveram em oficinas ministradas por eles.

Durante o processo de transcrição dos relatos, tive o cuidado de preservar as expressões da linguagem em seu formato coloquial, com o objetivo de reproduzir o jeito de se comunicar de cada participante. Com isso, almejo oferecer uma experiência de leitura que permita a imersão no diálogo estabelecido. Nesse sentido, faço breves inserções de texto assinalando os bastidores de cada encontro: interrupções, mudança de assunto e as conversas espontâneas que aconteceram para além do enquadramento formal da entrevista. Ao longo das transcrições também há registros fotográficos, imagens históricas e retratos dos animais de estimação a quem fui apresentada em algumas das casas. Eventualmente, inseri notas de rodapé para explicar expressões regionais e contextualizar alguma menção que julguei importante para melhorar a leitura. Os relatos na íntegra estão disponíveis em Apêndice, a partir da página 121.

Tratamento de dados

Esta pesquisa é qualitativa, portanto, realizei análises interpretativas dos relatos de história de vida a partir do referencial teórico que discute o processo de individualização à luz das relações de reconhecimento, proposto por Honneth e seus interlocutores(as). Stake (2011) afirma que a modalidade de estudo qualitativa seleciona conceitos a partir do qual desenvolve a interpretação dos dados obtidos, ele explica: “a interpretação é um ato de composição. O intérprete seleciona descrições e as torna mais complexas, utilizando algumas relações conceituais” (Stake, 2011, p. 65). Da mesma forma, Lakatos e Marconi (2010) compreendem que a análise interpretativa diz respeito a uma atividade de: “(...) dar um significado mais amplo às respostas, vinculando-as a outros conhecimentos” (Lakatos; Marconi, p.152). Logo, trata-se de integrar o material obtido em campo num cenário mais amplo e complexo, por meio de discussões teórico-conceituais.

Panorama teórico-metodológico e desdobramentos da pesquisa de campo

Bosi (2003) afirma o caráter coletivo da memória, mesmo quando narrada por uma única pessoa. O sujeito que recorda parte de considerações estereotipadas da história oficial, mas, ao avançar nesse processo, acessa conteúdos tanto individuais, quanto coletivos, num jogo de progressiva complexidade. Dessa forma, Bosi (2003) pontua que o ato de recordar não está assentado numa condição solitária, mas, sim, nas experiências interpessoais:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e de referência peculiares a esse indivíduo (Bosi, 2003, p.53).

De acordo com Pereira (2009) a entrevista de história de vida diz respeito a um exercício de reconstrução. Isso porque o narrador rememora sua trajetória juntamente com um pesquisador que atua como mediador. Este funciona como intérprete, pontuando contradições, sugerindo o aprofundamento em determinados temas ou situações, organizando e editando o material que o narrador traz. Pereira conclui:

Por ser calcada no diálogo, a história de vida permite explorar melhor certos elementos que, em geral, são lacunares (...) aspectos da intimidade, processos de tomada de decisão, vida cotidiana (...) o investigador estimula o entrevistado a lembrar-se (Pereira, 2009, p. 120).

Destaco que, além da contribuição para a pesquisa acadêmica, o caminho conjunto que narrador e pesquisador constroem, no trabalho com histórias de vida, traz um importante benefício para aqueles que rememoram. Cunha & Machado (2003) apontam que o espaço de diálogo e narração memorialística implicam numa situação de reconhecimento e reapropriação pelo sujeito de sua história. Trata-se de uma “atividade desalienadora” (Bosi, 2003, p. 82), uma vez que a pessoa se percebe a si mesma além de eventuais relações de dependência, colocando-se num lugar de agente da própria história.

Matos & Sena (2011) indicam que a memória se articula enquanto uma construção de elementos do passado que não tem o poder de transmitir um fenômeno ou passagem histórica em sua totalidade, mas aspectos pontuais, selecionados a partir dos estímulos de quem conduz a entrevista. Por isso, fui a campo com um roteiro semiestruturado que serviu de guia para as horas de conversa. Elaborei um roteiro com questões disparadoras fundamentais, são elas: o cotidiano (descrição da cidade, bairro, casa, escola, universidade, trabalho, igreja e relações interpessoais nesses espaços e outros que, porventura, surgissem), e a conjuntura social ao longo da história pessoal. Em cada dia de entrevista, trabalhávamos uma faixa etária: 1) infância; 2) juventude; 3) vida adulta e 4) velhice. Sendo assim, havia um exercício de mapeamento dos espaços, relacionamentos, situação de vida e contexto histórico-social em cada um desses momentos da trajetória de vida. Além da ferramenta do diálogo, havia momentos em que eu perguntava à participante se ela tinha objetos ou recordações materiais dos eventos relatados.

Durante os primeiros encontros de realização da pesquisa de campo, percebi que se eu perguntasse diretamente à participante sobre as transformações na cidade e todo conjunto de elementos que sinalizam o processo de modernização, eu obtinha como resposta relatos pouco

desenvolvidos. Notei que não se tratava da objetividade dessas experiências, consoantes à trajetória de vida, mas, sim, que eu precisava estar em contato com cada uma delas num nível mais aprofundado, recepcionando suas divagações e queixas sobre o presente para, depois, a participante se aterem aos temas que eu lançava através de perguntas disparadoras.

Em vista disso, revendo a metodologia em movimento, durante a prática da pesquisa de campo, recorri à outra referência, especificamente, do conceito psicanalítico de *holding*, apresentado por Winnicott (2021). Percebi que, em razão do longo período de distanciamento social, as participantes precisavam de acolhimento, escuta e presença. Sobretudo, reivindicavam o espaço perdido das atividades presenciais das oficinas da Unati, a ponto de se mostrarem reticentes a qualquer tentativa de ocupar essa lacuna com os encontros remotos propostos durante o período de fechamento do campus universitário. Elas citavam, por exemplo, não somente as atividades específicas de cada oficina, mas, principalmente, os momentos de descontração, entre uma atividade e outra, quando aconteciam os lanches comunitários que organizavam entre si; cada uma levava, de casa, um prato diferente.

O meu primeiro impacto, durante a realização da pesquisa de campo, foi, sem dúvida, a necessidade de acolher essa demanda que cada participante trouxe. Até mesmo porque, ainda que eu tentasse direcionar o diálogo para algum tema em específico, seguindo o roteiro semiestruturado de entrevista, logo a conversa contornava por outros rumos, sempre assumindo um caráter de compartilhamento de situações recentes, da ordem do esvaziamento de relacionamentos íntimos ou de questões de saúde. Assim, embora a cada encontro nós conseguíssemos nos deter mais no tema da pesquisa, por outro lado, cada participante continuava me atualizando dos últimos acontecimentos referentes a situações que gostava de dividir comigo. Foi preciso selar essa relação de cumplicidade, mitigando o aspecto protocolar da figura de pesquisadora. A pesquisa de campo me colocou este desafio, de ter um manejo menos formalizado e, principalmente, oferecer contorno e escuta.

Outro fator interessante foi o modo como a realidade se impunha: um telefone tocando, o cachorro que pedia atenção, a chegada de alguém na casa, a conversa com alguma vizinha que vinha chamar no portão. Logo, ao sinalizar para o meu orientador essas intercorrências na pesquisa de campo, percebemos que tudo isso, de fato, contribuía para o estudo: todos aqueles detalhes e eventos que, a princípio, não pareciam diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa, permitam fazer uma leitura mais aprimorada sobre a figura e a história de cada participante. Ao dar contorno a todos esses detalhes, passamos a compreender a metodologia da pesquisa como uma etnografia do espaço doméstico envolvendo, consequentemente, o vínculo estabelecido e a respectiva forma de sociabilidade que se desenrola dentro do espaço

da casa. Bachelard (2008) faz uma leitura da imagem do espaço doméstico como protótipo da integração psíquica do sujeito, de tal modo que este espaço se aproxima, enquanto protótipo, da relação estabelecida entre interioridade e exterioridade própria do desenvolvimento humano:

Com a imagem da casa, temos um verdadeiro princípio de integração psicológica [...] parece que a imagem da casa se torna a topografia do nosso ser íntimo. [...] lembrando-nos das casas, dos aposentos, aprendemos a morar em nós mesmos. Já podemos ver que as imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nelas (Bachelard, 2008, p. 20).

Bachelard compreende outro aspecto interessante de semelhança entre a casa e o sujeito, trata-se da característica do ser entreaberto: o contato entre exterior e interior – abertura, hesitação e fechamento que configuram a dinâmica existencial. A respeito desse tensionamento de posições, o autor conclui que: “O ser é sucessivamente condensação que se dispersa explodindo e dispersão que reflui par um centro” (Bachelard, 2008, p. 221). Sendo assim, a etnografia do espaço doméstico se revelou como um procedimento de pesquisa correlato ao resgate memorialístico de história de vida, porque facilita a atividade de rememoração pelo acesso a objetos (documentos, fotografias e itens variados), mas, principalmente, oferece um ponto de segurança ontológica que permitiu às participantes transitarem cronologicamente pelas suas experiências de vida através do devaneio.

O momento presente daquele ano de 2021, quando a pesquisa de campo foi realizada, correspondia ao período crítico da pandemia. Este é um contexto importante para se levar em conta sobre este trabalho. Entendo que o distanciamento social, mais rigoroso para as populações de grupos de risco, correspondeu a um fator determinante para que houvesse o engajamento das participantes com o trabalho de rememoração e, também, com a relação estabelecida comigo, que as visitava presencialmente. Era comum que elas me recebessem contando as notícias de falecimento por Covid-19 de pessoas que lhes eram próximas. Penso que a pandemia foi um momento histórico que aflorou a consciência da fragilidade humana, o que explica, também, as práticas denegatórias radicalizadas daqueles se atinham narcísica e politicamente reticentes a esta característica elementar que nos atravessa indiscriminadamente.

A casa, enquanto matriz da segurança ontológica, espaço de devaneio e subjetivação – como propõe Bachelard (2008) –, estava encoberta também com o sentido de película de isolamento sanitário. Assim, outro aspecto que favoreceu a realização desta pesquisa foi o privilégio de poder ter me mantido em isolamento social durante a pandemia, condição viabilizada por ser bolsista e desfrutar de auxílio financeiro da Fapesp para que pudesse me dedicar exclusivamente a este trabalho. A estabilidade socioeconômica das participantes,

originada de pensão ou aposentadoria, também deve ser considerada, já que elas saíam de casa apenas em situações pontuais. Por isso, o privilégio de ter ficado em casa foi o que possibilitou que nossos encontros presenciais acontecessem em segurança.

Compreendemos que a técnica etnográfica se mostrou eficiente ao abranger a proposta de relato memorialístico, mas, principalmente, por sustentar a dinâmica incessante entre o particular e o geral (ou interior e exterior), e a síntese feita desse movimento por cada participante. Os procedimentos técnicos da etnografia aplicados foram os de observação participante – a partir da inserção no cotidiano doméstico –, e a entrevista de história de vida. A observação participante ensejou o vínculo intersubjetivo, facilitado pela inserção no espaço doméstico e a subsequente forma de sociabilidade intimista própria da casa. A entrevista sobre a história de vida, com ênfase nas relações intersubjetivas e mudanças ao longo do processo de modernização, foi um trabalho realizado aos poucos, em encontros fracionados ao longo dos dias, entre uma conversa e outra sobre assuntos diversos que surgiam espontaneamente.

A proposta de contextualizar a trajetória de vida, ancorada nas relações intersubjetivas, e no processo de modernização da cidade, aglutina dois pontos de análise centrais para a etnografia: o particular e o geral. Miller (2013) afirma que a modernidade se caracteriza pela ampliação simultânea das particularidades e do discurso universalizante, sendo o ponto de contato entre um e outro alcançado pelo pensamento dialético hegeliano. Cabe destacar que a teoria do reconhecimento foi proposta originalmente por Hegel. Honneth atualiza esse pressuposto teórico sugerindo uma virada empírica a partir dos estudos sobre intersubjetividade de George H. Mead e Donald W. Winnicott, além de historicizar a teoria no formato de uma gramática de lutas sociais por reconhecimento. Voltando a Miller (2013), o autor pontua que a técnica etnográfica possibilita o estabelecimento de uma superfície de contato entre conteúdos particulares e gerais, facilitando a compreensão dialética de produção da realidade:

A etnografia é uma devoção ao particular, ao que há de especial naquelas pessoas individuais, naquele momento. (...) Contudo, para compreender um minúsculo microcosmo daquela população (...) foi necessário enfrentar uma suposição filosófica básica quanto ao que é ser humano (Miller, 2013, p. 36).

Nesse sentido, a etnografia dispõe de maior versatilidade enquanto ferramenta de pesquisa de campo, especialmente no que se refere à proposta de imersão e construção de vínculo intersubjetivo com as pessoas que compõem o estudo. O contato prolongado ajudou a mitigar o enquadramento formal entre pesquisadora e participante, de modo que as expectativas

e as ações específicas despertadas por esse tipo de relação foram se diluindo, ganhando maior espontaneidade com o passar do tempo. Por isso, Miller (2013) observa que:

Pessoas ocupam papéis sociais [...], mas elas também brincam com esses papéis [...]. O ponto importante, aqui, é que as deixas que nos dizem como interpretar os comportamentos em geral são inconscientes (Miller, 2013, p. 76).

A linha argumentativa de Magnani (2002) propõe a etnografia como um exercício de olhar “de perto e de dentro” (Magnani, 2002, p. 18). Este autor compreende que os estudos sobre a condição de vida na cidade devem partir do núcleo de seus atores sociais, considerando os usos, trajetos e associações interpessoais variadas que as pessoas estabelecem. Esta afirmação dialoga com o objetivo de nossa pesquisa que é, justamente, o de aglutinar as trajetórias de vida no contexto de desenvolvimento urbano, a partir das relações intersubjetivas. Sendo assim, a prática etnográfica deve implicar numa aproximação e permanência estendida com aquelas pessoas com quem se realiza a pesquisa. Novamente, se traz a proposta de imersão que permite a experiência de compartilhamento de um apanhado de significados e referências em comum. A técnica etnográfica demanda portanto: “uma presença continuada em campo e uma atitude de atenção viva” (Magnani, 2009, p. 136).

O percurso de volta dessa imersão consiste no emparelhamento e interpretação de modelos teóricos a partir do material obtido. O autor diferencia dois momentos do trabalho etnográfico: a prática e a experiência. A primeira corresponde à realização prática dos encontros, entrevistas e observações. A segunda trata do *insight* produzido pelo contato com a realidade das pessoas que participam do estudo, no sentido de apontar para novos caminhos de análise e possibilidades de interlocuções teóricas: é quando se revela, e torna-se possível, construir uma proposta de totalidade a partir das especificidades da pesquisa de campo.

Magnani (2002) explica que a totalidade é operacionalizada pelo traçado de categorias de análise, as quais são compostas pelas características do campo empírico, bem como, através de conceitos próprios da discussão interpretativa do material. Dessa forma, a totalidade é o: “[...] resultado do próprio trabalho etnográfico [...] identificando seus termos e articulando-os em sistemas de relações” (Magnani, 2002, p. 20). O processo de revelação da totalidade é gradual, resguardando a possibilidade de indicar sentidos e articulações teóricas latentes. Em vista disso, a aplicação do esquema da teoria do reconhecimento como ferramenta de análise interpretativa cumpre a função de tabular os dados da pesquisa de campo em categorias, uma vez que as próprias questões disparadoras utilizadas na entrevista de história de vida foram pensadas a partir desse referencial teórico.

3 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Individualização, reconhecimento e teoria crítica: a intersubjetividade como categoria de análise

Honneth (1999) afirma que, uma das premissas da teoria crítica, é o estabelecimento de um contraponto à perspectiva positivista na produção científica, propondo, no lugar disso, a convergência de diferentes áreas do saber, as quais, ao passo que se estabeleciam historicamente como segmentos específicos de conhecimento e pesquisa, não dialogam entre si. A teoria crítica traz, então, à nível metodológico, a defesa das abordagens interdisciplinares para o estudo dos fenômenos sociais, uma vez que os compreende como uma realidade multifacetada. Para tanto, as pesquisas iniciais desenvolvidas por essa corrente teórica procuravam convergir estudos culturais e psicológicos (principalmente os da linha psicanalítica), para produção de uma leitura das características sociais daquele tempo.

Horkheimer (...) poderia ter demonstrado que os sujeitos socializados não estão apenas passivamente sujeitos a um processo anônimo de direcionamento, mas, antes, participam ativamente com seus próprios desempenhos interpretativos no complexo processo de integração social (Honneth, 1999, p. 515).

No entanto, considerando o contexto de regimes totalitários da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a ênfase dada à cultura pela teoria crítica foi a de uma agência de dominação que, invariavelmente, atua na dominação e controle das subjetividades. Em virtude da marca histórica do fascismo, o retrato teórico elaborado comportou a imagem de uma sociedade de indivíduos implicados pela doutrinação política, por um lado, e no apelo consumista da cultura de massa, por outro, tomando por certa a integração social mediada por esses determinantes:

“[...] já que o controle social administrativo e o conformismo individual se fundem intimamente, a vida social passa a ser vista como integrada num sistema estável e invulnerável de coerção” (Honneth, 1999, p. 537).

A saída desse impasse, segundo Honneth, é indicada por Habermas, que, em linhas gerais traz a relevância das trocas intersubjetivas, mediadas pela linguagem, para produção e reprodução social à tona. Ampliando a concepção marxista de ênfase no trabalho e transformação da natureza – enquanto categorias que sustentam a integração social –, para Habermas, o aperfeiçoamento comunicativo corresponde a um fator de semelhante relevância,

ao longo do percurso histórico que se consuma na atualidade: “(...) a garantia coletiva de existência material depende, desde o início, da manutenção simultânea de um acordo comunicativo” (Honneth, 1999, p. 539). Do ponto de vista intersubjetivo, Habermas argumenta, ainda, que a relevância do fator comunicativo é constitucional, inscrito na formação da identidade pessoal: possível, apenas, num enquadramento que envolve o pertencimento comunitário, a partir do qual a identidade é desenvolvida, mantida ou ressignificada.

De acordo com Souza (2009), com base nessas constatações levantadas pela tradição da teoria crítica, Honneth organiza, então, as bases da teoria do reconhecimento. Seu direcionamento, ainda que contestatório, subscreve a manutenção das diretrizes dessa corrente de pensamento, a saber, a construção de uma teoria que parta de problemas identificados na realidade social e, então, indique possibilidades de superação de situações de desigualdades e opressão, dadas no contexto da sociedade capitalista contemporânea. Partindo de uma leitura weberiana (Weber, 2004), temos que as particularidades engendradas pelo capitalismo implicam em condições de vida que, necessariamente, envolvem a dominação dos sujeitos à nível objetivo e subjetivo, rendendo a precarização da sua relação com o trabalho, como também, limitando a qualidade de trocas intersubjetivas. À nível simbólico, há um problema de identidade, dado pelo não reconhecimento de si no trabalho em que o sujeito desempenha, bem como, pela superestimação das mercadorias, condições estas que favorecem o esvaziamento de sentido a respeito da relação do sujeito consigo mesmo, com seus pares de interação e, consequentemente, com a cultura e a comunidade.

É pensando nessa situação que Adorno e Horkheimer (1985) pontuam a existência de um conflito latente, dada a precariedade na manutenção e reprodução da vida cotidiana, numa sociedade que se ampara nos moldes da lógica capitalista. O que parece garantir a perpetuação dessa macroestrutura seria, justamente, o empobrecimento simbólico produzido pelos artifícios de dominação social. O ponto de virada, na leitura de Honneth, consiste em indicar que este é, antes de tudo, um problema de nível teórico. Para o autor, esta é: “uma tradução não mediada das estruturas de dominação sócio-institucionais para esfera de ação social” (Souza, 2009, p. 20). Disso, se desdobra a importância de uma construção teórica que pondere a questão intersubjetiva da ação social, levando em consideração, portanto, desdobramentos de consenso e conflito presentes nessa dinâmica.

A proposta honnethiana, então, compreende que a integração social consiste num processo que, invariavelmente, envolve a luta por reconhecimento, dada através da afirmação das identidades, as quais buscam maior espaço de legitimação e participação no campo social. Aqui, Honneth parece recuperar as premissas de Simmel (1971). Isso porque, para este autor, a

energia responsável pela produção de novas perspectivas, a respeito das possibilidades de vida, dadas num agrupamento social, é produzida, justamente, pela potência da diversidade cultural. Sendo assim, Simmel entende que, mais do que a integração social, a unidade de análise elementar da sociedade deveria levar em consideração o tema do conflito e seus tensionamentos, por exemplo. Logo, a perspectiva honnethiana traz que: “a progressiva ampliação da liberdade é fruto de pressões exercidas pelos sujeitos em busca do reconhecimento de suas identidades” (Souza, 2009, p. 23). Ao não considerar essa esfera de ação, Honneth aponta para a existência de uma indeterminação conceitual, ou déficit sociológico, que é responsável por construir uma leitura sociológica verticalizada e não mediada, dada entre o controle institucional e as subjetividades.

O modo como a tradição da teoria crítica atravessou esse fenômeno foi compreendendo que o uso da razão, enquanto possibilidade de agência emancipatória, por ser desenvolvida num contexto moderno de controle e exploração do meio/natureza, reverbera essa lógica subjetivamente, estendendo, portanto, a razão técnica ao universo simbólico de cada indivíduo, produzindo, assim, a alienação. É justamente esse entendimento que intriga Honneth, porque não presume a existência, sequer, de um movimento de conflito frente a essa dinâmica. Apesar de Horkheimer elencar, dentre os fatores que conduzem à integração social, a dinâmica psíquica, além da influência cultural e as estruturas econômicas, a primeira está em desvantagem em relação às demais, ou, melhor dizendo, subordinada a elas. Nesse sentido, as produções e contestações individuais não são consideradas. A exceção estaria nos trabalhos sobre a arte, de Adorno, por exemplo, em que o autor destaca a importância da experiência estética, enquanto atividade sensorial, com potencial de recuperar a percepção crítica dos sujeitos frente às suas realidades.

Adotando como ponto de vista a integração social, a dimensão intersubjetiva dos sujeitos é anulada, pois entende-se que ela está diretamente condicionada pelas determinantes econômicas e institucionais que orientam a reprodução da vida em sociedade. Por isso, Honneth defende que o tema da mediação social dos conteúdos culturais se dá em “uma esfera pré-teórica” (Souza, 2009, p. 50). A preocupação de Honneth consiste no fato de que, ao ser tomada como uma descrição do controle exercido sobre os indivíduos, a teoria crítica produz uma perspectiva fechada, em que o desenvolvimento e aperfeiçoamento tecnológico ratifica um processo de administração das subjetividades. Quem parece explorar essa zona pré-teórica e oferece um enunciado de superação desse sistema fechado é Habermas, ao elencar a questão dos acordos comunicativos como elemento fundamental da existência humana.

No pensamento de Habermas, entretanto, a premissa de conflito ainda está relacionada com uma disputa entre formas de racionalidade, tensionadas entre os mandos tecnocráticos e aqueles conteúdos produzidos de forma mais aberta, no jogo das relações cotidianas, o que autor chama de razão comunicativa. Não há uma leitura de conflito ou disputa entre essas formas de racionalidade, mas, sim, o deslocamento entre uma e outra. Em vista disso, Honneth busca, em outras produções teóricas, conceitualizações que o amparem no aprofundamento sobre o potencial das relações cotidianas entre indivíduos. É em Hegel que o autor encontra esse suporte, aproximando-se, novamente, das premissas de Simmel que se dedicava a estudar a integração entre os conteúdos culturais, sociais e as individualidades, proposta de análise que seus comentadores também associam com os fundamentos hegelianos (Levine, 1971). De acordo com Souza (2009), Hegel não assume a individualidade por meio de um recorte individualista, dado pela crença do desenvolvimento das habilidades e performance solitária do sujeito, mas, sim, compreende que esta é uma condição que se realiza em conjunto, na interação e reconhecimento dos demais.

Para além da contribuição de Hegel, Honneth também se aprofunda no pensamento de George H. Mead, como um aparato teórico que explica como esta interrelação se desenvolve e fundamenta a vida em sociedade. É dele que provém a justificativa de que a individualidade está associada a um exercício reflexivo do sujeito frente às suas relações sociais diversas e, por tanto, conflituosas. O fortalecimento de uma perspectiva sobre si mesmo advém da necessidade de estabelecimento de um ponto de referência diante da transição social entre grupos e propostas de relação variados. Nessa perspectiva, a complexidade social da modernidade está diretamente relacionada com um fortalecimento da individualidade. Como desdobramento disso, Honneth nomeia esse processo como “autorrelação” (Souza, 2009, p. 78) dos sujeitos, processo em que, através do contato com outros, o sujeito desenvolve características fundamentais para o seu desenvolvimento pessoal e participação social.

Em vista disso, Mead (2015) estabelece que a configuração do *self* não se dá de forma inata, mas a partir das relações interpessoais. No contexto de uma sociedade idealizada, democrática e diversificada, considerando a possibilidade do estabelecimento de relações com uma variedade de pessoas e grupos, o *self*, enquanto um epicentro da individualidade, se fortalecerá em razão do agrupamento de múltiplos espelhamentos que o sujeito recebe nesses encontros heterogêneos. Segundo o autor, para cada relação estabelecida, haverá um contorno próprio do indivíduo, o qual foi traçado no campo intermediário que compreende o jogo de espelhamento do outro a respeito de si. Assim, a estrutura do *self*, como um todo, abrigará seus diferentes retratos, compondo uma narrativa das relações sociais em que está/esteve inserido.

A somatória dessas relações constituirá a figura de um outro generalizado, a partir da qual será direcionada a percepção do sujeito a respeito de seu contexto social. Será através dessa categoria de abertura para uma perspectiva mais ampla e impessoal da comunidade que acontece o contato com as normas, a cultura e os valores que orientam o arranjo social.

Mead propõe a existência de duas instâncias que compõem a estrutura de um *self* amadurecido: o eu e o mim. Atuando como um mecanismo de agrupamento das expectativas direcionadas ao sujeito no plano de suas relações pessoais e, em seguida, das normas sociais, o *mim* se refere a essa carga de conteúdos exteriores que conduzirá a adequação do sujeito ao seu meio de convivência. Uma vez inserido numa formação social mais complexa, a diversidade desses conteúdos – que podem ser contraditórios entre si – associada ao exercício de reflexividade produz o fortalecimento do epicentro da individualidade: daí se constituirá o eu, responsável pelas respostas criativas frente àquilo que chega ao sujeito, trata-se do campo pertencente à individualização.

O eu é a resposta do indivíduo em relação às atitudes que vem dos outros; já o mim corresponde ao conjunto organizado de atitudes externas que o sujeito toma para si. As atitudes externas constituem o mim, enquanto a reação empreendida em relação a elas parte do eu (Mead, 2015, p.175, tradução nossa).

Rosenfield e Saavedra (2013) indicam que, até então, na corrente de pensamento responsável por engendrar a visibilidade dada ao indivíduo como um fim em si mesmo, própria do liberalismo, adota-se como base a concepção de sujeito solitário, o qual desenvolve suas qualidades ao apropriar-se da reflexividade. Por sua vez, Honneth trabalha essa questão a partir das relações intersubjetivas. Aproximando-se de Mead, Honneth afirma que será, exclusivamente, por meio das relações sociais que se pode individualizar-se. Para tanto, o autor defende o pressuposto hegeliano de que o sujeito, em circunstâncias ideais, deveria integrar redes que possibilitem o reconhecimento de suas necessidades afetivas, de respaldo de direitos fundamentais e, por fim, de sua contribuição social. A experiência de reconhecimento se caracteriza enquanto uma validação que fortalece a autorrelação do sujeito consigo mesmo, ao passo que o integra socialmente. Nesse sentido, Cenci (2013) nos explica que, num contexto pós-tradicional, a atribuição de estima social se torna mais flexível, já que os papéis sociais, e suas respectivas atribuições de valor dadas *a priori*, são desapropriados de seus lugares historicamente demarcados. Em vista disso, se abre uma dinâmica de reconhecimento, pautada pelo conflito, onde se procura atingir um posto de representatividade e legitimação de diferentes formas de existência, tanto no campo intersubjetivo, como também, numa escala mais extensa, como a luta política de movimentos sociais, por exemplo.

Portanto, o jogo de reconhecimento na esfera dos direitos e de estima social não é dado de forma espontânea, mas sim, exige uma implicação do sujeito/de grupos para que seja conquistado. Assim, se o reconhecimento na esfera do afeto dará respaldo para uma autorrelação de confiança em si mesmo, que permitirá o sujeito estender seu campo de interação; a rede reconhecimento de direitos e de estima social – as quais, em suas regulações normativas, são assentadas nas premissas gerais da modernidade de promoção de liberdade e igualdade entre os indivíduos –, mesmo quando falham, produzem uma sensibilidade a situações de injustiça, mobilizando uma luta por reconhecimento, tanto no que se refere aos direitos, bem como, à representatividade e participação social..

Integrando temas que já apareciam da teoria simmeliana, a respeito de como a individualidade é nutrida nas relações que operam no campo mais chegado da intimidade; e, em seguida, o modo como esse contato com o outro opera um processo de individualização, tal como proposto por Mead; Honneth engloba toda essa trajetória de pesquisa aos seus estudos de tradição frankfurtiana. Pensar a individualização enquanto um processo associado ao reconhecimento do outro, traz à tona conteúdos de ordem política que atravessam as relações interpessoais. Embasado pelos princípios normativo-democráticos de garantia de direitos, a dinâmica de busca por reconhecimento e conquista de estima social trará à tona experiências com agentes facilitadores, como também, objeções, as quais refletem princípios de maior ou menor alcance que organizam a vida em sociedade. Nesse sentido, a proposta de Honneth consegue articular o campo individual com os conteúdos sociais mais amplos, tarefa tão cara à Psicologia Social.

Outro autor que fundamenta a argumentação de Honneth sobre a luta por reconhecimento é Winnicott¹. Para isso, é importante frisar que a contribuição do pensamento honnethiano é complementar e posterior aos trabalhos do psicanalista em questão. Honneth é leitor de Winnicott. Winnicott (1963/2022) sublinha que a capacidade de consideração pelo outro é uma característica elementar da vida social. Este traço sinaliza uma das capacidades dentre as várias que ainda virão a desafiar o processo de amadurecimento pessoal. A sensibilidade para o cuidado com o outro é apresentada em sua forma dupla face: “A palavra consideração é empregada para expressar de modo positivo um fenômeno que em seu aspecto negativo é expresso pela palavra culpa” (Winnicott, 1963/2022, p. 91). Em vista disso, a capacidade de consideração representa uma abertura para movimentos de reparação, indicando

¹ A aproximação entre teoria honnethiana e winnicottiana foi originalmente sistematizada no trabalho “A contribuição de Axel Honneth para o pensamento winnicottiano: metodologia de investigação qualitativa das potencialidades democráticas”, o qual apresentei no XXX *Encuentro Latinoamericano del Pensamiento de Donald Winnicott: la preocupación por el otro, hoy* em novembro de 2022.

uma atitude de cuidado com o outro. O trânsito entre as capacidades que perfazem a jornada de amadurecimento emocional, de acordo com Winnicott, nunca está encerrado, estas são constantemente afinadas ou desafinadas de acordo com as qualidades do ambiente em que, tanto a criança, como até mesmo a pessoa já na fase adulta ou velhice, faz parte e se relaciona intersubjetivamente.

O que destaco deste texto winnicottiano é sua referência à importância da capacidade para a consideração no sentido de um vislumbre inicial da vida social. Consultando outros trabalhos publicados pelo autor, dedicados a essa temática, localizei dois artigos que dialogam e ajudam a compreender tal prerrogativa. O primeiro deles é “Algumas reflexões sobre o significado da palavra democracia” (1950/2021). Neste trabalho, Winnicott traz uma questão primordial: “Como estudar o desenvolvimento emocional da sociedade? Tal estudo deve ter uma ligação íntima com o estudo do indivíduo, e ambos devem ser conduzidos simultaneamente” (Winnicott, 1950/2021, p.287). Aqui, Winnicott divide conosco uma de suas inquietações, a qual pode até não ter dado uma resposta, mas deixa no ar o gancho para trabalhos futuros. Antes de avançarmos, cabe observar que Winnicott compreende democracia como uma organização de indivíduos sociais, fruto de bons lares comuns que diferem de indivíduos antissociais que, por sua vez, se identificam com figuras autoritárias.

Fica evidente como a questão da vida social democrática vem compor o horizonte do processo de amadurecimento descrito pelo psicanalista. Num artigo posterior aos dois apresentados até este momento, a saber, “A localização da experiência cultural” (Winnicott, 1967/2019), o autor retoma suas proposições sobre a vida social, desta vez, conceitualizando o campo próprio da cultura: “Este é o espaço que decidi examinar: a separação que não é uma separação, mas uma forma de união” (Winnicott, 1967/2019, p.158). É daí que advém o conceito de espaço potencial, estabelecendo uma superfície de contato entre a realidade interna e o ambiente, sustentado pela segurança na dedicação das figuras cuidadoras. Logo, o espaço potencial permite o desenvolvimento de um sentido de continuidade entre as vivências pessoais e sociais. São essas inserções que Winnicott estabelece entre indivíduo e sociedade que permitiram Honneth articular uma ligação interdisciplinar entre a filosofia social e a psicanálise. Logo, a pergunta supracitada de Winnicott, “Como estudar o desenvolvimento emocional da sociedade?”, pode ser retomada e desenvolvida pela teoria do reconhecimento honnethiana.

Isso porque Honneth também compreende que o percurso entre as esferas de reconhecimento social não é linear, muito menos definitivo. Trata-se de um processo maleável e suscetível a determinantes afetivas, políticas e culturais. Assim, Honneth se preocupa em construir uma linha argumentativa que englobe as características ambientais e o

desenvolvimento pessoal. O recurso à teoria do reconhecimento permite mensurar, qualitativamente, aquela que foi uma questão trazida por Winnicott, a saber, o desenvolvimento emocional da sociedade e do indivíduo, que, a propósito, devem ser contemplados em conjunto. O recurso à filosofia social honnethiana mapeia, portanto, as três esferas fundamentais responsáveis por alicerçar indivíduos sociais: (1) relação primária, (2) relação de direitos e (3) relação de solidariedade. No texto de Winnicott (1963/2022), a iniciativa solidária, no sentido de uma culpa reelaborada, é o que inaugura um posicionamento construtivo e responsável com a figura do outro. É interessante que, do ponto de vista da teoria do reconhecimento, este é o ponto de partida (esfera da relação primária) e de chegada (esfera da relação de solidariedade). No meio do caminho, aprende-se a gramática das leis, direitos e deveres (esfera da relação de direitos). Há uma ponte entre os relacionamentos mais próximos, do círculo pessoal, e a sociedade, enquanto conjunto abstrato de pessoas, com as quais deve-se ter consideração.

Com isso, a teoria do reconhecimento acrescenta o viés do direito como campo de regulamentação normativa daquele sentimento primordial de culpa, que marca a capacidade para consideração. A teoria do reconhecimento pode ser lida como uma ferramenta de interpretação qualitativa sensível ao horizonte democrático de sociedade conjecturada por Winnicott. Honneth elabora uma ferramenta que permite avaliar, num campo de estudo mais extenso e abstrato, o amadurecimento pessoal e social. Honneth, assim como Winnicott, preserva a leitura de abertura para a diversidade de formas e combinações entre a tríade das esferas de reconhecimento, as quais – somadas – podem conduzir à formação de um indivíduo social maduro. O modo como elas estão postas, na qualidade de ambiente, corresponde ao tecido social, em meio ao qual o indivíduo poderá - ou não - amadurecer.

Conclui-se que as três esferas do reconhecimento se articulam como um mosaico, onde são impressas tanto as particularidades da jornada do amadurecimento individual, como também, os traços do desenvolvimento político da sociedade. A teoria do reconhecimento complementa as proposições winnicottianas sobre a consideração com outro como gesto inaugural da vida social. Recorrendo a outros textos de Winnicott, é possível apreender que o entendimento que este autor possui de vida social madura é a daquela regida pelos princípios democráticos. Logo, a filosofia social de Honneth inclui o aspecto do direito como parte que compõe e modula o interjogo entre os processos de desenvolvimento individual e social. Portanto, a culpa passa a ser compreendida como um sentimento moral, próprio de uma ética democrática de consideração pelo outro.

Velhice, gênero, individualização e reconhecimento

Em uma de seus trabalhos, a autora Debert (2012) sinaliza desdobramentos sobre o envelhecimento que nos são interessantes. Pensando no contexto das sociedades modernas, Debert compreende que a experiência da velhice produz um esvaziamento de sentido, dada a superestimação do caráter produtivo, a condição de aposentadoria (quando existente) e o empobrecimento dos vínculos interpessoais/marginalização das pessoas idosas. Há, ainda, o recorte da individualização, apresentado pela autora através da perspectiva de Giddens (2002), responsável por defender uma leitura de autonomização a partir desse processo, através do conceito de reflexividade. Giddens interpreta a sociedade ocidental da atualidade como pós-tradicional, onde há o questionamento e tentativas de superação de paradigmas até então hegemônicos. Para o autor, a trajetória e constituição dos sujeitos se dá por meio da reflexividade:

[...] a tradição, ou os hábitos estabelecidos, ordena a vida dentro de canais relativamente fixos. A modernidade confronta o indivíduo com uma complexa variedade de escolhas e, ao mesmo tempo, oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas (Giddens, 2002, p.79).

A ideia de condição passiva do sujeito diante do que é fornecido, em especial pela cultura de massa, com vistas ao consumo, é diminuída. Se na atualidade atribui-se a responsabilidade ao sujeito de significar e orientar suas vivências, a inatividade condiz ao avesso de tal circunstância. Inserido num contexto de diversas possibilidades de identificação, o sujeito contemporâneo está muito mais para o fluxo que inerte. A formulação em debate alude a uma dinâmica de constante revisão das normas socialmente constituídas, sob o bojo de novos conhecimentos e informações circundantes. Esse movimento de insistente reformulação abre espaço para uma sociedade plural, diversificada, interconectada e, principalmente, idealizada.

Logo, para Debert (2012) a individualização traz algumas implicações contraditórias em relação à velhice. Isso porque essa lógica necessariamente pressupõe uma responsabilização de si, num sistema de valores que parte do enaltecimento da juventude, e da composição racional da própria identidade, operada por meio do consumo e da performance de estilos de vida. Além disso, a autora nos chama atenção para um significado implícito de autovigilância que pressupõe a responsabilidade individual em torno da produção e manutenção da própria saúde, através dos hábitos alimentares e prática de exercícios físicos, por exemplo.

Nesse sentido, Debert (2012) entende que a velhice, vista pela lógica individualizante, corresponde, antes de tudo, a uma forma de organização da dinâmica social baseada em recortes etários, para os quais existem projetos regulamentados, fundamentados nas demandas produtivas (e na tentativa de reparação de suas consequências): a infância relaciona-se com as organizações educativas; a idade adulta com o mercado de produção e consumo; e a velhice com o desenvolvimento de políticas públicas orientadas ao cuidado e produção de qualidade de vida, onde a autora identifica, inclusive, a popularização das Unatis. Assim, antes de uma diversificação de possibilidades de existência, a individualização corresponde a uma “burocratização dos ciclos da vida” (Debert, 2012, p. 56).

Logo, tal subterfúgio da modernidade se torna ainda mais evidente quando analisado pelo recorte do envelhecimento, já que é possível notar uma inversão do *status* desfrutado pelas pessoas idosas nas sociedades tradicionais, onde o envelhecer é associado ao acúmulo de conhecimento, sustentando a troca entre gerações e o zelo por uma narrativa histórica de si que se justapõe à memória e identidade comunitária. Por sua vez, o contraponto da modernidade realoca essa experiência para uma vivência ambígua: a de marginalização, dependência e empobrecimento por um lado e, por outro, a de uma pessoa idosa ativa, que incorpora a estética da juventude, opondo-se à imagem de fragilidade do corpo, da monotonia e do adoecimento que figuram no estereótipo da velhice, relacionando-se com um mercado de consumo próprio da chamada terceira idade.

Estudos que correlacionam a questão da etnicidade/religião com o envelhecimento indicam que a existência de um aspecto identitário fixo, e em comum, fortalece a integração e cuidado dos(as) idosos(as), os quais tem uma experiência coletiva próxima ao recorte tradicional de vínculos sociais mais estáveis e contínuos, articulados ou não com a convivência familiar, já que: “a etnicidade provê [...] uma interação nova entre os idosos e os jovens, uma vez que os últimos tem nos velhos uma fonte única de reinterpretação de sua história e cultura” (Debert, 2012, p. 92).

Por outro lado, a autora sublinha que, inseridos(as) num enquadramento social mais amplo, as pessoas idosas desfrutam da possibilidade de desempenharem não só os mesmos, como também, novos papéis sociais, estabelecer trocas afetivas diversificadas e, por fim, compor uma rede de solidariedade – que parece ser fundamental para a manutenção da independência. Debert também problematiza o modo como o envelhecimento é tratado à luz das relações familiares, por um lado, e da manutenção da vida numa comunidade extensa, por outro. Isso se dá pela relação de dependência implícita na primeira, onde os cuidados oferecidos

referem-se, num plano de vista mais específico, a uma sobrecarga de trabalho para mulheres, a quem são culturalmente delegadas esse tipo de tarefa.

A individualização, compreendida em seu aspecto de gestão burocrática dos ciclos da vida, tema também tratado por Andrade e Lins (2018), está diretamente relacionada ao campo do direito, onde o termo idoso(a) figura na Constituição brasileira de 1988, determinando a responsabilidade do Estado em oferecer assistência a este segmento da população: “o idoso configura-se como um ator político, cujo critério de pertencimento a essa categoria é a idade cronológica” (Andrade; Lins, 2018, p. 440). Ainda que proclamada, essa oferta de assistência é estremecida diante das taxas de crescimento da população idosa no Brasil, o que, no discurso do Estado, produz um desequilíbrio no sistema previdenciário, por exemplo.

Andrade (2020) discorre sobre as prerrogativas do discurso de empoderamento individual face à precariedade de recursos extensos que teriam o potencial de configurar redes de apoio para o sujeito: seja a relação em grupos de interesses solidários, amizades, família nuclear ou extensa, instituições, o Estado, grupos religiosos, entre outros. Para Andrade, a ênfase na aposta individualista é responsável por gerar, contraditoriamente, mais do que uma experiência de desamparo, a qual, do ponto de vista psicanalítico, ainda subscreve algum potencial de resposta criativa do sujeito; mas, sim, que o individualismo potencializa a condição de vulnerabilidade social das pessoas. Em vista disso, a contribuição desse autor vem no sentido de desconstruir a superestimação em torno da ideia do indivíduo de possibilidades irrestritas, a qual embala a produção de subjetividades no contexto neoliberal, afetando, inclusive a experiência de envelhecimento.

Debert (2017) nos apresenta o fenômeno de feminização da velhice, correspondente não apenas a uma quantidade demográfica maior de mulheres idosas no Brasil, 55,7% (IBGE, 2023), relacionada à média de expectativa de vida superior das mulheres em, aproximadamente, 7 anos. Trata-se dos desdobramentos implicados no envelhecimento, que reverberam as relações de gênero, principalmente nos campos de divisão sexual do trabalho, da vida pública e privada. O que a autora procura evidenciar, é que há um contrassenso entre a demanda por cuidados de mulheres idosas, ao passo que elas estão diretamente implicadas nas atividades de atenção aos(as) outros(as).

A lógica individualizante parece, aqui, trazer à tona mais uma de suas contradições. Isso porque essas mulheres tendem a exercer o papel de cuidadoras informais, seja de netos(as), parceiros(as) ou familiares em geral. Ocupam, portanto, os bastidores de uma sociedade individualizada, oferecendo suporte/reparação às fragilidades do funcionamento do tecido social. A situação das mulheres idosas comporta, para Debert, uma dupla situação de

vulnerabilidade – que deve ser analisada junto aos marcadores sociais de cor, gênero, faixa etária e classe social, dentre outros –, assim, a autora afirma que: “(...) são pessoas que tanto demandam cuidado, quanto são aquelas que possuem seus trabalhos de cuidado demandados, especialmente no ambiente doméstico” (Debert, 2017, p. 443). Em linhas gerais, a autora atribui à lógica individualizante a multiplicação de perspectivas sobre a velhice, colocando em xeque a visão mais tradicional da gerontologia, baseada numa concepção de envelhecimento universal e generalizante. Ao enfatizar as particularidades das pessoas idosas, temos que cada marcador social da diferença comporta segmentos de vulnerabilidade ou privilégios específicos que precisam ser destacados.

4 TEORIA DO RECONHECIMENTO APLICADA A RELATOS DE HISTÓRIA DE VIDA

Honneth (2009) denomina três esferas de ação de reconhecimento recíproco – amor, direito e solidariedade –, de modo que, em cada uma delas há uma variação qualitativa na autorrelação prática do sujeito, que são as seguintes: autoconfiança, autorrespeito/autonomia e autoestima/autorrealização. Assim, na primeira esfera de ação, a das relações afetivas (familiar, amizade ou amorosa) o sujeito tem a autoconfiança fortalecida ao ser reconhecido em seu aspecto carencial, através do ato de dedicação afetiva, quando se constitui uma relação de cuidado: “[...] dois sujeitos se sabem unidos no fato de serem dependentes em seu estado carencial [...]” (Honneth, 2009, p. 160).

Ao comentar a proposta honnethiana, Ricoeur (2006) acrescenta que, especificamente, quando se trata de relações familiares, o processo de reconhecimento afetivo engloba também um “reconhecer-se na linhagem familiar” (p. 213). O autor enfatiza que a pessoa é inscrita numa continuidade de sucessivas gerações, impactando como será reconhecida pelos(as) cuidadores(as), levando-se em conta a transmissão de conteúdos conscientes e inconscientes, bem como, não ditos e as idealizações que são depositadas em si. Consoante à esta apreciação de Ricoeur, Butler (2018) questiona: “Com quais relações sociais a criança começa? [...] quais são as relações vigentes já esperando pela criança quando ela emerge no mundo? (Butler, 2018, p. 148).

Na segunda esfera de ação, a do direito, afirma-se a dimensão qualitativa do autorrespeito/autonomia, que Honneth compreende como uma operação cognitiva de tomadas de decisão: “[...] (1) ela pressupõe um saber moral sobre as obrigações jurídicas; (2) uma interpretação empírica da situação” (Honneth, 2009, p. 184). A esfera do direito está relacionada a pretensões que possam ser universalizadas, inseridas no quadro normativo que a sustenta e no qual acontece. Trata-se da única esfera que abrange formas de interação e reciprocidade que não estão associadas à individualidade, mas à condição de igualdade elementar do que se entende como pessoa abstrata: o sujeito de direito. Para o autor, esta é a esfera que concentra a autonomia decisória, destacada e limitada – ao mesmo tempo – pelo universo das leis: “[...] obedecendo à mesma lei, os sujeitos de direito se reconhecem reciprocamente como pessoas capazes de decidir com autonomia individual sobre normas morais” (p. 182).

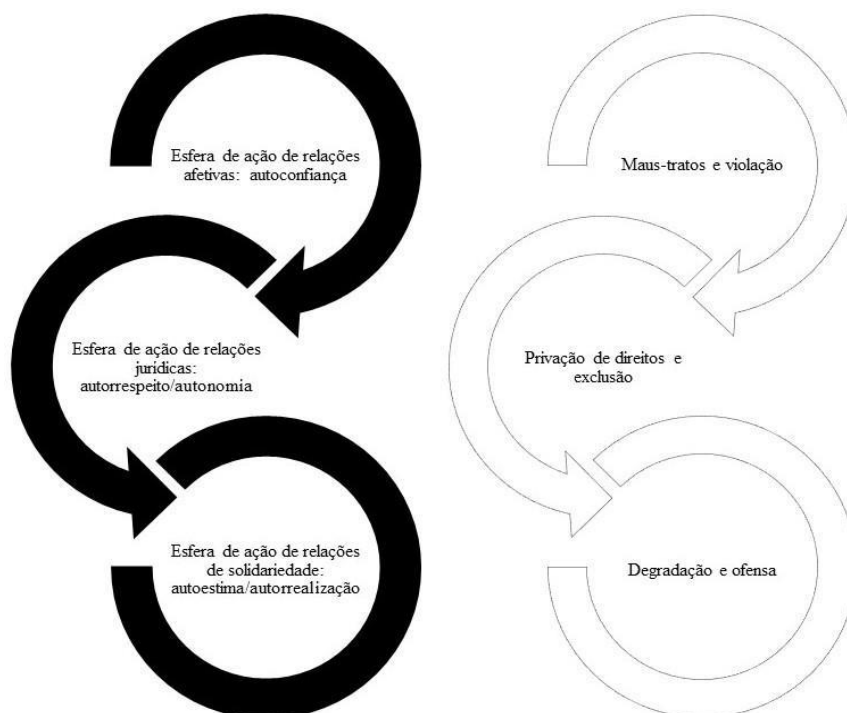
Por fim, a esfera da solidariedade caracteriza-se pela porosidade, uma vez que é simbolicamente aberta e articulada, de modo que, diferentemente da relação jurídica que opera

a partir da universalização, esta esfera compreende as especificidades de cada sujeito e como estas características são estimadas e úteis para comunidade em que está inserido, promovendo, assim, a dimensão qualitativa da autoestima/autorrealização.

[...] a solidariedade está ligada ao pressuposto de relações sociais de estima simétrica entre sujeitos individualizados (e autônomos); estimar-se simetricamente nesse sentido significa considerar-se reciprocamente à luz de valores que fazem as capacidades e as propriedades do respectivo outro aparecer como significativas para a práxis comum (Honneth, 2009, p. 210).

Para cada esfera de ação descrita, Honneth compreende que há um equivalente qualitativo negativo, resultado da ação de menosprezo, são eles: maus-tratos e ameaça à integridade física; privação de direitos e ameaça à integridade social; degradação, ofensa e ameaça à dignidade (Honneth, 2009, p. 211). A recusa – ou impossibilidade de obter o reconhecimento – desperta, então, a indignação: um conflito dado entre os pares de interação mais próximos, podendo atingir a proporção de manifestação e organização política, como é o caso dos movimentos sociais, por exemplo. Com o objetivo de facilitar a compreensão da estrutura desta teoria, elaborei uma figura que permite visualizar as esferas do reconhecimento, bem como, seu decalque negativo do menosprezo.

Figura 6: Esferas do reconhecimento (à esquerda) e seu equivalente negativo do menosprezo (à direita).



Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

Para Ricoeur (2006) o percurso através das esferas do reconhecimento se constitui enquanto expectativa, uma projeção de melhores condições de vida que não necessariamente se concretiza ou tem viabilidade de acontecer. A centralidade da esfera das relações de direito, assim como o enunciado fundamental de dignidade humana nela subscrito, diz respeito a um vestígio da primeira elaboração desta teoria, formulada e idealizada por Hegel, que considerou equivalentes as categorias de direito e reconhecimento: “[...] a pessoa é contemporânea do direito” (Ricoeur, 2006, p. 196). À vista disso, Honneth afirma que: “O fato de nós podermos reconhecer um ser humano como pessoa, sem ter de estima-lo por suas realizações ou por seu caráter, constitui o argumento teórico [...]” (Honneth, 2009, p.184). Sendo assim, trata-se de um modelo especulativo, fundamentado num segmento de discussão filosófica sobre o contrato social e o que faz a roda da História girar: de acordo com a teoria aqui discutida, é o conflito entre diferentes grupos em busca de reconhecimento social. A indignação parece ser o elemento disruptivo que proporciona esse movimento. Logo Ricoeur conclui que:

Trata-se pois de identidade, mas no plano coletivo e em uma dimensão temporal que abarca discriminações exercidas contra esses grupos em um passado que pode ser secular, como na história da escravidão, até mesmo multissecular, como na condição feminina [...] (Ricoeur, 2006, p.227).

A resposta de indignação, ainda que posta apenas no plano intersubjetivo das relações mais imediatas do sujeito, é importante na medida em que estabelece uma camada de atrito e sensibilidade crítica capaz de refrear a interiorização do menosprezo sofrido. Em contraste à postura daquele(a) que se indigna, Honneth (2018) oferece uma releitura do conceito de reificação, originalmente proposto por Lukács:

[...] hábito ou o costume de um comportamento meramente observador, em cuja perspectiva o mundo circundante natural, o mundo das relações sociais e as próprias capacidades pessoais são apreendidos apenas com indiferença e de um modo neutro em relação aos afetos, ou seja, como se possuíssem a qualidade de uma coisa (Honneth, 2018, p. 36-37).

A indiferença, distanciamento ou neutralidade são condutas relativas à prática do conhecimento, ou de racionalidade técnica, na terminologia de Habermas. Enquanto isso, o reconhecimento corresponde à atitude zelosa e atenciosa, de implicação e indignação: “Uma postura de reconhecimento expressa [...] um apreço pelo significado qualitativo que as outras pessoas e coisas possuem para a efetuação de nossa existência” (Honneth, 2018, p. 57). Butler (2018) compreende que a argumentação honnethiana sobre o reconhecimento está invariavelmente associada à defesa de um determinado tipo de conduta moral. Portanto, é uma

teoria que não alcança a ambivalência das relações humanas, mas, sim, constrói um modelo de interação padronizado, para o qual elenca a postura moral de consideração pelo outro como condição paradigmática. O que Honneth almeja é justamente operacionalizar uma virada empírica e historicizada da versão da teoria do reconhecimento intuída por Hegel. Porém, para Butler, o modelo teórico permanece afastado da densidade psicanalítica que envolve a reação de uma pessoa ou grupo, bem como, das variações de atitude além das de indignação ou indiferença. Acrescento que outro fenômeno condicionante que envolve as possibilidades de reação diante do menosprezo é a distribuição hierárquica de poder, que pode ser institucionalizado, difundido e contundente, atravancando atitudes, ou mesmo tentativas de contestação.

Esquemmatizada a partir de um itinerário delimitado de passagem pelas esferas do reconhecimento, a teoria se projeta como um modelo dinâmico sobre a abertura para transformações sociais impulsionadas por situações de contínuo menosprezo vivenciadas no plano das relações interpessoais. Logo, trata-se de atitudes que estão acontecendo neste e a todo momento, um processo permanente de tensionamento entre sujeitos atravessados e agrupados a partir de relações de poder. Do ponto de vista foucaultiano, Saffioti (2015) explica: “[...] o poder não como um objeto do qual se possa realizar uma definitiva apropriação, mas como algo que flui, que circula nas e pelas relações sociais [...]” (p. 13). A tecitura das relações intersubjetivas está envolvida pelas práticas de poder. Por isso, Foucault compreende que: “O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente [...] é seu centro de transmissão” (Foucault, 1993, p. 183-184).

Butler (2018) observa que a ação de sujeitar uma pessoa, a partir do exercício de poder, possui, ao mesmo tempo, o significado de subordina-la, mas, também, de colocar a pessoa em ato de tornar-se sujeito. Existe a chance de reprodução do menosprezo, no sentido de passa-lo adiante tal como o sofreu. Por outro lado, a oposição crítica à sujeição imposta – o ato de indignar-se – é o que marca a possibilidade da pessoa exercer sua ação por outras vias e sentidos diferentes daquele que a constrangeu:

O poder age sobre o sujeito pelo menos de duas maneiras: primeiro, como o que torna o sujeito possível, como condição de sua possibilidade e ocasião formativa; segundo, como o que é retomado e reiterado no “próprio” agir do sujeito. Como sujeito ao poder (que pertence a ele) e sujeito de poder (que o exerce), o sujeito ofusca as condições de seu próprio surgimento; ele ofusca o poder com poder (Butler, 2018, p. 22-23).

Diante disso, proponho a aplicação da teoria do reconhecimento ao relato de histórias de vida de mulheres que foram contemporâneas ao processo de modernização da região de Assis/SP, compreendendo que o recorte temporal de trajetória de vida (idade média das participantes é de 75 anos) é extenso o suficiente para captar a dinâmica de transição entre as esferas de reconhecimento, assim como através de importantes transformações que se materializaram através da urbanização do centro-oeste paulista e suas imediações. A partir dos marcadores sociais de gênero (mulheres cis), cor (brancas), sexualidade (heterossexual) de condição socioeconômica (assalariadas ao longo da vida adulta, passando para pensionistas ou aposentadas na velhice), acompanharemos como as relações interpessoais tensionaram atitudes de reconhecimento ou menosprezo e as respostas que foram possíveis diante de tais condicionantes sociais para a individualização das participantes da pesquisa: como o poder foi sofrido, circulou e por elas foi exercido no sentido de colocar em movimento a luta por reconhecimento.

Célia²

Figura 7: *Meu pai me equilibrando, nas palavras de Célia. São Roque, década de 1950.*



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

² A aplicação da teoria do reconhecimento ao relato de Célia foi originalmente sistematizada no trabalho “Teoria do reconhecimento aplicada à narrativa de história de vida: um estudo de caso a partir dos marcadores de gênero e sexualidade”, apresentado e publicado nos anais do VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e IV Luso-brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade, no eixo temático Estudos Críticos das Heterossexualidades, 2022.

Célia é uma mulher de 73 anos de idade, cis gênero, branca, viúva, heterossexual, pensionista, moradora de Assis/SP. Ela nasceu numa cidade próxima a São Paulo/SP, primeira filha de 11 irmãos, sendo ela a mais velha. Sua avó materna era quituteira, portanto, Célia passava boa parte do tempo na companhia dela, ajudando nos afazeres da cozinha. Enquanto isso, a mãe cuidava das tarefas da casa e dos irmãos mais novos. O pai era chefe-de-trem na companhia de trens Sorocabana, por isso, chegava a passar dias viajando a trabalho. As memórias do período de escolarização ocupam um espaço importante no relato de Célia, de modo que ela lembra o nome de cada uma de suas professoras e professor. Ela me contou que foi durante o ensino primário que aprendeu a declamar poesia, atividade que mantém até os dias atuais. Quando jovem, no caminho para a escola, Célia encontrava-se com o namorado, rapaz poucos anos mais velho que ela, os dois seguiam juntos, separando-se apenas no ponto de ônibus, onde o rapaz embarcava para estudar numa cidade próxima.

Célia: Ele (pai) descobriu por que uma vizinha fofoqueira... Sabe aquelas pessoas que fica escondido olhando e ninguém vê? Mas só ela vê... Ela contou para o meu pai. Ela via ele (namorado) me esperando e depois nós dois andando juntos. Meu pai foi lá no ginásio, não deixou nem eu entrar na sala de aula. Falou tanta coisa pra mim... Nossa, dizia que eu não ia pra escola estudar, e sim pra namorar. Me deixou de castigo dentro de casa.

A razão por trás de uma atitude tão abrupta por parte do pai revela outro desdobramento. O pai de Célia tinha uma filha fora do casamento, cerca de cinco anos mais velha que ela. As duas se encontravam durante as férias, quando a jovem vinha passar férias na casa da família de Célia. Em uma dessas visitas, a meia-irmã chamou Célia para um passeio próximo à estação de trem. Chegando lá, ela explicou que ia buscar água para as duas. Horas se passaram sem que ela voltasse, até que Célia decidiu correr para casa e avisar do paradeiro da meia-irmã. Descobriram, então, que a jovem havia fugido junto com o namorado, os dois embarcaram no trem de passageiros, sentido Presidente Epitácio/SP, pois ela estava grávida. Logo, para evitar que Célia fizesse algo parecido, o pai a tirou em definitivo da escola e ela passou a ser mantida, na maior parte do tempo, dentro de casa. Nesse período, a mãe adoeceu, por isso, Célia limpava, passava e cozinhava para todos da casa. Com o tempo, ela também precisou fazer roupas para os irmãos mais novos, foi quando o pai a matriculou num curso de corte e costura.

C.: [...] O curso era dado por freiras, tinha a irmã Gertrudes. Algumas vezes, participávamos de uma atividade em roda, em que cada menina levava uma fruta. Ali, ela explicava para gente como funcionava namorar, como engravidava, essas coisas. A irmã Gertrudes brincava: “você acham que só porque eu sou freira não aproveitei a vida?!” A gente tudo ria. Era divertido, olha só... Até então, eu achava que beijar na boca já era suficiente para engravidar.

Quando completou 18 anos de idade, Célia começou a trabalhar no açougue no bairro. Naquela época, em meados dos anos 60, a rodovia Castelo Branco (que liga a região metropolitana ao interior do estado de São Paulo) estava em processo de construção. Os operários do Departamento de Estradas de Rodagem (DER), instalaram-se numa hospedaria em frente ao açougue, foi quando Célia conheceu aquele que viria a ser o seu marido.

C.: Meu pai tinha um ciúmes que eu não podia falar com ninguém, não podia sair pra lado nenhum... Mas eu já tinha 18 anos. Namoramos por 1 ano. A gente saía, ia na lanchonete [...] eu queria sair de casa, meu pai me proibia de tudo. Eu casei para sair de casa: foi a pior besteira que fiz na minha vida. Morei 19 anos na cadeia, depois fiquei 40 anos na penitenciária. Bela troca que eu fiz, né? Ele foi muito pior do que meu pai. Marido você tem que obedecer, né? Ele que mandava. Eu não tinha boca pra nada. Não podia falar nada porque eu tava na casa dele (marido).

Os dois se casaram e mudaram-se para o interior do estado de São Paulo, numa região rural nas imediações de Assis/SP. Os sogros trabalhavam no campo, eram boias-frias numa plantação de algodão. O marido seguiu trabalhando no DER, enquanto Célia passava seus dias cuidando da casa do sítio onde moravam os todos juntos. O marido não só a mantinha dentro de casa, restringindo a circulação e o contato de Célia com outras pessoas, como também, começava a dar sinais de seu temperamento violento, endossado pelo consumo rotineiro de álcool. A violência escalou quando os dois mudaram-se para a casa própria na cidade.

C.: Eu não podia sentir nada, não podia perguntar nada, não podia desejar nada. Eu fui uma tonta, sabe? Eu só sentia raiva e nojo. Eu tinha pavor. Depois, comecei a dormir nos pés da cama e até hoje durmo. Não consigo dormir na cabeceira. Troquei de cama, comprei outra, mas eu não consigo. Mesmo quando vou na casa dos outros. Quando vejo, estou deitada no pé da cama. [...] Os outros falava: “nossa, mas ele (o marido) é tão bom”, é... Bom para os outros, pro boteco... Quando chega em casa, é a mulher que paga [...]. Olha, foram 40 anos da minha vida que... Aí eu comecei a trabalhar, fui fazer faxina, fazia almoço, costurava também, comecei a ganhar algum dinheirinho, né? Aí começa a clarear... Você vê as coisas, escuta as coisas... Porque eu não saía de casa, né?

Célia teve três filhos, dois meninos e uma menina. O controle do marido que a mantinha dentro do espaço doméstico foi perdendo força. Isto porque os rendimentos não cobriam as despesas da casa. Quando os filhos ficaram mais velhos, Célia começou a fazer bicos como faxineira e costureira, até que recebeu o convite para trabalhar no *buffet* de uma das patroas para quem limpava a casa. Assim, quando os filhos já haviam se casado e saído de casa, ela continuou no trabalho, mantendo uma fonte de renda própria e, ao mesmo tempo, evitava passar muito tempo dentro de casa, em contato com o marido. Foi quando ela tomou a decisão de voltar para sua cidade natal. Seus pais já tinham falecido, mas um dos irmãos permanecia

morando no local. Os filhos a apoiaram e o irmão a recebeu. Ela passou a cozinhar para fora, ganhando dinheiro suficiente para dividir as contas da casa com o irmão. Durante esse meio tempo em que estava fora, Célia recebeu a notícia do falecimento do marido. É quando ela se sente à vontade para deixar a cidade natal novamente, retornando para perto dos filhos, em Assis/SP. Aos 60 anos de idade, Célia assume seu direito à pensão e a casa deixadas pelo marido. Retoma os estudos, matriculando-se no programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA), começa a escrever poesias para declamar na rádio local e passa a frequentar oficinas na Unati. Pergunto a Célia como o fato de ser mulher impactou a vida dela, recebo uma resposta contundente.

C.: A pior coisa. Fui tratada como uma empregada, uma escrava... Para mim, é tudo isso... Fui tratada como um poço de lixo, né? Nesse ponto, eu não queria ser mulher, não. Mas *tá* bom, já passou. Tem coisa que fica na alma da gente, coisa que não tem um jeito de esquecer. Hoje as mulheres acordaram, estão empoderadas. Eu fui muito submissa. [...] Hoje eu sei que fui estuprada muitas vezes, fui obrigada a fazer coisa que não queria, não tinha vontade... Na minha época, era assim, tinha que obedecer o marido. Ouvi falar disso (estupro) só agora, na televisão. Tem que aprender a dizer não, antes só obedecia o marido e acabou. Hoje eu sei que era um relacionamento abusivo, mas naquela época não tinha nada disso: não se falava, se sofria isso.

Em um outro momento do relato, Célia chega a uma conclusão sobre o silêncio enquanto um comportamento específico da socialização de gênero, fazendo referência a sua figura materna: “[...] ela sofria calada, com minha mãe, eu aprendi a me calar. Quando ela não estava em silêncio, cantava como um rouxinol”. Retomando a esquematização das três esferas do reconhecimento, a partir dos destaques aqui apresentados sobre o relato de história de vida de Célia, podemos notar que a esfera referente à dedicação afetiva, foi potencializada ao longo da infância, na proximidade com a avó, bem como, na relação com os(as) professores(as) da escola, onde Célia aprendeu a declamar poesia. O amadurecimento a encaminhou das relações de cuidado para o vínculo amoroso com o primeiro namorado. No entanto, o cerceamento do desejo de Célia, por parte do pai, representou uma ferida para sua autoconfiança. Após o casamento, o desfecho de violência se repetiu. O ponto de inflexão acontece quando Célia é convidada para trabalhar como cozinheira (atividade aprendida com a avó) em um *buffet*. Célia sente sua autoconfiança revalidada. Isto faz com que ela decida voltar para sua cidade natal, onde vai trabalhar vendendo quitutes. O apoio dos filhos e do irmão, para que Célia deixasse o marido, foi fundamental nesse processo.

Após o falecimento do marido, ela retorna para a cidade onde estão os filhos, assumindo, como viúva, o direito à pensão e à casa deixadas por ele. É nesse momento que pode-se observar uma virada importante: Célia retoma os estudos aos 60 anos de idade, passa a frequentar o EJA

e as oficinas da Unati, onde aprende, inclusive, a mexer no computador e celular. Os espaços de educação oferecidos garantem a ela o reconhecimento do direito ao estudo, à inclusão digital e à convivência social, momento de variação qualitativa de autorrespeito/autonomia. Por fim, Célia volta cultivar sua sensibilidade, escrevendo suas próprias poesias e as declamando na rádio local. O desfecho é um convite realizado, pelos próprios locutores, para que Célia passasse a frequentar as reuniões de confraternização da rádio, evento que marca a conquista de autoestima/autorrealização, via relação de reconhecimento de estima social.

Nanci

Nanci é uma mulher de 72 anos de idade, cis gênero, branca, viúva, heterossexual, aposentada, moradora de Assis/SP. Seu pai era ferroviário e a mãe, apesar de ter trabalhado como técnica de som em uma rádio local quando solteira, depois do casamento passou a maior parte do tempo dentro de casa, cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos: Nanci era a única menina entre as quatro crianças que o casal teve. O incentivo aos estudos oferecido pelo pai era exclusivamente destinado aos irmãos, de modo que ele se mostrava reticente diante do desejo da filha de ingressar na universidade para se tornar professora de língua portuguesa. No final da década de 1960 e meados e 1970, a demanda de trabalho para professores(as) na região de Assis/SP estava concentrada em sítios e pequenas cidades, onde se improvisava salas de aula para alfabetização e ensino de crianças que moravam em áreas remotas.

Nanci: Só que o meu pai, ele tinha preocupação: “você vai ser professora, depois vai dar aula em sítio?!”. Meu pai era maquinista, ferroviário. Ele via as mulheres, professoras, descendo nas estações de cidades pequenas, às vezes até de madrugada, tinha charrete esperando (pelas professoras). A preocupação dele era essa. [...] Quando eu fui para o colegial, na sala mista, os meninos viviam precisando consultar o caderno da gente (meninas). No começo, meu pai estranhava muito, porque os meninos iam lá em casa buscar caderno emprestado. Foi uma mudança, um choque. Na faculdade, tinha uma senhora, na minha turma, que já era casada. Era mais fácil, eu ia estudar na casa dela. Meu pai não deixava a gente ficar muito na rua, né?

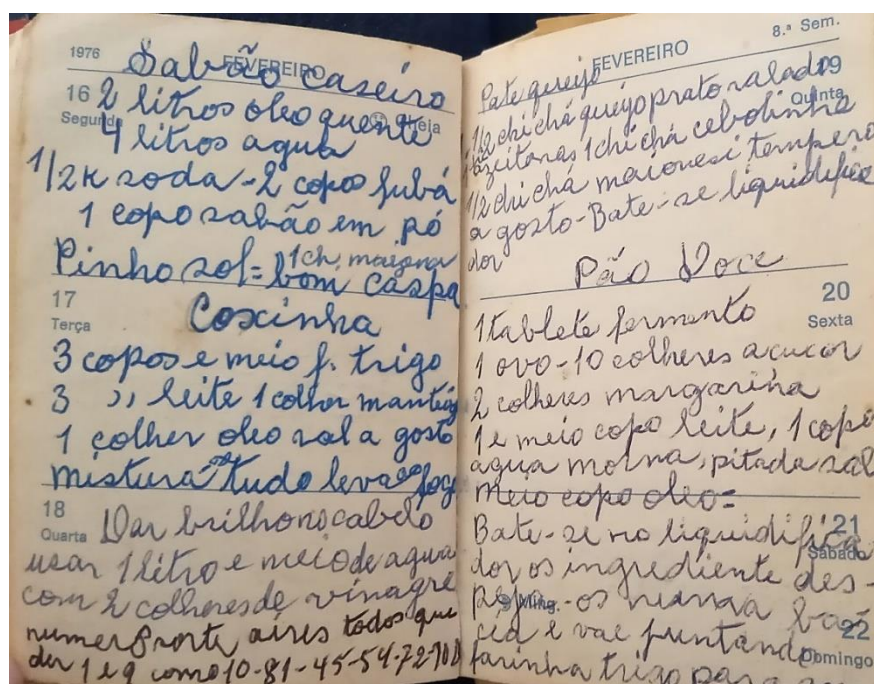
O apoio da mãe de Nanci foi indispensável para que ela, assim como os irmãos, chegasse ao ensino superior. A mãe ocupava uma posição de referência dentro da casa, tendo o hábito de se manter informada através da leitura do jornal impresso e escutando as notícias veiculadas pelo rádio. Um fato curioso é que a mãe de Nanci lia o jornal vencido, do dia anterior, já que quem o comprava e fazia a leitura em primeira mão era um de seus filhos mais velhos: apenas quando o jornal era descartado pelo filho, a mãe tinha acesso ao material. A princípio, a família

residiu numa casa de madeira construída pelo pai de Nanci na Vila Operária, onde moravam os funcionários da companhia ferroviária Sorocabana. De acordo com ela, havia uma característica que fazia com que sua família fosse vista de forma diferente pelos vizinhos:

N.: Era considerada uma casa boa, grande, tinha três quartos... Sala, cozinha. Meu pai que construiu. Uma coisa que, às vezes, até a gente não percebe. Depois, conversando com algumas pessoas... Eles falavam que meus irmãos eram os donos da bola. Eram vistos como se tivessem uma condição melhor, porque meu pai não bebia. Então, o salário dava para manter. Eu nunca precisei trabalhar, quando eu fazia faculdade, dava aula particular, mas não dependia disso. A gente não tinha luxo. Estudamos com dificuldade, mas a gente estudou, éramos diferentes por causa disso.

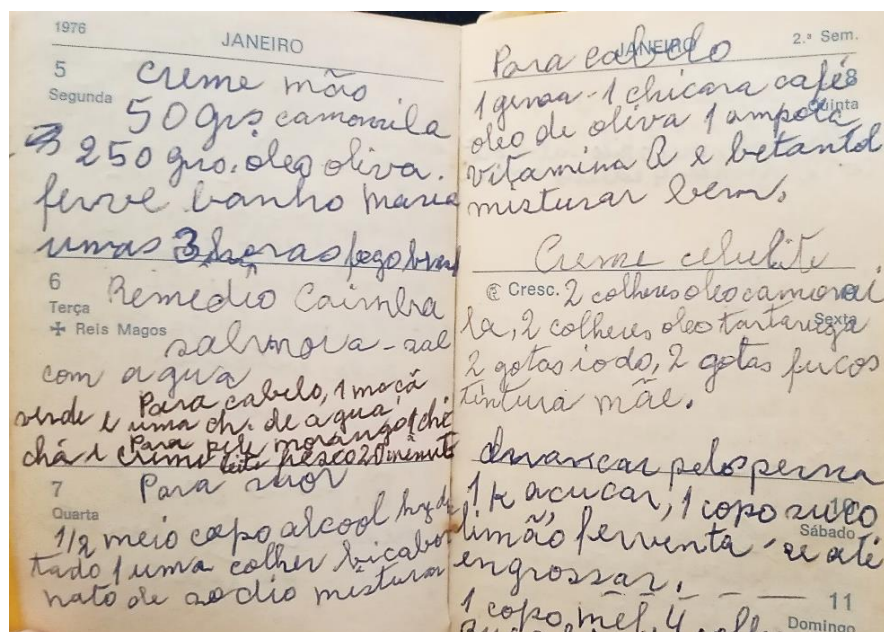
Dentre as recordações que Nanci guarda da mãe, me chamou atenção uma agenda de anotações em que ela registrava receitas diversas: remédio para dor e câibras, sabão caseiro, creme para as mãos, coxinha, pão doce, mistura para dar brilho no cabelo, creme para celulite e para arrancar pelos da perna, por exemplo. Além disso há também registros de despesas relacionadas à manutenção doméstica: conserto do rádio, da televisão, sacos de cal, entre outros.

Figura 8: Caderno de anotações da mãe de Nanci.



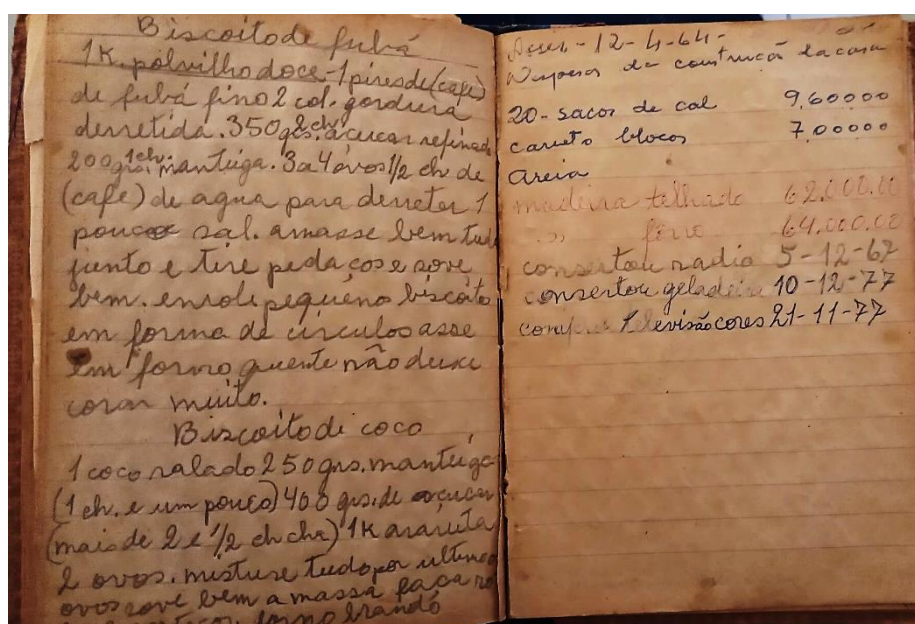
Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Figura 9: Anotações variadas da mãe de Nanci.



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

Figura 10: Anotações variadas da mãe de Nanci (2).



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

A presença da figura materna para Nanci, enquanto fonte de cuidado e dedicação afetiva, é evidente. Essa característica veio a se reforçar quando seu pai sofreu um AVC, resultando na sequela de perda da fala, de modo que a mãe intensificou, então, o exercício de sustentação emocional e de procedimentos concretos envolvidos na dinâmica familiar.

Seguindo o percurso do desenvolvimento de Nanci, aos 15 anos ela começou a namorar um rapaz que, com o passar dos anos, veio a ser seu marido.

N.: Os namoros, geralmente, começavam com o correio elegante de quermesse. A primeira vez que ele me mandou, eu nem quis saber, falei: “ah, devolve isso daí”. O que é a vida, né? A gente nem imagina! Ele tinha parado de estudar, voltou para fazer o ensino médio e, depois, a faculdade. Em casa, a gente não tinha mordomia, não. Só que eu nunca precisei trabalhar. Ele trabalhava desde criança. O pai dele (namorado) tinha uma horta, vendia verduras. Eles moravam nunca chácara próxima ao Parque Buracão, na Vila Operária. Quando ele (namorado) começou a estudar matemática na Unesp de Presidente Prudente, ele ainda trabalhava. Naquela época, não tinha quase professor formado, então, logo ele começou a dar aula. Eu namorei por 11 anos. Não era que a gente se via toda hora, todo final de semana: era quando dava certo. Ele me falava que, desde pequeno, ele queria me namorar. Ele passava em frente de casa para ir ao campo de futebol da molecada. Meu marido disse que me via pela frestinha do balaústre. Ele era cinco anos mais velho que eu. Meus irmãos não queriam, nem meu pai queria que eu namorasse: com 15 anos, eu tinha que estudar. A gente tinha toda essa responsabilidade. Uma vez, a gente estava conversando na praça, meu irmão caçula chegou e me beliscou para eu ir embora. Era feia a coisa... (rindo).

Quanto a esfera de reconhecimento das relações de direito, houve um maior destaque na trajetória de vida de Nanci na época de seus estudos de graduação, assim como após sua formação, nas atividades e greves que participou junto ao Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp). O período de graduação em Letras coincidiu com ano de 1968, ano de repressão mais aguda do regime militar brasileiro. Por isso, Nanci relata que algumas colegas de universidade sumiram após participarem de um encontro da União Nacional dos Estudantes (UNE) em Ibiúna/SP.

N.: Eu lembro que o professor de “Literatura Brasileira” passou um trabalho sobre “O Rei da Vela” (Oswald de Andrade), era um teatro, nós encenamos. Nas aulas de Alemão, trabalhamos com o Bertold Brecht também. Mas a ditadura pressionava, né? Mesmo enquanto professora, também passei por umas experiências com a ditadura. A gente se reunia na igreja, quando fazia greve. De repente, alguém falava: “tem espião aqui no meio”. Era aquela preocupação, né? A gente passou uns momentos meio complicados. Por exemplo, o Paulo Maluf ficou famoso ao falar que “professora não era mal paga, era malcasada”. São as coisas que a gente ouvia... [...]. Olha, logo que eu entrei na faculdade, participei de uma reivindicação pelo regime de contratação de professores via CLT. Era uma ação da Apeoesp. Depois de vinte anos, chegou a correspondência no endereço da minha mãe, constava meu nome de solteira no destinatário. Ganhei a ação: recebi uma quantia significativa.

A implicação de Nanci na disputa pela garantia de direitos pode ser interpretada como uma continuidade da forte atuação paterna no Sindicato dos Ferroviários. Ela relata que o movimento sindical desta categoria era muito bem articulado, condição que também foi facilitada pela concentração dos funcionários de acordo com a função que desempenhavam na Estrada de Ferro Sorocabana (ESF), ao longo da Vila Operária, em Assis/SP. Uma vez que o

pai de Nanci era maquinista, as paralizações de sua categoria tinham um impacto imediato no funcionamento do complexo ferroviário. Nanci me contou que, no início da década de 1960, o pai chegou a ficar sob custódia na cadeia pública da cidade, em virtude da participação em um movimento grevista. Diante deste contexto, Nanci se encarregou de levar marmitas para o pai se alimentar enquanto ele esteve preso. Por outro lado, a mãe de Nanci também demonstrava apreço pelos assuntos diretamente relacionados à política. Quando havia eleições, ocasião que marcava, também, uma das poucas situações em que a mãe de Nanci saía de casa, ela costurava roupas novas especialmente para a ocasião de ir votar.

O cuidado em torno daquilo que podemos chamar de um ritual democrático fica evidente. Assim como as greves dos ferroviários, a preparação especial da mãe para o dia de votação, Nanci também me contou que as festas populares geralmente aconteciam em razão de comícios, de modo que a socialização no espaço público estava, com frequência, relacionada à discussão política. Logo, a vida na Vila Operária, ao longo da infância e juventude de Nanci, esteve circulando em órbita de questões diretamente relacionadas à luta por direitos e representatividade política. Anos mais tarde, quando já havia se casado e tido filhos, Nanci manteve o costume de frequentar os comícios e festas na Vila Operária:

N.: [...] Eu ia aos comícios mesmo quando ainda era jovem. A gente ia como se fosse um passeio. Era um evento! Meu marido gostava muito também, então a gente ia com as crianças. Também, quando a V.O. (Vila Operária) desfilava (no carnaval), íamos assistir à apuração das Escolas de Samba... Você vê? Eu tive uma vida animada! (rindo).

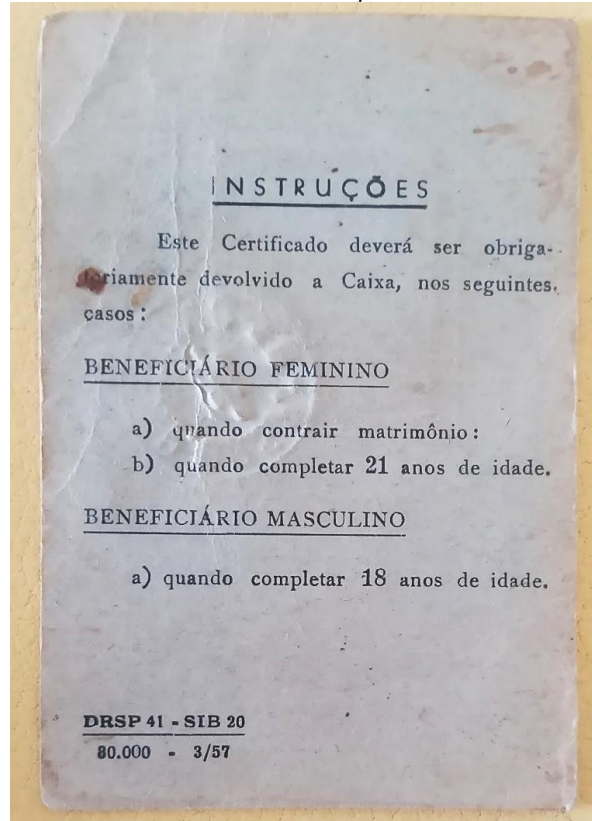
Nanci guarda a carteira de identidade do empregado que era de seu pai e a sua, que, segundo ela, foi seu primeiro documento pessoal.

Figura 11: Carteira de Identidade de empregado e beneficiário (familiar).



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

Figura 12: Detalhe da carteira de beneficiário: contrair matrimônio.



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

Durante a juventude de Nanci, a família mudou-se para uma casa de alvenaria num bairro central de Assis/SP, na Vila Xavier. Logo ela ingressou no curso de Letras oferecido pela FCL Unesp. O primeiro dia de aula na universidade ficou registrado como aquele em que Nanci vestiu calça jeans pela primeira vez: isso demandou uma longa negociação com o pai, já que era ele quem arbitrava as roupas que ela podia usar ou não.

N.: Quando eu entrei na faculdade, teve o trote, precisávamos ir de calça... Foi um sufoco. Tinha um senhor que, na época, ia ao Paraguai, ele trazia calça jeans *Lee*. Meu irmão começou a trabalhar, ele comprou uma calça dessas. Peguei emprestada dele. Para o meu pai me deixar usar, teve que ser feita uma ladainha: “olha, ela é larga, é grossa, não marca o corpo”. Foi quando eu pude usar calça.

Apesar do pai de Nanci ter um posicionamento político e postura combativa em relação às desigualdades sociais na área trabalhista, podemos notar que ele reproduzia uma dinâmica de controle direcionado especificamente sobre a única filha. Conforme Nanci havia relatado, a maior preocupação dele quanto à sua formação universitária para ser professora, era de que ela assumisse aulas em sítios e demais localidades remotas, onde ele, como maquinista de trem, via

charretes esperando pelas professoras para levá-las até os alunos. Pude compreender melhor essa fala quando, durante uma de nossas conversas, ao mostrar um livro de fotografias antigas de Assis/SP, Nanci parou em uma imagem em particular e fez a seguinte explicação para mim:

Figura 13: *Charretes em frente à estação ferroviária de Assis/SP. Década de 1940.*



Fonte: Barros, 2005.

N.: Tem uma história das charretes, né? Quem andava de charrete eram as mulheres que viviam na zona de meretrício, era bem famosa, a casa da Antonieta. Ficava na saída para Cândido Mota. Quando eu dava aula em Cândido Mota, entre 1973/1974, ainda funcionava. Às vezes, quando eu passava por lá, via as mulheres, até com roupas íntimas, varrendo a frente da casa. No começo, as charretes eram usadas como táxi pela população, depois, passou a ser algo malvisto.

Não apenas as charretes eram malvistas, mas também sempre houve uma certa desconfiança quanto às alunas da Unesp que vinham para Assis/SP de outras cidades e moravam em repúblicas estudantis. Não era o caso de Nanci, que permaneceu residindo com a família, mas ela testemunhou alguns acontecimentos e falas que transmitem bem as especulações que a população local costumava fazer sobre as estudantes:

N.: Bom, uma amiga minha, ela morava na Vila Operária, eu, na Vila Xavier, mas a gente sempre junto. Quando nós fizemos vestibular para faculdade, uma das... Como eu posso falar, uma das preocupadas com a vida alheia, um dia, ela passou e comentou assim: “você sabiam que vão construir uma maternidade do lado da Unesp?”. A gente ia de carona, você sabia? Era uma delícia pegar carona. Nos primeiros anos, a situação financeira da faculdade era outra. Nós tínhamos ônibus de graça. Aqui (Vila Tênis Clube) tinha muitos terrenos vagos, algumas casas só. No segundo ano, já cortaram o ônibus. Então, ficávamos no ponto esperando carona. Era normal dar carona. Tinha um pessoal com fama só porque era de fora, aí vinha para cá... As repúblicas não eram consideradas lugares de bom comportamento. A gente tinha amigos que moravam em república. Umas amigas, que estudavam alemão, elas varavam a noite estudando,

disse que tinha horas que dava um desespero, elas saíam para correr de camisola, ao redor do quarteirão. Então, você imagine, para uma cidade provinciana, o escândalo que era... Elas se sentiam livres, é um sentimento normal. Só que a cidade é menor, então os comentários são maiores. [...] meu pai não me incentivou a estudar, quem me incentivou, foi a minha mãe. Eles nunca se opuseram à Unesp. Não sei se eles tinham muito conhecimento também dessa fama da Unesp. Meu irmão mais velho já estudava lá. Eu sabia que, se eu fosse estudar, teria que ser na Unesp.

Ao começar a graduação, Nanci recebeu uma determinação familiar inegociável: não poderia casar-se até que concluísse o curso. A ideia era de que ela obtivesse estabilidade profissional e financeira. O seu namorado, na época, também cursava graduação, de modo que os dois se viam poucas vezes, mas já alinhavam o interesse em comum de trabalhar como professores: ele dando aulas de matemática e, Nanci, aulas de português. Ao recordar da imposição familiar sobre o primado da atividade profissional, Nanci compreende que não se tratava apenas da importância de exercer uma profissão, mas, sim, tratava-se da possibilidade de ser independente. Aliás, não apenas independente financeiramente, mas a abertura de se levar a vida entre variados de espaços de circulação, relações e tomadas de decisão elementares a partir do momento que tivesse uma renda própria.

Dessa forma, conciliando disciplinas da graduação, estágios, aulas particulares, Nanci assumiu aulas em cidades menores, nas imediações de Assis/SP, a partir da indicação de uma vizinha e amiga de longa data que já trabalhava como professora de português. O transporte era de kombi, alguns professores que também moravam na cidade fretavam a perua até os municípios menores, o asfalto cobria apenas em um trecho do percurso, sendo o restante da viagem percorrido através da terra vermelha típica da região centro-oeste paulista. Pouco tempo depois de formada, Nanci tinha dinheiro suficiente para tirar carta de motorista e comprou um Fusca para facilitar o trajeto entre diferentes escolas e cidades em que trabalhou simultaneamente:

N.: Enquanto eu não tinha efetivado no Estado, vivia indo para lá e para cá, teve um ano que dei aula em seis escolas ao mesmo tempo, e olha, cada lugar é uma realidade diferente. Às vezes, eu pousava em alguma cidadezinha, porque não tinha transporte de volta pra Assis. Aconteceu de eu precisar ajudar a desatolar o carro no meio da estrada de terra [...]. Você acredita que a sala de aula era adaptada no espaço da sala de uma casa residencial? Acho que a prefeitura alugava só aquele cômodo. Então, enquanto eu dava aula, ouvia a pessoa fazendo comida, ouvindo música... Foi uma experiência!

O trabalho como professora não escapava de receber comentários perniciosos, sugerindo que as mulheres com essa profissão, especialmente aquelas que, assim como Nanci, se deslocavam entre uma cidade e outra eram consideradas mulheres da rua. Ela relata que, após

o casamento, sentiu que a família do marido estranhava o fato dos dois passarem o dia cada um em um lugar diferente, fora de casa, trabalhando: principalmente porque, em razão da rotina de aulas, ela não preparava as refeições para o marido, ele permaneceu almoçando e jantando na casa dos pais. Assim, Nanci reflete que se sentia diferente por ter se libertado da rigidez que o papel de esposa carregava. Esse processo se deu em consequência direta do investimento que ela fez na carreira profissional e o apreço que desenvolveu pela independência que foi conquistando. Até então, ela sempre precisava da companhia de alguém, geralmente um dos irmãos, para circular pela cidade: “Nunca me falaram nada, mas percebia que eu era a diferente da família. Só eu que batia perna na rua”, me contou Nanci.

Nanci e o marido tiveram três filhos. Uma vez que os dois trabalhavam fora, recorriam ao serviço de empregada doméstica e lavadeira para dar conta das demandas de funcionamento da casa. Outro respaldo importante foi a participação da mãe de Nanci no cuidado dos netos, sendo ela uma pessoa a quem ela sempre podia recorrer em diversas situações, já que moravam relativamente perto uma da outra. De acordo com Nanci, apesar dela e do marido terem a mesma profissão, quem assumia a responsabilidade pelos filhos era sempre ela, a mulher. Se não houvesse com quem deixá-los, quem faltava ao trabalho era Nanci. Isso era algo implícito na dinâmica do casal. Do mesmo jeito, a manutenção doméstica também recaía exclusivamente como sua função.

N.: Se ele chegasse antes de mim em casa, uma louça ele lavava. Agora, varrer quintal, esse tipo de coisa, ele não fazia, não. Só que ele também nunca me cobrou, sabe? [...]. Uma coisa que tinha naquela época: quem assumia os filhos era a mulher. No sentido de que: os dois levantavam cedo, tomavam café, se preparavam para trabalhar. Agora, se a empregada não chegasse a tempo, quem faltava no serviço para ficar com as crianças, era eu. Era bem assim. Eu ainda tinha minha mãe para recorrer... Então, eu assumia essa parte, embora a gente tivesse o mesmo trabalho (professores).

A trajetória profissional de Nanci ganha destaque ao longo de seu relato, sinalizando a importância que esse aspecto teve ao longo de sua vida como fonte de reconhecimento social no que se refere às relações de solidariedade e consequente fortalecimento de sua autorrelação de autoestima e realização pessoal. Após a efetivação como professora da rede pública do Estado de São Paulo, Nanci assumiu diferentes cargos coextensivos como supervisora de ensino, tanto no estado, como também, foi selecionada para coordenar o EJA (Educação de Jovens e Adultos) oferecido pelo SESI em Assis/SP. Assim como aconteceu trabalhando pelo Estado, Nanci passou a integrar a equipe de supervisão de ensino do SESI nas cidades da região do centro-oeste paulista, o que fez com que ela continuasse viajando cotidianamente.

N.: Eu tinha uma vizinha que trabalhava em Santa Cruz do Rio Pardo, às vezes, ela ia de carona comigo. O problema era viajar sozinha. Agora, eu só dirijo dentro da cidade. Tenho 48 anos de carta (de habilitação). Na minha época, era difícil ver mulher na estrada, né? Hoje, você vê muito mais mulher do que homem. Vê mais até a mulher dirigindo e o homem no passageiro. Como supervisora, às vezes, precisava ir para Palmital, íamos em três mulheres no carro, quantas vezes os caminhoneiros não buzonavam porque viam mulherada no carro? São coisas a gente passa, né? Mudanças que a gente tem que enfrentar. [...] Também tinha um detalhe: eu trabalhava e meu marido já era aposentado. A minha sede do Sesi era em Ourinhos. Eu passava nas escolas de São José do Rio Pardo, Ourinhos, Assis, Paraguaçu Paulista e Regente Feijó, imagina, cada dia eu ia para um lado. Uma vez, eu estava indo para Ourinhos, caiu o escapamento do meu carro. Liguei para o meu marido, fiquei na estrada, parada. Parou um caminhoneiro e falou para mim assim: “a senhora não sabe o que perigo que está passando aqui na estrada”. [...] Então, meu marido passou a viajar comigo, ele me esperava nove horas no lugar. [...] Quando ele começou a ficar ruim de cabeça, eu não sabia usar o caixa eletrônico, não sabia tirar dinheiro, tive que aprender, perdi o acanhamento. A necessidade obriga, né?

Percebo que, apesar de Nanci não se considerar presa no casamento (expressão que ela havia usado em outro momento ao longo do relato), o marido exercia a administração e controle financeiro da renda do casal. Isso mudou quando ele desenvolveu um quadro de Alzheimer, só então Nanci aprendeu a usar o caixa eletrônico e a tirar dinheiro, condição que ela compreende como acanhamento, tomando para si – como se fosse uma questão dela –, não ter acesso à gestão dos rendimentos em relação aos quais ela contribuía expressivamente. Inclusive, a casa onde ela reside atualmente, Nanci me explicou que foi fruto do salário que recebeu como supervisora de ensino do Sesi: uma renda extra que permitiu o investimento no conforto da família. Entretanto, a situação de saúde do marido foi se tornando mais grave, ele faleceu após complicações resultantes de uma cirurgia.

Quem esteve mais presente ao seu lado após a perda do marido, foi o filho mais novo, único que permaneceu morando em Assis/SP. A aproximação dos dois foi importante para Nanci atravessar o período de luto e se acostumar com uma outra forma de conduzir sua rotina, pelo fato de ter se aposentado e, também, diante da perda do esposo. No entanto, pouco tempo depois do falecimento do marido, esse mesmo filho se envolveu num acidente na rodovia, quando voltava de uma festa de casamento de amigos junto com a esposa: tanto ele, como a nora de Nanci morreram na batida, além de outras três pessoas que ocupavam o outro veículo envolvido na colisão. Diante dessa sucessão de perdas, Nanci me contou que o lugar onde foi acolhida e recebeu apoio através de gestos de solidariedade foi especificamente entre os(as) colegas que frequentavam as oficinas da Unati.

N.: Quando eu fiquei sozinha (viúva), ele (filho) era meu apoio. Quando eu fiquei sozinha, ele passava aqui em casa todo dia quando saía do serviço. Em setembro, eu fui viajar, voltei em outubro. Quando eu saí para viajar, ele falou assim: “mãe, vai ter o casamento de uma amiga da minha esposa, mas é na véspera da eleição (2018). Mãe,

eu acho que vou com o carro da senhora, que é maior”. Não sei por que, ele não foi com meu carro. Ele me falou: “mãe, a gente vai ao casamento, mas, depois, a gente vai para um hotel posar durante a noite. Aí, a gente volta cedinho, para dar tempo da minha esposa ir trabalhar”. O que aconteceu... Ele entrou na contramão, bateu de frente com outro carro, morreram cinco: morreu ele, minha nora e os três no outro carro. [...] A solidão é triste... Fico com medo de sair de noite, principalmente para entrar em casa, acho perigoso. A minha sorte, é que minha filha é muito presente, embora não more em Assis/SP. Ela me liga todo dia, me ajuda muito. Meu filho já é mais... Não liga todo dia, é muito ocupado. Quando eu me vejo muito sozinha, ligo para minha filha. Às vezes, ligo para ela quando preciso de algum tipo de ajuda para mexer no computador, também.

Diante da aposentadoria, da perda contígua do marido, do filho e da nora, Nanci passou a se dedicar com proximidade ao cuidado de um dos netos que reside em Assis/SP, e procurou manter a participação nas oficinas da Unati, especialmente pelo vínculo de solidariedade que mantém com os(as) demais integrantes do grupo:

N.: [...] Percebi que rei morto é rei posto. A gente se aposenta e é assim... Tem horas que eu penso, ah, podia ter faltado mais, trabalhado menos... Não tem aquela música dos Titãs? A sensação de missão cumprida com responsabilidade é diferente também. Às vezes, tenho uns ataques: quem levou flautado, aposentou do mesmo jeito. O salário (aposentadoria) é o mesmo. Iguala tudo. [...] Eu tive muito apoio (na Unati): de ligar, mandar mensagem, então, é um grupo. Mesmo que a gente não se encontre sempre, percebo que ficou alguma coisa, só pelo fato de ainda me mandarem uma mensagem no *WhatsApp*. Então, têm umas (pessoas) que fiquei mais ligada. Mesmo não estando junto, cria um vínculo. Até mesmo com os mais jovens... Engraçado, né? Como a gente se entende com pessoas mais novas! Eu acho muito boa essa convivência.

A trajetória de vida de Nanci permite identificar um movimento linear pelas esferas do reconhecimento. A forte presença familiar foi delimitadora de um projeto de vida orientado para educação e o trabalho, com alguns cerceamentos operados pela figura paterna, mas contornados pelo apoio que Nanci recebeu da mãe para que ela, assim como os irmãos, também cursasse o ensino superior. A dedicação afetiva materna, as amizades com vizinhas e colegas de trabalho, além do namoro e casamento indicam a passagem pela esfera do reconhecimento afetivo. Já a luta pela garantia direitos se deu tanto no plano de engajamento sindical, como, também, na persistência dela e de sua mãe para que Nanci obtivesse a aprovação paterna para os estudos e para que circulasse, enquanto mulher, pela cidade e por diferentes espaços de atuação profissional.

Por fim, na esfera da solidariedade, considero importante o reconhecimento profissional, considerando que Nanci exerceu cargos importantes relacionados à gestão escolar não apenas de Assis/SP, mas na região centro-oeste paulista. Além disso, após a aposentadoria pelo Estado, deu continuidade na atividade profissional com um segmento de ensino que até então ainda não havia tido contato: a educação de jovens e adultos. O acesso a um plano de

carreira na instituição a qual estava vinculada contribuiu para que Nanci obtivesse um retorno financeiro importante que rendeu uma casa nova para a família. Por fim, o espaço das atividades da Unati se revelou como um importante espaço de convivência e estabelecimento de vínculos de suporte quando Nanci enfrentou o luto do marido e, logo em seguida, do filho da nora.

A relação de solidariedade entre o grupo das pessoas idosas que frequentam a Unati ofereceu a ela o sentido de pertencimento e possibilidade de continuidade de si após perdas que lhe afetaram significativamente: o marido por ser a pessoa com quem ela tinha uma relação afetiva desde a adolescência, e com quem ela passou boa parte de sua vida; e o filho mais novo, que veio a se colocar como figura de apoio quando Nanci ficou viúva. Importantes pilares da identidade de Nanci, enquanto esposa e mãe, foram sensibilizados. No campo das relações afetivas, ela se colocou então, como avó implicada nos cuidados do neto, e nas relações de solidariedade, passou a integrar o grupo que se formou através das relações de convivência na Unati.

Elenira

Elenira é uma mulher de 76 anos, cis gênero, branca, está num casamento heterossexual, aposentada, moradora de Assis/SP. Nasceu na zona rural nas imediações de Assis/SP, onde foi registrada. Seu pai era ferroviário, por isso a família morava em uma das quatro casas de madeira que perfaziam um posto remoto da ferrovia Sorocabana na zona rural da cidade. Desde criança, ela já tinha o costume de pegar o trem junto com os irmãos para ir à escola do sítio. Desciam num determinado ponto, onde encontravam com a professora: juntos iam a pé até a escola improvisada. Elenira relata que fez esse percurso ao longo dos estudos do primário e qualquer outro trajeto que viesse a percorrer, descalça. Não tinha sapato e nem havia como usar algo nos pés, uma vez que se deslocava através de caminhos de areião: “[...] Eu não lembro, de pequena, de ter sapato. Uma vez, minha professora trouxe um grupo de alunos para Assis. Eu queria muito vir, mas não pude, porque não tinha sapato. Eles iam no cinema”.

O pai de Elenira era guarda-chaves da ferrovia: operava manobras das locomotivas até que sofreu um acidente de trabalho, quando machucou o joelho em um engate de trem. Precisou passar por cirurgia e foi readaptado para função de estafeta, entregando telegramas de bicicleta na cidade de Assis/SP. A troca de cargo implicou na mudança da família do posto remoto para a Vila Operária, dentro dos limites urbanos da cidade. A mãe de Elenira frequentou a escola até o segundo ano primário. Quando ainda moravam no posto da ferrovia, ela se recorda que a mãe pagava uma professora particular para dar continuidade aos estudos, e, quando se mudaram

para a cidade, a mãe passou a frequentar o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral). Na casa de madeira do sítio, não havia energia elétrica, a família usava lampião. O banheiro era na parte de fora da casa, havia uma horta nos fundos da casa e um pé de cacto ao lado da porta da cozinha. A avó de Elenira morava próxima da escola onde ela estudou no primário, assim, quando era horário de recreio, toda a turma ia até a casa de sua avó para comer:

Elenira: A gente ia de trem, depois encontrava a professora, Dona Luíza, na beira do caminho, com ela, andávamos a pé mais 3km até a escola. Ela era negra. Me lembro que, às vezes, a Dona Luíza me pegava no colo (durante o trajeto). O lanche que ela levava, dava um pouco para mim, também. Minha mãe fazia pão e mandava para a Dona Luíza. Lembro do dia que o Getúlio Vargas se matou. Eu estava acho, no segundo ano, já era outra professora, a Dona Cecília. O namorado dela acompanhava a gente a pé. Durante o percurso, a professora foi explicando para os alunos o que tinha acontecido. [...] No sítio, era tudo amigos. Tinha um tio, irmão da minha mãe, que morava perto da escola. A minha avó morava ali também. Ela fazia farinha num monjolo³, na hora do recreio, a gente ia tudo lá comer. Eu lembro dela esfregando a farinha naqueles tachos quentes, saía uns bijus grandes, a gente ia lá e ficava comendo. Coitada, ela fazia e nós, tudo da escola, comendo, judiação... Minha avó, naquela época, era nova, mas já tinha um birote⁴, entendeu? Ela tinha uns 40 e poucos anos, mas parecia bem mais velha. A vida era muito diferente. [...] a capela de São Benedito [...] era bem perto da nossa casa. Tinha uma pedra, fizeram um cruzeiro nela. Quando demorava para chover, iam jogar água no cruzeiro para pedir chuva, sabe? Eu lembro disso... Quando rezavam, era em latim, eu, criança, adorava ficar escutando: *ora pro nobis*. Me dava ataque de riso dentro da igreja!

A condição financeira da família, ainda na época em que moravam no sítio, era atravessada por dificuldades.. Isso porque o pai de Elenira tinha gastos elevados com bebida alcoólica, mas, principalmente, com outra família que mantinha fora do casamento. Devido ao consumo frequente de álcool, ele era agressivo: batia nos filhos. No entanto, Elenira reforçou o afeto que nutriam um pelo outro, recordando brincadeiras de vínculo com o pai, mas também momentos em que sofreu castigos físicos dele:

E.: Um dos meus irmãos falava que meu pai batia muito nele. Só que esse irmão era muito danado. Eu lembro assim, uma vez ou outra, ele apanhando. Eu apanhei do meu pai com cipó, porque eu subi num eucalipto junto com os moleques e, naquela época, usava vestido. Fazia vestido de saco, os sacos de compra do armazém. Minha mãe alvejava e fazia vestido. Ela bordava, eu tinha um de elefantinho. [...] Eles eram novos demais: minha mãe casou com 16 anos, meu pai não tinha nem 18. Então, como disse a minha mãe, tem tanta coisa que ela fez, que ela não faria se fosse mais velha. [...] Mas ele (pai) brincava muito comigo, isso porque eu era bem mais nova, pequena ainda.

³ Pilão movido à água.

⁴ Coque de cabelo.

Após a mudança da família para área urbana de Assis/SP, no final da década de 1950, em um dos deslocamentos que pai fazia de bicicleta pela cidade, agora como estafeta da Sorocabana, ele foi atropelado por um táxi e faleceu. Com o dinheiro que a mãe de Elenira recebeu do seguro, comprou uma casa para ela e as crianças: estava viúva aos 33 anos de idade com cinco filhos para cuidar: “Minha mãe teve que aprender a fazer documentação, ir para São Paulo, enfim, ela se virou. Antes, não sabia comprar nem um tecido na *Pernambucanas*, meu pai que fazia tudo. Ela aprendeu a fazer compras, lidar com dinheiro...”.

Por ser apegada ao pai, “Meu pai era muito amoroso, amava eu”, Elenira me contou que, na época do acidente, estava com 12 anos de idade e sentiu uma mudança significativa no seu jeito de ser: era tomada pelo medo de que algo parecido acontecesse com a mãe ou um dos irmãos, então procurava monitorar o horário que saíam e a previsão de quando voltariam para casa; se demorassem, ela ia atrás. Diante desse contexto, Elenira parou de frequentar a escola. A avó foi uma figura importante de apoio diante dessa situação: a família enfrentava o empobrecimento e a avó vinha caminhando, junto à linha do trem, para ajudar trazendo alimentos.

E.: Só depois de um tempo, a gente já teve geladeira. Nossa vida foi de muita pobreza, mas não alterava a minha vida de criança, porque eu não sabia muito das coisas. A gente tinha horta, saía para pegar fruta lá na casa da minha avó, que era na pedreira, ela era dona daquelas terras, ludibriaram minha avó para comprar (o terreno). A gente ficava esperando minha avó na linha do trem, ela vinha caminhando com um saco na cabeça, sem pôr a mão: trazia abacate, laranja, mexerica. A cada quinze dias, esperávamos por ela. Também andávamos até a casa dela, dava 8km. Boa parte do caminho era seguindo a pé pela ferrovia, só depois que desviava para a casa dela. Nada era difícil para gente, andávamos tanto. Minha avó vinha sozinha... Lembro do jeito dela caminhar. Não entendia como aquele saco não caía da cabeça dela.

Quando estava com 16 anos, Elenira começou a trabalhar numa padaria, porém, o proprietário do estabelecimento se suicidou porque, segundo ela, este patrão tinha muitas dívidas. Então, Elenira foi trabalhar como empregada doméstica na casa de uma prima, que era professora e tinha uma condição financeira estável. O que chamava atenção de Elenira e a deixava instigada era que a prima tinha um aparelho de rádio em casa. Foi a partir deste aparelho que ela começou a entrar em contato e se informar “das coisas que aconteciam no mundo”. Saía de casa com mais frequência e logo formou uma turma de amigos com quem costumava frequentar os cinemas da cidade. Teve algumas “paqueras” como ela diz. Um deles a incentivou a voltar a estudar, argumentando que era algo que ela poderia fazer de graça, na rede pública de ensino.

E.: Eu trabalhava de dia e estudava de noite. Voltava por umas ruas tudo esburacadas. Aconteceu de um homem me seguir: fiquei escondida no meio das árvores. Eu sentia um pouco de medo. Já no colegial, aproveitei e fiz Magistério, se chamava (curso) “Normal”. Durante a noite, assistia as aulas do “Eclético”, voltado para a área de Ciências Biológicas. Prestei História, aqui na Unesp; Ciências Físicas e Biológicas, na Unesp de Marília. Viajei durante três anos, até Marília, para cursar a graduação. Deixei de estudar História, apesar que eu amo. Comecei a trabalhar como professora (de primário), enquanto estava na faculdade. Dava aula em Pedrinhas Paulista, Cruzália, Lutécia... O asfalto só cobria o trecho principal da rodovia, a partir da entrada das cidades, era tudo terra. Tinha dias que eu dava aula, vinha correndo para Assis, descia de uma perua (kombi), subia em outra. Às vezes, algum vizinho me dava carona. Eu chegava em Assis meia noite /uma hora da manhã, e ia dormir. Levantava no outro dia, às cinco e meia. Então, nem aproveitei minha fase de estudante universitária. Eu era magra, não tinha tempo de comer, mal dormia. Depois, comprei um Volks (Fusca) usado. O meu cunhado dirigia para mim, ele ficava me esperando para voltarmos para Assis.

O salto de retomada dos estudos e início da graduação corresponde ao momento em que Elenira estava fortemente vinculada ao seu grupo de amigos(as) durante a adolescência, bem como, ao namorado que indicou a ela a oportunidade de estudar gratuitamente. Pensando nas esferas do reconhecimento, podemos compreender como as relações de amizade e amorosa contribuíram para colocar Elenira em movimento a partir do fortalecimento de sua autoconfiança. O ingresso no ensino superior na cidade vizinha, Marília/SP, apenas se tornou viável porque foi conciliado com o trabalho de professora primária, com essa fonte de renda Elenira custeava as viagens de ida e volta à universidade. A demanda de trabalho de professora era alta em sítios, regiões mais afastadas, que implicavam uma logística de transporte complexa. Até um determinado ponto do trajeto, Elenira pegava carona com vizinhos, dali, onde não era mais possível seguir de carro, ela se encontrava com uma pessoa que a levava de charrete até o lugar adaptado como escola. Algumas vezes, a pessoa com a charrete não aparecia, e ela seguia o caminho a pé, abria espaço entre os arbustos com seus braços e seguia em direção à escola “mata adentro”, conforme ela disse.

A respeito do espaço escolar, Elenira explicou que era uma construção de um único cômodo, onde cada fileira de carteiras correspondia a determinado ano escolar. As crianças levavam alguns itens alimentícios, e era ela quem, no intervalo, preparava a refeição para os(as) alunos(as), na parte externa da construção. Quando estava frio e aconteciam geadas, as aulas eram dadas na parte de fora da escola, ao redor de uma fogueira que Elenira improvisava para aquecer a todos, já que era insuportável a sensação térmica congelante mesmo quando abrigados dentro do espaço da sala de aula. Além dos gastos com transporte tanto para ir até Marília cursar a faculdade, como também, o transporte até a escola do sítio, Elenira relatou que usava o pagamento para garantir que os alunos tivessem roupas e calçados suficientes já que eram crianças em situação de pobreza: “[...] comprei uma peça de flanela, a minha irmã costurou um

agasalho para eles. Comprei um par Kichute para cada um. Eu gastava meu salário com eles, outra parte (do salário), ia para as viagens”. Ela continua:

E.: Essas crianças me consideram uma mãe, a ponto de me mandar cartão no Dia das Mães, isso muito tempo depois de eu ter parado de trabalhar lá. Acabava sobrando pouco (salário) para mim. Não tinha energia elétrica nesse tipo de escola. Você sabe que, dando aula, eu preparava sopa. Eles (alunos) levavam os ingredientes de casa e eu fazia a comida. Hoje em dia, os prefeitos mandam o transporte buscar essas crianças que moram em sítio, e elas vêm estudar na cidade. Fica mais barato do que manter toda a estrutura de uma escola na zona rural. Agora é tudo mais fácil. Eu era merendeira, psicóloga, médica... Tudo.

Aqui, é possível fazer uma leitura da atitude de Elenira pelo viés da reciprocidade que está contida nas relações de reconhecimento. Há uma parcela de reprodução do cuidado que ela própria recebeu das professoras, quando era criança e cursava o primário também numa escola de sítio, porém, ela acrescenta a reparação de dar roupas e calçados para as crianças – condição que a incomodava (não ter sapato) quando esteve no mesmo lugar de aluna. Pelo ponto de vista de seus alunos, Elenira desempenhou um papel de dedicação afetiva, sendo reconhecida por eles como figura materna, na data de Dia das Mães. Avançando no percurso das esferas do reconhecimento, pensando nas relações de direito, Elenira explica que, desde quando voltou a frequentar a escola, passou a se interessar por política, era integrante do grêmio estudantil, e pelo que me relatou, fiquei com a impressão de que ela se sentia muito à vontade junto aos grupos que passou a integrar durante a adolescência: a turma de amigos com quem ia ao cinema, a turma de colegas estudantes do grêmio.

Sendo assim, a partir do ano de 1970, Elenira passou a fazer parte da Apeoesp, uma vez que dava aulas na rede estadual como Professora em Caráter Temporário (ACT), e, posteriormente, foi efetivada no Estado. Junto com mais duas amigas, Elenira coordenou a sede assisense do sindicato dos professores. Ela dedicava boa parte de seu tempo a reuniões, preparação de discursos em assembleias municipais e estaduais e viagens para a capital. As principais pautas de reivindicação eram pela melhoria da escola pública, plano de carreira para os professores e de que os salários não fossem descontados durante os períodos de greve, já que as aulas seriam repostas posteriormente aos alunos:

E.: Fui a passeatas em São Paulo, 50 mil professores na Avenida Paulista. Tiveram situações de enfrentamento com a polícia, mas era aquele pessoal mais arraigado, violento, que encarava a Tropa de Choque. Eu não participava desse tipo de confronto, não. [...] Greve é uma coisa que estressa muito a gente: as pessoas querem a solução de imediato, mas tem todo o processo de negociação. Aconteceu de, depois de uma greve, eu repor aula e, mesmo assim, não receber. Não me importava porque não lutava por mim, lutava pela categoria. Quando você tem ideologia é outra coisa, né?

A maioria, ali eram mulheres (na Apeoesp). Trabalhei só uma vez com um homem na coordenação. Notei que ele tinha dificuldade de conduzir as assembleias. Eles (professores(as)) queriam ouvir a gente: saber de outros assuntos. Esse rapaz só sabia falar de greve. Tive que interromper ele para poder explicar as coisas. Não era hora de tratar de greve, era para falar de detalhe, de coisas diretamente ligadas à carreira. Uma vez, fizemos um protesto em Ourinhos. Aproveitamos o dia de abertura da Feira Agropecuária. Invadimos a arena com as bandeiras, gritando. Tinha um homem fazendo uma apresentação de sanfona, ele chegou a cantar com a gente (os gritos de ordem).

Elenira foi convidada a se candidatar como vereadora em Assis/SP, entretanto, ela nunca se interessou pelo cargo político, mas, sim, pela atuação política: “Gosto de política, mas nunca quis ser política. Política é algo que a gente faz”. O período de ingresso e atuação junto à Apeoesp é contemporâneo ao regime político ditatorial que havia tomado o país. Por isso, as assembleias de professores aconteciam na paróquia da Vila Santa Cecília, sob uma carga tensão de comentários que afirmavam que havia gente de olho nessas reuniões. Por conta da unidade da FCL Unesp, a região tinha um forte contingente de estudantes e professores universitários contrários ao poder arbitrário do regime militar, de modo que houve movimentos de repressão, desde prisões, chegando até ao desaparecimento de pessoas que se manifestassem contra o que estava acontecendo. Apesar desse contexto, Elenira explica que não sofreu perseguição, mesmo tendo visibilidade como coordenadora da Apeoesp: “Teve gente que desapareceu até. O marido de uma amiga minha foi preso, sem motivos, pegaram ele queimando uns papéis no fundo da casa. Aconteceu muita perseguição em Assis”.

Ao passo que a atividade sindical representou uma fonte importante na variação qualitativa de autorrespeito/ autonomia, porque inserida luta por reconhecimento na esfera dos direitos, destaco o contraponto, a face da negatividade, enfrentado por Elenira ao longo de sua trajetória de exercício profissional. Por assumir aulas em variadas cidades da região, desde o início da carreira, ela precisou manter-se em movimento, deslocando-se de carona, contando com a ajuda de vizinhos, colegas de trabalho e mesmo do cunhado, que dirigia o Fusca que Elenira havia comprado para atender a essa finalidade. Cabe ressaltar que Elenira não era uma mulher casada, o que, na época, era incomum. Além disso, não teve filhos. O casamento com o atual marido aconteceu em 2002, quando ela estava com 57 anos de idade. Em vista disso, Elenira lidou com especulações sobre sua vida pessoal, já que circulava pelas cidades tanto em função da atividade profissional, mas também dentro de Assis, onde frequentava espaços de lazer com grupo de amigos(as).

E.: Peguei aulas num outro local, um amigo meu me dava carona de jipe para chegar até a escola, o César. Saía 5h30 da manhã de casa, encontrava com ele na Catedral.

Um homem começou a me perseguir no trajeto. Tive que pedir para o meu cunhado me levar até a Catedral todas as manhãs. A irmã do César era professora também, viajava no jipe com a gente. Nessa época, eu frequentava o “Porão” (bar), e eu tinha namorado. A irmã do César falava para a mulher - dona do sítio onde, de vez em quando, a gente parava para comer - que eu chegava de manhã cedo em casa e que eu era... Você sabe o que, né? (prostituta). Um dia, paramos nesse sítio. A mulher, dona do sítio, tinha um filho. Ela falou assim: “ô, Fulano, vai no pomar com a Elenira pegar umas mexericas”. Eu estava de guarda-pó, porque mexia com giz. Levantei uma parte, fazendo tipo uma cesta, para colocar as mexericas dentro. O moleque passou a mão em mim. Fiquei tão apavorada, joguei tudo as mexericas, voltei apavorada para a casa. Falava para o César: “vamos embora, vamos embora logo!”, naquele desespero. Eu tonta, contei a história e a irmã do César perto. A mulher, dona do sítio, acabou comigo, falou que eu era isso e aquilo, que eu não prestava, sabe? [...] Quando eu comprei meu primeiro Volks (Fusca), eu fiquei quebrada no meio do caminho (para dar aula em outra cidade). Meu cunhado que estava dirigindo para mim, eu não sabia (dirigir)... Viemos a pé, sem luz, sem nada. Chegamos na Polícia Rodoviária, meu cunhado chamou um táxi. O taxista ficou falando umas coisas que, até hoje, tenho ressentimento. Perguntou se a minha irmã não sentia ciúmes do meu cunhado dirigir para mim. O meu cunhado e os policiais foram buscar o Fusca que ficou parado numa poça d’água. Cheguei 4h30 da manhã em casa e esse taxista falando aquelas coisas.

A figura da mulher solteira, dedicada à carreira profissional e que não se eximia de ter amigos(as) e momentos de lazer era incomum, sendo então interpretada como uma pessoa de conduta suspeita e associada à prostituição, já que descolada dos padrões de gênero e moralidade da época. O menosprezo sofrido por Elenira a afetou enquanto um sentimento de vergonha. Portanto, evitava sair apenas com amigas solteiras, sentia necessidade de ter amigos homens acompanhando. Era comum lhe perguntarem por que ainda não estava casada, ou, quando informava seu nome inteiro num estabelecimento/instituição, a corrigiam, pedindo que ela dissesse o nome completo, não o de solteira, tamanha era a naturalização de que as mulheres tivessem mais de um sobrenome: neste caso, o da família do marido. A proximidade com o grupo de amigos(as), no entanto, era fundamental para que Elenira tivesse vontade de sair de casa, caso contrário, mantinha-se quieta, no seu canto, porque costumava ter o humor deprimido. O sentimento de vergonha a incomodava, mas não chegou a paralisar Elenira. Ela manteve o hábito de circular pela e entre as cidades, enfatizou ainda que, desde jovem, se vestia de forma diferente da maioria das mulheres: “Ah, desde moça, eu também já usava calça, comprava tecido e minha irmã costurava para mim. Gostava muito de calça boca de sino, sabe?”.

Elenira aposentou-se aos 70 anos de idade. Desde então, me contou que preenchia todos os dias da semana com as oficinas oferecidas pela Unati (no período anterior à pandemia), participa também do Programa Agita Assis⁵ e de uma turma de coral de cidade. Quanto à última

⁵ Programa elaborado em conjunto, entre as Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Unidades da Estratégia Saúde da Família (ESF), com o objetivo de estimular a prática de exercício físico regularmente.

esfera de reconhecimento, das relações de solidariedade, compreendo que estiveram sobrepostas à atuação profissional e às atividades do sindicato de professores. As relações de solidariedade entre as pessoas idosas que frequentam a Unati também parecem ter relevância para Elenira, já que não se configuram exatamente como amizade, no sentido de haver convivência para além do contexto das oficinas e do campus universitário.

Entretanto, há um sentimento de unidade enquanto grupo que se valida e apoia mutuamente diante das situações que compartilham entre si: o balanço que fazem de suas trajetórias de vida e as identificações que surgem sobre o processo de envelhecimento, aposentadoria e em a variedade e desafios que possam vir a se impor. No final do relato, Elenira volta a falar da figura paterna e se questiona: “Eu fico pensando, e se meu pai fosse vivo? Ele ia continuar fazendo coisa errada com a minha mãe, né? Como ele era muito danado, ia segurar muito a gente (filhas) em casa...”. Percebo que, das participantes que, até então, eu havia conversado – com exceção de Elenira –, a figura paterna foi muito presente no exercício de poder e controle sobre as filhas, principalmente até que se casassem. Diante do falecimento do pai, quando ela estava com 12 anos de idade, Elenira compreendeu que esse evento pode ter representado um marco importante de abertura para que ela seguisse por caminhos que, na época, não eram convencionais no contexto de uma cidade interiorana.

Lourdes⁶

Lourdes é uma mulher de 74 anos de idade, cis gênero, branca, viúva, heterossexual, pensionista, moradora de Assis/SP. Nasceu na zona rural de Poços de Calda/MG. Seus pais tiveram treze filhos: apenas um homem. Moravam em um sítio junto com outras famílias, cada uma alocada em seu respectivo casebre e com uma parcela de terra destinada para o cultivo de alimentos que eram para consumo próprio. Ao passo que algumas famílias sitiadas trabalhavam criando pequenas quantidades de animais, o pai de Lourdes tinha uma venda, onde comercializava itens como açúcar, arroz, feijão, sardinha e doces. Era comum a prática do trabalho coletivo, o mutirão, para plantação e colheita. A mãe de Lourdes cozinhava e saía para entregar refeições para as pessoas que trabalhavam no roçado. O pai era o único alfabetizado em casa, mas Lourdes explica que sua mãe tinha a habilidade de realizar tarefas intuitivamente, mesmo sem saber ler e escrever, executava receitas variadas.

⁶ Trechos do relato de Lourdes foram originalmente publicados no artigo “Um casebre junto à cadeia: sociabilidade entre figuras sociais antagônicas”, na revista *Iluminuras*, em dezembro de 2022.

Lourdes: Meu pai era daquela época que menina não estudava, porque dizia que mandava carta para namorado, fazia coisas que não podia. Então, eu me criei analfabeta. [...] A casa era barreada, feita de taquara, bambu e tacava barro em cima. Não tinha chão, era só pisado assim, sabe? Era desse jeito... Coberto com sapé, nós era de origem bem pobre mesmo, bem pobre. [...] No lugar que a gente morava, tinha um riozinho que passava no fundo, a gente ia lá nadar e dar bambuzada nos urubus. Nós era arteiro, menina! (rindo) Ixi... [...] A gente entrava em caverna, tinha morcego, um grudou no cabelo da minha irmã e não saía... Meu pai fazia de tudo para tirar o morcego da cabeça da minha irmã e não conseguia, aí pegou e raspou a cabeça dela para tirar o morcego.

De acordo com Lourdes, a família era da “roça” e não tinha o hábito de se deslocar até a cidade, por isso, ela se recorda do único automóvel que via quando criança: uma caminhonete que abastecia a venda de seu pai. Na ponta do capô havia um pássaro de metal que, contrariando a ordem paterna de que as crianças não podiam tocar no veículo, ela tentou arrancar a réplica do pássaro algumas vezes, todas sem sucesso. As roupas eram costuradas pela mãe a partir de sacos de mantimentos, assim como as toalhas e os lençóis. Os pratos eram latas de goiabada e apenas o pai e a mãe de Lourdes tinham calçado. Um item ocupava papel de destaque dentro do casebre: deixado no alto, junto ao varal de linguça e os rolos de fumo, era um aparelho de rádio que funcionava à bateria, já que não havia energia elétrica. “No rádio tinha missa, música... Mas quando dava 18h, meu pai ouvia o jornal e nós brincando na terra. Eu não entendia bulhufas daquilo”. Apenas o pai mexia no rádio e, entre as notícias do jornal, Lourdes se recorda de ouvir um pronunciamento de Juscelino Kubitschek.

Passado algum tempo, a família de Lourdes migrou para a região noroeste do Paraná, assim que chegaram, sem emprego, foram morar numa construção abandonada. O pai conseguiu trabalho no frigorífico da cidade, onde matava e tirava o coró dos animais. Por sua vez, a mãe de Lourdes trabalhava como lavadeira e empregada doméstica. Somando os rendimentos, a família conseguiu alugar uma casa de madeira de quatro cômodos. Como a mãe já tinha contato com alguns moradores locais, arranjou emprego para as filhas. Lourdes começou a trabalhar com 10 anos de idade como babá e empregada doméstica para um casal que tinha dois filhos pequenos:

L.: A primeira mulher para quem eu trabalhei [...] ela tinha uma menina e um molequinho. Ele era tão pesado que eu não aguentava pegar ele no colo. Então, ela colocava o menino no carrinho, no berço... Mas eu tinha que fazer tudo, menina. Tinha que lavar louça, estender fralda [...]. Ela (patroa) que dava a comida para mim, ela pegava a sobra do prato das crianças. Fazia doce, gelatina, sagu, dava pouquinho para mim. Uma vez, fui numa janta com ela, eu não tinha roupa. Sabe o que ela fez? Pegou uma fronha e fez um vestido para mim ir. Foi essa mulher que me deu a (primeira) alpargata. Fiquei com as crianças no carrinho, enquanto ela jantava. Um vestido de fronha, já pensou? Ele ficou comprido ainda. Quando eu pajeava o molequinho, dormia na casa da patroa, numa cama de campanha. Ela me mandava passar enceradeira no chão da casa, a enceradeira me puxava, eu não tinha força. Me

mandava passar o escovão então. Eu encerava a casa de joelho, ficava tremendo depois, porque o cheiro da cera era muito forte.

O tempo que Lourdes passava junto com sua própria família foi diminuindo na medida em que começou a trabalhar. Algumas vezes, retornava para casa apenas de noite, ocasião em que ficavam todos juntos. O salário de Lourdes era pago diretamente à sua mãe, sobre isso, Lourdes comenta que sentia dó da mãe porque ela se queixava das varizes na perna:

L.: Ela (mãe) trabalhava que nem uma condenada, quando chegava em casa, colocava as pernas para cima e ficava passando a mão, dizendo que doía muito. Eu morria de dó dela. Nós trabalhava até de dia de domingo.

Sendo assim, Lourdes não tinha acesso ao dinheiro fruto do seu trabalho, mas sentia que, de alguma forma, ao menos estava ajudando a mãe e, quem sabe, minimizando a carga excessiva de trabalho que ela precisava assumir para somar nos rendimentos da família como um todo. Lourdes relata que a patroa passava os dias lendo revistas e, quando ela saía de casa, Lourdes aproveitava para folhear esse tipo de material. Tinha gibis também e, mesmo que Lourdes não soubesse ler, gostava de ver as figuras:

L.: [...] Levei um susto quando vi a imagem de uma mulher grávida, com um neném na barriga. Não sabia que se nascia da barriga, nunca ninguém me falou, né? Eu vi aquela criancinha dentro da barriga da mulher, mas levei um susto que joguei a revista longe.

Passado algum tempo de nossa conversa, Lourdes chega à conclusão de que a primeira experiência de trabalho dela foi equivalente a trabalho escravo, já que não recebia salário, não tinha acesso a alimentação suficiente, nem sempre podia voltar para a casa de seus pais e era encarregada de funções que não tinham sido previamente combinadas com a sua mãe: “Aquilo era trabalho escravo. Eles usavam banheira e eu precisava ariar, tinha que entrar na banheira para ariar ela inteira. As únicas coisas que ela me deu foi a alpargata e o vestido de fronha”. Lourdes não afirma com certeza se o salário era, de fato, pago à sua mãe. O que ela observa é que suas irmãs também viviam nessa mesma condição, moravam e se alimentavam na casa dos patrões e ali desempenhavam as funções que lhes fossem indicadas.

Depois de alguns anos trabalhando nesta mesma casa, os patrões de Lourdes mudaram-se para Curitiba/PR, foi quando ela começou a trabalhar numa outra residência, nas mesmas condições anteriores, porém, Lourdes explica que, dessa vez, ela não sentia fome, já que a patroa permitia que ela se alimentasse à vontade:

L.: Eu ficava limpando a casa, lavando a roupa, passando roupa. Só comida que eu não fazia. A casa era de dois andares. Na parte de baixo, tinha um quartinho onde eu passava roupa, era onde eu dormia. Tudo quanto era roupa tinha que ser passado. O marido dela era advogado e usava terno, camisa de manga comprida... Era chique. Uma vez, eu tava lavando a banheira. Ele chegou e me agarrou por trás. Só Deus para perdoar eu. Quase morri de susto, taquei a bucha suja nele, daí ela (patroa) veio [...]. Foi a minha sorte, viu? Foi um berreiro. Ele era advogado de um banco. Todo mundo falava que ele era sem vergonha, mas eu não entendia o que queriam dizer com isso. Depois que eu aprendi o que era ser sem vergonha.

Lourdes continuou trabalhando com essa mesma família depois do episódio de violência sexual relatado. A permissão para sair da casa dos patrões era dada somente aos domingos, das 14h às 17h. Nesse meio tempo, ela visitava os pais. De acordo com Lourdes, sua mãe era quem recebia o salário referente ao serviço que prestava na casa. Em contrapartida, a patroa presenteava Lourdes com itens de beleza como perfume, batom, roupas e um retrato pessoal – o qual fica exposto na parede da sala onde Lourdes reside atualmente em Assis/SP. Nessa época, enquanto varria a frente da casa dos patrões, Lourdes, com 15 anos de idade, conheceu um rapaz mais velho, que frequentava a padaria da rua. Ele estava na cidade fazendo “curso de polícia”, logo ia embora, por isso, pediu Lourdes em casamento. Seu pai foi contrário à união, porque o rapaz era mais velho. Diante disso, os dois decidiram fugir juntos.

L.: Eu trabalhei na casa dos outros até me casar, eu me casei fugida. [...] Ele me perguntou umas coisas e eu respondi. Ele disse que precisava falar com meu pai. Perguntei: “você quer falar com meu pai por que?!” Polícia, né... Fiquei apreensiva. Bom, dei meu endereço para ele. Pois ele foi lá pedir eu em casamento, meu pai botou para correr. Eu trabalhava do lado da padaria que ele tomava café e ele ficava me paquerando. Ele me falou: “vou terminar de fazer meu curso e vou embora”. [...] Ele me dava sorvete, chocolate... Daí ele falou: “você não quer ir embora comigo?”. [...] Daí eu falei: “é bem agora que eu vou mesmo, eu vou”. Marcamos a hora, ele passaria para me buscar de jipe. [...] Chegou no batalhão, o comandante não deu ordem para o casamento. Fizeram um contrato de união estável, nós vivemos 58 anos juntos dessa forma, quando ele morreu, fiquei com o ordenado dele e sou mulher dele de verdade.

Como era novo na corporação o cargo atribuído ao marido foi o de carcereiro, designado para trabalhar numa cadeia de madeira, em uma vila que havia acabado de ser elevada à condição de município. Como não tinha infraestrutura urbana no local, os dois foram morar num casebre anexo à cadeia que tinha dois cômodos: cozinha e quarto, o banheiro era do lado de fora. Lourdes considera que o relacionamento conjugal e afetivo dos dois lhe fez bem, uma vez que o marido proporcionou a ela acesso à profissionalização e confiava à Lourdes tarefas diretamente relacionadas ao ofício de carcereiro. Outro aspecto importante é que o marido não a cerceava, permitia a ampla convivência de Lourdes com as vizinhas e que ela saísse para passear com as amigas:

L.: Me traziam eu na palma da mão, tudo me adoravam (vizinhas). Quando ia fazer as coisas em casa, o café da tarde, elas que faziam as coisas: bolinho, bolachinha... Eu não sabia fazer. Era uma delícia. Meu marido gostava que elas ficassem em casa comigo. Juntava aquela mulherada e nós ficava tudo conversando. Tinha um pé de maracujá, dava uns maracujá grande, nós ficava ali. Fresquinho, o pé de maracujá tampava bem o sol. Natal, Ano Novo, a gente fazia festa todo mundo junto. A gente fazia procissão, era uma distância igual daqui até Cândido Mota (10km), ia e voltava a pé. Cada uma ia com um pedaço de pau na mão, geralmente cabo de vassoura; na outra mão, a vela acesa. Era de dia e nós com a vela acesa (rindo). Puxa vida, o que eu já não vivi?! Até Deus dúvida (rindo). Fui num bingo com a Dona Genoveva, valendo um Volkswagen (Fusca), de repente, começa um tropé, uma gritaria... Era um bingo falso, pegaram o dinheiro da gente e deram no pé. Tinha muito esse tipo de coisa lá.

Foi com a filha de uma das vizinhas que Lourdes começou aprender a ler, a menina a ensinava usando gibis do *Tio Patinhas*. Os momentos de lazer eram, até então, inéditos para Lourdes, acostumada a seguir uma rotina carregada de trabalho doméstico na casa de patrões. A relação afetiva com o marido e as vizinhas impactaram diretamente a autoconfiança de Lourdes, inclusive, fazendo com que ela acessasse formas informais de estudar. A partir do desenvolvimento da habilidade de leitura, o marido começou a pagar para Lourdes um curso de corte e costura por correspondência, bem como, uma professora particular para auxiliá-la com o uso dos moldes e das medidas. A relação de cuidado com o marido se torna mais evidente quando Lourdes me conta de uma viagem que fizeram juntos para Curitiba/PR, onde o marido tinha o costume de ir a trabalho e para receber o ordenado no batalhão.

Quando entraram numa loja de roupas femininas, com o objetivo de comprar um casaco para Lourdes, já que fazia muito frio na cidade, houve um objeto disposto para venda que chamou a atenção dela: uma boneca. Ela comentou brevemente sobre o brinquedo com o marido, compraram o casaco e foram embora. Tempos depois, o marido a presenteou com aquela mesma boneca. A partir desse gesto, podemos entender como o casal estava implicado numa dinâmica de cuidado para além do aspecto conjugal, mas, também, no sentido de reparação de uma infância que Lourdes não teve acesso a brinquedos e logo precisou começar a trabalhar, tendo contato apenas com bebês de verdade. Assim como o retrato que ganhou da patroa, Lourdes ainda guarda a boneca:

Figura 14: *A boneca.*



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

Perguntei a Lourdes sobre como era a convivência com o marido, ela contou que o considerava como um pai, já que haviam se casado quando ela era muito nova: “Meu marido tinha um espírito de acalantar, acolher. Quando tinha algum problema, dor de cabeça, ele não saía de perto”. Finalizado o curso de corte e costura, Lourdes começou a fazer peças de roupa para um público em específico: “as mulheres da zona”, como ela se referiu. O contato com elas foi iniciado pelo período em morou no casebre anexo à cadeia de madeira. Quando mulheres eram presas, o marido as deixava separadas dos homens, sob a guarda de Lourdes, que as trazia para dentro do casebre. Sobre o perfil das mulheres eram presas, Lourdes comenta:

L.: [...] Sueli morava na zona. Brigou com um homem, deu uma garrafada na cabeça dele. O homem tava bêbado, caiu e morreu, por isso foi presa. Ela era tão boazinha, ficava junto comigo. De dia, ficava na cozinha comigo. Depois, foi uma mulher chamada Dona Ivolina, com essa eu não fiz amizade, não. Ela matou o marido, não tiravam ela para fora da cadeia. Ficou uma outra mulher lá que tinha matado as crianças, deu semente de mamona para as crianças comer. Deu desinteria, matou as crianças. Tinha umas cinco, seis mulheres... Só duas que tinham matado homem. As outras estavam presa por farra, por fazer as coisas errado.

Além das mulheres, Lourdes também tinha relações de amizade com alguns dos homens presos, de modo que ficou sabendo que seu único filho, ainda bebê, tinha dados os primeiros

passos quando um dos homens, que estava no banho de sol, começou a festejar quando viu o menino andando:

L.: Eu era bem chegada nos presos, sabe? Tinha o padre, eu que batizei o filho dele quando nasceu, eu era madrinha do menino... Tinha o Seu Valdomiro, era velho já, foi preso por causa de macumba. Quando meu filho era pequeno, estava com uns 2 anos, Seu Valdomiro colocava meu filho ombro e brincava com ele. Bem dizer, quem criou mais meu filho, foram os presos. Meu filho chamava pelo Seu Valdomiro, gostava muito também do Seu Benvindo e do Seu Adamantino. Meu filho e o Adamantino ficavam riscando, desenhando no chão, sabe? Criou assim: nas mãos dos presos. Uma vez, eu na área de casa, meu filho brincando com o Rogério, ele tava preso porque tinha matado a esposa. De repente, escuto um griteiro do Rogério, gritando... Sai correndo, quando chego, vejo o meu filho, de 9 meses, andando. O Rogério gritava, batia palma e o meu filho rindo. Nunca mais parou de andar. Já pensou?! Cada coisa (rindo).

Assim como quando Lourdes se refere às causas de encarceramento de algumas mulheres como “presas por farra”, sinalizando a necessidade de cumprimento de uma conduta moral rígida de papel de gênero, passível de encarceramento caso as mulheres não se adequassem a essa normativa, destaco, também, a vigilância e repressão sobre práticas religiosas que divergiam do catolicismo, bem como, a estigmatização das expressões culturais e de crença afro-brasileiras. A convivência próxima, dada pelas condições de infraestrutura da vila que ainda não havia passado pelo processo de urbanização, contribuiu para que houvesse um afrouxamento do papel que Lourdes representava como esposa do carcereiro, favorecendo a criação de vínculos, semelhante aos de vizinhança, já que ela convivia diariamente com os presos e, de forma mais próxima ainda, com as mulheres sob custódia. Após o julgamento, essas pessoas eram encaminhadas para a penitenciária de Curitiba/PR, depois disso, perdia-se o contato. Um dos crimes mais comuns na época era o de matador de aluguel, geralmente, eram contratados nos casos de suspeita de traição conjugal ou disputas entre famílias mais abastadas da região. Lourdes conta que eram presos o matador e quem havia contratado o serviço. Quando isso acontecia, por vezes, o preso procurava negociar favores, como visitas, por exemplo, e retribuíam com a doação de animais para o casal:

L.: Uma vez, meu marido ganhou uma vaca de um preso. A coisa mais difícil que tem, é a vaca ter três bezerros, pois esta estava grávida de três bezerros. Quando viemos para Assis, vendemos a vaca e os bezerros. Com o dinheiro, pagamos parte dessa casa. A vaca tá nessa casa (rindo). Era um fazendeiro que tinha sido preso. Tinha uma gentarada rica na cadeia, viu? Não tinha esse negócio de que, quem tem dinheiro, não vai preso: ia para a cadeia!

O contato com as mulheres da zona de meretrício que, eventualmente, eram presas resultou na formação de uma clientela fixa para Lourdes. Ao tomar conhecimento que Lourdes era costureira solicitavam a ela que fizesse roupas, de modo que elas pudessem se apresentar adornadas para os clientes. Ela me disse que não se envergonhava de costurar para elas, pelo contrário, entendia o motivo de terem ido para a zona e aprendia sobre o modo como elas conduziam suas vidas. Com o passar dos anos, Lourdes também fez um curso de cabeleireira, ampliando os serviços que oferecia para esse mesmo nicho de clientes. Ela e o marido tinham se mudado para uma casa de alvenaria, na frente, ele projetou um espaço para o salão de beleza, onde Lourdes atendia as mulheres da zona.

L.: Naquele tempo, se fizesse alguma coisa antes do casamento, o pai tocava elas para fora de casa. Não tinha perdão, tinha era que ir embora. Como é que vai fazer? Para onde que essas moças vai, né? Era para esses lugar mesmo, coitadas. [...] Elas não podia sair na rua, só podia sair de charrete. Vinha de charrete na casa da gente. Costurava para uma mulher que chamava Deusa, Deusamira, chamavam ela de Deusa. Ela era dona da casa da mulherada. Ela trazia aquelas mulher para eu fazer roupa, tinha dia que fazia fila para mim tirar medida delas. Precisa de ver... Elas nunca ficaram devendo um tostão. Vinham de charrete, às vezes, tinha quatro, cinco charretes na frente da minha casa.

Apesar de receber em dinheiro pelo trabalho prestado, Lourdes conta que era comum ganhar presentes das mulheres que moravam na zona, como forma de retribuição adicional pelo serviço prestado. Ela ainda guarda uma tigela de vidro que ganhou com uma galinhada de uma mulher cujo apelido era “Nega Doce”. De Kate, Lourdes ganhou um jogo de toalhas. Kate era uma figura enigmática para Lourdes: foi a primeira pessoa transsexual que ela teve contato: “[...] Perguntei para ele: ‘Kate, o que você é lá na casa das mulher?’; ele respondeu: ‘eu sou mulher também’. Acostumei. Ele me deu uma mala com um jogo de toalha lindo”. Além de Kate, Lourdes também conheceu Rose:

L.: Quando eu abri o salão, não perguntava mais nada, já estava mais esperta. Tinha um menino da zona que ia no salão, ele chamava Rose. Ele pedia para eu fazer reparo numas roupas. O Rose avisava: “eu vou ficar aqui atrás dessa estante, vou me trocar aqui, não quero que ninguém olhe”. O salão com quatro, cinco pessoas. Tinha dois espelhos grandes, a gente espiava ele pelo espelho... Olha que barbaridade! (rindo). Cada coisa que a gente fazia... Meu marido mandou construir o salão acoplado à nossa casa, trabalhava lá de casa.

Figura 15: *A tigela, presente de Nega Doce.*



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

O apelido “Nega Doce”, atribuído na zona de meretrício, destaca a racialidade junto à complementação de um adjetivo, qualificando-a como objeto e hipersexualizando-a enquanto mulher negra. No caso das mulheres transsexuais que Lourdes relatou ter tido contato, nota-se que ela se refere a elas pelo pronome masculino, agindo com curiosidade sobre a função na zona de meretrício e suas características físicas. Lourdes me contou que, até aquele momento, não sabia que existiam pessoas transsexuais: “Eu não sabia, não... Não sabia que existia isso. Eu ia muito para Curitiba com meu marido, mas nunca tinha visto”. O fato de tanto “Nega Doce”, como Kate e Rose estarem na zona de meretrício demonstra como foram pessoas submetidas a uma forma de clausura – dentro da zona – ao mesmo tempo que eram tidas como objeto de desejo e curiosidade pela marca do exótico diante da norma de branquitude e cisgeneridade.

Lourdes relatou também sua relação com o voto e as eleições. O marido a levava de lambreta até o local onde ficavam as urnas. A maioria das pessoas da vila, que vinha passando pelo processo de modernização, não tinham acesso à educação formal, então era comum haver fraudes e voto de cabresto. Lourdes me disse que os candidatos a prefeito visitavam os

moradores à domicílio, explicando em qual quadrado da cédula de papel eles deveriam colocar o xis no dia da votação. No início, se votava apenas para prefeito, depois surgiram vereadores. Como a história é contemporânea ao período da ditadura militar de 1964, Lourdes me explica: “Naquele tempo, não votava em deputado, nem em presidente. Era o tempo da ditadura, a gente não votava, eles era eleito lá por cima”. As eleições municipais eram marcadas pela sugestão de troca de favores, ou seja, o candidato, indo até a casa da pessoa, conhecia sua situação de vida e, a partir disso, prometia ajuda-la em determinados aspectos caso a pessoa aceitasse votar nele.

L.: De primeira, o voto era de marcar com xis. Aquele tempo, que eu votei, era muita trapaça na eleição. Tinha vezes que os homem dava quatro, cinco cédulas para a gente, e a gente marcava em todas o candidato que a gente escolhia. Como eu não sabia ler direito, eu estudava a cédula do candidato, para saber onde colocar o xis. [...] Quando meu filho tava com 15 dias de vida, eu fui votar, deixei ele com o pai, quando voltei, ele chorava, chorava... Porque eu demorei, tinha muita fila. [...] Eu ia pela cabeça dos outros. Votei num advogado, era voto de cabresto, sabe? Ele ia na casa da gente, explicava que era para colocar o xis no primeiro quadradinho da cédula para votar nele. Era para prefeito. [...] Eles davam dentadura, cadeira de rodas, cesta básica... Dava sapato. Teve candidato que deu um pé de botina, falou: “se eu ganhar, dou o outro pé”. Não tinha problema, não. Não ia preso por isso. Tinha candidato que levava pessoa doente para fazer cirurgia, mas a maioria, o que dava, era dente, fazia dentadura e o candidato que pagava.

A fala de Lourdes sobre a prática do voto de cabresto me fez pensar sobre como poderia interpretar sua relação com a esfera do direito. Até mesmo pela familiaridade que ela tinha com os homens encarcerados e as mulheres que ficavam sob sua responsabilidade. Honneth argumenta que a esfera do direito implica no conhecimento que o sujeito tem sobre as normas morais que conduzem o funcionamento da sociedade a qual pertence, da mesma forma, trata-se de processos de tomada de decisão a partir do esquema de normatividade em vigor. Concluo que, por não ser uma pessoa escolarizada, Lourdes não teve acesso ao código dos direitos, suas relações destacam, por outro lado, a esfera da solidariedade, que está implicada numa condição porosa e plástica dos significados de valia atribuídos reciprocamente pelo reconhecimento dos outros e de si mesmo. A prestação de serviços para as mulheres da zona exemplifica como Lourdes trocava com elas sobre suas condições de vida e, da mesma forma, como essas clientes fidelizaram e até contribuíram para expandir o serviço de costureira para, também, o de cabelereira, pagando não apenas de forma impessoal, com o dinheiro, mas com presentes variados que sinalizam a estima envolvida na relação.

Após a aposentaria do marido, eles mudaram-se para Assis/SP em meados de 1990, já que a família dele era de Cândido Mota/SP, cidade vizinha. A mudança para uma cidade mais

urbanizada, mesmo que também localizada no interior, significou para Lourdes a perda de contato com suas vizinhas e conhecidos mais próximos. Para ela, Assis/SP é uma cidade mais formalizada e impessoal, morando há mais de trinta anos no mesmo endereço, Lourdes reclama que nunca teve uma relação parecida com as que teve com suas vizinhas no Paraná. A saída para recompor sua rede de solidariedade foi quando ouviu no rádio a notícia sobre as oficinas da Unati, no começo dos anos 2000. O marido nunca se opôs, e, desde então, Lourdes frequentou diferentes atividades na FCL Unesp. Uma delas, foi a oficina de letramento, onde ela considera que aprendeu não só a ler, mas a escrever o básico. Isso foi importante para melhorar sua comunicação, principalmente agora com o uso do celular.

Sendo assim, as relações na esfera do amor parecem ter sido exercidas principalmente através do vínculo conjugal e afetivo com o marido e da relação de amizades com as vizinhas e mulheres da zona de meretrício quando morava no noroeste do Paraná. Em relação a esfera do direito, concluo que Lourdes realizou um salto intuitivo e as compreendia a partir da esfera de solidariedade, enquanto relações de consideração pela valia que cada um oferecia para o todo e a comunidade a que pertenciam, desde a cadeia de madeira, até as mulheres da zona de meretrício que eram suas clientes e fomentaram a autoestima de Lourdes, de modo que ela investiu, também, na profissionalização como cabelereira. A esfera da solidariedade, no caso de Lourdes, é bastante representativa da sua vivência na zona rural em Poços de Caldas/MG, onde cada vizinho ajudava um ao outro e se organizavam para trabalhar em mutirão. Além disso, suas relações familiares também se constituíram nesse sentido, de modo que, desde os 10 anos de idade Lourdes começou a trabalhar, caminho que também foi seguido pelas suas irmãs desde cedo, com o objetivo de somar rendimentos para a família como um todo. Apesar de não ter retorno financeiro, Lourdes compreendia que ao realizar o seu serviço, contribuiria para diminuir a carga de trabalho da mãe, como se fosse uma totalidade de trabalho única que era dividida entre os integrantes da família, assim como acontecia no mutirão.

Após frequentar as oficinas de letramento e as demais atividades oferecidas pela Unati, Lourdes relatou que sentiu-se mais próxima de algumas colegas das oficinas, com as quais, inclusive, ia a pé até a FCL Unesp para as atividades da Unati. Com a pandemia e o distanciamento social, passou a dedicar mais tempo aos cuidados dos netos, exercendo uma participação importante na criação deles. A relação de Lourdes com a política também mudou, diante da proximidade das eleições de 2022, ela gostava de conversar sobre política e exemplificava quais interesses estavam por trás de cada candidato à presidência. Porém, como o voto para pessoas acima de setenta anos é facultativo no Brasil, Lourdes disse que tinha optado por não participar das eleições. Essa é a escolha que ela fez diante da insistência do filho para

que Lourdes votasse no candidato X e as colegas da Unati, para que ela votasse no candidato Y. Resolveu a situação dizendo que ia mentir: vou falar que fiz o que eles sugeriram, mas não sairei de casa.

5 MODERNIDADE FEUDO-CAPITALISTA E LUTA POR RECONHECIMENTO

Por se tratar de uma área afastada da capital do estado, e, ainda que exerça papel de referência na oferta de serviços (saúde, educação e comércio) para municípios vizinhos, os relatos obtidos na pesquisa de campo indicam que a modernização da região de Assis/SP se fez sentir muito mais enquanto um processo de desenvolvimento da infraestrutura urbana do que propriamente uma mudança de valores implicados na vida cotidiana. Quando se trata do aspecto das relações intersubjetivas, em consonância com a autorrelação das participantes, obteve-se como resultado que a socialização de gênero, dada no âmbito familiar, manteve-se arraigada a preceitos de subalternização da figura da mulher e divisão sexual do trabalho. Entretanto, o ponto que destaco é a forma como as participantes respondiam aos impedimentos colocados.

Como uma tentativa de nomear essas ações de contrapartida, utilizo a referência à ética da tenacidade proposta por Certeau (1998). O autor desenvolve o tema das táticas de resistência do oprimido frente à realidade que o coage. Apesar de não resolverem a relação poder, as ações de astúcia configuram-se enquanto aberturas que, a longo prazo, podem vir a constituir pautas políticas específicas, como um movimento social, por exemplo. Mesmo refutando alguns pressupostos de reprodução social sobre papéis de gênero, as participantes foram unânimes ao indicar que apenas tiveram contato com o que veio a se constituir como movimentos feministas quando já eram idosas, por meio de campanhas e programas veiculados na televisão. Sendo assim, as histórias de vida aqui apresentadas situam-se num ponto que antecede a divulgação e formação de consciência política sobre questões de igualdade de gênero, não pelo critério cronológico de tempo, mas pela regionalidade e a cultura que lhe é característica.

Honneth (2009) considera que, quando submetida à situação de humilhação, violência ou degradação, a resposta moral despertada na pessoa oprimida será, necessariamente, a de indignação. O caminho intrasubjetivo que virá a compor o sentido dado a tal ocorrido é o de autodepreciação por um lado, ou uma tática de enfrentamento, direcionada não mais contra si, mas contra o agente da violência ou ao que ele representa. Outra possibilidade, é a identificação e empatia pelo opressor, condição em que se dá continuidade ao ciclo da violência (Graham, 2021). Atenta a essas questões, Butler (2019) enfatiza que o funcionamento psíquico, mobilizado por relações interpessoais onde haja o tensionamento do poder na forma de violência, apoia-se não apenas na indignação, como, também, numa posição depressiva da pessoa frente às suas circunstâncias de vida. Para a autora, revela-se aí o desdobramento insurgente localizado entre o embotamento e a elaboração, corroborando Honneth quanto à afirmação de que, necessariamente, há uma resposta ao menosprezo sofrido, porém, que esta é

condicionada pelo fator da temporalidade do processamento que pode ser apoiado, ou não, pelas relações interpessoais estabelecidas.

Ao contextualizar essas táticas de enfrentamentos realizadas por mulheres, do ponto de vista histórico, referente à modernização da região centro-oeste do interior paulista, me chamou atenção como esse fenômeno veio a consumir uma forma de vida urbana cuja tônica é o trabalho assalariado e a manutenção do cotidiano doméstico. Ou seja, a modernização contribuiu para destacar os papéis de gênero e a divisão sexual do trabalho, de modo que existem espaços e tipos de trabalho inatos para mulheres, por exemplo. No entanto, há uma lacuna entre como a força de trabalho feminina foi absorvida, potencializando a modernização, e o retorno que as mulheres têm na forma de uma sobrecarga ocupacional e psicológica desse processo. Alguns trechos dos relatos de Célia e Elenira sinalizam essa questão e o modo como os papéis de gênero e a divisão sexual do trabalho as impactou:

Célia: [...] Eu tinha um avô... Eu tinha uns nove, dez anos... Ele tinha uma ferida na orelha, eu acho que era câncer. Ninguém queria mexer. Eu que fazia curativo nele... Eu queria ser enfermeira, por isso que eu gosto de cuidar de todo mundo. Não gosto de ver ninguém sofrendo, é a natureza minha. Minha mãe sofria calada, ele (pai) também vivia no bar. Chegava em casa, servia comida para ele, ele jogava tudo pra cima... Cada um tem uma coisa na vida, né? Eu tive muita coisa. Agora que chega a hora de ficar bem, a gente fica doente. Os esforços que a gente fez muito antes aparece. Tenho problema na coluna porque carregava minha sogra sozinha... [...] Uma vez, saindo pra missa, torci o pé. Fiquei de muleta. Ia para a casa da minha sogra de muleta fazer comida para ela e para o meu cunhado. Fazia comida para eles, depois ainda tinha que fazer tudo aqui em casa. Uma época, minha neta ficou aqui em casa também, eu levava ela pra escola, cuidava dela aqui e deles lá. Trabalhei... Mas eu fiz tudo com amor, sabe? Trabalhei em buffet durante nove anos, foi depois que eu comecei a trabalhar que eu fui me soltando um pouco mais. Ele (marido) ficava bravo, me xingava. Eu ajudei muito ele (marido) para os filhos não passar fome, trabalhei, lavei roupa pra fora... Porque ele gastava com bebida. Pagava bebida e não pagava o armazém. Foi barra. E eu sempre ajudei... Todo mundo. Minha sogra, cuidei dela até ela morrer. Meu sogro morreu na minha mão. Cuidei da minha sogra mais de 30 anos. Meu cunhado tinha esquizofrenia, cuidei junto.

Elenira: Eu gostava muito do meu pai, mesmo que ele bebesse. Eu que acudia ele quando isso acontecia. Meu pai era muito amoroso, amava eu. A minha irmã mais velha fala que ele só gostava de mim: não era isso, não... É que eu sou mais chameguenta. [...] Queria ser enfermeira de alto padrão, se chamava assim. Eu queria fazer Enfermagem, mas só tinha fora (de Assis), tinha que fazer cursinho, aqui também não tinha. Até Medicina eu cheguei a pensar em estudar... Depois, a vida muda, né? Não pude fazer nada disso. Fiz o Magistério e fiquei dando aula mesmo. Não me arrependo, não: está bom do jeito que foi. Eu sempre fui, assim, boa aluna, xereta, nunca gostei muito de brincar de boneca... Também, nem tinha. Quando eu ia brincar no sítio com as minhas primas, não gostava, logo queria parar. Gostava mesmo de brincar de pique com meus irmãos, pular de barranco, subir nas árvores, essas coisas que eu gostava. Acho que porque eu tinha mais irmãos, a minha irmã já era mais velha, então, eu brincava mais com eles. Eu era muito curiosa... Sou até hoje. [...] Eu apanhei do meu pai com cipó, porque eu subi num eucalipto junto com os moleques e, naquela época, usava vestido.

Em vista disso, me questionei sobre como aplicar a luta por reconhecimento, formulada teoricamente nos parâmetros de uma sociedade moderna e democrática idealizada, ao recorte específico das histórias de vida que compõem a pesquisa de campo deste trabalho. É possível aplicá-la ao material obtido, mapeando a passagem, paragem ou interrupção entre as esferas do cuidado, dos direitos e da solidariedade, propostas por Honneth. Também é viável apreender movimentos táticos de tenacidade e as relações intersubjetivas que deram sustentação para tanto. Pensar o cotidiano enquanto um quadro aberto de invenções, reproduções e astúcias, como propõe Certeau (1998), é uma complementação empírica de extrema importância para teoria honnethiana. Porém, há, ainda, um problema: que tipo de entendimento sobre modernidade e modernização estamos utilizando? Os relatos da pesquisa de campo dão conta de uma experiência de modernidade, mas não a mesma a que se refere Honneth, enquanto um conjunto abstrato de valores democráticos que orientam seu desdobramento. Há uma mudança nos modos de vida, principalmente quando tomamos como referência uma cidade localizada no centro-oeste do interior paulista. Entretanto, a infraestrutura urbana não resultou em mudanças referentes ao papel de gênero das mulheres e divisão sexual do trabalho, a não ser que chegou a reforça-los.

Martins (2020) explica que a experiência de modernização no Brasil – estabelecida ao longo do século XX – se deu num contexto em que a organização do trabalho livre é recente e não está resolvida socialmente, além disso, houve significativas oscilações entre governos democraticamente eleitos e golpes autoritários de tomada de poder. Estudando este processo na América Latina, Echeverría (1996) argumenta que há uma reedição do modelo feudalista europeu nos países latino-americanos ao longo da colonização, especialmente, a partir da difusão do catolicismo como estratégia disciplinar, além disso, há um modelo de organização social inerte que privilegia latifundiários, os “senhores”, tal como se faz referência à divindade católica a partir do pronome de tratamento: “Deus nosso senhor”, por exemplo. A transição para o modelo socioeconômico capitalista não envolveu a superação do aspecto feudalista, mas, junto, e a partir dele, estruturam-se as commodities como principais atividades econômicas da América do Sul. Sendo assim, a formação das cidades obedecerá a essa lógica, mesclando aspectos da tríade catolicismo, feudalismo e capitalismo:

Os primeiros núcleos de povoamento do Brasil foram criados pelos senhores rurais. Essa paternidade pioneira converteu-se em apropriação. A família colonial imprimiu as marcas de sua ascendência nas vilas e cidades que construiu. Com exceção da praça em que se situavam, de modo geral, a Câmara, a cadeia e a Igreja, a cidade era tomada pelas propriedades privadas. [...] O próprio crescimento e vitalidade das cidades obedeciam aos ciclos de produção rural. A expansão imobiliária alternava-se

conforme as oscilações nos preços dos produtos agrícolas. Por ocasião da queda no preço destes produtos os senhores aproveitavam a disponibilidade da mão-de-obra escrava e impulsionavam a construção das casas. A ocupação do solo era uma variável da economia (Costa, 2004, p. 38-39).

Schwarcz e Starling (2021) argumentam como a construção da capital federal, na década de 1960, foi idealizada seguindo tal pressuposto. Isto porque tinha-se como objetivo integrar e dar visibilidade ao interior do Brasil como ponto estratégico para relações político-econômicas nacionais e internacionais, utilizando a racionalidade arquitetônica para simbolizar a união entre o tradicional e o moderno: “O traçado do Plano Piloto lembra duas imagens superpostas: a cruz que funda um novo Brasil e o avião que aterrissa no Planalto Central, orienta o destino do país no rumo da modernidade [...]” (p. 427). Cabe, aqui, um recorte do material obtido na pesquisa de campo: o modo como a Igreja católica esteve presente como uma instituição que veio a capitanear, e pela qual passava toda efetivação do processo de modernização da região de Assis/SP. Desde a doação de terras feitas por latifundiários à Igreja, para efetivação do loteamento de bairros e construção da infraestrutura urbana, bem como, a própria centralidade que o edifício da Catedral ocupa na cidade, ao redor do qual ficava a antiga cadeia pública e o centro comercial.

Figura 16. *Ampliação da Catedral de Assis, década de 1920.*



(Tendo boa parte de suas terras sido doada à Igreja Católica, na década de 1920, se inicia a obra de ampliação da Catedral da cidade, realizada através de mutirão, ou seja, a partir do trabalho voluntário dos moradores, dentre eles, se observa uma quantidade expressiva de homens e meninos).

Fonte: Barros, 2005.

A oferta de educação e saúde também foi de reponsabilidade inicial da Igreja, além da importância do padre no processo de construção de um sentido de comunidade na recém-

formada Vila Operária da cidade. Nanci e Elenira moraram na mesma região da cidade de Assis/SP durante a fase da infância e juventude. Casas de madeira construídas na beira da linha férrea, edificadas com o propósito de concentrar os trabalhadores da Estrada de Ferro Sorocabana (ESF). A proximidade entre os trabalhadores, favorecida pelo compartilhamento dos espaços em comum (de trabalho e residência), contou com uma figura de liderança, responsável por garantir a construção de um sentido de unidade para a vila. De acordo com os relatos, o padre articulou diferentes projetos de implicação coletiva para os moradores locais.

Nanci: Ah, tinha o teatro da Vila Operária também... O cinema! Na Vila Operária, havia um padre italiano, o padre Aluísio. [...] Então, mas esse padre Aluísio era um italiano grandão, estabonado. Ele tinha uma visão que você não acredita, eu acho que ele tinha uma visão muito grande. Tinham os padres que vinham da Itália para cá, e têm os padres diocesanos, que são formados por aqui mesmo. Esse padre Aluísio, ele foi, por muito tempo, o coração da vila. Primeiro: tinha o cinema da Igreja, no domingo, tinha a matine. Igual série, cada domingo, passava uma parte. Para ir à matine, primeiro, a gente tinha que ir à missa, onde eles carimbavam a mão da gente. Daí deixavam a gente entrar no cinema: não pagava nada. O teatro amador funcionava ali também. Tinha a biblioteca “Circulina”, ele (padre Aluísio) foi um dos orientadores do Vocem (Vila Operária Clube Esporte Mariano). O Vocem surgiu dos “marianinhos” que eram da Igreja também. Uma vila que tinha teatro, cinema, biblioteca, o Vocem e a escola de samba. A gente achava que ele (padre Aluísio) era meio conservador, mas ele tinha uma visão muito ampla das coisas. [...] Na festa do 1º De Maio, ele (padre) celebrava a missa no depósito da Sorocabana (ferrovia). Era aquele auê. Também tinha os jogos, no final de ano, que os ferroviários faziam entre si. Meu pai jogava... Tinha o time de futebol da ferroviária e o “São Paulinho”, a rivalidade era entre esses dois.

Elenira: Ele (padre) nunca aprendeu a falar português direito! Quando ficou velho, mandaram ele para Roma, mas ele quis voltar para a Vila Operária. Ele que formou o Vocem. Meu irmão jogou nesse time. Esse padre, vamos dizer assim, ele era a alma da Vila Operária, sabe? [...] A Igreja Católica ficou muito retrógrada, né? As pessoas foram se afastando, acabaram fundando até outras. Começou a aparecer essas pentecostais. Assis começou em torno da Igreja, aliás, toda comunidade nasce em torno de uma igreja. Eu costumava frequentar as procissões, mas eu ia para passear, nunca fui muito católica. Como não tinha nada para fazer, ia na procissão. Ela era imensa, começava na Catedral, dava a volta na Praça Arlindo Luz (em frente à estação de trem), quando passava em frente à Catedral novamente, ainda tinha gente saindo. Hoje não tem mais nada disso, era uma coisa que mobilizava a cidade inteira.

Outro exemplo, é o relato de Nanci, sobre um dia que estava trabalhando como professora, em sala de aula de um colégio de Assis/SP, quando, de repente, um aluno teve uma crise convulsiva. A equipe da escola não hesitou em pedir ajuda: chamou o padre da paróquia mais próxima para, segundo ela diz, “exorcizar” o aluno. A participante concluiu a passagem expressando incredulidade sobre como a equipe de funcionários da escola compreendeu uma demanda de atenção de saúde como uma questão espiritual. Além disso, Célia também trouxe um exemplo contundente. Moradora de outra área da cidade, a Vila Orestes, relatou que ao se queixar com missionários da paróquia sobre a violência sexual que sofria do marido, ouviu a

seguinte orientação: “[...] Fui fazer confissão, e tinha os missionários, falaram: ‘mulher tem que ficar deitadinha esperando’. E eu fiquei mesmo, não pode falar não, né? Qualquer coisa já fala: ‘por que não quer? Tá guardando pra outro?’”. Mas tanta coisa eu ouvi...”. Um ponto em comum que reúne as quatro participantes da pesquisa é a paróquia da Vila Santa Cecília, bairro vizinho à Vila Operária. Elas passaram a frequentar essa paróquia já na idade adulta, como ponto de encontro religioso e, também, como local de organização de greve de professores da rede estadual paulista durante o período da ditadura militar. Três participantes da pesquisa relataram que, apesar de, em algum momento de suas vidas, terem estado próximas e ativas nas atividades dessa paróquia, conforme ficaram mais velhas, se afastaram da instituição. O elemento em comum determinante para isso foi a sensação de falta de pertencimento: seja pela ausência de suporte emocional em situações de dificuldade, como também, por uma questão de *status* que foi se intensificando, tornando a igreja um lugar de encontro de elite.

Elenira: Quando estávamos em greve (professores), fazíamos as assembleias na paróquia da Vila Santa. Cecília. Diziam que tinha gente de olho (na paróquia). Eu, particularmente, se fui perseguida, não sei.

Célia: A gente fazia os encontros, a novena de Natal, campanha de fraternidade, fazia as reuniões semanais, eu saía mais para fazer as coisas da igreja. Eu, né? Ele (marido) nunca foi. Era mais as mulheres que participavam, tinha alguns homens que participavam também. Ninguém conhecia meu marido, achavam que eu era viúva. Eu dizia: “sou sim, viúva de marido vivo”. Parecia que eu vivia sozinha no mundo... Ninguém vive sozinho, a gente precisa do outro. [...] Depois que sofri o acidente (de bicicleta), passei por lá (na paróquia) e me falaram: “Quem é vivo sempre aparece”. Aquilo foi um soco no estômago. Porque eu continuei na mesma casa, ninguém nem foi me ver. Não fui mais, ia com minha menina (filha) em outra igreja da cidade, perto de onde ela (filha) mora. Essa turminha que trabalha na igreja... Gente. Quando você pode fazer as coisas, estão tudo atrás de você. A hora que você não pode mais, nem lembram que você existe. Quando você precisa os outros te deixam de lado. Uma vez, fui com minha prima que estava com psoríase, ninguém queria se sentar perto dela. Preconceito. [...] Tem gente que acha que igreja é desfile de moda. Quando chega, desfila a igreja inteira para procurar um lugar para se sentar... Isso distrai. Depois que começou a missa, todo mundo está prestando atenção lá na frente. Tem muita gente que só vai para reparar se o outro repete a mesma roupa todo domingo... Quando a gente falava que tinha roupa de missa, era só aquela para ir à missa. Não usava em outro lugar.

Lourdes: Não vou na missa, não. A missa tá muito diferente. As pessoas vai para fazer desfile de moda. Naquele outro tempo, as pessoa ia humilde. Agora o pessoal vai de salto, bolsa... Ficam olhando torto para os outros. Então eu não vou mais. Faço tudo aqui em casa, rezo em casa.

Nanci: Quando meu filho faleceu, ele se perdeu na estrada de noite, indo para o hotel. Entrou na contramão. Uma pessoa aqui da paróquia, era ela que recebia o dízimo. Quer dizer, mesmo que não seja muito amiga, mas tem um certo contato. Ela simplesmente... Ela não apareceu. Não foi ao velório, não mandou mensagem nem no *WhatsApp*. Aí, teve a missa de sétimo dia aqui na paróquia, também não apareceu. São coisinhas pequenas, mas sabe, quando você tá machucada... Daí, aconteceu o seguinte. Ela sempre vinha deixar o envelope, para receber o dízimo. Quando veio

deixar o envelope, poderia ter falado: “Ô, Nanci, como você está?”. Ela não veio buscar o envelope, porque foi viajar. Coloquei na caixa de cartas da casa dela. Choveu e molhou. Você acredita que ela tirou foto do envelope molhado e mandou para mim... Começou uma discussão pelo WhatsApp. É tonteira, mas quando você já está machucada, coisas pequenas machucam. Liguei lá na igreja, falei que não queria mais ela passando aqui. Agora, vem uma outra. Ela bate palma, pergunta se estou bem, conversa um pouquinho. Porque, quando você está sozinha, uma pessoa perguntar se você está bem, ajuda bastante.

Nanci ainda relembra o trabalho voluntário que fazia como revisora de gramática do jornal da paróquia.

Nanci: O jornal se chamava “Partilhando”. Montávamos com notícias da paróquia, na segunda página, havia sempre a história do “Santo do Mês”. Algumas pessoas escreviam para que seus textos fossem publicados também. Uma amiga me falou: “Adoro esse jornal, gosto de ler a vida dos Santos. Notei que só virava santo quem era da nobreza”. Você vê, já dava até para ter um olhar crítico das coisas. Mas, não era uma coisa muito bem entendida, algumas pessoas da igreja reclamavam que a paróquia gastava dinheiro com uma coisa que as pessoas liam e jogavam fora. Fizeram uma pressão até que cortaram o jornal. Tinha um senhor, ele mandava texto todos os meses. No começo, ele tinha muita dificuldade para escrever, com o tempo, notei que a escrita dele foi se desenvolvendo. Quando tive a oportunidade, falei: “Só o progresso desse senhor já valeu todo o dinheiro que vocês gastaram com o jornal”.

Esses são apenas alguns aspectos que apareceram na pesquisa de campo que corroboram a ideia de uma modernidade feudo-capitalista, no sentido de que a Igreja católica esteve presente enquanto um poder de coesão e produção de significados para a realidade citadina em desenvolvimento.

Sobre a questão do trabalho livre, manteve-se a exploração de segmentos populacionais empobrecidos, reforçando a desigualdade social, sobre a qual destacamos a figura do boia-fria, por exemplo. Santos (2013), a partir de estudos demográficos, identificou que, ao longo do processo de modernização paulista, a população que trabalhava no campo migrou para as cidades que se urbanizavam, porém, mantinham-se se deslocando para a zona rural na condição de boia-fria, sem vínculo empregatício. O relato de Célia se aproxima dessa informação, já que seus sogros trabalharam como boia-fria. Quando a sogra estava idosa, Célia era responsável pelos cuidados dela. A sogra havia sofrido um AVC e era acamada. Porém, nas poucas conversas que tinham, ela pedia para Célia sempre a mesma coisa: que lavasse seus pés, pois estavam sujos de barro. Célia concluiu: “Não estavam, ela não saía da cama”. Aqui é possível notar com que intensidade o trabalho no campo ficou registrada na memória da sogra de Célia.

Echeverría (1996) afirma que o processo de modernização da América Latina remete ao traço de autoafirmação excludente do capitalismo, ao longo do qual foram se edificando diferentes aspectos locais de experiências de modernidade, porém, o que há de totalizante nesse

processo é a forma como a vida objetiva – o cotidiano – é estruturado, necessariamente, pelas práticas de reprodução do capitalismo. Para o autor, a modernização é um “[...] esquema operativo capaz de se adaptar a qualquer substância cultural” (Echeverría, 1996, p. 69, tradução nossa). Esta condição é endossada pelos relatos de pesquisa de campo, ao apreendermos que o trabalho assalariado constituiu o aspecto central das histórias de vida. A combinação entre catolicismo, feudalismo e capitalismo, enquanto tríade que colocou em marcha o processo de modernização, é uma observação extremamente relevante. Disso, pode-se desenvolver melhor a ideia sobre como, apesar de atuarem diretamente como força produtiva no mercado formal, informal, além da lida doméstica, as participantes da pesquisa falam de uma continuidade na atribuição dos papéis de gênero e divisão sexual do trabalho ao longo do processo de modernização.

Normatividades de raça, gênero e sexualidade

É interessante pensar no modo como o catolicismo vem ocupar um lugar de produção de significados, reforçando paradigmas da instituição familiar e do casamento. Echeverría (1996) entende que a modernização, combinada com a atuação da Igreja católica, produziu uma experiência de modernidade que diz respeito à: “[...] revitalização da fé como alternativa à modernidade individualista” (Echeverría, p. 81, tradução nossa). Na pesquisa de campo, apesar da presença estruturante da Igreja católica no processo de modernização da região de Assis/SP, as participantes relataram uma progressiva perda de sentido nas atividades religiosas que estavam envolvidas, de modo que elas deixaram de participar das atividades religiosas da Igreja católica com o passar do tempo. Para Echeverría, o espírito capitalista demanda exatamente um certo tipo de comportamento humano: “[...] Ambicioso, racionalizador [...] uma técnica individual de autorrepressão produtivista e autosatisfação sublimada [...]” (Echeverría, 1996, p. 71, tradução nossa). Esse desenho de indivíduo é equivalente ao que Quesada (2013) indica como uma das formas de alienação do cotidiano na modernização, trata-se da branquitude não apenas enquanto um fenótipo, mas, principalmente, como uma conduta humana ideal e universalizada: “A branquitude legitima comportamentos que aderem aos valores da civilização governada pelo capital” (Quesada, 2013, p. 83, tradução nossa).

Schucman (2020) afirma que a branquitude diz respeito a um lugar de poder, sustentado por vantagens acumuladas ao longo de um processo histórico fundado a partir da dominação e exploração sociais legitimadas pelo do critério de raça. Por isso, coleciona vantagens materiais e simbólicas. Apesar da invisibilidade racial que lhe é característica, uma vez que postulada

como universal, mesmo quando não há uma condição socioeconômica imponente, a identidade branca resguarda privilégios simbólicos: “[...] tais como inteligência, beleza, educação, progresso” (Schucman, 2020, p. 68). Portanto, para Carone (2014) quando pensamos na categoria de indivíduo, fruto do processo de modernização, estamos falando do indivíduo branco, que desfruta do poder de destacar-se de seu contexto social e afirmar-se como unidade representativa apenas de si mesmo. Em contrapartida, as pessoas de identidade racial negra, pelo contrário, estão sempre associadas à coletividade.

[...] um branco é apenas e tão somente o representante de si mesmo, um indivíduo no sentido pleno da palavra. Cor e raça não fazem parte dessa individualidade. Um negro, ao contrário, representa uma coletividade racializada em bloco – cor e raça são ele mesmo (Carone, 2014, p. 23).

No contexto do estado de São Paulo, houve a valorização épica dos bandeirantes como ilustração da força exploratória colonizadora rumo à região interiorana, conduzindo o estado ao plano de referência como epicentro da modernidade brasileira. O “Monumento às Bandeiras”, do modernista Victor Brecheret, inaugurado pelo governo paulista para comemoração do quarto centenário da cidade de São Paulo/SP, em 1953, é uma representação material da tônica vanguardista que se consagrou sobre o avanço territorial e abertura das bocas de sertão no estado – apesar da prática de violência, massacre e escravização das populações negra e indígena que possibilitou e envolveu tal acontecimento (Moura, 2021). Os bandeirantes são: “heróis de uma raça, símbolos do caráter empreendedor da gente paulista” (Schwarcz; Starling, 2021, p. 341). Soma-se a isso a alta quantidade de imigrantes europeus que chegaram ao estado para trabalhar nas lavouras, substituindo a mão de obra escravizada, e que, também, migraram para os espaços urbanos em crescimento. A abertura e incentivo governamental para a corrente imigratória foi uma alternativa de embranquecimento populacional justificada pela ciência eugenista, naturalizando o histórico de violências que proporcionaram a modernização a partir de discussões biologizantes e racistas, principalmente sobre a desigualdade social observada nas cidades em formação e em expansão:

O Brasil foi o único país latino-americano a participar do I Congresso Internacional das Raças em julho de 1911, e enviou para Londres o então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, João Batista de Lacerda. [...] O cientista apresentou o artigo [...] com conclusões insofismáveis: “É lógico supor que na entrada do novo século os mestiços terão desaparecido no Brasil, fato que coincidirá com a extinção paralela da raça negra entre nós”. O texto apostava, a partir de argumentos biológicos e sociais, num futuro branco e pacífico, com os negros e mestiços desaparecendo para dar lugar a uma civilização ordenada e crescentemente branqueada. Porém, a tese do cientista seria recebida de maneira pessimista no país, mas não pelos motivos que podemos

imaginar. Ao contrário, julgava-se que um século era tempo demais para que o Brasil se tornasse definitivamente branco (Schwarcz; Starling, 2021, p. 343).

Para Echeverría, a referência ao branco como identidade paradigmática e idealizada, constitui-se como um fenômeno coextensivo à experiência de modernização na América Latina. A característica do feudalismo é produto da colonização, enquanto o feudalismo modernizado diz respeito ao domínio da economia capitalista nesses territórios. Tal mudança político-econômica relativa à modernidade, no entanto, não produziu efeitos de ampliação de direitos e melhora da situação de vida da população distribuída entre camadas socioeconômicas e diferentes bairros da cidade – pelo contrário – as mantém tensionadas no lugar que ocupam hierarquicamente.

O feudalismo modernizado garante com dispositivos mercantis uma submissão servil dos explorados ao explorador. [...] Uma modernidade feudalizada que zomba da igualdade mercantil de proprietários e trabalhadores através de recursos de violência extraeconômica como aqueles que subjugaram os servos na Idade Média europeia (Echeverría, 1996, p. 82-83, tradução nossa).

Considero que uma das formas de entendimento possível da violência extraeconômica nomeada pelo autor é exatamente a de valorização do modelo legitimado de identidade branca como universal em relação à qual, mesmo os que estão subjugados a essa dinâmica de exploração, podem se identificar, numa forma de alienação. Para Bento (2014) a população branca brasileira se apropria desse valor simbólico da branquitude, fortalecendo a autoestima e justificando a posição de poder e privilégios que desfruta. Carregada de significados atinentes à reprodução social capitalista (produtivo, empreendedor, ambicioso, inteligente) a branquitude concentra o exemplo do indivíduo modelo que é bem-sucedido, nele está o acerto. Enfatizar a racialidade branca como uma conduta alienante, própria da experiência cotidiana da modernização, é importante na medida em que evidencia o aspecto sistemático de reprodução das desigualdades.

Assim, o que se observa é uma relação dialógica: por um lado, a estigmatização de um grupo como perdedor, e a omissão diante da violência que o atinge; por outro, um silêncio suspeito em torno do grupo que pratica a violência racial e dela se beneficia, concreta ou simbolicamente (Bento, 2014, p. 30).

Em síntese, o processo de modernização dispõe de ângulos: dois deles são as de expectativa de abundância econômica e emancipação individual (Quesada, 2013). No entanto, quando o dado é lançado os efeitos assimetricamente produzidos revelam pontos subjacentes: desigualdade e racialidade. Isso porque, para Carneiro (2023) a racialidade é produzida através

de relações intersubjetivas entre grupos sociais que ocupam polos distintos no sistema hierárquico de significações históricas e culturais que, por um lado, os privilegia, e de outro, os prejudica. Sendo assim, a perspectiva de sucesso socioeconômico e emancipação individual é atribuída diretamente à parcela branca. Porém, ao não nomear a branquitude, os efeitos dos privilégios simbólico e material repercutem como mérito individual, como se não houvesse implicação de racialidade.

A falta de reflexão sobre o papel do branco [...] é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado (Bento, 2014, p. 26).

Ao adotar a perspectiva das relações intersubjetivas como categoria de análise, considero que a aplicação da teoria do reconhecimento deve incluir a discussão sobre racialidade como produtora de sentidos qualitativos nas relações recíprocas de reconhecimento. Logo, enfatizo que a autoestima, enquanto ponto de chegada que marca a individualização de um sujeito, via relações de reconhecimento recíproco (Honneth 2009), está contextualizada assimetricamente na realidade brasileira.

[...] Ser branco no Brasil é uma função social e implica desempenhar um papel que carrega em si uma certa autoridade ou respeito automático, permitindo trânsito, eliminando barreiras. Ser branco não exclui ter sangue negro (Sovik, 2004, p. 366).

Logo, os movimentos de contrapartida diante de situações de impedimento ou violência citados pelas participantes (tática de astúcia), bem como, a passagem através das esferas do reconhecimento é contextualizada enquanto trajetórias de vida de mulheres brancas, considerando que trata-se de uma racialidade que desfruta de poder simbólico e material, facilitando a autoestima via relações de reconhecimento social. Sendo assim, tive como propósito sublinhar a branquitude como racialidade e evidenciar como essa característica está relacionada a possibilidades de existência que correm junto ao princípio de reprodução socioeconômica que privilegia a figura e destaque do indivíduo, principalmente no contexto de modernização do interior paulista.

Em relação à cisgeneridade, o contato com as discussões pertinentes ao movimento de luta e afirmação dos direitos das mulheres aconteceu recentemente, quando as participantes estão idosas, tendo sido a televisão a principal fonte de informação dessa pauta política. Quando foi perguntado para Elenira se ela havia tido algum tipo de contato com essa questão, já que esteve diretamente envolvida na militância sindical, ela respondeu: “Eu nem sonhava com isso.

Não faz muito tempo que tem esse debate... No interior, ninguém nem pensava nisso. Assis é provinciana”. Célia, Lourdes e Nanci também fizeram falas importante nesse sentido:

Célia: Na minha época, era assim, tinha que obedecer o marido. Ouvi falar disso só agora, na televisão. Tem que aprender a dizer não, antes só obedecia o marido e acabou. Hoje eu sei que era um relacionamento abusivo, mas naquela época não tinha nada disso: não se falava, se sofria isso.

Lourdes: Adoro quando vejo uma mulher feminista bem da pesada mesmo! A Camila Pitanga, eu adora ela. Fala só coisa certa... A Camila Pitanga é uma sabichona, sabe das coisas. Eu gostava de ouvir a Hebe e a Dercy Gonçalves. A Dercy era boa para falar as coisas, falava as coisas de verdade. Tem uma propaganda que mostra os homem falando assim: “mulher com saia curta tem que apanhar; mulher que desobedece o homem, tem que apanhar”. Depois, na propaganda, fala que acabou esse tempo, né? Eu acho legal. Eu sei que... Quando a gente convive com uma pessoa, que nem com as mulher da zona, a gente se acostuma com a pessoa, fica amiga. A gente faz amizade e sente falta da pessoa depois.

Nanci: Só uma coisa que meu pai não me deixava fazer: dançar quadrilha. Nunca dancei, era uma coisa restrita. Uma vez, fui ver uma quadrilha: meu pai foi me buscar, me deu a maior bronca, quase apanhei. Tem umas coisas, né? Depois, quando eu já era casada, fui numa festa junina, aí eu me esbaldei de dançar quadrilha. Baile, eu fui uma vez ou duas, não tinha essa liberdade, de jeito nenhum. (...) Comecei a ver 95 Outlander (série de TV). (...) É a história de uma mulher que foi enfermeira, durante a Segunda Guerra. Ela é transportada no tempo para uma época bem anterior. De vez em quando, ela sai do padrão, porque guarda as vivências do futuro. É interessante, conta a história das bruxas, da questão da feitiçaria. Na pandemia, por ficar mais tempo em casa, deu para assistir.

A orientação sexual das participantes, heterossexualidade, assim como a branquitude e a cisgeneridade, correspondem a marcadores identitários privilegiados, uma vez que são reproduzidos como norma universalizada, inclusive na produção científica que se atém, em sua maioria, às sexualidades categorizadas como dissidentes. Wittig (2022) propõe um exercício de rastreio da obviedade heterossexual. No caso desta pesquisa, é importante sublinhar a questão da regionalidade das participantes, em que a figura do patriarca, do senhor, ampliada em seu sentido histórico das relações escravocratas para a relação conjugal se evidencia. A autora explica que, ao naturalizar a heterossexualidade como expressão normal e saudável da sexualidade humana, a tese da diferença sexual entre homens e mulheres, bem como, da relação desigual de forças que se estabelece a partir disso, fica invisibilizada. Para a autora, há uma continuidade do modelo de relação entre senhor e escravo para aquele que é estabelecido entre homem e mulher heterossexuais no matrimônio. Nele, está implícito que a mulher abdique de direitos fundamentais para atender ao papel que lhe cabe como esposa.

Esta foi uma pauta política evidenciada no Projeto de Lei nº 4.121, conhecido como o “Estatuto da Mulher Casada”, que combatia o entendimento presente no Código Civil da época

das mulheres como seres incapazes de tomada de decisão e, por isso, submetidas ao poder de mando do homem (pai ou marido):

A cultura da sociedade brasileira compreendia a mulher como um ser frágil e, na divisão do trabalho, cabia a ela o cuidado com a esfera doméstica. Poucas mulheres tinham familiares quem as incentivassem ao estudo, principalmente o superior. Anote-se que os meios de informação, até os anos 1960, não eram difundidos para grande parte da população brasileira em que mais da metade residia no campo (Gazele, 2005, p. 70-71).

Enquanto o projeto tramitava na câmara, o registro da fala de um Deputado Federal do Partido Democrata Cristão (PDC), realizada em julho de 1952, contrário ao Estatuto, chama atenção:

“[...] Dois cabeças no mesmo lar, com iguais poderes, iguais prerrogativas, igual autoridade, representam o princípio do caos e da anarquia. Quem manda afinal? Quem governa a casa? A quem obedecerão os filhos em caso de divergência? A ordem natural estabelecida pelo Criador, é a da subordinação da mulher e dos filhos, ao marido e ao pai. [...] Não compreendo, porém, como deputados católicos possam passar por cima de doutrinas das Escrituras da Igreja [...] O país é leigo, mas a população é católica em noventa e cinco por cento de seus habitantes” (GAZELE, 2005, p. 81).

Wittig (2022) compreende que a relação heterossexual subscreve às mulheres a obrigação de exercício de trabalho não remunerado (doméstico e de cuidado), além da submissão à iniciativa sexual e ao poder decisório de mando/controle masculino. Essas são características que autora associa como produtoras de uma condição servil das mulheres dentro da lógica heterossexual de relacionamento intersubjetivo. Ao somar o marcador da heterossexualidade com o da branquitude, Schucman (2020) analisa que a mulher branca heterossexual é estereotipada como casta e dócil, sendo controlada, principalmente, em relação ao exercício de sua sexualidade, e, também, cerceada em suas demais vontades e escolhas a partir do poder, equivalente ao de proprietário, que o homem (pai ou marido) dispõe sobre ela.

Costa (2004), estudando o processo de urbanização e as implicações que recaíram sobre a dinâmica familiar brasileira, elenca o amor como dispositivo regulatório de disciplina nas cidades. A preocupação médico-higienista da época era a de conformar os hábitos e atitudes humanas dentro do padrão de organização e funcionamento urbano, indicando a casa e a vida doméstica como o núcleo social que concentra os papéis de gênero, o controle das sexualidades e da moral a partir do argumento sentimentalizado sobre a família: as relações amorosas são o seu elemento aglutinador. Logo, a disciplina da amorosidade revela o homem como pai e a mulher como mãe, papéis sociais que exercem a função de regula-los emocionalmente e

docilizá-los à vida urbana calcada pelo movimento médico-higienista. No entanto, a distribuição de poder é concentrada exclusivamente ao pai e marido:

Ao homem [...] foi lhe dado o direito de concentrar sobre a mulher toda a carga de dominação antes distribuída sobre o grupo familiar e demais dependentes da propriedade. A esposa passou a ser sua única propriedade privada. [...] A mulher passou à propriedade higiênico-amorosa do homem. [...] O domínio da mulher e o da heterossexualidade foram um dos únicos poucos resquícios da autonomia de “pai-proprietário” que ainda lhe restaram (Costa, 2004, p.252).

O autor compreende este ranço de domínio senhorial, preservado no exercício de poder doméstico, como uma reedição do “núcleo proprietário do homem” (Costa, 2004, p.253), correspondente ao que veio a ser nomeado como comportamento machista. Assim, o lugar de poder exercido sobre a dinâmica doméstica atribui ao homem a função de vigilância e controle moral dos integrantes, inclusive a partir do uso de violência física como prática disciplinar de subordinação ao mando masculino. Soma-se a isso, o apelo capitalista que, ao longo de 1950, fortalecia o significado da família como unidade consumidora, para a qual, a partir da virada de modernização, apresentava uma série de itens de funcionalidade doméstica que prometiam tornar o cotidiano mais prático, ampliando o tempo de lazer (Gazele, 2005, p. 86), entre eles o que parece ter sido mais marcante foi o aparelho de televisão.

Portanto, a construção de um imaginário específico das relações familiares a partir de papéis de gênero e distribuição assimétrica de poder, arrematado pelo apelo consumista que se deu ao longo do processo de modernização, para Rago (1985), relegou às mulheres uma verdadeira descaracterização de suas potencialidades profissionais, políticas e intelectuais, já que submetidas à ordem masculina, à manutenção doméstica, reprodução e cuidado da família. Esse é ponto em que o aspecto de servilidade se destaca, porque cabe a elas obedecer e amar incondicionalmente. Nesse sentido, há uma junção entre o estereótipo da mulher que é puro sacrifício e o de inocência porque, apesar de tudo, a amorosidade predomina. Em contraposição a esta figura do papel da mulher do lar, dentro do espaço urbano – racional e higienicamente organizado – a figura da prostituta é um decalque dessa performance de feminilidade. O que as aproxima é o aspecto de reclusão: a mãe, filha e esposa ocupam a casa, enquanto a prostituta é reservada a casa na zona de meretrício.

Toleradas pelo serviço que desempenhavam como descarga dos desejos e fantasias sexuais masculinas para além do contexto conjugal, a prostituição não deixa de ser regulada e controlada, principalmente, pela autoridade policial. Isso é muito bem ilustrado no relato de Lourdes, em que o marido permitia que ela tivesse contato com as mulheres da zona, inclusive

prestando serviço a elas, porque ele era o responsável pela patrulha da casa de prostituição: “[...] Ele (marido) tinha amizade com as mulheres, porque fazia patrulha lá. Ele dava assistência, era tudo amigo”. Por sua vez, Célia contou que, às vezes, quando chegava na casa da patroa para fazer faxina, ela dispensava Célia do serviço e a chamava para conversar, fazia um desabafo: o marido, que atuava como médico em Assis/SP, passava muito tempo na zona de meretrício da cidade. Quando questionado, ele justificava que ia até o local para prestar atendimento de saúde às mulheres. Sobre isso, Lourdes complementa que as mulheres prostitutas não apenas tinham a circulação pela cidade restrita, mas, também, quando adoeciam não lhes era dado o direito de internação hospitalar:

Lourdes: A mulher não podia andar de a pé, não podia nem ficar em internada em hospital. Menina, era feia a coisa, viu? Se ficasse doente, o médico ia até a casa (zona de meretrício), tratava lá. E aquele tempo, tinha doença venérea, doença feia mesmo. Acho que tinha preconceito disso também. Elas andavam de charrete cobrindo o corpo com uma lona, você só via a cabeça. Acho que era para não fazer propaganda.

Por ser um ponto de referência no centro-oeste do estado em relação ao sistema ferroviário e, posteriormente, da ampliação e estruturação de rodovias, Assis/SP concentrava um fluxo significativo de trabalhadores e proprietários de terra que, vez ou outra, pousavam na cidade. Como resultado disso, a casa de prostituição de Antonieta, na zona de meretrício de Assis/SP, atingiu fama nacional. De acordo com uma reportagem investigativa da Folha de S. Paulo (Muggiati, 1994) a proprietária desta casa serviu de inspiração para Jorge Amado escrever o livro “Tieta do Agreste”, em que a protagonista se chama, também, Antonieta, sendo que as mulheres da casa que ela era proprietária se referiam a ela como mãezinha, tal como acontecia na casa de prostituição assisense. Jorge Amado tinha familiares que residiam em Assis/SP, onde esteve em 1974. O livro foi lançado no ano de 1977, coincidindo com a data em que proprietária da casa de prostituição, Antonieta, faleceu no interior de São Paulo.

De acordo com Manaia (2010), o estado de São Paulo tinha três cidades famosas pelas zonas de meretrício: Presidente Prudente, Bauru e Assis. Da mesma forma, Manaia (2010) explica que a região centro-oeste paulista costumava ser o destino para o qual casais que se uniam a partir da fuga das respectivas cidades de origem se dirigiam: por conta da acessibilidade proporcionada pela ferrovia, sendo um local remoto e em processo de desenvolvimento urbano, atraía prestadores de serviço em virtude de oportunidades de emprego variados. A fuga acontecia quando não havia autorização paterna para o casamento ou quando o casal esperava um filho antes de ter formalizado a união matrimonial. É o caso de Lourdes, que não obteve autorização do pai para casar-se e fugiu; além da meia-irmã de Célia que, durante o que ela

achou que fosse um passeio até a estação ferroviária, a meia-irmã embarcou, junto com o namorado, num trem com destino à Presidente Epitácio/SP, cidade próxima à Presidente Prudente/SP, porque estava grávida.

O relato de Lourdes integra os dois modos de vida estabelecidos entre o espaço doméstico familiar e a casa de prostituição ao longo da experiência de modernização. Ela me explicou que, próximo à zona de meretrício na cidade onde vivia na região noroeste do Paraná, havia um local conhecido popularmente como “Vila Pega Cria”: ali, uma mulher cuidava das crianças que nasciam na zona, de modo que era um ponto de adoção informal. Lourdes e o marido foram um dos casais que adotaram uma menina nessas condições:

Lourdes: Sabe qual era o problema da zona? As mulheres ganhavam criança. Tinha uma vila, chamava “Vila Pega Cria”. Nascia as crianças na zona, elas davam para uma velha, que era benzedeira, cuidar da criança... Mas elas eram muito mal cuidadas. Eu com meu marido pegamos uma menina com 1 ano e 8 meses para criar. Fiquemos com dó. Fizemos uma denúncia que essa mulher não estava cuidando bem das crianças. Chegamos lá, essa menininha veio com os bracinhos aberto para mim. Piolho, bicho de pé, ferida... Fomos tratando. Registramos ela. Ficou moça, casou, teve uma menina. Quando ela tava com 36 anos, o homem com quem ela era casada, ficou ciúmes, tacou fogo na casa: queimou tudo a casa dela. Era casa da COHAB, aqui em Assis. A filha deles tinha 14 anos. As duas vieram morar comigo. Quando foi um dia, ela teve uma dor de cabeça, fomos no hospital, ela tava com aneurisma, morreu. Minha neta foi morar com a outra avó, agora já é casada, mãe de dois filhos. De vez em quando, ela dá uma ligada para mim. Foi muito duro para mim: era minha filha... Quando pegamos ela pra cuidar, ainda bebê, dava comida, ela comia bem pouco e já dormia, de tão fraca que era. Não podia dar uma sopa forte que ela desmaiava. Ficou um mulherão bonita, forte. [...] Ela não me dava trabalho. O único problema era que ela não sabia gostar de um homem só. O médico falou que ela teve o aneurisma porque ficou muito nervosa com incêndio. Nós chegamos a reformar a casa dela, o marido nunca mais apareceu, só voltou para ir no funeral da minha filha. Ele já estava casado novamente. Minha filha me ajudava muito no salão de cabelereiro. Era irmã do meu filho. Quando mudamos para Assis, ela tava com 20 anos. A velha que cuidava (da Vila Pega Cria) era uma antiga mulher de zona. Não cuidava, né? Não tinha condições, as mães também era pobre. Minha vizinha mesmo pegou o Wladson lá. Tinha uma portuguesa, o marido era dono de uma loja de tinta. Ela era minha cliente no salão. O marido dela engravidou uma mulher da zona. A portuguesa foi para Portugal comprar o enxoval. Nasceu a menina, ela já pegou.

Apesar de relatar uma situação grave de tentativa de feminicídio, Lourdes considerou que a responsabilidade pelo ocorrido foi da filha, por “não saber gostar de um homem só”. Mesmo tendo aparecido no velório na condição de já estar casado com outra mulher, o ex-marido da filha não teve culpa – na perspectiva de Lourdes. Ela concluiu que as crianças da “Vila Pega Cria”, apesar de serem bem cuidadas após a adoção, não tinham bom comportamento quando cresciam, em razão da história e condição de origem. Isto revela a culpabilização da vítima sobre a violência sofrida, comum em casos de violência contra a mulher. Além do mais, há uma abordagem determinística entre a situação de desamparo na

“Vila Pega Cria” e as possibilidades de existência daquelas crianças: como se estivessem destinadas à repetição de uma suposta imoralidade por terem sido geradas em um enquadramento de prostituição. Isto reflete o componente normativo e disciplinar próprio do argumento higienista da época, a saber, o de vigilância sobre os modos de vida. Trata-se de uma tentativa de estabelecer relações de causalidade e, com isso, propor estratégias de controle, recortando questões sociais enquanto comportamentos individuais, gerando estigmatizações sobre grupos populacionais específicos, as quais justificam, de forma oblíqua, práticas de violência e discriminação.

As normas de condutas moral, tal como a malha de asfalto que padroniza as paisagens, estruturando o meio urbano ou rodovias, repercute, também, na manifestação das diferentes possibilidades de expressão de modos de vida. Se a modernização representou um destaque sobre os papéis de gênero, raça e sexualidade estabelecidos como naturais e universais, há de se ressaltar, também, a luta por reconhecimento daquelas pessoas categorizadas como dissidentes.

Nanci: [...] Havia um rapaz [...] esse é até a Maria Clara, virou artista [...]. Ele tinha a opção dele, mas a gente nunca sentiu a interferência da opção dele no trabalho. Eu lembro até que ele foi dançar, fazia balé, nós fomos tudo de torcida, porque a gente gostava muito dele. Porque... Eu vou ser sincera com você: essa parte da homossexualidade, o que eu vejo hoje, a coisa está muito banalizada. Muitas vezes, virou um pouco de modismo. Onde eu corto o cabelo, ele é homossexual, foi meu aluno na EJA, ele até conta as histórias dele... Só que ele tem uma postura de não escandalizar. Porque, o que eu acho que está acontecendo hoje, está havendo uma tentativa de escandalizar as pessoas. Eu sempre respeitei, meu marido também. Escandalizar no sentido de que, se fosse um casal hétero, também escandalizaria... [...] Tenho um sobrinho que a avó dele é daquelas beatas de Igreja, sabe? O neto dela é homossexual. Ele mora com outro rapaz, o Pedro. Agora, ela adora o Pedro. Você vê como as coisas são... Ou você se adapta, ou você se adapta. [...] Um dia, ele veio apresentar um espetáculo aqui no teatro (em Assis), nós fomos, ela também foi. Ele aparecia praticamente sem roupa. Meu deus do céu (rindo), ficava imaginando como que ela deveria estar. Um menino super inteligente, agora está morando em São Paulo. E ela tem um primo que é padre, disse que esse não aceita de jeito nenhum. É uma coisa que está aí, está posto, você tem que aceitar. É um neto que é muito amoroso com ela. É... A vida está aí.

Da mesma forma que Lourdes se referiu a Rose e Kate pelo pronome masculino, Nanci também o faz diante da menção a uma mulher transgênero. Nanci considera equivalentes identidade de gênero e orientação sexual (inclusive, nomeada por ela como “opção”). A convivência com pessoas que escapam da normativa que está posta vincula-se com um certo exercício de tolerância, sem negar o “escândalo” que a participante se queixa diante da expressão daquilo que considera diferente das suas referências e modo de vida. Essa dimensão de alteridade abala e desestabiliza a prerrogativa da norma universal e, consequentemente,

aquilo que sustenta sua identidade, por isso o susto e a argumentação de que deveria ser algo escondido. Ao considerar as expressões de transgeneridade e homossexualidade como modismo, Nanci frisa a frequência com que tem entrado em contato com pessoas que se identificam de formas variadas em relação a aquilo que está posto, inclusive dentro da sua própria família.

Portanto, o “modismo” pode ser interpretado como resultado de movimentos sociais e luta por reconhecimento de grupos historicamente estigmatizados, nesse caso em específico, a população LGBTQIAPN+, subvertendo a dimensão negativa de exclusão e vergonha para a de representatividade e orgulho. Do ponto de vista de Nanci, uma mulher cisgênero, branca e heterossexual, essa transformação e diversificação dos modos de vida soa excessiva e a incomoda até o momento em que se recorda do sobrinho, de quem ressalta a amorosidade e outras qualidades que lhe despertam admiração. A fixação a um certo e errado parece repercutir um contexto histórico e cultural de performance de gênero e expressão da sexualidade consideravelmente limitado e rigoroso. É interessante pensar sobre como Lourdes e Nanci, apesar de terem sofrido situações de estreitamento das suas possibilidades de existência ou desconfiança das suas capacidades pelo fato de serem mulheres, repercutirem, de forma mais ou menos arraigada, esses preceitos. Isto assinala como tomaram para si e naturalizaram experiências de reificação vividas, reproduzindo o poder que as atravessou de forma pouco refletida e elaborada.

Tenacidade, luta por reconhecimento e cotidiano

Consoante ao contorno evidenciado dos papéis de gênero e divisão sexual do trabalho, ao longo do desenvolvimento urbano, o saber médico-higienista definiu espaços segmentados para o lar conjugal e para a zona de meretrício. O que há de comum entre eles, é o encerramento das mulheres dentro de disciplinas morais específicas, conduzidas simultaneamente pelo mando masculino.

[...] São muito tênues os limites entre quebra de integridade e obrigação de suportar o destino de gênero traçado para as mulheres: sujeição aos homens, sejam pais ou maridos. Desta maneira, cada mulher colocará o limite em um ponto distinto do continuum entre agressão e direito dos homens sobre as mulheres. Mais do que isso, a mera existência desta tenuidade representa violência. Com efeito, paira sobre a cabeça de todas as mulheres a ameaça de agressões masculinas, funcionando isto como mecanismo de sujeição aos homens, inscrito nas relações de gênero. Embora se trate de mecanismo de ordem social, cada mulher o interpretará singularmente (Safiotti, 2015, p. 79-80).

Com isso, é possível observar que, apesar de não existir uma pauta política específica, que alcançasse diretamente as participantes ao longo de suas trajetórias de vida, dada no sentido de questionamento do papel de subalternidade da mulher em relação ao homem, suas práticas e formas de inventar o cotidiano já apontavam para ações de tenacidade frente aos impedimentos enfrentados. Por exemplo, Célia traz o relato mais impactante sobre violência doméstica que sofreu do marido. Ainda antes disso, na juventude, o pai a havia impedido de continuar frequentando a escola, já que ele descobriu que Célia estava namorando. Porém, nesses dois casos, houve um movimento de contrapartida da parte de Célia. Quando ainda vivia com o marido, assim que os filhos cresceram e saíram de casa, Célia decidiu voltar para sua cidade natal, foi morar com um de seus irmãos, trabalhou vendendo salgados e doces como fonte de renda. Retornou para Assis/SP apenas após o falecimento do marido, quando assumiu a casa e a pensão deixadas por ele. Foi nesse momento de virada que Célia também completou os estudos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA):

Célia: Depois que ele (marido) morreu, eu estava com 64 anos, [...] falei, sabe de uma coisa? Vou estudar. Sempre tive vontade de estudar e não pude. Era aqui perto de casa, às vezes eu ia a pé, depois arrumei uma carteirinha, ia de ônibus. [...] Eu me sentava na primeira carteira, na igreja também, sentava na frente para ninguém me atrapalhar. A sala eu acho que tinha uns 30 alunos, ficava lotada a sala. Tinha gente 100 que punha cadeira na porta porque não tinha mais espaço. Muitas pessoas não terminaram o curso, das pessoas mais velhas, todas ficaram até o final.

Interessante pontuar que Célia encontrou, através da internet, uma forma de se reaproximar e manter contato com o namorado da época de juventude, o qual foi proibida de estar junto pelo pai. Hoje em dia, os dois conversam por meio de mensagens de texto e videochamadas usando o *WhatsApp*.

Célia: Foi tão proibido, tão proibido que foi tão querido. [...] O que eu tenho no meu coração, é ele. Ele me fez entender as coisas, me ensinou a me conhecer, então, para mim, basta. Falo mil vezes “eu te amo” para ele, digo que ainda não ouvi dele, ele fala que me ama, era isso que eu precisava ouvir. [...] Esse é o amor da minha vida. Amor de criança, de jovem, depois de muito tempo, de adulto, é o amor que eu tive.

Para Nanci, a figura materna foi um modelo importante de enfrentamento à disciplina patriarcal, considerando que a mãe, apesar de ficar a maior parte do tempo em casa, se posicionou em situações pontuais, servindo como referência de tenacidade para a filha:

Nanci: Minha mãe e meu pai, os dois, tinham até o quarto ano (primário). Ela é de 1920, meu pai de 1917. Minha mãe morava no sítio, ela teve uma infância um pouco mais difícil, pelo que eu percebo. Mas ela era muito esperta, ligada nas coisas. Tanto é que ela incentivou todo mundo a estudar. Nós quatro (filhos) fomos para o ensino

superior. Quando foi fundada a rádio “Difusora”, acho que era 1943, minha mãe entrou como técnica de som, você vê que ela era avançada pra época. Ela tinha, já, uma visão ampla das coisas. Chegava na casa dela (mãe), ela perguntava assim: “você ouviu tal notícia?”, você percebe? Quando a gente era criança, se precisasse de alguma coisa, ela que orientava, ensinava a gente. [...] Meu pai não me incentivou a estudar, quem me incentivou, foi a minha mãe.

Por sua vez, Elenira demonstrou astúcia na forma como expressou sua afetividade desde a juventude, mantendo contato com pares românticos, mas, também, investindo em relações de amizade com quem passeava pelos espaços de lazer que a cidade oferecia na época.

Elenira: Com 16 anos [...] saía com uma turma boa, todos da mesma idade. Então, a gente ia no cinema: “Cine São José”, “Cine São Vicente” e o “Cine Peduti”. A gente fazia fila para ir no cinema. Foi quando conheci meu paquera - namoradinho. [...] Ele cantava, fazia serenata para mim. Eu lembro até hoje as músicas que ele cantava. Eu fui muito namoradeira... Ixi! Acabava com um, chorava, chorava, já amava outro. Amei muito. [...] Me questionavam por que eu não me casava: era namoradeira e não me casava. Isso chamava a atenção.

A partir dos trechos apresentados até o momento, procurei exemplificar o modo como as participantes se apropriaram de espaços e situações de interação social que estavam presentes no dia a dia do processo de modernização da cidade. Ao longo das citações literais, fica evidente como a materialidade e os objetos são pontos de sustentação para o desenvolvimento dos relatos. Além disso, destacamos o traço relacional das falas: a intersubjetividade é um elemento chave na produção dos relatos, de tal modo que se aproxima do próprio exercício da prática dialógica da etnografia, como, também, do pressuposto da teoria do reconhecimento sobre a importância das relações como fonte produtora de significado para o sujeito. Alinhando essas afirmações, Certeau (1998), sobre a ética da tenacidade no cotidiano, pontua que:

[...] Cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais. De outro lado, e sobretudo, a questão tratada se refere a modos de operação ou esquemas de ação e não diretamente ao sujeito que é o seu autor ou o seu veículo. Ela visa uma lógica operatória cujos modelos remontam talvez às astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados, e que, em todo o caso, é ocultada por uma racionalidade hoje dominante no Ocidente (Certeau, 1998, p. 38).

Mesmo que não seja integrante da corrente da teoria crítica, Certeau se aproxima de questões pertinentes a essa corrente de estudo ao enfatizar a possibilidade de operações de desvios da lógica dominante a partir das práticas de tenacidade. É nesse mesmo sentido que Honneth compreende a potencialidade da teoria do reconhecimento, conjugando-a na gramática dinâmica de luta sob a ótica das relações intersubjetivas. Logo, a ética da tenacidade destaca o

ato enunciativo como o campo onde pode acontecer os desvios de sentido, a reinvenção de práticas e, aqui acrescentamos, a própria luta por reconhecimento. De acordo com Certeau (1998), a ética da tenacidade opera uma: [...] Bricolagem com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses [...] tecnologias mudas determinam ou curto-circuitam as encenações institucionais” (Certeau, 1998, p. 40). Os atos enunciativos são práticas cotidianas, táticas, das quais o autor destaca as formas de falar, a leitura, escrita, os trajetos, desvios e atalhos por onde se caminha, a forma de habitar os espaços, o gesto e as técnicas de cozinhar, entre outras.

Atitudes cotidianas que muitas vezes escapam do crivo de nossa atenção, mas que são determinantes e orientam a forma de relacionamento intersubjetivo, bem como, o uso que fazemos dos objetos e dos espaços por onde circulamos. De forma semelhante à importância atribuída ao uso dos objetos por Miller (2013), Certeau (1998) redireciona nossa atenção para os aspectos do funcionamento do dia a dia, enfatizando que é exatamente nesse campo que operamos formas de simbolização elementares das relações interpessoais, assim como é onde temos a contrapartida de nosso reconhecimento ou reificação social. Portanto, os movimentos de luta por reconhecimento empreendidos pelas participantes desta pesquisa estão contextualizados nessa área de trânsito intersubjetivo das táticas enunciativas.

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas populares desviam para fins próprios sem a ilusão que mude proximamente. Enquanto é explorado por um poder dominante, ou simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é representada por uma arte. Na instituição a servir se insinuam assim um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral [...] (Certeau, 1998, p. 88).

Essa arte das práticas enunciativas, que resguardam a potencialidade espontânea do sujeito, complementa diretamente a teoria do reconhecimento. Ao passo que na teoria honnethiana predomina um apelo às relações de cuidado, respaldo de direitos e pertencimento social, fundamentadas empiricamente pela perspectiva winnicottiana, a ênfase nas táticas enunciativas de Certeau (1998) complementa e reforça a materialidade da teoria do reconhecimento, através da ética da tenacidade. Uma pista deixada por Honneth (2009) que permite fazer essa relação entre uma teoria e outra, é o fato de que a indignação serve como resposta moral que impulsiona as atitudes de resistência por parte do sujeito frente a um contexto de interação social reificante. Dito de outra forma, enquanto a teoria do reconhecimento enfatiza o provimento do ambiente como fonte de reconhecimento, a ética da tenacidade destaca os gestos enunciativos de criatividade do sujeito no processo contínuo e

permanente de luta por reconhecimento. Sendo assim, se a teoria honnehtiana esboça a figura de um sujeito ontológico a partir de demandas elementares de cuidado, direitos e participação social, a teoria de Certeau concebe este sujeito ontológico já em movimento, engatilhado pela indignação.

Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É a astúcia. [...] Sem lugar próprio, sem visão globalizante cega e perspicaz como se fica no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo [...] (Certeau, 1998, p. 100-101, grifo do autor).

Da mesma forma, Honneth (2009) argumenta que, diante de situações de menosprezo, a neutralidade não é uma operação intrapsíquica viável, para toda condição de vida degradante, haverá necessariamente um movimento rebote de luta por autoafirmação, ou uma tática de ação: “[...] a tensão afetiva em que o sofrimento de humilhações força o indivíduo a entrar só pode ser dissolvida por ele na medida em que reencontra possibilidade da ação ativa [...]” (Honneth, 2009, p. 224). É o traçado deixado por esse movimento ativo que nos interessa destacar no relato das participantes. Enquanto figuras de um contexto social em que predominou o funcionamento de subalternização feminina, a tensão afetiva, indicada por Honneth, mobilizou nas participantes táticas de astúcia que não haviam, ainda, sido nomeadas como uma questão mais abrangente de luta por igualdade de direitos.

Através dos relatos temos acesso, então, a táticas de ação anteriores à difusão de uma consciência política sobre os direitos das mulheres enquanto movimento social. Isso se dá, em partes, pelo período histórico estudado, mas, também, por se tratar de histórias de vida que se desenrolaram numa região remota do estado de São Paulo. Logo, este contexto reforça a sagacidade das participantes da pesquisa na forma das táticas utilizadas como forma de atenuar e sobreviver a situações reificantes. É importante destacar o modo como elas estiveram atentas às referências de figuras próximas, tanto masculinas como femininas, especificamente, quanto ao repertório de práticas de cada um. Outro aspecto relevante é o modo como o enquadramento do processo de modernização, consoante aos relatos, reforçou a convivência e, consequentemente, apresentou outras referências às participantes.

A cidade é a produção material mais expressiva do processo de modernização. Para Certeau (1998), o ato de caminhar, de se deslocar pelas ruas da cidade, consiste num ato

enunciativo tal como a própria fala. Assim, os relatos de história de vida aglutinam itinerários pelos espaços, no caso de nossa pesquisa, desde o sítio – os pés descalços na terra –, à caminhada beirando a linha do trem, a viagem no próprio trem, passando pela chegada do asfalto, a mobilidade entre os serviços e locais de trabalho já no espaço citadino e, eventualmente, entre uma localidade e outra por meio das rodovias:

Os relatos [...] atravessam e organizam lugares; eles os selecionam e os reúnem num só conjunto; deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços. [...] Com que sutil complexidade os relatos, cotidianos ou literários, são nossos transportes coletivos [...] (Certeau, 1998, p. 199-200).

Contemporâneas à diversas transformações pertinentes ao processo de modernização, as participantes indicaram quais foram os totens que sinalizaram a virada modernizadora: asfalto, eletricidade, TV e o cinema. Sobre o asfalto e a infraestrutura urbana de fornecimento eletricidade, água e saneamento, Lourdes relata como essas transformações impactaram o cotidiano da vila onde morou no noroeste do Estado do Paraná em meados da década de 1960:

Lourdes: [...] era uma cidadezinha que não tinha luz nem água. Era poço de tirar água. Não tinha nada. Quando eu tava grávida do meu filho, chegou a luz. A gente já podia ter uma televisão, um rádio. Depois de um tempo, veio a água. Daí ficou bom. Já veio o asfalto. Caro o asfalto! Para eles passarem asfalto na frente da casa da gente, tínhamos que pagar. Era caro que Deus me livre... Pagamos parcelado, à vista, não tinha ninguém que pagasse. Hoje já é uma cidade grande. [...] Era uma vila comprida, a nossa casa era de esquina. Então, cobraram o asfalto dos dois lados para a gente. Todo mundo tinha que pagar. Quem não ia querer asfalto na frente de casa? [...] Todas as casas tinha um facão na porta para limpar o sapato. Um facão ou uma enxada. As pessoas faziam tudo a pé ou de jipe. Quando chovia, antes de ter asfalto, colocavam corrente na roda do jipe, caso contrário, deslizava. A gente tinha lampião de querosene. Quem usava lamparina, amanhecia com o nariz tudo preto de respirar fumaça. O lampião tem o vidro em cima, a fumaça não vai para fora. Ninguém tinha geladeira, porque ainda não tinha chegado a luz. As que funcionavam a querosene eram caras. Juiz, promotor, advogado era quem tinha geladeira. Minha primeira geladeira, foi quando meu filho nasceu, em 1972. Meu marido mandou fazer uma casa de madeira para a gente, pro meu filho já nascer numa casa. Ela era bem-feitinha, com banheiro dentro de casa. Antes, o banheiro era fora de casa, e o chuveiro era daqueles de puxar com corda, sabe?

A respeito da TV, uma referência em específico apareceu no relato de duas participantes: o Programa Silvio Santos (1963). Célia chegou a ir à plateia assistir uma das apresentações que seu pai fez no show de calouros.

Célia: O programa do Silvio Santos era sagrado. Minha mãe adorava o Silvio Santos também. Ela comprou o Carnê do Baú desde o primeiro. Comprou Telesena... Ela trocava tudo por mercadoria. Tem até hoje lá na casa de São Roque os Marinex que ele pegava. [...] Meu pai comprou a primeira TV, eu tinha 13 anos. A gente assistia o programa do Silvio Santos. No dia que eu fui com meu pai no programa, ele participou

de uma gincana de carregar lata d'água nas costas, de quatro, ele, meu tio e mais dois. Tinham que andar e pegar uma salsicha que ficava pendurada, com a boca. Ele pegou, ganhou 20 cruzeiros. Outra vez ele foi, se vestiu de uma velha fazendo tricô. [...] Ele (pai) foi três vezes quando era lá na TV Tupi. Ele foi lá fazer mágica, eu fui uma vez junto com ele no auditório, foi quando eu conheci o Silvio Santos... Lindo demais da conta.

Elenira contou que o namorado da época da adolescência, que a incentivou a voltar a estudar, chegou a ser premiado no Programa Silvio Santos: “Ganhou sítio, um monte de coisa. Eu nunca gostei muito do Silvio Santos... Ele tem aquela filha casada com ministro do Bolsonaro”. Diferente de Célia, Elenira não demonstrou ter tido interesse ou qualquer forma de admiração pela proposta do programa em questão. A exposição de si na TV em situações inusitadas, até mesmo de vexação, sonorizadas com o riso característico do apresentador que distribuía notas de dinheiro e as lançava ao auditório é um programa expoente da cultura de massa nacional, estimulando o consumo de itens de funcionalidade doméstica/eletrodomésticos através do Carnê do Baú, bem como, o desejo de enriquecer subitamente com a Telesena.

Outros programas citados pelas participantes foram telenovelas brasileiras: Alma Cigana (1964) e Nino, o italianinho (1969), as duas da TV Tupi. A mais recente mencionada, que ainda não havia ido ao ar, mas já despertava interesse das participantes, foi a regravação de Pantanal (2022), da TV Globo. Também foram lembradas séries estadunidenses: Bonanza (1963), O Gordo e o Magro (1970) e a brasileira O Falcão Negro (1954), esta última produção da TV Tupi e, as anteriores, produções estadunidenses, importadas e veiculadas pela TV Tupi. As séries mais recentes citadas, todas disponibilizadas pela Netflix foram: Outlander (2014), Gracie and Frankie (2015) e O Gambito da Rainha (2020). Todas são produções estadunidenses. Quanto ao cinema, alguns títulos citados foram: O Médico e o Monstro (1931), Se Meu Apartamento Falasse (1960), Dólar Furado (1965), produções estadunidenses e o austríaco Sissi (1955).

O meio de transporte que permitiu a travessia dos contornos rurais ao de cidade foi o trem. A expansão da malha ferroviária demandou um sistema de serviços ao redor das principais estações onde circulavam passageiros vindos da capital paulista, bem como, por meio da qual se escoava a produção de itens agrícolas. Das quatro participantes da pesquisa, três delas relataram que o pai havia trabalhado na Estrada de Ferro Sorocabana (EFS). A onda modernizadora não tardou em impactar o próprio sistema ferroviário, vencido pelo avanço das rodovias e investimento na indústria automobilística. Entretanto, Assis/SP manteve certo protagonismo, não mais por ser uma das últimas paradas do trem vindo da capital para o extremo centro-oeste do estado, dispondo de uma estrutura de oficina e armazéns da EFS, mas,

desta vez, por ser o polo administrativo do Departamento de Estradas de Rodagem (DER). Em vista disso, por ocupar uma posição geográfica estratégica, próxima à divisa com os estados de Mato Grosso do Sul e Paraná, Assis/SP se estabeleceu como um ponto de convergência de rodovias. A sede administrativa do DER trouxe a demanda, assim como a ferrovia outrora, de trabalhadores que se mudavam para a cidade interiorana. É o caso, por exemplo, de Célia. Natural de uma cidade próxima à região metropolitana de São Paulo/SP, após o casamento, ela mudou-se com o marido para o interior, já que ele trabalhava diretamente na construção de rodovias.

Por ter sido uma estação importante da ferrovia, como também, de entroncamento rodoviário, Assis/SP se estabeleceu como um espaço de circulação de pessoas e, conseqüentemente, de ideias. Um elemento importante dessa virada modernizadora é a FCL Unesp, cujo campus foi inaugurado no final da década de 1950. Tínhamos como hipótese de pesquisa que toda essa ventilação proporcionada pelo desenvolvimento de infraestrutura da cidade, consoante à rede de serviços, além de saúde e educação, havia facilitado o fluxo dos chamados ideais modernos. A totalidade da pesquisa de campo, no entanto, indicou que, apesar das participantes desempenharem papéis importantes na manutenção doméstica, cuidado afetivo, além de trabalhos formais e informais como fonte renda, os valores e funcionamento social se mantiveram habituados à disciplina patriarcal.

O material obtido possui uma característica gráfica, no sentido de representar imgeticamente as cenas do cotidiano ao longo do tempo, por isso, pode ser compreendido como um meio de transporte coletivo, porque oferece uma narrativa que dá movimento à história relatada. As imagens produzidas pelas participantes da pesquisa têm a qualidade de representar a cultura do cotidiano, de modo a facilitar a compreensão do conteúdo relatado. A seguir, apresento alguns exemplos dessas imagens produzidas.

Célia: Quando nós não tinha TV em casa, nós íamos numa casa ali no quarteirão de uma mulher, só ela tinha televisão. Eles tinham outras crianças também, então a gente ficava tudo ali sentado no chão. Assistia Bonanza, o Zorro, Gordo e o Magro. Tinha até umas horas que podia assistir TV. Depois, meu pai não deixava. Quando via coisa triste, eu chorava, e só eu chorava, então ficava com vergonha. Meu pai dizia que não precisava ter vergonha, ele falou: “eu também sinto”. Meu pai chorava também. Meus irmãos dava risada. Meu pai falava para eles não caçoarem de mim, dizia: “ela sente”.

Nanci: Na escola pública, até a oitava série, as classes não eram mistas. Era classe masculina e classe feminina. No colegial, já era mesclado. [...] Um dia, estávamos com aula vaga, falamos: “ah, vamos lá na parte cima”. Nós ultrapassamos uma linha imaginária que separava o lado das meninas e dos meninos. Levamos a maior bronca do inspetor de aluno... Você percebe como que era a realidade? Era bem separado. Foi uma mudança, um choque. A gente (mulheres) tinha, sim, uma restrição. São coisas

que gente vivenciava e que houve uma mudança bem grande, né? Tinha os cinemas, que eram lotados, e o foot na avenida: a gente desfilava na calçada da avenida e os meninos ficavam tudo parado, vendo a gente passar. [...] Na adolescência, íamos muito ao cinema, era o local de passeio. Ainda não tinha o Peduti, só o São José e o São Vicente. Segundo o preconceito, o São Vicente não era tão bem frequentado. Nele, tinha uma parte de cima. Falavam que quem frequentava, era só para se agarrar lá em cima. Eu ia na sessão das 18h, e os paqueras tudo na fila na sessão das 20h... (rindo). Era uma fila enorme, às vezes, não tinha lugar para todo mundo. A gente assistia aqueles filmes bang bang, Dólar Furado, a série da Sissi: era a história de uma nobreza, ela tinha uns namorados lindos. Tem um filme que eu não me esqueço do nome: “Se meu apartamento falasse”. No cinema, quando você ouvia aquela música Folhas de Outono, é quando ia começar o filme. Tinha todo um ritual, quem namorava escondido, a menina sentava e ficava guardando lugar para o namorado. Os namorados ficavam andando pelo cinema, até apagar a luz, aí podiam sentar. Você tá dando risada, né?! Era assim! A gente ficava pensando: “será que ele vem mesmo?”. Muitas namoravam escondido naquela época. Em compensação, tinha umas que eram bem saidinhas, né? Elas ficavam namorando na praça da Catedral, então a gente ficava horrorizada. Depois, aquelas que eram mais saídas, se casaram mais depressa, e se casaram com o mesmo namorado. Tinha aquela história de que ficaria falada, no fim, elas se casavam. Depois, começaram a surgir os barzinhos, né? Tinha o Ringo, o Flamingo e o Chaleira. O Ringo era bem ali na avenida (Rui Barbosa), eles montaram com umas mesas rústicas, as cadeiras eram tocos de árvores, era difícil arrumar um lugar. O Flamingo tinha uma espécie de varanda... Esses eram ambientes mais abertos, diferente do “Chaleira”, era fechado, um lugar escuro. Ele era frequentado pela turma da Unesp, sempre existiu um preconceito, então, os pais não gostavam muito que a gente fosse. Veja bem o preconceito que tinha com a turma da faculdade...

Elenira: Lá no sítio era muita areia, né? Não tinha jeito de andar com calçado no areião. Uma vez, meu pai mandou eu e meu irmão pegar manga. Fomos com a Neide, amiga nossa. Adorava dormir na casa dela, porque a mãe da Neide contava aquelas histórias de Saci, Lobisomem... Como se fosse de verdade! A gente adorava escutar, morria de medo, mas queria escutar, né? [...] Daí, no dia que a gente (Elenira e o irmão) foi buscar as mangas, a Neide vinha junto falando de cobra que voava, de touro bravo que estava solto e desgovernado, a gente ouvindo tudo isso em cima do pé de manga: deu medo de descer. Ainda tínhamos que andar uns 3km de volta para casa. Eu ia brigando com meu irmão no caminho, porque estava muito pesado para carregar o saco de manga. Tivemos que deixar um pouco ali. Gente do céu! Mas eu passei tanto medo naquele dia... A Neide não parava, falou de um corpo (humano) seco que vagava naquela região... Os lagartos passavam, a gente assustava! Só sei que chegamos com meio saco de manga em casa: eu brigando com meu irmão e meu irmão brigando comigo. [...] Quando eu tinha 12 anos, fui visitar uns parentes que moravam num sítio. A mulher lavava as roupas na beira do rio que passava por ali. Ela me pediu para ir até a casa buscar anil, a gente usava para limpar roupas brancas. Lembro que eu passei pela água, ouvi um barulho. Voltei, olhei... Tinha uns porcos por perto, pensei que o som fosse de um deles. Fui embora. Quando volto para o rio, ela me fala: vai chamar o fulano, tem uma cobra aqui, ela pulou em mim. A hora que eu passei, era a cobra que tinha feito o barulho. O marido dela pegou a espingarda e matou a cobra: era uma jararaca. Depois, jogou num lugar perto do rio. Eu continuei voltado nesse lugar para ver a cobra morta: me dava pavor pensar que, aquele barulho, tinha sido a cobra tentando pular em mim. Por muitos anos, eu sonhei com isso. Olha, quase fui mordida por uma jararaca...

Lourdes: Minha mãe era da época de que mulher não estudava. Ela não sabia fazer nada escrito, mas tinha tudo de cabeça: pão, bolo, essas coisas de cozinha, era só de cabeça, não lia nada, era incrível, fazia umas coisas boas. Quando ela ia lavar roupa no rio, ela levava duas ou três meninas (filhas) com ela, nós ajudava ela a carregar o sabão, as escovas, a tábua. Depois, ela torcia e a gente estendia na cerca de arame. O sabão era feito de cinzas. Pegava uma lata de vinte litros, naquele tempo, banha vinha na lata de vinte litros, querosene também. Punha as cinzas dentro, socava bem dentro

da lata, fazia um furinho em baixo e colocava água, ia caindo aquela coisa pelo furinho, chamava “dicoada”, era o sabão. As cinzas era do fogão, da lenha. A gente tomava banho com aquele sabão, lavava louça, mesa, banco e pronto. Os lençol, toalha de mesa, até as roupas da gente era tudo de saco de mantimentos. Até as peças de baixo da gente era de saco. O único saco que não dava para fazer roupa era o de sal, porque era muito furadinho, agora o resto, até as toalhas era de saco. Minha mãe desfiava a ponta e costurava uma parte do saco em outro, fazendo desenho entre eles. [...] Uma vez, meu pai marretou um dedo da minha irmã porque ela tinha passado esmalte. Não podia usar esmalte, batom... Deus me livre. A coitada da minha irmã, tinha uma frutinha que quando cavocava ela, soltava uma tinta, a minha irmã fez isso e passou nas unhas. Aí não tinha com o que tirar... Meu pai martelou a mão dela com chinelo, e ela não conseguia tirar tinta. Minha mãe passava bombril na mão dela. Foi um tendeu. O que minha mãe pode fazer, ela fez. No final, minha irmã passou a mão no carvão, ficou com a mão tudo suja para o pai não bater nela.

A partir desses exemplos, pode-se notar como os relatos possuem um movimento interno de cenas, viabilizado pelo contato com pares de interação como referência a uma dada espacialidade. Certeau (1998) define o espaço como: “[...] o cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto de movimentos que aí se desdobram” (p. 202). Portanto, as relações e as práticas desenvolvidas num determinado lugar produzem espacialidade. As cenas reproduzidas são apenas alguns exemplos dessas imagens que têm o potencial de nos transportar coletivamente para dentro de uma determinada espacialidade que compõe a história de vida das participantes. Disso, concluímos que a ênfase nas práticas cotidianas, estruturada por Certeau no formato da ética da tenacidade, dispõe de uma sensibilidade que torna possível registrar desde as nuances das cenas de espacialidades, até as reações diante de situações de reificação e luta por reconhecimento empreendidas pelas figuras que compuseram a totalidade do material de campo desta pesquisa. Portanto, o contraponto empírico da teoria do reconhecimento, além da teoria winnicottiana, se sustenta, também, pela da ética da tenacidade.

Outra consideração interessante tecida por Miller (2013), que contribuiu diretamente com nossa pesquisa, é o modo como este autor identifica as pistas do inconsciente na materialidade: os objetos, os trechos ou as coisas, como ele prefere chamar. Ainda que dispostos, guardados ou espalhados pelos cantos, os objetos muitas vezes escapam da nossa atenção, no entanto, são responsáveis pela organização das atividades e práticas corriqueiras do dia a dia. Para Miller, quanto menos vemos um objeto, mais incorporado ele está à nossa rotina e à forma como conduzimos as práticas cotidianas:

(As coisas) funcionam porque são invisíveis e não mencionadas, condição que em geral alcançam por serem familiares e tidas como dadas [...] Grande parte do que nos torna o que somos existe não por meio de nossa consciência ou do nosso corpo, mas como um ambiente exterior que nos habitua e incita (Miller, 2013, p.79).

Os detalhes materiais contam, ajudam a lembrar e disparam relatos. Isto também se aplica à materialidade urbana. A indumentária não está presente apenas como plano de fundo desta pesquisa enquanto o espaço de realização dos encontros com as participantes: a casa, continente de toda sorte de coisas. Da mesma forma, a materialidade não se restringe apenas ao processo de desenvolvimento urbano consoante às histórias de vida. As coisas, enquanto pontos de força gravitacional da realidade, resguardam memórias, perfazem e dão condição para o estabelecimento de um relato. Por outro lado, em sua forma negativa, encontra-se situações em que as participantes se sentiram relegadas à condição de objeto pelos pares de interação. Lourdes, por exemplo, trabalhou desde criança em casas de família de classe média. Num dado momento da entrevista ela chega a determinada conclusão:

Lourdes: Ela (patroa) não me via como nada... Aquilo era trabalho escravo [...]. As únicas coisas que ela me deu foi a alpargata e um vestido de fronha [...]. O que as crianças largavam, ela punha no meu prato. Aquilo era trabalho escravo.

Célia chega a uma conclusão parecida quando questionada sobre como o fato de ser mulher impactou em sua trajetória de vida:

Célia: Fui tratada como uma empregada, uma escrava [...]. Fui tratada como um poço de lixo, né? Nesse ponto, eu não queria ser mulher, não. Mas tá bom, já passou. Tem coisa que fica na alma da gente, coisa que não tem um jeito de esquecer. [...] Eu fui muito submissa [...]. Hoje eu sei que fui estuprada muitas vezes, fui obrigada a fazer coisas que não queria, não tinha vontade... Na minha época, era assim, tinha que obedecer o marido. [...] Ele começou a ir no bar, bebia, bebia... Aquilo já foi me voltando à infância, quando meu pai bebia... Meus filhos não é de beber, graças a Deus. Eles bebem em churrasco, mas não ficam em bar... Eles sabem o que sofreram... O que eu sofri também, né? Esse tempo não passou rápido, só quem passa é que sabe. Ele (marido) era uma pessoa seca, sem educação, não dava um sorriso. Assim que a gente veio para Maracá/SP, ele mudou. Que decepção... E era até que a morte os separe.

Em linhas gerais, esses trechos sinalizam o aspecto contraditório da materialização enquanto fonte de produção de sentido de reconhecimento, ou, neste caso, de reificação. Ao longo de seu relato, Lourdes se detém no trabalho que desempenhou de carcereira informal, costureira e cabelereira das mulheres da zona de meretrício. Ela menciona a fila de charretes que se formava na frente de sua casa, tamanho era o número de clientes. Lourdes chegou a me mostrar uma tigela que ganhou de presente de uma dessas clientes. Já Célia, por exemplo, no primeiro encontro comigo, fez questão de me mostrar alguns cadernos onde escreve poesia. Ela mantinha o hábito de fazer a leitura dos seus poemas na rádio da cidade, onde foi acolhida pelos funcionários e locutores, chegou a ser convidada para as festas de confraternização da rádio,

ocasião em que aproveitou para compartilhar suas habilidades culinárias, levando um bolo. Célia se sente reconhecida pelo trabalho como cozinheira, aprendido com a avó que vendia quitutes na estação de trem. Da mesma forma, sua parte favorita das atividades na Unati era o lanche coletivo organizado entre as pessoas que frequentavam as oficinas: os salgadinhos e bolos que ela preparava eram sempre os primeiros a acabar, conforme ela me contou.

Importante destacar que o trabalho como cozinheira foi determinante para que Célia dispusesse de certa condição financeira para deixar o marido e voltar à sua cidade natal por um período. Por sua vez, Nanci faz uma observação interessante sobre o modo como o desenvolvimento de infraestrutura urbana, tecnológico, a informatização, e sua respectiva indumentária, transformaram seu cotidiano:

Nanci: Brincávamos bastante, uma coisa que eu lembro: a gente queimava açúcar, fazia umas balinhas. Isso quando as mães deixavam. Foi uma infância boa... Ainda não tinha televisão. Minha madrinha chegou a comprar televisão, a gente adorava quando ia na casa dela. Depois de um tempo, meu pai comprou uma televisão que já vinha num móvel. Telefone só tivemos quando eu já estava com quatorze anos. Tínhamos tocador de disco: meu pai gostava de Nelson Gonçalves, Orlando Silva.... O rádio sempre tivemos. Eles (pai e mãe) adoravam ouvir os jogos de futebol. Minha mãe era corinthiana, quando passava jogo, ela falava: “faz figa com as duas mãos”. Parece coisa boba mas, para mim, isso diz de uma relação muito forte. Não tinha ninguém (na família) de time adversário, só corinthiano (rindo). Normalmente, nas férias de janeiro, praticamente todo ano, íamos para Itapetininga. A gente ficava na casa da minha tia, ela morava no centro. A porta já era na rua, tinha janela aberta para rua. Íamos ao cinema toda segunda-feira, no dia que era mais barato. Assistimos “O Médico e o Monstro”, depois ficamos tudo com medo de voltar a pé, para casa da minha tia, porque já era de noite (rindo). [...] Quando eu trabalhava na Delegacia de Ensino do Estado, a gente estava começando a trabalhar com computador, era uma coisa nova, na década de 1990. A gente não mexia no computador, quem mexia, eram as escolas. Ainda não era um trabalho muito em rede. Uma vez, teve um curso em Marília. Daí, nosso chefe conseguiu que nós, supervisores, fôssemos junto para começar a entrar em contato com o computador. Quando eu voltei, ainda brinquei: “aprendi a ligar e desligar”. A gente usava mais (o computador) como uma máquina de escrever que permitia as correções (no texto). Um dia, esse computador não funcionava [...]. Aquele dia, me deu vontade de dar uma machadada no computador. [...] Por causa do computador, minha pressão subiu duas vezes, eu nunca tinha tido problema de pressão. Chegou uma época que o SESI ofereceu, para cada supervisor, um notebook, nós andávamos com esse notebook. E, lá no SESI, eu não conhecia praticamente ninguém, entendeu? É aquela história de admitir não saber, isso é muito ruim, a gente sofre. Depois, para mexer no celular, eu sofri também.

A respeito das transformações na infraestrutura urbana, Nanci contou:

Nanci: Tinha asfalto na estrada principal, mas, até chegar na cidade, era trecho de terra. Os professores fretavam kombi para dar aula nas cidades da região. Enquanto eu não tinha efetivado no Estado, vivia indo para lá e para cá, teve um ano que dei aula em seis escolas ao mesmo tempo, e olha, cada lugar é uma realidade diferente. Às vezes, eu pousava em alguma cidadezinha, porque não tinha transporte de volta pra Assis. Aconteceu de eu precisar ajudar a desatolar o carro no meio da estrada de terra: eu estava calçando salto fino. Imagina o estado que cheguei em casa, descalça, segurando as sandálias na mão. Até que consegui aulas no Colégio Industrial aqui de

Assis, ficava na rua de casa, hoje funciona uma ETEC ali. Mas, ainda assim, essas aulas que peguei não eram suficientes, então eu precisei continuar viajando.

Ao falar sobre as aulas que dava em um sítio na região de Assis/SP, período coincidiu com os estudos de graduação na cidade vizinha, Marília/SP, Elenira se atém a imagem dos meios de transporte, os caminhos de terra e a estrada:

Elenira: [...] Comecei a dar aula em sítio: as aulas mais difíceis, que ninguém queria, eu pegava. Não tinha ônibus, dependia de algum vizinho ou amigo me levar. Chegando numa parte, não tinha mais como seguir de carro, então, eu combinava com um senhor, que tinha uma carroça, de ele me esperar para, dali, seguirmos até a escola. Se eu chegasse no ponto de encontro, e ele não estivesse lá, eu entrava mata adentro, atravessava sozinha. Como era longe, acabava chegando 9h30 da manhã para dar aula. Arrumaram um velhinho, o Seu Miguel, ele tinha uma charrete. Ele estava sempre lá para me levar. Este sítio ficava perto de Platina (à 23km de Assis). A estrada não era asfaltada, aí acontecia de atolar, chegava vir gente com cavalo para ajudar. Eu lembro que me embrenhava pelo meio da mata, nem levantava a cabeça, era tudo mato. Às vezes, pegava flores para enfeitar a escola, gostava muito dos alunos. Em agosto, do ano que comecei a trabalhar nesse sítio, sofri um acidente a caminho de Marília, quando ia para a faculdade. [...] A perua (Kombi) entrou debaixo de um caminhão. O motorista foi mexer no rádio, se distraiu, machucou todas as sete pessoas que estavam na perua. Foi algo tão feio que o Seu Miguel (da charrete), e o pessoal da escola do sítio ficaram sabendo do que aconteceu comigo pela “Rádio Bandeirantes”. Depois disso, eu desisti, mesmo que eu precisasse daquele emprego, mas estava muito complicado. Peguei aulas num outro local, um amigo meu me dava carona de jipe para chegar até a escola. [...] Naquela época, não tinha esse negócio de cinto de segurança, se tivesse, a gente não tinha se machucado tanto. Às vezes, quando dava aula em sítio, ia de carona com uma professora que tinha um Volks (Fusca), de repente, o carro parava. A gente descia e tirava, com as mãos, o excesso de barro do paralama, aí destravava a roda. Se, no caminho, tivesse algum riozinho, precisava descer e atravessar a pé. O carro não seguia viagem. Cada coisa que eu passei...

Semelhante à observação de Nanci, Elenira também faz um apontamento sobre a transformação das ferramentas de trabalho ao longo do processo de modernização:

Elenira: Era complicado [...] fazia todas as atividades à mão, usando mimeógrafo. Os sofás da sala de casa viviam cobertos de folhas, que eu deixava secando. Depois, comprei uma máquina (de escrever). Deu problema na minha mão, porque eu não aprendi a mexer, batia com um dedo só... Aí rodava tudo no mimeógrafo... Olha como que a vida facilitou para esse povo mais novo. Eu nunca gostei de computador, não consegui me adaptar, preenchia tudo à mão.

Lourdes relatou situações parecidas, especificamente sobre viagens pela ferrovia e rodovia que fez com a família quando criança, entre a zona rural de Poços de Caldas/MG para o noroeste do Paraná. Quando já morava em Assis/SP, no final da década de 1980, ela relembra como era o cotidiano na cidade quando ainda havia circulação de trens:

Lourdes: Teve uma vez, eu tinha colocado algumas peças de roupa para ferver. Eu limpo assim toalha de banho, pano de prato... Eu fervo ainda, sabe? Coloquei a roupa

para ferver e desci lá na avenida. Menina do céu, que sufoco para mim subir, o trem nunca terminava de passar. Quando eu lembrei que tinha deixado as roupas fervendo, o trem já vinha vindo, não tinha como eu atravessar de volta, foi um apuro. Mas não aconteceu nada, não. Ô meu Deus, cada coisa que a gente passa... (Era trem) só de carga, o de passageiro já não funcionava mais. Era uns trens comprido que Deus me livre. E quando estava fazendo manobra, então? Terminava de passar para um lado, as pessoas atravessavam correndo, antes dele retornar. Eu não ia correndo, tinha medo, perdia um tempão esperando... Da vez que fomos até Minas (Poços de Calda) de maria fumaça, voltamos para o Paraná de caminhão (meados de 1950). Veio com pouca coisa em cima, só com nós: colocamos uns colchão na carroceira do caminhão, viajamos deitados ali. Parava em posto para abastecer e nós almoçava, jantava, tomava lanche. Demorou bastante para a gente chegar aqui, tinha muito lugar sem asfalto... Minha mãe trouxe um mundaréu de coisas: pão, bolacha, a gente chamava de merenda. A gente vinha comendo no caminho. Dormia mais do que ficava acordado. Era um caminhão descoberto, não choveu. No trem, era diferente, um banco ficava de frente para outro. Ficou uma parte da maria fumaça só com a gente. Dava para dormir em algum banco vazio, mas não era estofado, era de madeira. A estação de trem de Poços de Caldas era muito linda... A gente, quando é criança, acha tudo bonito, né? Quando cresce, deixa disso.

Célia fez o caminho contrário, saiu de uma cidade com infraestrutura urbana, próxima à região metropolitana de São Paulo, para o interior, onde foi morar com o marido e os sogros na zona rural após o casamento. As impressões que ela teve dessa mudança são expressas a seguir:

Célia: Lá no sítio tinha as plantações e eu nunca tinha visto... De vez em quando, tinha casamento no sítio, ia todo mundo pra lá, fazia macarronada, eu gostava. Eu ficava cuidando da casa, lavava roupa, cuidava das crianças e costurava também. Tinha umas vizinhas, as irmãs Flores. Elas me ajudavam bastante, mudaram para Assis antes que eu, o pai comprou uma casa aqui nessa rua. A mãe delas ia para roça com minha sogra colher algodão. Ganhavam por peso, chegavam com os dedos tudo cortado... Vida difícil. Eles gostavam de mim lá, mas também porque eu não falava nada, não podia falar. Não tinha uma convivência de um ir na casa do outro, não que não fizessem isso, é que eu não podia sair de casa. Não podia conversar com ninguém, nem da família. Acho que ele (marido) tinha medo que eu contasse alguma coisa, sei lá... Elas (irmãs flores) eram pequenas, vinham buscar gelo em casa, só a gente tinha geladeira ali. Chegavam chamando e já perguntavam se tinha gelo. Até hoje brinco com elas sobre isso. [...] Eles gostavam só de música sertaneja pra cá (interior), né? Ouvia a rádio Bandeirantes de São Paulo e a rádio Tupi. Todo domingo de manhã, tocava Tonico & Tinoco, Liu & Léu, Cascatinha & Inhana... Eu gostava de música, meu pai tocava violão e minha mãe parecia um rouxinol cantando, aprendi a gostar de música: Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto... Agnaldo Rayol eu amava. Tinha o rádio e a radiola para ouvir os discos, mas não era minha. Ele (marido) ouvia as músicas no bar, depois levava os discos para ouvir em casa.

Esses são apenas alguns exemplos que permitem visualizar a relevância da materialidade enquanto espaço de produção de significados, assim como os objetos marcam uma determinada configuração social no espaço e no tempo. Miller (2013) argumenta que o pensamento hegeliano está organizado a partir de estágios de formação da consciência: sendo este um desenvolvimento sequenciado. Logo, a proposta da teoria do reconhecimento segue

essa mesma lógica, onde se presume a existência de três esferas fundamentais a serem percorridas: esfera do investimento afetivo, do direito e da solidariedade. Cada uma prepara para a seguinte, somando-se maior complexidade com o avançar de cada etapa.

[...] Assim como em Hegel, cada estágio cria uma coisa nova fora de nós mesmos, e progredimos à medida que somos capazes de nos ver nessa extensão de nós mesmos, que é, afinal, nosso próprio produto. Fazemos coisas porque elas nos ampliam potencialmente como pessoas. [...] Criando esse espelho no qual podemos compreender quem somos (Miller, 2013, p. 90).

Por fim, a partir da discussão apresentada procurei exemplificar como as características da modernidade feudo-capitalista, associadas às normatividades de raça (branquitude), gênero (mulheres cisgênero) e sexualidade (heterossexuais) reverberaram nas experiências e nas possibilidades de reconhecimento das participantes ao longo de suas trajetórias de vida. Para atingir esse propósito, acrescentei camadas de complexidade à teoria do reconhecimento, adicionando a tenacidade – ou as táticas de astúcia (Certeau, 1998) –, assim como a relação com a materialidade (Miller, 2013) como produtoras de sentidos de reconhecimento ou reificação. Uma vez que esta pesquisa trata de um contexto histórico específico de modernização da região centro-oeste do interior paulista, a transformação física dos espaços, no sentido da urbanização, bem como, o desenvolvimento tecnológico dos objetos de uso cotidiano não poderia deixar de ter centralidade na discussão aqui proposta.

Da mesma forma, a ideologia de progresso e avanço territorial rumo ao interior paulista, operacionalizada pela violência à população originária somada à degradação ambiental, atendeu ao interesse da elite econômica de expansão e articulação das áreas de produção agrícola com a região metropolitana ao longo do século XX. Por isso, a modernização de Assis/SP e região englobou a tríade de catolicismo, feudalismo e capitalismo, os três coexistindo, ajustando a realidade urbana em formação e as subjetividades de acordo com normatividades de raça, gênero e sexualidade forjadas como universais. O tensionamento que as participantes da pesquisa relataram diz respeito, especialmente, ao princípio do mando masculino enquanto senhor que arbitra sobre possibilidades de existência seja na condição de filha ou esposa. O matrimônio representou uma tentativa de libertação do feixe de poder paterno, sendo um caminho comum de saída, numa tentativa de abertura das possibilidades de vida: o que não necessariamente se efetivou em virtude da subjugação feminina ao marido, naturalizada no contexto histórico e regional estudado, em que os papéis de gênero e a dicotomia entre homem e mulher foram reforçados.

Sendo assim, os movimentos de táticas de astúcia e luta por reconhecimento direcionaram-se contra essa circunstância, principalmente no sentido de acesso à educação e desempenho de atividades remuneradas formais ou informais, possibilitando a circulação pela cidade e vivências intersubjetivas mais diversificadas. Dessa forma, em relação à branquitude das participantes, essa característica é evidenciada quando a casa surge como lugar de fixação primordial, a qual Célia se referiu como “cadeia” e “penitenciária”; Nanci diz que, diferentemente do que era comum, não se sentia “presa” pelo marido, por exemplo. Este é um ponto de envolvimento, exercício de tenacidade e inflexão ao longo dos relatos de história de vida. A nuclearização familiar, característica do meio urbano em desenvolvimento, que se deu junto ao desenho de um protótipo familiar considerado como norma, tinha como cerne a mulher do lar, dócil/amorosa e casta: a rainha do lar. Em síntese, as participantes deste estudo procuraram reverter e ampliar suas possibilidades de existência para além dessa prerrogativa.

6 CONCLUSÃO

A partir dos relatos de história de vida nos aproximamos do período de modernização de Assis/SP e região e, principalmente, de um entendimento sobre como esse processo afetou a vida cotidiana e as relações intersubjetivas das participantes do presente estudo. Um dos destaques foi a socialização a partir dos papéis de gênero arraigada em seus respectivos contextos familiares. O acesso à educação foi o ponto, comum a todas elas, em que a condição de ser mulher impactou. O caminho prescrito e naturalizado para a mulher branca era o da permanência dentro do lar, dedicando-se às atividades domésticas e de cuidado irrestrito à família, num período histórico de desenvolvimento urbano e nuclearização familiar. Essa condição era administrada pela figura paterna, e, após o casamento, pelo marido. A circulação pela cidade, quando havia, era específica para atividades de estudo, trabalho, religiosidade, eleições ou festas populares.

A mãe de Nanci, por exemplo, foi a única que teve a experiência de trabalhar como técnica de som, no período anterior ao casamento, na rádio local. Depois da união matrimonial, parou de exercer essa função, sedentarizando-se em casa. As mães das outras participantes estiveram, a maior parte do tempo, dentro do espaço doméstico, quando não, desempenhavam atividades informais como cozinheira e empregada doméstica, por exemplo. O acesso à educação parece ter sido o elemento de diferenciação entre a geração das mães das participantes. No caso de acesso à educação universitária e ao próprio espaço da universidade, como no caso da Unati, destaco que isso foi possibilitado, também, pela oferta de ensino público gratuito na região centro-oeste do interior paulista entre o final de 1950 e início de 1960.

Exercendo funções tradicionalmente atribuídas às mulheres, professoras, Nanci e Elenira (graduadas em Letras e Biologia pela Unesp, respectivamente) lidaram com questões diretamente relacionadas à circulação pelos espaços urbanos e zona rural da região durante o final da década de 1960 e ao longo de 1970. A mobilidade foi o principal desafio profissional, de modo que, para Elenira, isto se deu ainda antes da formação acadêmica, quando conciliava as viagens para cursar a graduação em Marília/SP com as aulas que assumiu em um sítio da região. Isso se explica pela alta demanda e número reduzido de profissionais dispostos a atuarem em áreas remotas, inclusive aquelas que ainda não dispunham de pavimentação, sendo o trajeto feito em estradas rurais de terra.

Logo, o meio de transporte mais adequado para o tipo de solo era carroça ou jipe. Nanci e Elenira, investiram, com o passar dos anos de trabalho, na compra de veículo próprio, o Fusca, carro popular da época, para percorrer esse trajeto: porém, era comum ficar pelo caminho

quando o carro atolava. Ao se deslocarem pelas rodovias e estradas de terra sem a companhia de um homem, ou, mesmo quando havia algum, lidavam com insinuações sobre o tipo de relação que tinham com essas pessoas, além de situações de ameaça ou violência praticada. Tendo tido o acesso à educação básica impedido pela figura paterna, Célia e Lourdes relataram experiências distintas. Célia passou a ser mantida dentro de casa, desempenhando atividades de manutenção doméstica e preparo de refeições quando a mãe adoeceu com reumatismo. Essa condição foi intensificada porque sua meia-irmã embarcou num trem e fugiu com o namorado para outra cidade. Então, o pai procurou mantê-la dentro de casa, para que não namorasse e, conseqüentemente, não fugisse, inclusive tirando-a da escola por conta disso.

Após um grave acidente de trabalho sofrido pelo pai, Célia começou a trabalhar fora aos 18 anos, foi quando conheceu aquele que viria a ser seu marido. O matrimônio foi uma saída da rotina de reclusão no espaço doméstico e mando paterno que Célia se queixava. Porém, o casamento revelou-se, parcialmente, como uma continuidade dessa dinâmica familiar anterior, com o agravante das inúmeras situações de agressão física e violência sexual que Célia sofreu continuamente do marido. Em virtude do empobrecimento diante dos gastos excessivos com bebida alcoólica e falta de comprometimento do marido com a rotina do casal e dos filhos, Célia começou a trabalhar como lavadeira, empregada doméstica e cozinheira. Retomou os estudos após o falecimento do marido, através do EJA, momento que também passou a frequentar as oficinas da Unati.

Por sua vez, Lourdes não foi letrada, isto se deu por uma determinação paterna feita no sentido de que, assim, ela teria menos oportunidade de se comunicar com eventuais namorados trocando cartas. Quando estava com, aproximadamente, 10 anos de idade, começou a trabalhar como empregada doméstica em condições análogas à escravidão, uma vez que residia no local de trabalho, não recebia salário, e o alimento oferecido a ela eram as sobras dos patrões. Ainda neste contexto, sofreu uma situação de violência sexual por parte do patrão. Lourdes casou-se fugida, aos 16 anos de idade. Passou a trabalhar junto com o marido como carcereiros numa cadeia de madeira, onde moravam numa espécie de casebre anexo ao galpão. Começou a aprender a ler com a ajuda de uma vizinha, em seguida, o marido pagou a ela um curso de corte e costura por correspondência. As atividades profissionais que desempenhava aconteciam dentro do próprio espaço doméstico: desde a função informal de carcereira, costureira e, posteriormente, de cabelereira. No entanto, Lourdes relatou que aprendeu a ler, de fato, após frequentar a oficina de letramento oferecida pela Unati, quando estava na faixa etária dos 60 anos de idade.

Além da questão do acesso aos estudos impedido ou não incentivado pelas respectivas figuras paternas, outro aspecto comum entre as participantes foram situações que se sentiram ameaçadas ou que, de fato, aconteceram perseguições, assédio e violência sexual. Não havia lugar seguro, uma vez que ser mulher implicava às participantes uma condição de objeto, no contexto de uma cultura estruturada na figura de poder e mando masculino. Apesar deste cenário desfavorável, as participantes do estudo trouxeram relatos sobre experiências que tiveram com grupos ou pessoas que foram fundamentais para que se percebessem a si mesmas a partir dos sentidos de autoconfiança, autorrespeito e autoestima, como propõe a teoria do reconhecimento. As relações intersubjetivas calçaram atitudes que mobilizaram as participantes a tentativas de redefinição do que o contexto social prescrevia a elas. Ainda que não tivessem acesso às pautas de movimentos sociais que tratam das desigualdades e formas de violência sofrida pelas mulheres, elas seguiram a luta por reconhecimento através de atitudes de tenacidade, as quais, do ponto de vista das relações de reconhecimento mútuo, certamente produziram reverberações e permitiram continuidades desse tipo de atitude.

A possibilidade de manifestação de gestos de tenacidade revela a existência de pontos de apoio afetivos, de respeito e de solidariedade, os quais, ainda que limitados, permitiram que as participantes se colocassem em movimento a partir da indignação diante do modo como eram tratadas. Aqui, cabe acrescentar que estamos falando da trajetória de vida de mulheres cisgênero, brancas e heterossexuais, compreendo que essas características – condizentes com a representação daquilo que é tido como norma, tendo, portanto, privilégio simbólico –, favoreceram o percurso de luta por reconhecimento e, principalmente, a legitimação do direito de acesso à educação que foi condicionado a elas pelas respectivas figuras paternas.

Mesmo que não sejam disputas que tenham se resolvido, pelo contrário, continuam tensionadas e existentes, este engajamento das participantes se deu ao longo da modernização da região, em que os papéis de gênero foram reforçados, com tendência a sedimentarem-se, dando espaço para o paradigma subjetivo da individualidade e branquitude: representado pelo trabalho assalariado, conduta racional, ambiciosa e produtivista. Porém, há coexistência de significados construídos culturalmente sobre papéis de gênero, a dinâmica de individualização da modernidade e a atuação da Igreja católica em associação com o desenvolvimento da economia capitalista na região: esses fatores permanecem vigentes no cotidiano do interior paulista e articulam-se simultaneamente.

É fundamental que a teoria do reconhecimento continue a ser estudada e aplicada junto a diferentes regionalidades e populações, consideradas em suas interseccionalidades e marcadores sociais da diferença variados. Nesta pesquisa, trabalhamos com a especificidade da

trajetória de vida de mulheres cisgênero, brancas, heterossexuais, aposentadas e pensionistas, moradoras da região centro-oeste do interior paulista, sendo que toda a discussão aqui apresentada é específica e delimitada por essas características. Portanto, se tratando de uma pesquisa qualitativa, os resultados obtidos não são generalizáveis, mas permitirem compreender descritivamente a dinâmica entre o processo histórico de transformação dos modos de vida e, como essas pessoas, tensionadas por marcadores sociais da diferença específicos, repercutem e reinventam as possibilidades de existência nesse contexto.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ANDRADE, Érico. *Sobre losers: fracasso, impotência e afetos no capitalismo contemporâneo*. Curitiba: Editora CRV, 2020.
- ANDRADE, Luciana V. R; LINS, Isabella L. A feminização da velhice: representações e silenciamento de demandas nos processos conferencistas de mulheres e pessoas idosas. *Mediações*, Londrina, v. 23, n. 3, p. 436-465, 2018.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARROS, Luiz C. de. Assis – 100 anos: memória em fotos. Assis: Editora Conosco, 2005
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CENCI, Angelo. V. Individualização e reconhecimento. *Educação*. Porto Alegre, v. 36, n. 03, p. 314-324, 2013. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/15529/10661/>.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CUNHA, Jorge L.; MACHADO, Alexsandro. S. Sujeitos que lembram: história oral e histórias de vida. *História e Educação*. Pelotas, v. 7, n. 14, p. 63-77, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30222/pdf>.
- DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice: socialização e processo de reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 2012.
- DEBERT, Guita G. Entrelaçando gênero, sexualidade e curso de vida: apresentação e contextualização. *Sociedade e Cultura*, v. 19, p. 1-10, 2017.
- ECHEVERRÍA, Bolívar. El ethos barroco. *Debate feminista*, vol. 13, pp. 67-87, 1996.
- FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução; trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. São Paulo: Global, 2009.

FERREIRA, Sandra. A.; SILVA, Zélia L. da; (Org.) *A trajetória da Faculdade de Ciências e Letras de Assis nos desafios educacionais do ensino superior: entre o passado e o futuro*. Assis: UNESP – Campus de Assis, 2012. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/fcl/livro/>.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

GRAHAM, Dee L. R. *Amar para sobreviver: mulheres e a síndrome de Estocolmo social*. São Paulo: Editora Cassandra, 2021.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2013.

GONÇALVES, Eliane. *Vidas no singular: noções sobre “mulheres sós” no Brasil contemporâneo*. 2007. 252 p. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/>.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: 34, 2009.

HONNETH, Axel. *Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento*. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

HONNETH, Axel. *The I in we: studies in the theory of recognition*. Malden: Polity Press, 2012.

HONNETH, Axel. Teoria Crítica. Em: GIDDENS, Anthony. TURNER, Jonathan H. (Org.) *Teoria social hoje*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

HORKHEIMER, Max. *Eclipse da razão*. São Paulo: Centauro, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de A. *Fundamentos da metodologia científica*. 7. Ed. - São Paulo: Atlas, 2010.

LEVINE, Donald. *On individuality and social forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia a urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002

MAGNANI, José Guilherme C. Etnografia como prática e experiência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 32, p. 129-156, jul./dez., 2009.

MARTINS, Isis, Ribeiro. “*Só há solidão porque vivemos com os outros...*” *Um estudo sobre as vivências de solidão e sociabilidade entre mulheres que vivem sós no Rio de Janeiro*. 2010. 104 p. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MARTINS, José De Souza. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Contexto, 2020.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA Adriana Kivanski. História oral como fonte: problemas e métodos. *História*, Rio Grande n. 2, v.1, p. 95-108, 2011.

MEAD, George. H. *Mind, self and society*. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.

MELLO, João Manuel. C. de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. Em: SCHWARCZ, L. M. *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MENDES, Bruno de C. *Envelhecimento populacional: desafios de uma nova conjuntura para o município de Assis-SP*. Dissertação de mestrado. Instituto de geociências e ciências exatas, Universidade Estadual Paulista, 2007. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/95597/mendes_bc_me_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y/.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MOURA, Denise. O que as estátuas de bandeirantes têm a nos dizer? *Jornal da Unesp*, 4 ago. 2021. Artigos. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2021/08/03/o-que-as-estatuas-de-bandeirantes-tem-a-nos-dizer/#:~:text=A%20figura%20inventada%20do%20Bandeirante,refer%C3%A2ncia%20de%20vanguardismo%20e%20coragem>. Acesso em: 25 mar. 2024.

MUGGIATI, André. ‘Tieta do Agreste’ morreu no interior de SP. *Folha de S. Paulo*, 18 set. 1994. Cotidiano. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/18/cotidiano/16.html>. Acesso em: 25 mar. 2024.

PEREIRA, L. M. L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. *História Oral*. v. 3, p. 117-127, 2000.

QUESADA, George I. G. Modernidad, eurocentrismo y blanquitud. Bolívar Echeverría y la crítica de la alienación ético-identitária latino-americana. *Praxis. Revista de Filosofía*, n. 71, 2013.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

ROSENFELD, Cinara. L.; SAAVEDRA, Giovani A. Reconhecimento, teoria crítica e sociedade: sobre o desenvolvimento da obra de Axel Honneth e o desafio de sua aplicação no Brasil. *Sociologias*. Porto Alegre, v. 15, n. 33, p. 14-54, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151745222013000200002&lng=en&nrm=iso.

SAFFIOTI, Heleieth Iara B. *Gênero patriarcado violência*. Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Edusp, 2013.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. The metropolis and mental life (1903). In: Levine, D. N. *On individuality and social forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971.

SIMMEL, Geog. Group expansion and the development of individuality. Em: LEVINE, Donald N. (Org). *On individuality and social forms*. Chicago: The University of Chicago Press, 1971. p. 252-292.

SOUZA, Luiz Gustavo C. *Reconhecimento como teoria crítica? A formulação de Axel Honneth*. Dissertação (mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas/SP, 2009.

STAKE, Robert E. *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Porto Alegre: Penso, 2011.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WINNICOTT, Donald W. Algumas reflexões sobre o significado da palavra “democracia” (1950). Em: *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

WINNICOTT, Donald W. A localização da experiência cultural (1967). Em: *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

WINNICOTT, Donald W.; BOGOMOLETZ, Davy. *Da pediatria à psicanálise*. São Paulo: Editora Ubu, 2021.

WINNICOTT, Donald W. O desenvolvimento da capacidade para a consideração (1963). Em: *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Editora Ubu, 2022.

APÊNDICE

Relato de Célia

Primeiro Encontro (14h às 17h30)

Célia, 73 anos, me aguardava na calçada, acena para mim, ainda de longe, quando me vê chegando a pé. Ela mora numa casa de madeira com sala, cozinha e dois quartos; no quintal dos fundos, existe a fundação de uma obra, Célia me explica que os filhos estão para erguer uma casa ali já faz um bom tempo, mas ela não sabe se verá isso acontecendo. Um dos filhos mora com ela, além disso, os dois tem um cachorro, o Jow. O bairro se situa nas proximidades do campus da Unesp (a 1km) e, nele, há uma paróquia; nessa região, residem muitos idosos da cidade. No entanto, ela me conta que, na casa em frente à sua, moram estudantes, é uma república. Entramos na sala, me sento no sofá e ela, numa poltrona, logo à minha frente. Célia puxa um banco, estica as pernas e começamos a conversar. Explico para ela o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em seguida, ela o lê atentamente e assina. Para isso, Célia utiliza como apoio uma pasta de exames médicos. Eram imagens de raio x do seu ombro. Célia me conta que sofreu uma queda, quando ia a pé à Unesp, para participar de uma oficina da Unati, no final de 2017. Precisou fazer cirurgia em Marília/SP, ficou de repouso por muito tempo e, logo depois disso, veio a pandemia. Célia diz que sente muita falta de sair de casa e conversar, já que está passando muito tempo sozinha. Falo para ela que gostaria de conhecer sua história de vida, e que não tínhamos um tempo certo para que isso acontecesse, poderíamos nos encontrar mais vezes, se fosse o caso. Sugiro que Célia se sinta à vontade para relatar sua história e que, vez ou outra, eu faria algumas perguntas para que ela se aprofundasse em determinados temas. Peço permissão para gravar nossa conversa e damos início à entrevista.

Célia: casei com 19 anos, fiquei casada... 44 anos mais ou menos. Ele morreu. Sofri... Do dia que eu casei até o dia que ele morreu. Eu não vivi, não tive vida, né? Na minha época, casou é o marido que manda. Até uma hora que eu acordei, depois de 40 anos acordei... Foi um tombo que eu levei... de bicicleta. Eu ia ali na “Rosinha Presentes”, fui pagar ela, ia de bicicleta. Ia na minha sogra primeiro, pra deixar a comida pronta, para minha sogra e para o meu cunhado, aí desci de bicicleta, na hora que chegou na esquina, lá na Aurelio Cataldi, na hora que fui virar, tinha um monte de buraco, desviei de um, foi outro, fui parar do outro lado da rua, cáí... Não senti nada, ralou meu rosto tudo, não senti nada, cai em cima do braço. Arrastei a bicicleta para

calçada e fiquei sentada ali, porque eu não conseguia me levantar, aí passou umas crianças e falou “eu sei onde a senhora mora”, porque sou catequista, moro aqui há 50 anos. Falei, passa lá na minha casa, fala para o meu filho me buscar que eu caí de bicicleta, não posso andar. Meu filho falou: “mãe a senhora quer que leve você (no hospital)?”. Disse que não, tinha que ir na avó pra fazer o almoço de domingo, isso era num sábado. Hoje é 12, né? Amanhã é 13... Amanhã faz exatamente 18 anos, foi em 2003. Foi a hora que eu acordei pra vida. Não tinha nada quebrado, não doía, mas eu não ficava de pé, tive desligamento cruzado, não sentia a perna. Aí meu filho me levou lá na Santa Casa para fazer o raio X, no Pronto Socorro, que era no Regional, só que eles não fizeram, tive que ir lá na Santa Casa. Chegou 19h lá na Santa Casa, demorou porque era mudança de horário de turno, cheguei lá, o rapaz tava com muita pressa. Falei que eu não conseguia ficar de pé, ele queria que eu levantasse da cadeira e subisse (na mesa de raio X). Fui ficar de pé e caí com todo meu peso em cima do braço. O osso saiu pra fora, eu senti tanta dor que perdi toda a água do corpo. Tive cinco filhos de parto normal, nunca senti uma dor terrível como foi essa. Aí o rapaz falou que eu ia precisar fazer cirurgia. Ainda bem que, quem veio lá, era meu médico, já conhecia. Colocaram uma tipoia para segurar, porque não tinha anestesia, isso era sábado, depois domingo, e na segunda, dia 15, também era feriado. Falou para ir na terça, para internar, fui operada na quinta. Aí a moça do Iamspe me disse: “por que a senhora não falou que eles te deixaram cair?” Falei, bom... Se eu tivesse acompanhando uma pessoa, eu teria colocado a boca no trombone, mas como era eu, falei... “Ah, já foi mesmo”. Vou fazer o outro perder o serviço? Eu não. Ela me falou que eu tinha que ter feito cirurgia na hora. Mandaram colocar uma tala na minha perna, tinha que andar com uma muleta porque não podia dobrar a perna. Falaram que eu precisava fazer uma ressonância, tive que ir para São Paulo, lá no HU (Hospital Universitário). É lá da turma da USP. Fui sozinha, de ônibus... 23h30 mais ou menos. Depois de 1 hora, o ônibus para e entra gente correndo no corredor, e eu “nossa o que aconteceu?”. O senhor que estava sentado do meu lado, tava com o rosto tampado com uma jaqueta de couro, acho que ele veio de fora, quando chegou aqui, ele já estava (no ônibus). Ele tinha levantado para ir ao banheiro, aí a polícia fala: “ele está caído aqui”; puxaram ele para fora para receber ar. Eu não vi nada, estava escuro no ônibus. Perguntaram se tinha algum médico no ônibus, apareceu um gastro. O ônibus parou no meio do nada. Olhei pela janela... Vi o cara deitado. Me perguntaram se eu conhecia. Disse que ouvi ele conversando com o filho, pelo celular, dizendo que, mais ou menos, 5h30 ele chegava na Barra Funda e era para, dali, os dois irem para Jundiaí. Ele caiu e morreu. Deu infarto fulminante. Estava com um eletrocardiograma no bolso. A polícia precisou ligar para os vizinhos lá em São Paulo, para avisar a irmã dele, que avisou o filho dele. O ônibus ficou parado

4h, e a minha consulta era às 10h. Liguei para o meu irmão, que ia me esperar na rodoviária, para explicar o que aconteceu e que eu ia atrasar. A turma (do ônibus) começou a reclamar da demora, falei: “ele tá sozinho, vocês gostariam que deixassem você sozinho aqui no meio do nada? Vamos rezar pela alma dele”; ficaram tudo bravo. No que eu cheguei na rodoviária (Barra Funda), meu irmão já me levou direto no hospital. Do jeito que eu estava no ônibus, eu fui. Fiz a ressonância no braço e na perna.

Pode me falar mais do seu irmão?

C.: o Elsinho mora em Osasco, ele é um anjo na minha vida. Ele e a esposa são anjos na minha vida. Cuidou da minha mãe. Porque a minha família é de São Roque, nasci e morei lá até os 19 anos, vim embora para Maracá (cidade vizinha de Assis, depois vim pra cá. Meu irmão comprou um... Uma coisa mais reforçada para a perna e uma bengala, pra me equilibrar mais, depois de um tempo, nem precisei usar mais. Até dançar de salto, dancei. Ia com meu irmão nos bailes. A minha vida mudou depois dessa vez... Minha vida mudou e muito. Aí comecei a pensar em mim, né? Comecei a gostar de mim. Eu acordei.

A senhora já era viúva nessa época?

C.: Não... Eu tinha 53 anos. O padre veio aqui (em casa) umas duas ou três vezes, ele me falou: “Deus te fez cair da bicicleta para aprender a pensar em você, porque você só pensa nos outros, você se deixa em último lugar... Tem que gostar de você primeiro. Você só vive em função dos outros”. Foi quando eu acordei.

- O filho de Célia, que estava na casa durante seu horário de almoço, passa pela sala, se despede e volta ao trabalho. Assim, ficamos só nós duas. Ela me diz que, agora, vai contar uma parte da história que não queria que o filho escutasse.

C.: meu irmão tinha me falado que o italiano estava aqui (no Brasil). Eu fiquei branca, amarela, azul, verde... Levei um choque. Meu irmão falou: “ele quer te ver, você vem?”. Ele, o Dante, me ligou, falei: “oi, Júlio! Tudo bem?”, inventei outro nome. A hora que ele me ouviu falar, meu irmão contou que ele deixou cair o telefone. Já pensou minha ansiedade? E eu estava machucada ainda (por causa do acidente de bicicleta). Outro dia, eu liguei lá na tia dele (em São Roque). Ela me contou que ele (o italiano) começou a procurar os meus irmãos, queria

saber de mim, já que eu não estava mais morando lá. Ele só sabia de mim pelos nossos amigos em comum, ele sabia que eu sofri. Antes disso, a gente tinha se visto de longe, nas festas de São Roque. Ele sabia como meu marido era, mas ficava rodeando. Ele sabia como meu marido era ruim pra mim. Ele foi embora (para Itália) no dia 25 de março de 1965. Vi ele ir embora no sedan preto do tio, ali fechou meu coração e joguei a chave fora. Nossa como eu sofri... Eu estava machucada, ainda estava fazendo fisioterapia (devido ao acidente de bicicleta). Fui para uma consulta em São Paulo, e meu irmão me perguntou se eu queria encontrar (o italiano) hoje ou amanhã... Falei: “quero ver agora”. Minha sobrinha estava junto. Eu tinha cortado o cabelo bem curtinho, porque eu não podia mexer no meu cabelo por causa do braço. Cortei muito curtinho... A mulher acabou com meu cabelo. Deixou de um jeito que nem tinha como cortar mais para acertar. Minha cunhada falou para eu ir numa cabelereira ali perto: “vai lá dar uma ajeitadinha no cabelo pelo menos”. A hora que eu saí de lá, minha sobrinha falou: “seu amigo já chegou”. Quando eu vi *ele*... Mas eu chorei, chorou os dois, né? Meu irmão tinha ido de Osasco até São Roque para buscar ele. Ele veio sozinho, a mulher e a filha não estavam junto. Olhava para o rosto dele, tremia e chorava. Ele falou: “a coisa mais linda da minha vida, foi o dia que a gente se encontrou”. Era um amor que estava tão guardado, tão sufocado lá dentro... A gente deu um abraço e minha sobrinha falou: “isso não é abraço de amigo tia” (Dona Célia ri). Meu irmão, minha cunhada e sobrinha saíram, deixou nós dois lá. Eu chorava de emoção, chorava por estar machucada, chorava de vergonha, sabe? Era uma coisa que toda a vida eu quis... Mas machucada, a perna com tala. Ficamos o dia inteiro nós dois. Primeira vez na minha vida que me senti mulher, me senti desejada, me senti amada... E sei que sou amada até hoje por ele. Eu o amo mais do que qualquer coisa na vida. Casei, tive 5 filhos... Mas, assim... Usa e joga de lado. Uma vez fui fazer confissão, e tinha os missionários, falaram: “mulher tem que ficar deitadinha esperando”. E eu fiquei mesmo, não pode falar não, né? Qualquer coisa já fala: “por que não quer? Tá guardando pra outro?”. Mas tanta coisa eu ouvi... Que o filho caçula não era filho dele (do marido), esse que saiu aqui (que estava na casa com a gente antes), ele faz 50 anos em fevereiro. Meu marido mandou dar injeção em mim pra tirar, mas ele nasceu forte. Com 4 meses e meio teve meningite. Ele (marido) bebia e não ia trabalhar, falava para eu ligar lá no DR (Departamento de Estradas e Rodagem), dizendo que não ia trabalhar porque o filho estava doente. Eu tenho tudo isso guardado. Nessa época, eu já estava grávida da minha menina, porque ele nunca me respeitou, sabe? Eu não podia sentir nada, não podia perguntar nada, não podia desejar nada. Eu fui uma tonta, sabe? Eu só sentia raiva e nojo. Eu tinha pavor. Depois, comecei a dormir nos pés da cama e até hoje durmo. Não consigo dormir na cabeceira. Troquei de cama, comprei outra, mas eu não consigo. Mesmo quando vou na casa dos outros. Quando

vejo, estou deitada no pé da cama. Foi terrível. Quando estava grávida da minha menina, ele mandou dar injeção. Isso é a única coisa que eles (os filhos) não sabem. Não vou falar para não ficar com raiva do pai. Os outros falava: “nossa, mas ele (o marido) é tão bom”, é... Bom para os outros, pro boteco... Quando chega em casa, é a mulher que paga, dizia que eu vivia beirando saia de padre. Olha, foram 40 anos da minha vida que... Aí eu comecei a trabalhar, fui fazer faxina, fazia almoço, costurava também, comecei a ganhar algum dinheirinho, né? Aí começa a clarear... Você vê as coisas, escuta as coisas... Porque eu não saia de casa, né? Saia de casa para levar filho no médico, só. E ele (o marido) nunca acompanhou, sempre eu que fui. Meus filhos nasceram eu fui tudo sozinha, sabe? No hospital, eu ficava sozinha. Ele nunca fez companhia, também, eu nunca quis. Nem ele, nem ninguém. Eu mesma ia me internar, ia me operar. Ligava para o táxi. Com isso tudo, eu revoltei. Então não podia nem olhar pra ele (o marido), ele bebia, vomitava pelas paredes, olha, gente... Foi uma vida que não foi vida, eu vivi a vida dele, que ele quis, e eu não vivi a minha vida. Não podia ser quem eu era. Sempre fui uma pessoa alegre. Porque eu sou filha de palhaço de circo, meus irmãos é pura palhaçada. Eu era uma pessoa triste, na foto minha, quando eu tinha 33 anos de idade, parecia que eu tinha 70, de tanto sofrimento, de tanta amargura. O semblante você vê que tá pesado, né? As pessoas *mesmo* percebia, porque eu *tava* sempre brincando, fazendo os outros ri, mas eu *tava* que *tava* morrendo... Aí ele (o italiano) veio. No outro dia, meu irmão levou a gente num hotel, já tinha deixado a gente na casa o dia inteiro. Maior felicidade do mundo. Isso foi em 2005. Na minha cabeça, eu *tava* fazendo a pior coisa da vida, eu me sentia...

- Nesse momento, a filha e o genro de Célia chegam. Vieram buscar um bolo e pão que ela havia preparado para eles levarem a uma festa.

C.: Eles fazem festa temática, hoje é de cigano, já teve de árabe. Eu fui em uma delas, mas agora é lá no Paraná. Vai muita gente, eles dormem em barraca, eu não vou porque não posso dormir em qualquer lugar. (Dona Célia volta a falar do encontro com o italiano) Mas eu sentia muita vergonha, ele me disse que não era vergonha, era pudor. Aí a gente não se viu mais. Ele voltou (para a Itália), me disse que só tinha voltado porque eu não pedi pra ele ficar (no Brasil). Como? Eu me imaginava a última das pessoas. Agora a gente conversa, ele liga um dia sim, um dia não. Ele mora com a esposa lá na Itália...

- Célia fica em silêncio, pergunto se ela poderia me contar sobre a história da família dela.

C.: meu pai sempre foi alegre, foi palhaço de circo, mágico, ele participava de comício. Ele é de Osasco, quando o pai morreu, os irmãos deixaram ele no orfanato. Foi criado no orfanato. O pai dele era português. A mãe eu nem conheci, nem foto dela tem. Agora... O avô da minha mãe era africano, foi escravo. Veio com navio negreiro. A minha bisavó, mulher dele, era italiana. É uma mistura. Minha mãe é de São Roque, meus irmãos todos nasceram lá. Meu pai fugiu do educandário “São José”, ele sofria muito, apanhava, ficava de castigo. Ele era miudinho, judiavam dele. Ele passou muita fome. Meu pai gostava de se vestir para sair no carnaval, se vestia de mulher, de baiana, sempre gostou de bagunça. Por último, ele trabalhou como chefe de trem da Sorocaba. Ele fazia um longo percurso, vinha de lá (São Paulo) até Porto Epitácio, agora não tem mais... Ele ficava uns oito dias fora, era trem-restaurante, cada estação, eles paravam para fazer pagamento. Às vezes, viajava o governador, tinha os cozinheiros, tinha tudo. Quando ele voltava, as coisas que sobravam, ele levava pra casa: marmelada, goiabada, lata de bolacha *Aymoré*. Minha mãe era do teatro amador, fazia peça de teatro. Tinha um centro espírita que era do meu tio, todo ano eles faziam uma peça de teatro. Tinha as *cortina* tudo. Lembro até hoje das peças. Eu dancei também. Dancei uma música indígena, lembro da roupa: era uma saia de veludo preta. Era uma delícia. Lembro dos vestidinhos que minha mãe fazia pra mim. Lembro da minha festa de 5 anos. Estava com um vestido tafetá cor de rosa, todo cheio de babado. Ela (mãe) que costurava. Tinha vestido de marinheiro, listrado. Foi uma infância muito gostosa. A parte mais bonita da minha vida. Final de ano juntava todo mundo na casa da minha avó. Minha mãe só tem uma irmã viva, a tia Claudete, mora lá em São Roque, esse ano quero passar o Natal com ela. Todo ano eu ia, agora, depois dessa pandemia, que não fui mais. A gente faz vídeo chamada. Meu pai não tem nenhum irmão mais. Eu tinha uma babá que era a neta mais velha da minha avó. A Janete, Janjão. Eu era pequenininha, uns 3, 4 meses, ela me derrubou da janela, não chegou a quebrar nada, porque eu *tava* toda empacotadinha. Eu adorava a Janjão... Eu amava. Era a repórter da cidade, de manhã, já estava sabendo de tudo que tinha acontecido na cidade. Minha mãe era espírita, porque minha avó também era. Meu tio construiu um centro. Tem até foto dele com carrinho de mão na construção. Meu pai ajudou. Era muito divertido. Tudo dá risada, fala alto. Todos têm a mesma voz quase. São todos parecidos. Temos os nomes parecidos. Somos em nove (filhos). Meu pai queria fazer um time de futebol (rindo). A gente passou apertado, mas nunca faltou pão, amor e carinho dos meus pais. A gente era em bastante, então era tudo repartidinho, sabe? Uma família que eu amava. Quando eu vim embora pra cá (Assis), eu morri dia a dia. Não podia rir, não podia conversar com ninguém, não podia sair... Nada. Eu anulei a minha vida totalmente. Quando tinha 18 anos, meu pai tropeçou, caiu na linha do trem, o trem passou. Ele ficou no hospital, fazia dois meses

que eu tinha começado a trabalhar, meu pai não queria que eu trabalhasse. Mulher não podia trabalhar. Trabalhava no açougue. Quando voltei pra casa de tarde, me falaram que era pra eu ir lá na estação, porque já era pra ele ter chegado. Eu era a mais velha e minha mãe estava com meus irmãos mais novos. Ele (meu pai) perdeu a mão, depois deixaram uma semana sem olhar, isso no hospital da Sorocabana, ali na Lapa, em São Paulo, apodreceu, precisou cortar parte do braço. Foi a época mais difícil. Mas quando era criança, meu pai trazia bolinha de gude, trazia *pra* todos os filhos. Não podia sair pra brincar na rua, a gente brincava no quintal. Quando minha mãe olhava, a gente brincava na rua, tudo sentado na calçada. Brincava de passa anel, de pular corda. Essa casa era meia parede com a do italiano. Quando eu tinha 11 anos, tive uma doença que meu pai me levava, me deixava no sítio pra mim não ficar escutando os barulhos, não me governava mais, de uma hora pra outra... Não mexia, não comia. Foi uma tristeza, dois anos de tratamento tudo errado. Quase que eu fico numa cama pra sempre. Quando eu comecei a sentir, meu pai já me levou no hospital, quando eu tinha 9 anos. Eu estava varrendo a casa, era tudo de assoalho, encerava, né? E eu varrendo com a vassoura de pelo, eu pegava com uma mão e não ajudava com a outra. Meu pai percebeu isso, me levou no médico, deu uns remédios. Deu injeção, quase morri... Chegaram a quebrar injeção em mim. Fiquei pele e osso. Minhas roupas precisavam ser tudo amarradas *pra* não cair. Chegou no último da doença, meu pai queria matar o médico, ele falou: “olha como ela está... O senhor lembra o dia que eu trouxe *ela* aqui? Antes ela só não pegava, agora não fica nem de pé, não anda, não come...”. Meu pai avançou no médico, precisaram segurar. Aí eles marcaram consulta no hospital da Sorocabana. Marcou um médico lá que foi médico do meu primo também, que morava em Osasco. Ele tinha um tique, uma coisa de mexer com a cabeça. A mãe dele também tinha. Disseram que o médico foi bom e me levou também. O médico também tinha tique nervoso na perna. O médico pediu para eu esticar a mão, minha mão tremia, não parava. Minha língua não parava na boca. Falou que primeiro precisava cuidar pra diminuir isso (tremedeira/espasmos), depois, faria uma operação na garganta. Era uma infecção na amígdala, foi *pro* sangue, pegou no nervo, pegou em tudo. Fiquei sete dias internada até operar, mas porque meu pai trabalhava, minha mãe em casa, em São Roque, cuidando das crianças, era o hospital da Sorocabana, na Lapa, era o hospital dos servidores da Sorocabana. Fiquei sozinha, meu pai não podia ficar lá. Quando ele voltava do serviço, passava lá. Depois voltei pra casa. Enquanto fiquei doente, tomei tudo quanto é coisa, dava choque, punha dentro de coisa de madeira, que tinha no sítio do meu tio, punha na água fria, depois na água quente. Ficava lá no rio, na água fria. Tudo que ensinavam, meu pai fazia, meu pai chorava... Ele tirou licença premium pra cuidar de mim. A gente ia pra São Paulo de trem. Bom, melhorei. Fui visitar uma menina que teve a mesma doença que tive... Ela ficou na

cama... Mas eu fiquei bem, tomei tanta vitamina, tanta vitamina... Água inglesa, vinho reconstituente *Silva Araújo*, era bom porque eu tava pele e osso. Aí, quando chegou meus 13, 14 anos eu *tava* desse tamanho, engordei, parecia uma bola, me chamavam de bolão dos esportes, eu não ligava, era brincadeira. Depois, quando eu tinha 18 anos aconteceu isso com meu pai (acidente de trabalho), ele deixou a gente quase louca. Deixou a barba crescer, não cumprimentava, não olhava, porque ficou com um braço só. Ficava com vergonha, punha paletó. Falava que os outros olhavam *pra* ele porque tinham dó.

A Sorocabana prestou algum tipo de ajuda?

C.: sim, porque ele pagava o seguro. Então, ele recebeu 4.500,00 cruzeiros, com esse dinheiro, ele comprou um terreninho. A casa dos meus irmãos é *feito* tudo lá. Passamos apertado. Meu pai começou a vender as coisas na feira. Ele ia buscar as coisas lá na 25 de março, buscava uns brinquedos, bandeirinhas, chaveiro. Toda vez que ele comprava, dava um *pra* mim. A sorte é que eu *tava* trabalhando, meu primeiro pagamento deu *pra* pagar o armazém e a farmácia. Porque a gente comprava no armazém da Sorocabana, já vinha descontado em folha, quando acontece alguma coisa, a primeira coisa que eles cortam é a farmácia e o armazém. Falei: “olha se eu não estivesse trabalhando...”. Meu outro irmão trabalhava numa lojinha, ganhava 20 cruzeiros. Depois, começamos a comprar no armazém do Seu Joaquim, que era bem na esquina de casa. Armazém de secos e molhados... Foi um tempo bom, de amiga de criança, eu tinha as filhas da minha madrinha, as três, elas moravam em frente de casa. Tinha um outro amigo, o Quito, que faleceu agora em 2019, a irmã dele também era minha amiga, tínhamos a mesma idade. Meu pai não me deixava ir em lugar nenhum, mas ela ia para o baile, teve baile de formatura. Eu nunca tive. Teve baile de formatura do meu irmão, que é professor de geografia e guia de turismo. Meu pai fez Mobral, precisava ver a letra que meu pai tinha... Ele escrevia carta *pra* mim. Eu não gosto de escrever errado. Não admito escrever errado. Não gosto de escrever abreviado, eu demoro, tudo na internet é abreviado. Nesse ponto em sou meio... Eu não estudei, meu pai não me deixou estudar, fui até o quarto ano. Lembro de todas as minhas professoras. A que me ensinou a escrever foi a professora Conceição; a segunda professora foi a Dona Julietinha; a terceira foi a Dona Hortência e depois o professor Nicolau. Tinha o diretor, Francisco, de vez em quando, ele substituíu o professor Nicolau. Essa professora Hortência, ela que me ensinou a declamar poesia. Todas as festinhas da escola eu declamava, eu gostava dela, ela me incentivou. Foi a época que eu fiquei doente, perdi muitos dias de aula, mas tirei diploma. Meu irmão repetiu. Meu outro irmão foi bombeiro. Eu que levava eles (irmãos) na escola, eu

que fazia (costurava) o uniforme deles, fazia as *bolsinha* da mesma cor do shorts. Eu cuidava dos dois. Era divertido... Eu que levava eles pra tomar vacina.

E a mãe da senhora?

C.: tinha um monte de filho, ficava em casa. Depois que eu sarei, quando eu tinha uns 12, 13 anos, ela ficou doente por 1 ano. Parecia reumatismo. Tinha roupa de nove, onze *pra* lavar. Era tudo no tanque, aí na época que ela ficou doente, era eu que lavava as *roupa* de todo mundo. Passar, ela passava, porque ela sentava na cadeira e ficava horas passando. Então eu fui dona de casa já aí. Minha avó, a mãe dela, era banqueteira, fazia os quitutes quando vinha o governador, ela era do lado do Ademar de Barros, e o meu avô, do Jânio Quadros, era uma briga os dois, um provocava o outro. Meu pai estava sempre em São Paulo, e ela (avó) queria as coisas do mercadão, lá tem tudo de tudo quanto é tipo. Aí, pedia as coisas pra fazer vatapá, e só lá no mercadão que tinha. Coisa de casa do norte, meu pai comprava lá. Ela (avó) tinha um barzinho. Daí que eu puxei, gosto muito de cozinhar. Trabalhei em buffet durante nove anos, foi depois que eu comecei a trabalhar que eu fui me soltando um pouco mais. Ele (marido) ficava bravo, me xingava. Eu ajudei muito ele (marido) para os filhos não passar fome, trabalhei, lavei roupa *pra* fora... Porque ele gastava com bebida. Pagava bebida e não pagava o armazém. Foi barra. E eu sempre ajudei... Todo mundo. Minha sogra, cuidei dela até ela morrer. Meu sogro morreu na minha mão. Cuidei da minha sogra mais de 30 anos. Meu cunhado tinha esquizofrenia, cuidei junto, ele morreu três anos depois dela. Mas quando fez 40 anos (de casamento) eu fui embora. Falei “não dá mais”, eu cuidava da mãe dele (sogra) e ele ainda ficava brigando comigo. Falei: “poxa vida, é sua mãe, eu deixei de cuidar da minha pra cuidar da sua, e você ainda fala contra mim?”. Nunca falei um nada pra minha sogra. Engoli sapo a vida inteira, falei: “não é justo...”. Ela mentiu (a sogra), caiu e não contou *pra* mim, nem deixou meu cunhado contar. Ficou seis meses ruim, entre a vida e a morte, eu dava remédio, e ela com dor, falei: “não era pra ter dor...”, ela (sogra) foi me contar oito meses depois que tinha caído. Depois eu que sou a culpada. Falei: “chega”. Fui, comprei passagem. Quando fez 40 anos de casado, fui embora. Só que ele (marido) não falou que eu fui embora. Falou que eu fui me tratar, porque eu *tava* doente. Colocaram uma mulher *pra* cuidar deles (da sogra e do cunhado). Disseram que eu não merecia ficar com a aposentadoria dele (marido). Ele sempre falava que eu não ia aproveitar. Foi difícil aproveitar mesmo, porque eu sofri bastante, mas tá bom, tô livre, leve e solta... Aí, com 64 anos entrei na quinta série, aqui no SESI (EJA – Educação de

Jovens e Adultos). Fiz tudo de noite. Em 2016, fiz o ENEM, prestei vestibular na FEMA e na UNIP, passei nos dois, só que não tinha dinheiro para pagar.

Qual curso?

C.: queria curso de Letras. No ano que eu ia prestar aqui (Unesp), foi quando me machuquei. Fiz inglês, espanhol e italiano (nas oficinas da Unati). Participava da Seresta (coral também da Unati). Sempre gostei de cantar. Ah, meu pai foi no programa do Silvio Santos, ele foi três vezes quando era lá na TV Tupi. Ele foi lá fazer mágica, eu fui uma vez junto com ele no auditório, foi quando eu conheci o Silvio Santos... Lindo demais da conta. Tinha um artista lá que fazia uma senhorinha e o Tarcísio Meira também. Meu pai foi com meu tio Carlito. Meu pai fazia amendoim com chocolate. Meu tio fazia coquinho, vendia no trem. Coquinho coberto com açúcar. “Carlito do coquinho”. Então é tudo meio artista. Meu irmão se vestia de palhaço. O outro era contorcionista. Eles faziam lá na praça de São Roque. Os filhos do meu irmão também são contorcionistas, eles têm uma escola de circo. Ganharam prêmio. Um deles trabalhou no espetáculo do Rei Leão, quando veio para o Brasil. Um dos filhos do meu irmão, o mais novinho, é autista, também entrou no circo. Fizeram um trabalho na escola em que ele estuda, do circo com as crianças autistas. As mães tinham mania de esconder, né? A mãe descobriu quando ele ainda era novinho. Calado, no mundo dele. A gente que tem que entrar no mundo deles e não eles no da gente, né?

A senhora se aventurou em fazer algo de circo também?

C.: não. Meu pai não deixava. Dizia que não era coisa *pra* mulher. Meus *irmão* podia tudo. Eu não podia nem pintar a unha. Eu queria ter estudado, queria ter sido enfermeira. Ele (pai) dizia que era tudo vagabunda que ficava com os médicos. Olha... Eu ouvi cada coisa. Tudo coisa da cabeça dele. E ele tinha rabo de saia, acabei descobrindo. Quando meu pai morreu, tinha mais cinco irmãos lá. Os meus irmãos sabiam, eu, como era mulher, não podia saber de nada. Tinha uma irmã também, a Vilma. Quando minha mãe casou com ele, já sabia dessa filha. Nas férias, ela passava com a gente. Minha mãe fazia roupa para nós duas. Minha mãe fez um vestido de salpicão de nylon, era vermelho queimado e as bolinha branca. Laço de fita das duas igual. Vestia igual. Ela (meia-irmã) morava com a mãe dela em São Paulo. Ela tá viva, a gente ainda se comunica. Uma vez, fomos no dentista juntas. *Tava* marcado pra 13h. Chegamos lá, ela falou: “vou tomar água, quer água?”, foi e não voltou mais. Aí fui embora, o dentista fechou.

Falei: “a Vilma sumiu”. Eu tinha 8 anos, ela quase 14. A mãe dela brigou com a minha, achou que não tinha olhado direito. Eu tinha visto... Olha, no final do quarteirão, ficava minha casa, no começo dele, tinha um bar, o bar do Seu Chiquinho, a gente ia comprar sorvete, bala ali. Eu *vi ela* conversando com uma pessoa, mas não vi quem era. Estavam combinando de fugir. Descrevi como ela estava vestida, foram lá na estação do trem pra ver se ela tinha passado por lá. O pessoal da estação não conhecia a Vilma, mas pela descrição da roupa, e por estar acompanhada de um rapaz, disseram que eles tinham embarcado para Indiana. É perto de Presidente Prudente. Fugiram pra casar, ela estava grávida já. Meu pai ficou bravo, nunca mais me deixou sair. Achou que eu faria a mesma coisa. Antes tivesse feito, não tinha sofrido tanto.

Ela não deu mais notícias?

C.: sim, meu pai fez o casamento. Ele vendeu a bicicleta e fez o casamento dela em casa. Depois nasceu minha sobrinha. Ela tem 67 anos, é minha sobrinha mais velha. Aí meu pai não me deixava sair, não me deixou estudar. Quando eu *tava* na admissão pra quinta série, comecei a namorar o italiano. Meu pai descobriu e não me deixou sair mais de casa. Aí não podia nem mais ir *na* casa da minha amiga, porque ele (italiano) também frequentava a casa dela. Nossos amigos era tudo ali. Meu pai me colocou no corte e costura, costurava as calças dos meus *irmão*, camisa. Costurava *pra* mim também. A primeira vez que a gente conversou (ela e o italiano) foi no aniversário dele, eu dei uma abotoadura verde *pra* ele, por causa dos olhos dele que é verde. Começou a tocar música, dançamos. Eu nunca tinha dançado. Tremia, morrendo de vergonha. Ele vem e dá um beijo no meu rosto, roubou um beijo. Sinto até hoje. Ah, quem vive de passado é museu? Então eu sou museu, porque eu vivo do grande amor da minha vida. Mesmo que a gente não fique junto, meu amor é o mesmo. E cada dia eu gosto mais e ele também. Ele foi operado do coração, fizemos chamada de vídeo, vi ele lá (no hospital). É amor de criança, amor puro, amor que eu levo *pra* vida.

Vocês chegaram a namorar escondido naquela época?

C.: meu pai só deixava eu dar volta na praça com as filhas da minha madrinha. A gente se via depois da escola, nós ficávamos atrás de um muro. Eu via meu pai passando, indo trabalhar, aí depois a gente ficava sossegado. Meu pai trabalhou um tempo na estação também, vendendo os bilhetes. Ele descobriu por que uma vizinha fofoqueira... Sabe aquelas pessoas que fica escondido olhando e ninguém vê? Mas só ela vê... Ela contou para o meu pai. Ela via ele

(italiano) me esperando e depois nós dois andando juntos. Meu pai foi lá no ginásio, não deixou nem eu entrar na sala de aula. Falou tanta coisa *pra* mim... Nossa, dizia que eu não ia pra escola estudar, e sim pra namorar. Me deixou de castigo dentro de casa. Ele (italiano) estudava em Sorocaba, fazia tornearia mecânica, quando ele voltava *pra* casa, a gente se via pela janela. Foi tão proibido, tão proibido que foi tão querido. Quando ele foi pra Itália, ele escrevia *pra* mim. Demorava... E a carta ia *pra* casa da tia dele, não podia enviar *pra* mim. De vez em quando, eu ia na casa dela *pra* ver se tinha chegado carta. Eu escondia no sutiã. Uma vez fui tomar banho, caiu e meu pai achou. Meu pai não queria saber, não me deixou mais ir na casa da tia dele. Sofri... Nenhum dos dois foi feliz. Minha primeira poesia, que eu escrevi, foi *pra* ele: “bodas de saudades”. Quando eu fui embora, meu marido me ligava lá em São Roque, perguntava onde eu estava, e eu dizia que estava em casa. Ele falava “sua casa é aqui”. Disse: “nunca tive casa, nada nunca foi meu”. Só voltei *pra* cá no dia que ele morreu. Me crucificaram, a sogra e a cunhada. Meus filhos não. Meu irmão falou que se soubesse que eu queria ver o italiano, já teria marcado o encontro antes... Mas, 40 anos, nunca ninguém soube do meu sofrimento aqui. Quando meu irmão soube, disse que tinha vontade de esganar (o marido). Quando o italiano ligava *pra* mim (e o marido estava por perto) eu inventava outro nome e conversava com ele, nessa hora eu era artista. De vez em quando, ele ligava aqui ou ligava no meu irmão pra saber de mim. A melhor época da minha vida foi a infância até os 14. Eu gosto de cantar, gosto de poesia, escuto todo tipo de música...

Nessa época, vocês tinham rádio ou TV em casa?

C.: tinha... Meu pai comprou a primeira TV, eu tinha 13 anos. A gente assistia o programa do Silvio Santos. No dia que eu fui com meu pai no programa, ele participou de uma gincana de carregar lata d’água nas costas, de quatro, ele, meu tio e mais dois. Tinham que andar e pegar uma salsicha que ficava pendurada, com a boca. Ele pegou, ganhou 20 cruzeiros. Outra vez ele foi, se vestiu de uma velha fazendo tricô. Falei *pra* ele tirar o bigode. Eu tinha loucura *pro* meu pai tirar o bigode, eu gostava do Agnaldo Rayol, meu pai dizia que ele tinha cara de mulher por não usar bigode. Ele falava: “isso não é homem”. Meu pai tirou o bigode, se vestiu de mulher... Quando ele chegou em casa, falei: “nossa, que coisa mais feia”. Eu e meu pai era unha e carne. Mesmo com tudo que ele fez, eu adorava meu pai. Porque, na época que eu fiquei doente, ele que cuidava de mim. Depois ele foi no Silvio Santos também *pra* contar piada. Novela meu pai não gostava que a gente assistia, mas quando ele não tava em casa, a gente via. A primeira novela... Que foi da Tupi mesmo, era “Alma Cigana”, depois teve uma dos imigrantes... Era

com a Ana Rosa. Ela fazia gêmeas em “Alma Cigana”, uma hora ela era cigana, outra era diferente. “Niño, o italianinho”, tocava aquelas músicas e eu chorava... Assistia o “Rin Tin Tin”. Quando nós não *tinha* em casa (TV), nós íamos numa casa ali no quarteirão de uma mulher, só ela tinha televisão. Eles tinham outras crianças também, então a gente ficava tudo ali sentado no chão. Assistia “Bonanza”, o “Zorro”, “Gordo e o Magro”. Tinha até umas horas que podia assistir TV. Depois, meu pai não deixava. Quando via coisa triste, eu chorava, e só eu chorava, então ficava com vergonha. Meu pai dizia que não precisava ter vergonha, ele falou: “eu também sinto”. Meu pai chorava também. Meus irmãos *dava* risada. Meu pai falava para eles não caçoarem de mim, dizia: “ela sente”.

Qual desses programas a senhora mais gostava?

E.: Alma cigana. Tinha também um outro programa com a Georgia Gomide que eu gostava, ela usava uma trança linda. O programa do Silvio Santos era sagrado. Minha mãe adorava o Silvio Santos também. Ela comprou o carnê do baú desde o primeiro. Comprou Telesena... Ela trocava tudo por mercadoria. Tem até hoje lá na casa de São Roque os Marinex que ele pegava.

Como era a cidade de São Roque nessa época?

C.: lá só teve uma fábrica, uma fábrica têxtil, a “Brasital”, agora tem apresentação, biblioteca onde era lá. É um centro cultural. Todo mundo trabalhava lá nessa fábrica, os vizinhos, amigos, minha mãe trabalhou lá, meu avô, vó, minhas tias. Foi um italiano que trouxe essa fábrica têxtil. O Enrico Dell’Acqua. Tem até uma rua com o nome dele. Lá tem colona italiana, né? Tem plantação de alcachofra, muitas adegas de vinho, lá tinha festa do vinho. Toda festa do vinho era uma delícia. Agora só tem a festa da alcachofra. Vendem salame, queijo, vinho licoroso, um monte de marca de vinho. Uma vez eu tinha 7 anos, tomei vinho e adorei. Era festa de São Roque, tinha procissão, eu ia sair levando o standard, fomos na festa e minhas primas experimentaram. Tinha umas 30, 50 barracas, com tudo quanto era tipo de vinho. Experimentavam o vinho, davam um pouco *pra* mim. Fui parar no hospital. Meu pai ficou louco da vida. Nesse dia não pude ir, depois fiquei na minha avó, onde passaria a procissão. São Benedito saía atrás, mas deu um temporal... Nunca mais. São Benedito é o primeiro. É... Lá tem pelourinho, tem as fazendas onde vendiam os escravos. Os bandeirantes passavam tudo por São Roque, sentido Sorocaba. São Roque tem menos habitantes que Assis, porque não pode vir indústria, é uma cidade turística.

Costumava sair para passear?

C.: eu ia no catecismo e lá, se não faltasse na aula, você ganhava um bônus para ir ao cinema “São José”. Tinha a matinê, tinha um horário para as crianças, passava desenho, “O gordo e o magro”, “Mazzaropi”, então quando juntava cinco bônus, você podia ir ao cinema. Hoje não é mais cinema lá, era um cineteatro. Quando tinha festa de entrega de diploma da escola, acontecia lá também. Eu não tive, preparamos a festa (de formatura) o ano inteiro, mas na véspera morreu o diretor da nossa escola. Tinha ensaiado com aquela música: “bom dia, café/ o café que a gente toma/ vem um doce aroma dessa terra/ bom dia, café/ de manhã que coisa louca/ delícia a nossa boca/ bom dia, meu café”, aí os meninos: “soca, soca pilão”, e a gente (meninas): “a balancear as peneiras na mão”. Nós ensaiamos e, no fim, nem teve festa. Mas nas festas de São Roque, você não andava na rua de tão cheio, eram muitas barracas de comida. Lembro de comer com minha mãe lá. Tinha um bolo de mandioca que eu gosto muito.

Ia com a família, amigos?

C.: com a família. A festa era a quase uma quadra da minha casa, às vezes ia sozinha.

Como era ir sozinha?

C.: era tranquilo, não tinha violência. Tinha um lá que era meio louco, a turma falava: “cuidado com o fulano”, falava que ele pegava as meninas. A gente tinha medo. Tinha um outro também que corria atrás, eu tinha medo. Atrás de mim nunca correu. A gente *conhecia eles*.

E em São Paulo, a senhora passeava?

C.: íamos mais pra Osasco, onde tinha família. Uma vez, meu primo me levou lá em Pirituba, subimos lá em cima. Ele me falou: “aqui você pode dar um grito”, dois tontos. Rimos tanto esse dia... Eu era unha e carne com esses primos. Gostava de ir lá *pra* comer coco. Vendia uns pedaços de coco, vinha com casca, eu amava. Agora já sei andar tudo ali. Gosto de lá.

Então, as amizades, era mais com a família?

C.: sim, tinha as três filhas da minha madrinha, mas tinha isso de ficar um na casa do outro. Eu passava lá, mas elas iam para o baile, para o clube, eu não ia, meu pai não deixava. Fui podada de muita coisa.

Vocês conversavam sobre isso?

C.: só dizia que meu pai não deixava. Tinha que obedecer. Teve uma vez... Ele acordava de madrugada *pra* trabalhar, ficava às vezes dois dias trabalhando, dobrava a escala *pra* ganhar mais. Primeiro meu pai começou como lavador daqueles carros de boi, aí foi *pra* limpador do trem, aí foi *pra* camareiro, aí foi *pra* chefe de trem, passava picotando os bilhetes dentro do trem. De vez em quando ele me levava *pra* São Paulo, quando ia comprar as coisas na feira. No dia do pagamento, ele me levava. Como eu era a mais velha, ele me levava. Ia comprar roupa para os *meus irmão*, eu que ia. Era lá no “Mappin” e na “Exposição Clipper”. Ia lá comprar os *terninho*, as camisas tudo da mesma cor. Minha mãe não ia por causa dos outros filhos, não dava *pra* ir todo mundo. Andava de bonde lá. Só que não fui do tempo que usava aqueles vestido cumprido, chapéu...

Como a senhora se vestia?

C.: os *vestido* era mais curto. Não podia usar calça. Fui comprar uma... Era calça de pijama. Meu pai comprou no “Mappin” *pra* mim. Só. Não tinha mulher que usava calça comprida. Primeira calça que comprei, tinha 50 anos de idade. Meu marido não deixava, usava saia abaixo do joelho, não usava cabelo solto.

Quem preparava a comida na casa?

C.: minha mãe mas, depois, eu que fazia comida, desde os 7 anos. Era fogão de lenha, meu pai comprava carroça de lenha. Arroz, feijão, linguiça, carne seca... Usávamos óleo de amendoim e de algodão. Era “Salada” a marca do óleo. Fazíamos com banha também *pra* temperar o feijão. Fazia torresmo. Nessa época, quando eu tinha 7 anos, ia *pra* escola, atravessava a cidade inteira, sozinha, a pé. Quando foi o terceiro e o quarto ano, fui para uma escola que ficava perto de casa. Tinha um brejo, uma fábrica de látex, era do irmão da minha madrinha a fábrica. Tinha um córrego. Na hora do lanche, ia tomar lanche em casa, era 30 minutos, então dava tempo de voltar. Minha mãe deixava pronto o “Cresto”, não tem o “Ovomaltine”? Esse aí é o de rico,

minhas primas tomavam esse, mas isso porque eles eram em poucos, na minha casa era bastante (gente). Era mais barato. Minha mãe já deixava o lanche, tomava o lanche, minha mãe também fazia o pão, comia e voltava *pra* escola. Minha avó que tinha o bar também fazia o pão. A Janjão, que era minha babá, batia tudo na mão. Ela era forte. Batia suspiro, fazia doce de abóbora. Fazia quindim, bom-bocado de queijo, de coco. Eu ajudava a desinformar, quebrava, eu comia. Depois, quando eu fiquei doente, minha mãe lavava roupa e eu que guardava... Detestava guardar roupa. Era roupa de 10 *pra* repartir. Tinha que fazer um montinho de cada irmão, da minha mãe e do meu pai. Minha mãe passava roupa de sábado, eu guardava de domingo, depois da missa. Chegava da missa, minha mãe botava batata *pra* cozinhar pra fazer nhoque. Era tudo eu que fazia: descascar a batata, amassar a batata...

Como era a casa?

C.: tinha dois quartos, mas assim, varado; quintal; um corredorzinho, banheiro, cozinha, depois a sala. Tinha dois beliches de três e uma cama americana, onde eu dormia. Tinha um guarda-roupa onde ficavam as roupas do meu pai, da minha mãe, e as roupas de cama, o resto ficava tudo em cômoda. Tinha os ternos do meu pai, ele trabalhava de terno azul-marinho. Quem trabalhava na Sorocabana tinha uma elegância. Meu pai era um galã.

Os irmãos da senhora iam para escola?

C.: sim, eles puderam estudar, eu não. Meus irmãos, eles que pagaram a faculdade. Tenho um irmão que é marinho, já é aposentado, mora em Angra dos Reis. Ele é grandão, fortão. Foi trabalhar na marinha mercante, depois foi para o Rio. Eu adoro minha família... uma sobrinhada...

Como era relação com seus irmãos?

C.: ah, um cuidava do outro. Ali era tudo *repartidinho*. Na época que minha mãe ficou doente, eu arrumava a cozinha, meu irmão enxugava a louça. O dia que ele lavava, eu que guardava. Eu já fazia o almoço... Passava cera, primeiro o escovão, que era muito pesado, mas deixava no brilho. Passava querosene, depois que passava cera. Isso era meu serviço também. Mas eu adoro cozinhar, adoro cozinhar e ver os outros gostar do que eu fiz, sabe? Têm vezes que eu faço, não experimento nada, e falam que *tá* uma delícia. Falo: “o dia que tiver ruim, é porque eu *tô* ruim”.

Eu sempre cozinhei bem, fazia bem feitinho, bem temperadinho. Às vezes pegava no quintal, porque não tinha outra coisa, salada de serralha. É mato. A turma gosta de pôr no feijão. Ovo... Fazia omelete, era três ovo *pra* todo mundo. Tinha um pé de manga que pegava o quintal inteiro, tinha abacate, pé de figo, pé de goiaba, quatro pés de laranja, um pé de pocam, jabuticabeira... Fruta sempre tinha. A gente brincava tudo no quintal. Fui criada desse jeito e criei meus filhos dessa forma. Não deixava eles fora. Sempre fui mãe, amiga, agradei... O pai não dava um abraço. Ele não tinha carinho. Minha menina tinha pavor dele. Ele chegava bêbado, caía por cima dela. Eles tudo tinha medo de apanhar. Eu não batia, só conversava. Meu pai nunca me bateu. Teve uma vez, eu tinha uns 14 anos, bati a porta do quarto. Chegava três horas da manhã, eu tinha que arrumar a marmita dele, a roupa dele para ele ir trabalhar, eu já *tava* cansada de levantar de madrugada... Eu levantei, sai, bati a porta do quarto, meu pai ficou três dias sem comer. Levava a marmita, a marmita voltava, isso de raiva. Ele não falou nada, não conversava comigo. Tinha que ficar esperando ele sair ainda, pra trancar a porta. Às 4h, ele pegava o trem. Apesar de muito proibição, a gente era feliz. Na época de Natal, fazia eles (irmãos) cortar capim, colocava em baixo da cama, eu punha os presentes ali. Eu era Papai Noel, era enfermeira, era a que levava na escola, levava no médico... Até hoje, quando vou *pra* lá (São Roque), passo na rua da minha casa. Teve uma época que fizeram ali uma escola de inglês, hoje é uma autoescola. Mas eu olho ali, eu enxergo tudo. Ainda tem uma vizinha que mora lá até hoje... Agora é tudo comércio.

- Célia me mostra alguns cadernos onde escreve poesias, sugere que leve um deles para casa para que eu possa ler. Pergunto desde quando ela escreve.

C.: é recente. Meu irmão me deu um conjunto de livros de poesia, junto com eles, vinha uma espécie de diário *pra* escrever. Foi quando comecei. Tenho vários cadernos aqui. Gosto de escrever sobre o Dia do Professor, Dia do Poeta, Dia do Rádio...

- Célia segue me mostrando suas poesias.

C.: tenho um monte de caderno da época que fazia o SESI (EJA) e tenho cadernos que levo na Unati também. Às vezes não encontro onde escrevi as poesias, aí tenho que folhear todos os cadernos. Eu leio algumas no rádio, já li na Unati também.

- A impressão que tenho, é a de que Célia respeita o momento em que a inspiração para as poesias chega, já que elas estão escritas em folhas aleatórias dos cadernos. Entre anotações de aula, contas das despesas mensais ou, até, depois de muitas folhas em branco, aparece sequências de páginas com poesias. Célia declama para mim a poesia que fez para o Dia do Idoso:

Hoje é um dia especial
 Algumas palavras sobre o que nós, idosos ou velhos, somos
 Nós ainda temos sentimentos
 Nós amamos, choramos, precisamos e queremos carinho
 Um abraço, atenção...
 Não nos deixe de lado como um trapo velho que não serve mais
 Sofremos por tudo isso
 Não nos abandone, por favor
 E o que sentimos... Não nos calemos
 Temos o direito de falar o que sentimos
 Graças a Deus que conseguimos envelhecer

C.: às vezes, eu mando na rádio, mas eles gostam mais que eu leia. Falam “a nossa poetisa”. Só alguns sabem que sou eu. É lá na Difusora. Falam *pra* eu ligar lá, e eu falo ao vivo. Falo com eles por telefone, às vezes por *WhatsApp*. Antes da pandemia, de domingo, eu ia lá (na rádio). Fizemos uns encontros. Chegou um tempo que não ligava o rádio mais, não cantava. Falei “mas essa não sou eu”, tive depressão. Ficava calada, quieta. Sou de ficar rindo. Meu genro é um palhaço, a gente se diverte. Mas, bem dizer, fiquei 1 ano *pra* fazer o implante (dentário), foi a época que fiquei pior, porque não tem nem como você falar. A fala muda sem os dentes de cima. Não conseguia nem escrever. Voltei a escrever de um mês *pra* cá. Aí na rádio falam “ah, nossa poetisa apareceu!”. Eles sabiam que eu não tava bem. Eu fazia os salgados pra levar lá (na rádio), bolinho de bacalhau, amaram... Fiz bolo vulcão em erupção, nossa, morreram de comer. Era um bolo de chocolate, na hora que cortava... Nossa. Agora, eu fico nervosa, vou fazer bolo, pão, não cresce. Outro dia fui fazer um bolo de mexerica, ficou um bolo mixuruca.

Brinco: Não é culpa do fermento não?

C.: aqui não tem culpa de fermento, não. A gente passa a energia. Sempre fiz minhas comidas, nunca ficou ruim. Quando não deu certo, ficou uma pedra, falei: “ah, é energia ruim”. Tem que fazer com amor, porque eu sovo bastante, mas não adiantou nada. Por isso que as coisas têm que ser *feita* com amor. Se fizer as coisas com raiva, vira um... Vira nada. Por isso que falo, no dia que minha comida estiver ruim, pode saber que eu tô pior.

- Sugiro para Célia de continuarmos a nossa conversa num próximo encontro, ela se mostra disponível. Falo para marcarmos dali 4 dias, numa terça-feira de manhã. Peço para Elza separar algumas fotos, objetos, até mesmo outras poesias que ela gostaria de me mostrar.

C.: nas fotos antigas, depois dos meus 18 anos, eu era muito feia, eu vegetava, não tinha vida. Só melhorei depois que cai de bicicleta. Fotos do casamento, eu não guardei. Joguei fora. Tem coisa que não dá pra guardar, né? Tenho fotos dos meus irmãos, do meu pai carregando 5 filhos na bicicleta.

- Encerramos a entrevista, Célia me acompanha até o portão. Jow, o cachorro, que tinha passado a maior parte do tempo deitado em frente à porta da sala, onde estávamos conversando, também se levanta e vai até o portão. Um vizinho de Célia varria a calçada e os dois começam a conversar. Ela me pergunta de onde eu sou. Respondo que sou de Santos. Ela segura minha mão, como um cumprimento, e nos despedimos. Alguns passos depois, ela me chama, grita de longe: “eu adorei!”. Sorrio e digo que eu também gostei de conhecê-la.

Segundo Encontro (08h às 11h)

Dessa vez, Célia não me esperava no portão, chamo por ela e, quando me recebe, noto que ela parecia chateada. Ela me conta que, durante o final de semana, faleceram duas pessoas da vizinhança, um senhor e um rapaz, este último, filho de uma comadre sua. Célia também me fala sobre o acidente doméstico que sofreu, pisou em falso e caiu na cozinha. Ela não precisou de ajuda médica, mas sentia dores nas costas pelo ocorrido. Já na sala onde conversávamos, Célia, sentada em sua poltrona, com os pés esticados sobre o banco, aponta para a caixa de fotos que havia separado, começo a ver cada uma delas enquanto ela explica quem são as pessoas

que aparecem nas imagens. Algumas são mais antigas, outras recentes, na maioria, são fotos da família em festas, passeios, viagens, casamentos, formaturas e primeira comunhão. Ela não guarda fotos do marido, me diz que se desfez de todas depois que ele faleceu. A família de Célia é numerosa, transmite alegria e descontração, estão sempre envoltos de musicalidade, seja em registros cantando no karaokê, como também, em reuniões em que sempre se vê uma ou mais pessoas com violão. Ela me mostra, em especial, fotos dos(a) filhos(a), dos(a) irmãos(a), sobrinhos(as) e netos(a). Existem também registros antigos de sua família em São Roque, dela e da família de seu marido em Maracaí, de Célia e seus filhos em frente à primeira casa que moraram em Assis. Vejo, também, fotos dela no trabalho, em um buffet, em Assis: era o dia da festa de casamento de um senhor que tinha atuado como padre na cidade. Célia se levanta para buscar algo na cozinha, me diz que havia preparado um bolo de fubá naquela manhã. O cheiro do bolo já tinha se espalhado pela casa, chegando até a sala. Quando Célia retorna, começamos a nossa conversa.

Como foi quando a senhora começou a trabalhar fora de casa, aos 18 anos?

C.: tinha uns amigos meus que me disse que precisava de alguém *pra* trabalhar lá, no açougue “Santa Mônica”. Eu era caixa, mas ajudava também a cortar carne. Era puxado, mas eu adorava, porque eu queria sair de casa *pra* trabalhar. Também trabalhei na fábrica de linguiça, era numa cidadezinha perto, a kombi do açougue levava a gente até lá. Era do mesmo dono. Trabalhava na parte da manhã, das oito ao meio-dia. Tinha 3 homens, eu e mais uma outra mulher. Eram meus amigos, moravam ali em frente de casa. Um mexia com as tripas, outro moía e outro temperava as carnes. Eu conhecia muita carne, conheço ainda.

E o salário que a senhora recebia?

C.: eu ia pagar as contas. Minha mãe não saía, então eu que ia pagar o armazém, a padaria... Lá eu ganhava 100 cruzeiros. Nunca tive um dinheirinho guardado, nunca consegui. A gente era em bastante, passamos por dificuldade, era bastante filho. Agora eu vejo isso de vender osso... Até R\$ 20,00 o kg de osso de primeira. Isso dói, dói, dói... Meu pai ia no açougue pedir osso, só que ele falava que era para o cachorro... Era nada, era *pra* gente fazer sopa. Não passamos fome, mas não tinha dinheiro *pra* comprar carne. Agora também vejo essas notícias dos indígenas morrendo de malária, sem remédio, demora a chegar remédio lá... Mas quando eles

querem voto, eles dão um jeito de ir atrás desse gente, né? Eu não me conformo com essa política, coisa mais nojenta.

Nessa época, a senhora viu o início da ditadura, né?

C.: é, eu vivi essa época. Em 61, 62 teve estado de sítio. O Jânio Quadros renunciou, teve que renunciar. Aí veio o João Goulart, depois foi a ditadura. A gente não podia sair de casa, não podia falar nada. Meu pai punha medo na gente, né? Dizia que a gente não podia sair falando qualquer coisa, porque os outros ia pensar que a gente era de tal partido, e as pessoas era perseguida. Então, dentro de casa, não se falava. Ninguém falava em eleição nem nada. A primeira vez que eu votei, já era casada. RG fui tirar aqui (Assis). Eu tinha a carteirinha da Sorocabana, de filha (de ferroviário), só isso. Não tinha CPF, só depois de muito tempo que tirei... Meu pai bebia muito, caía na rua e eu que precisava buscar. Tem coisas marcantes, né? Eu ia lá no bar buscar, ele só atendia *eu*... Mas quando chegava as festas de agosto, era a época mais feliz. A gente comprava calçado tudo na festa. Tinha barraca de sapato, barraca de tudo, de roupa...

Quanto tempo a senhora trabalhou lá no açougue?

C.: fiquei lá por 1 ano, foi quando conheci meu marido. Começou a construir a Castello Branco lá em São Roque, ele ficava num hotel em frente ao açougue. Era tudo na foice, não tinha maquinário... Foi a pior coisa que eu fiz na minha vida. Ele era daqui de Maracaí, mas trabalhava fora, eles moravam em hotel, pensão. Ele, os *primo* dele, tudo trabalhava no DR (Departamento de Estradas e Rodagem).

Como vocês se aproximaram?

C.: a gente já se via, aí eu estava trabalhando numa Festa do Vinho, eu representava os vinhos de cana. Ele foi pedir para o meu pai. Meu pai tinha um ciúmes que eu não podia falar com ninguém, não podia sair pra lado nenhum... Mas eu já tinha 18 anos. Namoramos por 1 ano. A gente saía, ia na lanchonete. Meu coração era do italiano, mas eu queria sair de casa, meu pai me proibia de tudo. Eu casei para sair de casa: foi a pior besteira que fiz na minha vida. Morei 19 anos na cadeia, depois fiquei 40 anos na penitenciária. Bela troca que eu fiz, né? Ele foi muito pior do que meu pai. Marido você tem que obedecer, né? Ele que mandava. Eu não tinha

boca *pra* nada. Não podia falar nada porque eu *tava* na casa dele. A família dele foi toda de trem *pra* lá (São Roque), no dia do casamento. Depois, deu 19h30, embarcou todo mundo. Dava umas 12h de viagem (até Assis). Sofri muito, eu sempre escrevia cartas. O trem parava em Assis, depois tinha que esperar o ônibus para Maracaí. Só tinha duas ruas lá. Nós moramos numa chácara. Era um lugar tranquilo. Meus três filhos mais velho nasceram lá. Minha mãe não falava nada *pra* gente, né? Meus *irmão* nascia... Nasceu tudo lá em casa. Aí minha avó pedia tesoura, eu pensava “meu deus, deve cortar”, minha avó era parteira e meu tio também era parteiro. Pedia tesoura e pedia linha. Eu achava que cortava alguma coisa, depois costurava. Quando eu tive o primeiro (filho), sentia dor, mas não sabia ajudar, isso já era com minha sogra, que era parteira em Maracaí, toda cidade nasceu na mão dela. Desde madrugada, já estava com dor, chegou de dia, continuou. Ela falou “vai ter que ir *pra* Assis, senão ela vai morrer aqui”. Quando chegou aqui, enquanto estavam preenchendo (papéis), nasceu. Não deu tempo de nada, já nasceu. E os outros (filhos) também foi tudo assim. O caçula demorou um pouco. A menina e o mais velho nasceram no hospital, os dois deu hemorragia em mim, os outros dois não. Foi tudo parto normal, a recuperação é imediata, chega em casa, já faz serviço. Não foi fácil não. Foi um por ano, quase dois por ano. Ele (marido) não me respeitava, né? Fui muito judiada. Tenho pavor de cama por causa disso.

Vocês continuaram morando na chácara junto com seus sogros?

C.: meus sogros, cunhado e cunhada. Depois minha cunhada foi estudar lá em São Paulo, só vinha nas férias. Meu sogro e minha sogra *trabalhava* na roça, colhia algodão. Acordavam de madrugada para fazer a marmita *pra* levar *pra* roça.

A senhora chegou a trabalhar na roça também?

C.: não... Nem saberia como, né? Fui criada na cidade. Eles iam de caminhão, era boia-fria.

E o marido da senhora?

C.: trabalhava fora, ficou em Sorocaba mais de um ano. Vinha a cada quinze dias. Foi assim até nascer o segundo filho, depois viemos para cá (Assis), porque não tinha mais o DR lá (Maracaí). Depois de um tempo, minha cunhada que mandava dinheiro lá de São Paulo para cá (Assis), *pra* eu cuidar deles (sogra e cunhado). Ela sustentava o irmão e a mãe. Ela trabalhava

na USP, era bibliotecária. Ela trabalhou numa firma do Maluf, estudou biblioteconomia na USP, depois conseguiu emprego lá.

Assim que chegou em Maracaí, como se sentiu?

C.: era gostoso, lá no sítio tinha as plantações e eu nunca tinha visto... De vez em quando, tinha casamento no sítio, ia todo mundo *pra* lá, fazia macarronada, eu gostava. Eu ficava cuidando da casa, lavava roupa, cuidava das crianças e costurava também. Tinha umas vizinhas, as irmãs Flores. Elas me ajudavam bastante, mudaram para Assis antes que eu, o pai comprou uma casa aqui nessa rua. A mãe delas ia para roça com minha sogra colher algodão. Ganhavam por peso, chegavam com os dedos tudo cortado... Vida difícil. Eles gostavam de mim lá (em Maracaí), mas também porque eu não falava nada, não podia falar. Não tinha uma convivência de um ir *na* casa do outro, não que não fizessem isso, é que eu não podia sair de casa. Não podia conversar com ninguém, nem da família. Acho que ele (marido) tinha medo que eu contasse alguma coisa, sei lá...

Como se aproximou dessas vizinhas?

C.: elas eram pequenas, vinham buscar gelo em casa, só a gente tinha geladeira ali. Chegavam chamando e já perguntavam se tinha gelo. Até hoje brinco com elas sobre isso.

Tinham rádio?

C.: sim, eles gostavam só de música sertaneja *pra* cá (interior), né? Ouvia a rádio Bandeirantes de São Paulo e a Rádio Tupi. Todo domingo de manhã, tocava Tonico & Tinoco, Liu & Léu, Cascatinha & Inhana... Eu gostava de música, meu pai tocava violão e minha mãe parecia um rouxinol cantando, aprendi a gostar de música: Nelson Gonçalves, Cauby Peixoto... Agnaldo Rayol eu amava. Tinha o rádio e a radiola para ouvir os discos, mas não era minha. Ele (marido) ouvia as músicas no bar, depois levava os discos para ouvir em casa. Ele começou a ir *no* bar, bebia, bebia... Aquilo já foi me voltando à infância, quando meu pai bebia... Meus filhos não é de beber, graças a Deus. Eles bebem em churrasco, mas não ficam em bar... Eles sabem o que sofreram... O que eu sofri também, né? Esse tempo não passou rápido, só quem passa é que sabe. Ele (marido) era uma pessoa seca, sem educação, não dava um sorriso. Assim que a gente veio para Maracaí, ele mudou. Que decepção... E era até que a morte os separe.

Qual foi o motivo de vocês mudarem para Assis?

C.: porque o caminhão do DR não passava mais em Maracaí *pra* buscar... Só tinham 3 pessoas que trabalhavam no DR lá. O caminhão *levava eles* lá pra rodovia, às vezes ficava a semana inteira fora, ia lá pra aquele lado de Ourinhos, Santa Cruz do Rio Pardo, Bofete... Tudo onde tem a Castello Branco. Ele chegava de viagem, sábado era o dia inteiro no bar, segunda-feira não ia trabalhar porque estava de ressaca, dizia que faltava pra cuidar do filho doente. De manhã, ele acordava, já tinha que tomar. Bebia conhaque, ao invés de tomar café, bebia conhaque... Todo dia. E o cheiro? Ele vomitava por tudo. Eu não aguentava... Não suporto mais nada que judie de mim, não. Gato escaldado tem medo de água fria, né? Eu queria sair *pra* passear, dançar... Não podia, de lá pra cá, cai vários tombos. Uma vez, saindo pra missa, torci o pé. Fiquei de muleta. Ia para a casa da minha sogra de muleta fazer comida para ela e para o meu cunhado. Fazia comida para eles, depois ainda tinha que fazer tudo aqui em casa. Uma época, minha neta ficou aqui em casa também, eu levava ela pra escola, cuidava dela aqui e deles lá. Trabalhei... Mas eu fiz tudo com amor, sabe? Só reclamei na hora que me deram uma facada nas costas... Isso eu não suportei. Trabalhava, trabalhava, trabalhava, e ainda falavam mal de mim. Comecei a ficar nervosa, chorava... Minha sogra caiu e não me contou, eu fiquei louca. Se acontecesse alguma coisa, seria minha culpa, teriam dito que eu não cuidei. Chorei, gritava... Falava “mãe, vem me buscar”, ele (marido) disse para meu filho que eu estava ficando louca. Não demorou muito, juntei um dinheirinho, fui fazer umas faxinas, comprei a passagem de ônibus e fui embora para São Roque. Eu mesma paguei os *táxi* tudo. Ele ainda me falou: “aqui é sua casa”. Falei: “minha casa?! Nunca foi minha, nunca fui dona de nada aqui, chega”. Aí ele ficava ligando do orelhão lá *pra* casa do meu irmão em São Roque, me perguntava onde eu estava, e eu respondia “estou em casa”. Voltei para Assis só no dia do casamento do meu caçula, depois disso, só quando ele (marido) morreu. Ele tinha diabetes, não cuidava... Deu um infarto fulminante. Ele só tomava um chá de ervas, não ia ao médico. Falei: “ó, o dia que ele for ao médico, não volta mais”. Os meus filhos sabiam. Minha filha estava aqui com meu neto, e ele pediu para o avô ir ao hospital, mesmo assim não foi. Minha cunhada que levou ele *pro* hospital, ficou na UTI... Aí eu fui hostilizada, principalmente pela minha cunhada. Minha sogra me falou um monte, ela morreu três anos depois dele. Fiquei cuidando dela nesse tempo, depois cuidei mais sete anos do meu cunhado. Ele era esquizofrênico, a única pessoa que ele atendia, era eu. Fiquei com ele no hospital, ele pedia para ir embora, falava que estava sofrendo, eu explicava que ele precisava ficar no hospital. Meu sogro morreu nos meus braços, minha sogra

quase morreu nos meus braços, ela estava só esperando minha cunhada chegar de São Paulo para morrer. Minha sogra teve um AVC, não mexia mais uma parte do corpo. Morreu igual um passarinho. Pedia para eu lavar os pés dela, dizia que estavam sujos de barro... Não estavam, ela não saía da cama.

E a cunhada da senhora? Ela saiu de casa para estudar?

C.: ah, ela passou muita fome. Morava em república lá em São Paulo, ela e mais umas colegas de Maracaí. Tudo voltaram *pra* trás agora, já estão com idade, então voltaram para Maracaí. Ela foi a única que quis estudar. Ela tem o apelido “petite”, porque é pequenininha, é econômica. Ela trabalhava e estudava lá em São Paulo, minha sogra *ajudava ela* a pagar o apartamento.

Como foi para a senhora foi passar um tempo em São Roque?

C.: levei minha batedeira, minhas assadeiras... Comecei a fazer meus salgados para vender. Fiz ovo de Páscoa, torta, pudim... Vendia para os vizinhos, o cheiro chegava na casa deles e eles encomendavam. Com o dinheiro, ajudava nas contas da casa, não deu para juntar. Lá eu tinha cama, mesa, banho e moradia, então precisava ajudar. Meu irmão trabalhava como policial, nessa época, ele se candidatou a vereador, eu ainda ajudei na campanha. Às vezes, a gente saía pra comer, fomos num rodeio... Vivi um pouco. Tive liberdade para viver. Eu tinha saudades dos meus filhos e dos meus netos.

Eles apoiaram a senhora?

C.: falaram “mãe, como a senhora ia embora sem falar nada?!”, expliquei que estava fazendo faxina, juntando dinheiro para comprar as passagens. Eles disseram para a gente conversar. Nos reunimos na casa do meu filho mais velho para conversar. Falei: “não aguento mais, se eu continuar aqui, vou enlouquecer”. Eles disseram: “faz o que a senhora achar que tem que fazer, a senhora que resolve”. Falei: “já resolvi. Eu vou mesmo. Vocês veem a situação, só fica cada dia pior”. Dei uma de louca mesmo: fui embora. Fiquei muito tempo sem ver minha família de São Roque. Cheguei lá, eu parecia uma velha de 80 anos, estava acabada. Sofrida, né? Me disseram que eu tinha que ter paciência, que precisava aguentar... Minha vida inteirinha foi para cuidar deles (família do marido), não reclamo porque eu sempre gostei de cuidar dos outros, mas eu falava para o meu marido: “não sei quem vai cuidar de você, eu não vou”. Depois, não

queriam que eu ficasse com a aposentadoria dele, falei: “nossos filhos não morreram de fome, porque eu lavei roupa para fora, fazia pão, esfirra, paçoquinha... Meu filho mais velho saía para vender. Se dependesse só do pai, tinham passado fome”. Minha cunhada ainda quis se intrometer na criação dos meus netos, também não deixei. Ela tem mania de grandeza... Me mandava fazer as coisas... Mas eu que dava amor para os meus filhos, eu que abraçava, que dizia que amava, dava carinho. Eu que fazia tudo, levava no médico... Como eu cuidei dos meus irmãos, cuidei dos meus filhos. Foram criados do portão para dentro, na rua só sábado e domingo, quando eu ficava vendo eles brincar.

Com quem a senhora aprendeu a ser carinhosa?

C.: na minha casa... Meu pai era muito carinhoso, minha mãe já era meio assim, mas era carinhosa. Carinho e amor em casa, a gente sempre teve. Eu tinha um avô, pai da minha mãe... Eu tinha uns nove, dez anos... Ele tinha uma ferida na orelha, eu acho que era câncer. Ninguém queria mexer. Eu que fazia curativo nele... Eu queria ser enfermeira, por isso que eu gosto de cuidar de todo mundo. Não gosto de ver ninguém sofrendo, é a natureza minha. Minha mãe sofria calada, ele (pai) também vivia no bar. Chegava em casa, servia comida para ele, ele jogava tudo *pra cima*... Cada um tem uma coisa na vida, né? Eu tive muita coisa. Agora que chega a hora de ficar bem, a gente fica doente. Os esforços que a gente fez muito antes aparece. Tenho problema na coluna porque carregava minha sogra sozinha...

- Nesse momento, um senhor bate palmas no portão da casa, ele pede doação de qualquer tipo de alimento, Célia vai até a cozinha, volta com um pacote de feijão e pede para eu entregar a ele. Depois disso, ela me chama para comer o bolo de fubá. Sentamo-nos à mesa da cozinha, ela me serve bolo e café, em seguida, abre outra caixa e começa a me mostrar mais fotos da família, explicando o contexto de cada uma delas. Ela traz para eu ver um *book* de fotos suas, que ganhou na promoção de uma loja de joias em Assis. Célia me conta que, além das fotos, também recebeu a ampliação enquadrada de um de seus retratos, que ficava na parede da sala, mas, quando foi embora para São Roque, levou consigo e deixou seu quadro na casa do irmão. Ficamos, aproximadamente, uma hora ali, enquanto ela me contava as histórias das fotos, em seguida, sugeri um próximo encontro ainda naquela semana. Célia corta pedaços generosos do bolo de fubá, embala e me entrega, para que eu levasse comigo.

Terceiro Encontro (08h às 12h)

Célia me esperava no portão, junto com o seu cachorro, Jow. Ela me conta animada que, no dia anterior, havia conversado com o italiano. Ele ligou para saber como tinha sido a consulta dela no cardiologista. Os dois dividem as questões de saúde, temas gerais do cotidiano, além de reforçar o desejo em comum de se reencontrarem pessoalmente. Célia me diz que preparou um bolo de limão para comermos mais tarde e, então, retomamos a conversa sobre sua história de vida.

A senhora pode descrever como era Assis quando se mudou para cá?

C.: foi em 1970... Eu sempre morei nesse bairro, né? Morei na rua paralela a essa, depois vim para a casa atual. Tinham poucas casas, umas três, quatro, o resto era tudo campo. As casas eram de madeira, tinha uma senhora que a casa dela era de material. As ruas eram de terra, o asfalto chegou em 1980.

A Unesp já funcionava aqui perto nessa época, né?

C.: já, sim.. Mas faz dez anos que comecei a frequentar a Unesp. Comecei na mesma época que entrei no SESI, em 2011. De dia, eu ia na faculdade e, de noite, eu estudava na escola. Toda vida eu quis estudar. Fique viúva, eu *tava* com 59 anos. Ele (marido) não *deixava eu* ir em lugar nenhum... Até as fotos que eu ganhei (book), aquilo foi um escândalo para ele.

O que mais a senhora lembra de Assis nas décadas de 70/80?

C.: eu ainda cheguei a levar meus netos mais velhos para passear de trem, fomos daqui até Cândido Mota, eu tinha uma saudades do trem... Meu pai vinha de trem para cá, ele não pagava passagem, então, vinha de trem. Tinha o mercadão também. Conheci o mercadão quando meu filho mais velho, que vai fazer 53 anos, ele teve um problema no ouvido e não havia quem cuidasse... Eu ia no mercadão *pra* comprar um leite azedo que ele precisava tomar. Era caro... Meu leite era muito forte para o organismo dele. Depois que começou a tomar esse leite, engordou. Ali em frente ao mercadão, tinha um médico onde levava meu filho... Foi esse médico que curou meu filho. Só saía *pra* esse tipo de coisa, pra passear, não. Tinha uns bares, comércio, açougue... Aqui ao redor da minha casa, era só terreno vazio, a paróquia era de

madeira. Tinha uns barracões de madeira onde faziam as quermesses também. Lá *pra* cima, na Dom Antônio já, tinha a casa de uma família, eles eram donos de quase todos os terrenos daqui. Foram vendendo aos poucos. Aqui na minha rua mesmo tinha minha casa, a da minha comadre e da Cleusa, eram só três casas. Construíram uma casa aqui em frente, o homem era serralheiro, uma vizinha implicou com o pó, dizia que dava bronquite nos filhos dela, também reclamava que o barulho começava cedo e ia até tarde. No fim, fui chamada lá no fórum para testemunhar. Não deu em nada. O filho dela era alérgico... Quando mudei para cá, o meu menino mais velho ficou doente, teve meningite. Levei no médico, lá na Santa Casa, ele ficou internado. Voltava a pé para casa para cuidar dos outros filhos. Eu não conhecia nada... Mas ia a pé sozinha. Fui sempre sozinha resolver essas coisas. Por causa da meningite ele ficou pequenininho, precisou dar um remédio para ele crescer também. Depois, quando minha menina nasceu, levei ela para batizar lá em Maracaí. Fomos de ônibus, deu convulsão nele no meio do caminho. Levamos na Santa Casa novamente, não tinha médico. Fomos até a casa do médico, ele estava almoçando com a família, parou para atender a gente. Precisou internar novamente. Em 1972, teve uma epidemia de meningite aqui... Ele tomava o remédio, ficava tremendo inteiro. Por minha conta, tirei o remédio depois... Às vezes, ele (filho) tinha uma dor de cabeça só... E ele (marido) bebia, não ia trabalhar dizendo que tinha que cuidar do filho doente. Mentira, ele não ia... A minha menina nasceu, ela era magrinha, magrinha, miudinha... Depois cresceu e ficou uma mulher bonita.

Onde a senhora costumava fazer as compras?

C.: tinha o armazém do japonês, ali *pra* cima, na Dom Antônio. Eu lavei a roupa deles por 8 anos para pagar as contas. Também comprei uma máquina de costura deles, paguei lavando as roupas. Ele (marido) recebia e pagava a conta do boteco. Nisso, ia acumulando a conta no armazém. Eles usavam tudo roupa branca no armazém... Eu tinha que fazer uma fogueira, ferver a água, para limpar a roupa. Foi barra... Nunca deixei faltar nada para meus filhos. Tempos depois, teve vezes em que o marido da minha filha, marceneiro, me deu cheque para eu pagar a conta no mercado.

Na década 70, a senhora notava alguma mudança em relação ao papel que a mulher ocupava? Ou as coisas ainda estavam da mesma forma?

C.: tinha evoluído um pouco... Minha irmã mesmo, quando eu casei, ela tinha 4 anos. Ela fez tudo que eu não podia fazer. Usava saia curtinha, shorts. Mudou bastante. Ela era bocuda e eu

sempre fui obediente. Não sei se ela terminou o ginásio... Ela era gastadeira. Só ficou ela de mulher em casa, mais meus irmãos, sete homens dentro de casa, então faziam tudo pra ela. Foi criado como rainha, nunca trabalhou. Ligava *pra* mim, querendo dinheiro emprestado. Eu tinha 50 anos, trabalhava no buffet, falei para ela trabalhar no que sabia fazer... Mas ela gastava antes de receber o salário. Ela casou com um argentino, era amigo do meu irmão. Ela morou na Argentina por uns três anos, a filha mais velha nasceu lá. Depois, foram para Florianópolis. Ele (cunhado) era bonito... Mas ordinário, passou a perna nos meus irmãos, eles perderam dinheiro por causa dele, tinham um negócio juntos em São Roque. Eu estava longe, não ficava sabendo de tudo... Fui ter telefone em casa, só quando meu filho mais velho comprou. Então, tinha notícias por cartas. Se precisasse usar telefone, tinha que ir até o prédio da Telesp... Depois que apareceu os *orelhão*. TV a gente teve só lá pra 80... As crianças assistiam desenho, Sítio do Pica-pau Amarelo, eu via jornal, novela... Ele (marido) mudava de canal quando tinha cena de beijo. Se ele vivesse agora, estava morto... Porque ele tinha um preconceito, um racismo, uma intolerância... Agora tem de tudo: homem com homem, mulher com mulher. Se ele visse isso, morria do coração.

O que a senhora achava das novelas?

C.: até hoje me tocam, às vezes, eu chorava por dentro. Me coloco no lugar das mulheres. O italiano é assim também, ele gosta de assistir as coisas, a gente conversa sobre depois. Hoje as mulheres acordaram, estão empoderadas. Eu fui muito submissa, judiada. Hoje eu sei que fui estuprada muitas vezes, fui obrigada a fazer coisa que não queria, não tinha vontade... Na minha época, era assim, tinha que obedecer o marido. Ouvi falar disso só agora, na televisão. Tem que aprender a dizer não, antes só obedecia o marido e acabou. Hoje eu sei que era um relacionamento abusivo, mas naquela época não tinha nada disso: não se falava, se sofria isso. E eu gostava de filme romântico, me via no filme...

Chegou a ir ao cinema?

C.: fui *no* cinema, mas não era filme. Era a formatura do meu neto, formatura da escolinha.

A senhora tinha momentos de lazer?

C.: não, não saíamos juntos. Ele (marido) ia sozinho para o boteco.

E a paróquia?

C.: a gente fazia os encontros, a novena de Natal, campanha de fraternidade, fazia as reuniões semanais, eu saía mais para fazer as coisas da igreja. Eu, né? Ele (marido) nunca foi. Era mais as mulheres que participavam, tinha alguns homens que participavam também. Ninguém conhecia meu marido, achavam que eu era viúva. Eu dizia: “sou sim, viúva de marido vivo”. Parecia que eu vivia sozinha no mundo... Ninguém vive sozinho, a gente precisa do outro. É... A situação era assim. Muito sofrimento, mas quando reencontrei meu amor (italiano), aquilo fez valer tudo. Na escola, também nunca conheceram o pai dos meus filhos. Ele não deu assistência, não pagou dentista. São coisas que marcaram, me marca até hoje. Eu nunca falei isso para os meus filhos, não queria que eles ficassem com raiva dele. Eles tinham medo dele, viam o jeito que ele ficava quando bebia. Eles também não falavam nada, obedeciam, não respondiam, porque ele era uma pessoa bruta. Eu era uma pessoa diferente dele: era a mãe, a mãe que era pai, enfermeira, professora... Estudava junto com eles. Nunca deixei de ler e escrever. Trabalho da faculdade do meu filho... Quantas vezes eu não fiz redação *pra* ele... Tinha feito até a quinta série, mas eu sei até hoje. Os programas de pergunta na TV, no Hulk, no Silvio Santos, eu gosto... Quebra-cabeça, palavras cruzadas, caça palavras, eu adoro porque a cabeça fica trabalhando, não atrofia. Meus netos falam: “pergunta pra minha avó que ela sabe, pergunta pra minha avó que ela sabe de tudo”. Falei: “não sei tudo, não...”, eu ajudava *eles* (netos) na escola. Meu segundo filho, depois que fez a faculdade, arranjou uma namorada que tinha mais de um diploma, ela foi para os Estados Unidos trabalhar de babá. Pessoal vai pra lá mais pra isso, né? Trabalha em troca de moradia. Quando ela ligava para meu filho, ele brigava, queria saber para onde ela saía. Eu escutava tudo, falei para meu filho: “você tá empurrando ela *pra* outro, ela pode falar que foi ou não foi, você não vai saber, não está vendo, desse jeito, ela vai arrumar um lá... Fala que você ama ela, fala que está com saudades”. Quando eles estavam no telefone, eu começava a cantar as músicas do Roberto Carlos, ela escutava. Eu cantava: “estou guardando o que há de bom..”, meu filho reclamava: “minha mãe que tá cantando aqui”. Ela foi *pra* ficar 6 meses, ficou 1 ano. Terminaram por telefone. Terminaram em julho, em setembro ela casou com outro. Falei para meu filho: “você pode ser ciumento mas, hoje em dia, isso não existe mais, não...”.

- Célia me conta mais a respeito dos filhos, especificamente, a respeito de como conciliaram trabalho e estudos durante a juventude. Dos 5 filhos, 2 fizeram curso universitário e atuam na área de formação. Outros 2, fizeram curso técnico e trabalham

na área. A filha estudou até terminar o ensino médio, alguns anos depois, se casou. Alguns de seus netos também estudaram e trabalharam. Os netos cresceram convivendo bastante com Célia e com a bisavó (sua sogra).

Como foi a criação de sua filha?

C.: meu marido não deixava ela sair, mas eu deixava, porque eu ficava com as crianças a semana inteira. Ela começou a sair depois dos 14 anos, me pedia para ir *na* casa da avó (sogra de Célia) em Maracaí, mas ela queria ir era no baile. Eu deixava ir. Foi viajar com a amiga para Ilha Bela. Eu sempre quis fazer para ela o que não tive. Mas tem muita coisa ruim acontecendo... Esse feminicídio... Parece que aumentou. Vai denunciar, daqui a pouco, você *tá* morta. Que lei é essa? Lei para os homens, *pra* quem tem dinheiro e pra quem é branco... E maior parte dos brasileiros tem uma parte negra na família, difícil é quem não tem. Meu pai era racista, mas eu não. Meu bisavô foi escravo... Casou com uma italiana, ficou tudo misturado. Chamavam meu irmão mais novo de macaquinho...

O que achou da experiência de ter criado 5 filhos?

C.: eu faria tudo de novo. Seria do mesmo jeito. É o jeito que tinha que ser, o jeito que eu fui criada, de obedecer e ajudar os outros. Não, eu não casaria. Em primeiro lugar: não casaria, mas, como eu casei, faria tudo do jeito que eu fiz.

O que a senhora achava que era importante oferecer para seus filhos?

C.: amor e carinho... Amor, carinho e educação, né? Isso é o essencial... E estar junto, né? As crianças precisam tanto de amor e carinho. Tem tanta gente que fala: “ah, nunca tive o amor do meu pai”, “nuca tive o amor da minha mãe”, “nunca ninguém gostou de mim”, a gente vê as crianças falando, né? Graças a Deus, os meus não tem que falar isso. Tiveram todo amor do mundo da mãe. Do pai? Não tinha nem um abraço, não agradava de jeito nenhum. Se ele ia agradecer, quando estava bêbado, caia por cima. Aí assustava, né? Mas... Já passou. Eu queria ter um pouco mais de saúde agora, *pra mim* aproveitar minha vida. É por causa dessa pandemia que eu parei... Porque todo ano eu viajava, ficava 1 mês pra São Roque... Até mais, porque agora não tem ninguém que manda em mim. Os meus filhos todos sabem fazer comida... Todos sabem lavar, passar e cozinhar.

No cotidiano, eles ajudavam a senhora?

C.: ajudava... A minha menina era o general. Ela trabalhava fora, quando era de sábado, ela fazia todo mundo pular cedo, ela fazia a limpeza na casa toda. Ela ajudava, só tinha ela de mulher. Eles (filhos) se dão todos bem, às vezes tem uma intriguinha ou outra por causa de religião. Agora, no sábado, vai ter um churrasco na casa do mais novo. Ele comprou uma casa lá no Parque Colinas e reformou.

Chegou a ter alguma conversa com sua filha sobre o que a senhora tinha passado?

C.: não, nunca. Minha neta ainda chegou a conviver com ele (marido), era o xodó dele... *Pra* ver como que é, né? Muda. Vô, vó... muda. Eu sempre fui a mesma coisa com meus filhos e meus netos. Dei o mesmo amor, é... Mais ainda, porque é fruto do seu fruto. É a continuidade de uma coisa que você plantou. Minha neta trabalha com análises clínicas, é noiva. Compraram um apartamento ali perto da FEMA (Fundação Educacional do Município de Assis). No sábado, eu fui lá. Tinha uma escada para subir... Falei “a hora que tiver tudo prontinho, mobiliado, a vó vem ver de novo”. A mãe dela deu trabalho para o meu filho, queria uma casa grande, era metida... Traia meu filho com um outro da igreja. Os vizinhos vieram contar para mim, eu que tive que contar para o meu filho. Depois, foi trabalhar na Casa Avenida (supermercado), ela trabalhava lá e saía com o padeiro. Essa foi a gota d’água. Meu filho a levou de volta lá na casa do pai dela. A menina (neta) sofreu bastante, se sentia jogada, né? Dizia que pai (filho de Célia) dava mais atenção para o filho da nova esposa do que para ela. Eu sofria por causa disso. Eu acho que ela vai se casar muito cedo, não aproveitou nada a vida. Começou a estudar, fez 2 anos de enfermagem na UNIP, saiu, não quis mais. Quando ela tinha 16 anos, precisou passar por cirurgia, tirou um cisto de 4kg do ovário.... Eu que ia com ela no médico, porque a mãe estava trabalhando. A avó que ia... Ela precisou tirar um ovário. Agora precisa fazer acompanhamento todo ano.

A senhora costumava ir ao médico quando era mais nova?

C.: nada... Eu fui ao ginecologista quando estava de 6 meses do meu caçula. Tinha batido o dedo num prego e inchou. O rapaz da farmácia falou: “ó, não posso dar nada para a senhora grávida, a senhora precisa ir num médico ginecologista”. Eu estava inchada, com pressão alta, e tinha a batida no dedo que inflamou. Foi a primeira vez que fui *no* ginecologista. O médico falou que depois que meu caçula nascesse, ia fazer uma cirurgia para eu não ter mais filho, disse

que minhas veias de dentro estavam todas arrebetadas. Eu já tinha tido hemorragia nos outros partos. O médico falou que se eu tivesse mais um filho, morria eu ou a criança no parto. Um tempo depois que ele (caçula) nasceu, parou um ônibus, aqui na frente da igreja, que fazia exame de colo de útero, foi a primeira vez que fiz também. Eu tinha 27-28 anos. Pré-natal nunca fiz.

Tomou anticoncepcional?

C.: no começo, ele (marido) comprava, mas eu não me sentia bem tomando...

O que a senhora acha das mudanças que têm acontecido para as mulheres?

C.: agora as mulheres estão se impondo. Não deu certo, tchau e benção. Eu não digo para ninguém se casar, só casa se for uma pessoa que você gosta e ama muito. Minha afilhada ficou grávida e quis casar: acabou com a vida dela. Uma menina tão bonita, tão bonita... O marido é um porqueira, o pai e a mãe que faz tudo para ela, que cuida dos netos. Ela entrou numa depressão, teve síndrome do pânico, já tentou se matar. Eu imagino essa mãe e esse pai como que vive... Ela já está assim faz 4 anos. Já passou por psiquiatra, psicólogo... O pai dela que vai com ela no médico e dá os remédios. É difícil, né? Casou com um porqueira. Que sofrimento, viu... Homem nenhum merece lágrimas, te deixar pra baixo, te pisar, te dizer que você é um nada... Ele (marido) me fazia sentir assim, para mim, eu nem era gente...

- Ficamos em silêncio.

C.: Ontem meu time perdeu... O Corinthians, meu timão. Sou Corinthians desde criança, lá em casa era todo mundo corintiano.

Já foi em estádio?

C.: para não dizer não fui, já vi o Vocem (Vila Operária Clube Esporte Mariano), fui duas vezes. Foi uma delícia, sabe quando é algo que você tem vontade de ir? Eu já era viúva, senão, não ia. Meu marido era contra essas coisas... Mas a vida é boa, com todas as pedras no caminho, consegui superar, estou vivendo... Sinto saudades de dar abraços, quando encontrei minha amiga, ela já estava vacinada e eu também, demos aquele abraço e eu chorei, de repente, é o

último. Falei o tanto que gosto dela, o tanto que a amo. Trabalhamos juntas no *buffet*, eu fazia faxina na casa da mãe o do pai dela. O pai dela foi meu médico e médico dos meus filhos. Eu não esqueço de ninguém que me ajudou... Tenho uma enorme gratidão... Eu gosto das pessoas, gosto do ser humano. Tem uns que não merecem nem ser chamados de ser humano, mas... Mesmo quando me falam mal de alguém, eu não vou na conversa dos outros, a pessoa fala aquilo porque quer que você não goste do outro. Cada um faz o que quiser com sua vida, não é por isso que eu vou deixar de conversar, porque não vou fazer a mesma coisa que ela está fazendo.

Como era o trabalho no buffet?

C.: trabalhava na cozinha, cozinhar é a coisa que eu mais gosto. Eu que fazia os doces, temperava as carnes, recheava as carnes. Eu gosto de mexer com tempero. Tinha a cozinha de fazer doce e outra de fazer salgado... Eu aprendi a fazer tudo. Fazia ceia de final de ano, *sorvetone*: sorvete dentro do panetone. Montávamos bolo de casamento e os docinhos, era o mais delicado de fazer. Às vezes, tinha o jantar do casamento também. Teve uma vez que fizemos 300 frangos, vinha desossado para mim e eu recheava. Era para um casamento.

- Célia recebe uma mensagem no celular, é sua filha, perguntando se ela já estava acordada. Ela responde à mensagem prontamente, me explicando que, caso demorasse, a filha ficaria preocupada.

O salário ficava com a senhora?

C.: aquilo era meu, eu não dava (para o marido). Comprava meus remédios, minhas coisinhas. Eu trabalhava para ter meu dinheiro... Não via nem a cor do salário dele, não sabia nem quanto ele ganhava.

E o trabalho aqui na igreja?

C.: eu dava aula de catequese, ensinava quem foi Jesus Cristo, o que aconteceu, quando ele nasceu, aquela vida que ele teve, né? Por muitos anos, eu dei aula para as crianças. Depois, dei aula para adultos, aqueles que não tiveram tempo de se batizar, dei aula de crisma para os jovens também. Para os mesmos que dei aula de catequese, dei aula de crisma. Era gostoso.

Seu conhecimento vinha da leitura da bíblia e das missas?

c.: quando eu era pequena, as missas eram tudo em latim, o padre ficava de costas para o público. O conhecimento que tenho veio do meu catecismo, de quando a gente montava presépio... Só quando fui ser catequista que tivemos aula da bíblia, aí a gente conversava sobre isso. Tínhamos os encontros bíblicos. Eu lembro da minha primeira comunhão, eu usei uma capinha de madre pérola... Não sei onde foi parar. É... A vida da gente é um caminho que a gente já nasce morrendo, né? Você nasce sabendo que vai morrer um dia, não sabe quando... Pelo caminho tem muitos espinhos, muitas pedras, tem muitos vales que você tem que pular. É uma caminhada. Para entender por que a pessoa é de um jeito, precisa vestir o calçado dela, caminhar os passos que ela caminhou, só assim para você saber. Às vezes, meu marido chegava bêbado da rua e vinha querer abraçar, gente... Eu tinha vontade de jogar longe. E o cigarro então? O cheiro que ficava essa casa... O dente dele era tudo preto por causa da nicotina, imagina o pulmão dele como que estava. Se a pessoa soubesse o quanto fede fumar... O cheiro fica impregnado. O lugar que ele dormia, ficava marrom o colchão, ele transpirava nicotina. Quem gostava de ficar perto?! Nossa... Só eu que aguentei mesmo.

A senhora já fumou, bebe?

C.: não, só bebi cerveja, vinho... Gosto de uma cervejinha, mas agora não posso tomar. Compro cerveja sem álcool.

Célia, deixa eu te perguntar, e aquele bolo de limão?

C.: vamos lá na cozinha, tem café também!

- O bolo estava primoroso, com cobertura e acabamento de raspas de limão. Célia me serve café e me entrega talheres para eu cortasse o bolo. Ela se senta ao meu lado, começamos a conversar. Nesse momento, chovia bastante. Célia conta que, de vez em quando, toma banho de chuva para “lavar a alma”, já que gosta muito de água. Ela me diz de quando era pequena, ia com a família, de trem, até a praia de Suarão, em Itanhaém/SP, onde havia a colônia de férias do sindicato dos ferroviários. Ela lembra, também, de uma oficina que participou na Unati, em que a proposta era caminhar pelo espaço do campus universitário, procurando por detalhes que achasse interessante: “eu

sempre olhei em volta, tem gente que não vê nada, eu sempre gostei de ficar olhando”. Nisso, ela me entrega a foto de um caranguejo que havia tirado, quando foi visitar um de seus irmãos, que reside em Angra dos Reis/RJ. Movida pela curiosidade, peço para ver alguma foto do italiano, mas, sem pressa, Célia segue me mostrando retratos de outras pessoas, fazendo com que eu pense que meu pedido havia sido silenciosamente rejeitado. No entanto, ela começa a relatar uma discussão que teve com a sua mãe, pelo fato dela ter sido conivente com a proibição do namoro com o italiano. Durante a fala, percebo que o ressentimento de Célia vai perdendo força, dando lugar para a identificação com a mãe: “(...) ela sofria calada, com minha mãe, eu aprendi a me calar. Quando ela não estava em silêncio, cantava como um rouxinol”. Na época, Célia não tinha acesso a uma explicação das possíveis consequências que envolviam o seu namoro, ou seja, que ela poderia engravidar. Assim, quando os adultos conversavam sobre esse tema, alguém alertava: “tem gente descalça por perto”; como uma forma de se referir às crianças. Somente depois que o pai retirou Célia da escola, e a colocou no curso de corte e costura, ela teve acesso à educação sobre sexualidade.

C.: o curso era dado por freiras, tinha a irmã Gertrudes. Algumas vezes, participávamos de uma atividade em roda, em que cada menina levava uma fruta. Ali, ela explicava para gente como funcionava namorar, como engravidava, essas coisas. A irmã Gertrudes brincava: “você acham que só porque eu sou freira não aproveitei a vida?!” A gente tudo ria. Era divertido, olha só... Até então, eu achava que beijar na boca já era suficiente para engravidar.

- Enquanto eu prestava atenção na história, de forma desavisada, Célia vira o celular para mim, onde vejo a foto de um senhor. De imediato, pergunto se é o pai dela, já que se tratava de uma imagem em preto e branco. Ela ri, passa para o lado, e me mostra outra foto da mesma pessoa, dessa vez, colorida: era o italiano, um senhor de fisionomia descontraída, sorridente, com algumas camadas de casaco e roupas de frio. Célia abre o aplicativo do *Facebook* e segue mostrando fotos de seus parentes. Pergunto se ela também usa computador, e ela me responde dizendo que até tem um, mas prefere usar o celular, onde mantém o contato com familiares e amigas, através, principalmente, o *WhatsApp*. Quem lhe ensinou a mexer no computador foi a sobrinha, quando Célia passou uma temporada na casa do irmão, em São Roque. Ela escrevia poesias para o italiano e publicava em seu *blog*, cuja aparência ela destaca: “escolhi a cor vermelha para o plano de fundo”. Célia vai até seu quarto, busca alguns cadernos, onde ela procura

fotos antigas da família entre as folhas. São cadernos modelo universitário, de 10 matérias. Neles, vejo anotações das oficinas da Unati, poesias; me chama atenção registros caprichosos sobre gramática da língua portuguesa, procuro a data no topo da página e vejo que são de 2020. Pergunto para ela a respeito daquelas anotações, Célia explica que, durante o período de quarentena, assistia aulas de português no *YouTube*, assim aperfeiçoava a escrita de suas poesias. Entretanto, com o passar do tempo, diz que se cansou das atividades *online*, inclusive dos encontros virtuais propostos pela Unati. Ela explica que não se adaptou a esse formato. A chuva perde a força, sugiro para Célia um último encontro. Ela aceita, enquanto isso, coloca boa parte do bolo de limão num *tupperware*, sugerindo que eu o comesse no café da tarde.

Quarto Encontro (14h às 17h30)

Quem me recebe é o filho de Célia, que chegava em casa para seu horário de almoço. Como de costume, Célia estava na sala, sentada na poltrona, com os pés esticados sobre o banco, porém, com a televisão ligada, assistindo ao “Jornal Hoje”. Me junto a ela e comentamos alguma trivialidade das notícias. Ela diz que gosta de assistir jogos de futebol, tem acompanhado, especialmente, a *Champions League*, transmitida no período da tarde. Célia me oferece um copo d’água, vai até a cozinha buscar e, quando retorna, me fala que tinha feito um pão comermos para mais tarde. Damos iniciamos à nossa conversa.

A senhora já praticou algum esporte?

C.: já fiz vôlei, lá na Unati, mas não continuei. Comecei a fazer ioga na Unesp também, comprei até o tapetinho, só que as dores ficaram pior, então eu não posso. Fiz aula de dança, só que eu gostava de dançar sozinha. Aqui sozinha em casa eu danço. No sábado estava ouvindo bolero, me lembra dos meus 14, 15 anos... Então eu danço. Não gosto de ficar parada. Esse tempo fiquei muito parada... Quando eu vim de São Roque, da última vez, no começo de 2020, voltei me sentindo meio gripada, fiquei sem sentir gosto, sem paladar... Eu nunca fiquei assim. Acho que era Covid, mas não tive febre nem tosse. Minha filha ainda pediu para eu fazer um lagarto recheado, e o medo de deixar salgado? Falei para o meu filho experimentar. Não sobrou nenhum pedaço, comeram tudo.

Hoje, gostaria de conversar mais com a senhora a respeito de como foram esses últimos dez anos, tudo bem?

C.: claro, eu voltei para Assis depois que ele (marido) morreu. Voltei por causa das minhas crianças. Foi bom porque eu saia com minhas amigas, eu ia lá na Unati, né? Combinávamos de sair para comer. Eu não parava, saia mesmo.

Enquanto a senhora era casada isso não acontecia?

C.: (rindo) *nãao...* Eu fui, uma vez, ver o Moacyr Franco, lá no Clube da Terceira Idade. Ele (marido) ficou bravo, bravo... Ele já tinha um pé atrás com o Moacyr Franco porque, muitos anos atrás, fui numa festa de São Roque e o Moacyr Franco cantou. Um dos meus irmãos trabalhava nas barracas de pastel e o outro, que era policial, trabalhou como segurança do Moacyr. Ele (marido) nem ficou por perto, porque estava por lá bebendo o dia inteiro. Quando era de tardezinha, eu saia com minha mãe. Ela quis ir embora, levei minha mãe para casa e fiquei só com meus irmãos na festa. Meu irmão me chamou para subir no palco. Ele (marido) nem viu nada disso, o bocudo do meu irmão que foi falar. Eu tinha uma fotografia que o Moacyr Franco deu autógrafo. Ele (marido) queria vir embora depois disso.

Quando a senhora começou a estudar no SESI (EJA)?

C.: depois que ele (marido) morreu. Eu estava com 64 anos, olha que eu demorei para entrar... Falei, sabe de uma coisa? Vou estudar. Sempre tive vontade de estudar e não pude. Era aqui perto de casa, às vezes eu ia a pé, depois arrumei uma carteirinha, ia de ônibus. Tinha um senhor que também estudava, ele me dava carona na volta. Eu gostava das aulas... Mas era uma *brigaiada*, porque os mais novo só queria conversar e fazer barulho. Falei: “quer conversar? Conversa no pátio. É por isso que vocês não *passa* de ano. Agora vocês querem fazer 2 anos em 1”. Eles diziam para eu deixar de ser mandona... Então eu explicava para eles que tinha gente ali que não sabia nem ler, que não tinha nem feito até o quarto ano. Às vezes, eles (turma mais nova) *fazia* umas perguntas nada a ver ou respondiam tudo cheio de floreado. Eu pensava que isso ia era embananar a cabeça do restante da turma. Eu me sentava na primeira carteira, na igreja também, sentava na frente para ninguém me atrapalhar. A sala eu acho que tinha uns 30 alunos, ficava lotada a sala. Tinha gente que punha cadeira na porta porque não mais tinha espaço. Muitas pessoas não terminaram o curso, das pessoas mais velhas, todas ficaram até o

final. Tinha uma que vinha todos os dias lá de Tarumã, vinha de ônibus, depois chegava tarde lá na casa dela. Ela tinha que apresentar documento de frequência, ela trabalhava numa usina. Se ela não estudasse, não recebia o pagamento. Eu adorava os professores. Tinha um que era professor de matemática, ele era meio doidão, ia sempre de camisa de manga comprida, porque tinha um monte de tatuagem. Agora pode tudo, né? Tinha uma outra professora que vinha todo dia de Echaporã, ela dava aula durante o dia e, ficava aqui (Assis), até de noite, para dar aula no EJA. A gente tinha festa de confraternização: eu fazia cupcake, empadinha, esfirra e kibe.

Devia fazer sucesso...

C.: não sobrava um! Fiz quinta, sexta, sétima, oitava, depois colegial. Deu quase 3 anos. Eu não queria que acabasse. Depois, em casa, gostava de passar tudo a limpo, porque escrevia tudo correndo lá na aula. É assim que a gente aprende, né? Principalmente história, geografia e ciências, você aprende fazendo de novo: é a mesma coisa que estivesse lendo. Por isso que eu tinha trocentos cadernos. Quando eu terminei, fiz o Enem, prestei duas faculdades e passei. Olha, o que eu quis fazer, eu fiz.

Como foi quando começou a frequentar a Unati?

C.: tinha umas amigas que iam... Quando fui lá fazer a inscrição, nossa, tinha aquele mundaréu de gente. Eu já tinha ido lá na Unati antes, porque eu gosto de cantar, a seresta, né? Era do grupo que cantava. Primeiro, eu fui só para isso. Aí, tinha oficina de dança de salão, forró... Um tempo, eu fiz aula de inglês, espanhol, francês e italiano. Era cada uma num dia. Era muito gostoso. Ontem mesmo eu postei no meu Facebook a lembrança de uma foto da turma de espanhol.

- Dona Célia me mostra a foto no celular, explicando que duas pessoas que aparecem na foto já morreram.

C.: participei da oficina de pintura em tela também, esse (apontando para um quadro na parede da sala) fui eu que pinteí. Tirei a imagem da minha cabeça, não copieí de lugar nenhum, não.

- A paisagem do quadro é de uma casa branca, localizada à esquerda da tela, logo à frente dela, existe uma floresta. Célia vai para cozinha buscar mais dois quadros que pintou,

de uma rosa, e um outro, em tom marrom pastel, pintado com a técnica de pontilhismo, representando uma planta no outono.

C.: depois, a professora da oficina de pintura em tela saiu, cada um pintava o que queria fazer, aí veio um professor que dava uns moldes, dizia que era para fazer todo mundo igual. Todo mundo tinha que fazer o mesmo desenho. Falei: “ah, não!”.

De qual outra oficina participou?

C.: tinha uma de fuxico, a gente fazia corujinha, fazia de tudo. Eu não gosto de trabalho artesanal, mas fazia só ir *na* aula. Era gostoso, a gente levava café, bolo, pão. Tinha gente que vinha de Cândido Mota, vinha da hora do almoço, e não conhecia nada aqui de Assis. Então eu levava bolo. Tinha duas turmas na oficina, a nossa e a que vinha logo em seguida. Eu falava que a comida era para todo mundo, todo mundo comia. Eu não fazia pouquinha. Eu sabia que tinha 20, então fazia para 40 pessoas. Olha, a melhor época que eu vivi: no EJA e na faculdade (Unati). Da oficina de Psicologia, eu participei desde 2012, a Mariele estava sempre junto.

Teve algum tema dessa oficina que mais te marcou?

C.: ah, tem gente que bate muito na mesma tecla, né? Tinha uma lá que quando falava, todo mundo tinha que concordar com ela. Eu nem respondia. Ela ficava falando do marido, minha vontade era dizer: “marido é bom para jogar no lixo” (gargalhamos). Se ele (marido) não ter carinho e consideração por você, serve para quê? Se você faz tudo sozinha... Para quê?! Para dizer que tem homem dentro de casa? Eu tive quatro, quatro filhos homens em casa. Tinha gente lá (na oficina) que não gostava de falar, até que a gente descobriu o motivo. E aí, a gente ia puxando um assunto que era para ela, né? Para, devagarinho, a gente conversar, e a pessoa ir se soltando. Eu gostava de participar... Ainda mais com essas mudanças agora, né? Agora, a mulher está muito mais solta. Muito mais... Tem mais voz. Agora a mulher pode tudo. Eu aprendi a gostar de mim. Se você ama alguém, mas não ama a si própria, não é amor nenhum. A pessoa que você gosta, tem que estar feliz, mesmo amigo, amiga. Eu tinha uma amiga que me dizia que não sabia como eu arrumava tanto tempo para ir *na* Unati... Foi-se o tempo que eu ficava em casa limpando, limpando e limpando. Eu me levantava de madrugada para passar roupa, para costurar... Acabou.

O que achava da convivência com os estudantes da Unesp?

C.: nossa, eu amava. Era maior alegria do mundo. A gente sempre fazia as festinhas de Natal, fim de ano, festa junina, tudo juntos. Interage com tudo, né? Eu entrei na aula de fotografia também... Mas aí foi aquele vai e vem de greve, ninguém sabia quando voltava. Foi parando, né?

Tem algum lugar lá no campus que a senhora mais gosta?

C.: eu gosto de ficar sentada debaixo daquelas árvores, como eu gosto... O pôr do sol lá, aqueles passarinhos, é a parte que eu mais gosto. Eu ficava ali no banco, os passarinhos cantando, os alunos para lá e para cá. Eu gosto dali. Faz falta, né? Depois que eu fui operada, não participei de mais (das oficinas). Só fui *na* festa de final de ano, fui de carona.

Também parou de ir aqui na paróquia?

C.: ah, faz tempo. Depois que sofri o acidente (de bicicleta), passei por lá e me falaram: “quem é vivo sempre aparece”. Aquilo foi um soco no estômago. Porque eu continuei na mesma casa, ninguém nem foi me ver. Não fui mais, ia com minha menina (filha) em outra igreja da cidade, perto de onde ela (filha) mora. Essa turminha que trabalha na igreja... Gente. Quando você pode fazer as coisas, estão tudo atrás de você. A hora que você não pode mais, nem lembram que você existe. Quando você precisa os outros te deixam de lado. Uma vez, fui com minha prima que estava com psoríase, ninguém queria se sentar perto dela. Preconceito.

E a senhora frequentava essa igreja há bastante tempo...

C.: muito, uns 50 anos. Isso aqui era tudo campo... Era terra, né? Tinha uma ou outra casa de material, o resto era tudo campo, tinha até caminho no chão. Você acha que ninguém perguntou por que eu não estava indo mais? Agora mudou o padre, mas antes, toda segunda, a gente fazia um teatro do evangelho, só isso foi 7 anos. As crianças que participavam, eu costurava as roupas. Eu era catequista, ajudava o padre com microfone, fazia leitura. Minha filha agora é catequista também. A gente fica sabendo cada coisa de padre... Falei para ele (padre): eu venho aqui conversar com você como amigo, mas confessar, isso não. Daqui a pouco, eles largam de ser padre, tem amante, tem tudo, fica dando risada das coisas que você falou... Tem padre que

eu adoro, não deixa a pessoa se distrair, chama atenção... Porque tem gente que acha que igreja é desfile de moda. Quando chega, desfila a igreja inteira para procurar um lugar para se sentar... Isso distrai. Depois que começou a missa, todo mundo está prestando atenção lá na frente. Tem muita gente que só vai para reparar se o outro repete a mesma roupa todo domingo... Quando a gente falava que tinha roupa de missa, era só aquela para ir à missa. Não usava em outro lugar.

Sentia isso na Unati também?

C.: ah, sempre tinha um que se achava mais inteligente que o outro ou que era mais próximo das professoras... Ali, na Unati, a gente conhecia o problema de cada um. Às vezes, tinha alguém que chegava mais angustiado, triste. Nem sabia por que estava triste. Mas aí sempre tinham as festas, a gente cantava junto, a gente se divertia. A turma *tá* se abrindo mais para vida. “Ah, eu não vou usar esse vestido, vou guardar para o Natal”, você sabe se vai estar viva no Natal? Sabe nada! Se tiver com vontade de usar hoje, vou usar. Não gosto de deixar nada para mais tarde, já deixei muito para amanhã (rindo). Por quarenta anos (tempo em que esteve casada), deixei para amanhã.

A senhora e os amigos da Unati combinavam se ver fora das oficinas?

C.: a gente saía para cantar, fomos cantar lá na FEMA, nos asilos, na Associação Comercial, no Diocesano... Uma vez, cantamos na Casa Abrigo, lá de Marília. Eles faziam um monte de viagem, eu que fui só em uma. Fui para Mato Grosso, lá no Rio Bonito. Andamos naqueles botes... De lá, fomos na divisa com o Paraguai. Nós pagamos para filmar tudo, mas não recebemos o CD. Um lugar muito bonito, os outros já foram em muitos outros lugares. Fomos com o ônibus da Unesp. Agora eles não dão mais o ônibus.

Para quais outros lugares a senhora já viajou?

C.: fui no Rio de Janeiro, em Angra, na casa do meu irmão... Fui em Florianópolis, minha irmã mora lá. Ela mora com a filha e com os netos...

Sua irmã estudou?

C.: ela não fez o ginásio, não... Ela não gostava de nada, não gostava de estudar, nem de trabalhar. Agora passa apertado. A vida ensina... Ela tinha um ciúmes de mim e do meu pai, nossa. Dizia que ele vinha na minha casa, mas não ia na dela, que eu era a filhinha querida. Meu pai e minha mãe ficaram 3 meses na Argentina quando ela ganhou a menina dela. Ela morou uns 2 anos na Argentina, depois, veio de volta para Santa Catarina.

Quando a sua irmã ainda morava com seus pais, ela ficava maior parte do tempo em casa?

C.: que nada, falava que ia para escola e saía para passear. Saía ela e mais três amigas. Ih... Aquela lá aprontou. Ela enganava o pai e os irmãos. Só tinha ela de mulher, né? Faziam de tudo por ela. Ela era muito malcriada. A vida ensina, né? Eu aprendi sozinha a cozinhar, lavar, passar, costurar... O que eu tinha que fazer, eu acho que já fiz tudo. Agora eu queria passear, viajar, mas com essa pandemia não posso. Antes, tinha uma linha da Cometa que ia direto para São Roque, a Andorinha passou por lá uma época mas, agora, tem que ir para São Paulo e, de lá, até São Roque. A Castello Branco passa em todos os lugares... O Andorinha parava no quilômetro 81, você descia na pista, alguém tinha que te buscar. Uma vez, eu fiz isso, meu irmão foi me esperar.

Como era andar de bicicleta aqui em Assis?

C.: eu andava mais aqui pelo bairro, acordava 5 horas da manhã para ninguém me ver, mas aí começaram a me perseguir. Toda vez que eu saía, a pessoa estava ali. Comecei a sair só depois que clareava o dia. Eu ia resolver as coisas, às vezes, levava minha neta na escola. Tinha que ir todo dia até minha sogra, quando ela mudou aqui para Assis, ia de manhã e à tarde para cuidar dela.

A senhora tirou habilitação?

C.: (rindo) pra quê?! Nunca tive carro. Agora, meus filhos que têm, aí eles que dirigem. Eu resolvia as coisas tudo de bicicleta. Eu nunca liguei para essas coisas... Eu sempre quis pouco. Agora, eles (filhos) estão construindo lá no fundo (uma casa), não sei nem se eu vou ver...

De todas as transformações que aconteceram durante sua história, tem alguma que te chama mais atenção?

C.: ter voz, a mulher ter voz e vez. A mulher dizer o que sente, se tem vontade ou não tem, uma coisa que nunca fiz na minha vida... Eu era obrigada a fazer tudo, né? Depois que eu comecei a ir na Unati... Eu comecei a ir antes dele (marido) morrer. Ele resmungava: “ah, tudo agora é faculdade”. Eu não via a hora de ir.

Quando começou a frequentar a Rádio Difusora?

C.: isso é há muitos anos já, uns 12 ou 13 anos, tinha a participação do ouvinte para adivinhar quem era o cantor ou a música. Geralmente, eu errava, porque eu conheço as músicas antigas. Eu participava sempre. Quando acertei o nome da dupla e da música, ganhei umas coisas, doei tudo para a igreja. Uma vez, fui lá na rádio conhecer a Márcia Gianazi. Fizeram uma festa quando ela se aposentou da rádio, eu levei um bolo enorme para ela. Eu sempre escrevia mensagem para a rádio, fazia acróstico dos nomes. Em época de Natal, dia das mães, eu sempre escrevia uma mensagem. Aí comecei a escrever as poesias, assinava como “morena brasileira”. Tem a locutora Celeste, lá de Cândido Mota, fiz o acróstico do nome dela, ficamos amigas, ela pediu para eu ir lá na rádio. A gente conversa por *WhatsApp* ou telefone fixo. A pessoa que fala que não gosta de mim, é porque não vai com a minha cara, porque dizer que eu sou respondona, repreendo, esse tipo de coisa, eu não faço. As coisas não podem ser a ferro e fogo. Eu tenho 73 anos, quantas fases eu já não passei? Minhas amigas gostam de me escutar. Tem uma que perdeu a filha e o marido... Se viu sozinha. Eu falo para ela que o luto demora, mas não pode demorar tanto, tem que deixar a pessoa descansar, ela já está lá com Deus. A pessoa não descansa quando você fica chamando. Reza, ora por ela... Tenho amiga de tudo quanto é religião, não me importo, mas quando eu tenho que falar dessa parte, que a pessoa está se entregando, eu falo. Não vale a pena. Viveu bem? Então dê graças a Deus que você tem saudades. Aí tem uma que começou a conversar com um rapaz pelo Facebook, falava que ele dizia coisas linda para ela, disse para ela cair fora. As irmãs dela também foram contra. Ele era de São Paulo, mais novo que ela. Perguntou se ela tinha conta no banco. Falei: “você está ficando louca? Vai arrumar sarna para se coçar”. Agora, eu só acredito em Deus, em mais nada, nem em padre.

Tem alguma amiga que a senhora procura para desabafar?

C.: tinha uma, mas ela morreu, né? Na maior parte das vezes, eu me aconselho sozinha. Às vezes, vem umas mensagens no meu celular, falando sobre procurar pessoas para romance na minha idade, eu nem olho... Não quero nada! (rindo) Então, eu fico mais sozinha, converso com meu travesseiro, ele me responde (rindo). A gente fica cada vez mais fechado. Tenho amizade aqui com todos os vizinhos, tem minha comadre que a gente conversa mais. Os estudantes, que moram aqui na frente, a gente só se cumprimenta. Antes, moravam uns aí que era um *tropé* atrás do outro, uma bagunça, a polícia veio aí várias vezes. Eu não reclamava, não mexendo comigo... Ter inimizade é a pior coisa do mundo.

- Célia recebe uma mensagem no celular e interrompe a conversa para ver do que se tratava: a irmã havia mandado para ela um vídeo antigo da família reunida. Nele, eles cantavam animados música italiana durante o jantar de aniversário de um dos parentes. Ela assiste até o final, em seguida, deixa o celular de lado e reclama do calor que fazia naquela tarde.

O que a senhora considera que teve mais destaque em sua trajetória de vida?

C.: aquele beijo no rosto que o italiano roubou e o dia que ele foi embora de São Roque... E quando a gente se viu, depois de tantos anos. Tiraram ele de mim. Dói muito, dói muito (chorando)... Me falam que quem vive de passado é museu, se não tivesse passado, não tinha presente. Você está vivendo no presente porque aprendeu no passado, no futuro a gente nem sabe. Você precisa fazer o que tiver vontade, sem judiar nem maltratar outras pessoas, né? A única coisa que eu quero é viver e ser feliz, não quero mais nada: não quero dinheiro, palácio, riqueza, não... A maior riqueza que eu tenho é o meu amor. Eu tenho um vestido bonito que usei durante uma homenagem que fizeram para meu irmão na câmara municipal (em São Roque). Eu fui lá na frente e cantei para ele, sem banda, só a voz. Teve um aniversário meu, passei com meus irmãos numa cidade lá perto de São Roque, fui lá passar com eles, desenharam um vestido para mim ali na *Ao Barulho* (loja de tecidos e roupas), quando cheguei no lugar da festa, me deram flores. Meu marido não foi junto. Dancei até de madrugada (rindo). Minha maior alegria era ir para lá (São Roque). Eu dançava com meu irmão, vinha uns outros me tirar para dançar, eu falava: “não, não...” Meu irmão é emotivo que nem eu (chorando). Os outros pode ser emotivo, mas segura, né? A mesma coisa era com minha mãe, quando eu chegava para visitar em São Roque, chorava que nem não sei o que, quando eu ia embora, também chorava. Sabia lá se ia ver de novo? Quando eu vejo uma pessoa, fico o máximo de tempo com ela, não

sei se vou poder voltar e, se eu voltar, e for para o enterro? Então prefiro visitar agora, né? Porque a distância é longe. Hoje ele (o italiano) não ligou...

Célia, sei que é uma pergunta ampla... Mas, na sua experiência, o que a senhora passou que se deu pelo fato de ser mulher? O que ser mulher impactou na sua vida?

C.: a pior coisa. Fui tratada como uma empregada, uma escrava... Para mim, é tudo isso... Fui tratada como um poço de lixo, né? Nesse ponto, eu não queria ser mulher, não. Mas tá bom, já passou. Tem coisa que fica na alma da gente, coisa que não tem um jeito de esquecer.

Célia recebe uma mensagem no celular e checa para ver do que se trata. É sua filha contando que está ajudando o neto de Célia com as tarefas na escola, porque, senão, ele não daria conta de terminar tudo e conseguir o diploma do ensino médio.

A senhora nota alguma diferença entre o modo que foi criada em relação à sua filha e até à sua neta?

C.: foram criadas mais livres, mas dentro da obediência ao pai e à mãe. Eu era muito presa, não podia sair nem fazer nada. Eu falo para os meus filhos: o que eu vou deixar para vocês é o estudo. O estudo é a maior riqueza que a gente tem. Tendo conhecimento, você vai para qualquer lugar, né? Tem que ter noção. A internet está aí, tem coisa ruim, mas tem muita coisa boa também. Agora, faz quatro anos que a gente fala se vendo, por vídeo (ela e o italiano).

O que acha da relação à distância?

C.: prefiro. Não quero outra coisa. O que eu tenho no meu coração, é ele. Ele me fez entender as coisas, me ensinou a me conhecer, então, para mim, basta. Falo mil vezes “eu te amo” para ele, digo que ainda não ouvi dele, ele fala que me ama, era isso que eu precisava ouvir. Agora, tem lugar lá (na Itália) que estão fazendo lockdown de novo... É uma viagem muito difícil. É... Esse é o amor da minha vida. Amor de criança, de jovem, depois de muito tempo, de adulto, é o amor que eu tive.

Célia, e aquele pão que a senhora fez?

C.: vamos lá na cozinha, vou preparar um café também.

- Nos encaminhamos para a cozinha, sobre a mesa, tinha dois pães artesanais cobertos com pano de prato. Enquanto Célia fazia o café, eu olhava para um dos quadros que ela pintou, de uma rosa, que fica na parede desse cômodo. É, então, que me chama atenção um retrato, colocado logo acima do batente da porta que liga a sala à cozinha. Reparo que é uma foto antiga, com cerca de 30 pessoas juntas, posando em três fileiras, organizadas entre a dos mais altos, os de estatura média e, logo à frente, crianças estão sentadas no chão de terra, numa paisagem de campo aberto, onde, ao fundo, se vê poucas casas. Célia não havia me mostrado aquela foto, por isso, pergunto a ela se posso pegar o retrato da parede. De costas, ocupada com o café, ela me responde que sim. Explica que é um retrato de família, em São Roque, e me desafia, rindo: “quero só ver se você me encontra na foto”. Realmente, não era tarefa fácil... Ainda mais porque me vi temerosa em confundi-la com outra pessoa, depois de ter passado tanto tempo ouvindo suas memórias, observando suas expressões e trejeitos. Ficamos em silêncio, enquanto eu estava ali, com a tarefa de encontrá-la. Célia me diz: “assim que eu sentar na mesa, junto com você, para a gente lanche, eu te conto quem é cada um”. Célia começa a arrumar a mesa para nós duas, pega margarina na geladeira, traz os pratos e as xícaras. A xícara que ela escolhe para si é branca, com logotipo do Corinthians. Enquanto ela serve o café, me pergunta: “e aí? Achou?!”. Olhei para todas aquelas pessoas... Qual delas parecia revelar a vontade de ser encontrada? Foi quando respondi, à altura do desafio proposto, aponte com convicção: “é essa aqui!”. Rimos: eu havia acertado. Entre as crianças sentadas no chão, Célia estava no centro da fotografia, com seu sorriso largo, uma figura carismática e despojada. Ela me mostra a avó materna, sua referência de habilidades culinárias, que trabalhava vendendo quitutes. Vejo, também, sua tia, a Janjão, que cuidava de Célia naquela época, quando ela era criança. Célia me fala dela com muito carinho e acrescenta: “era a repórter da cidade, sabia de tudo que estava acontecendo”.

Enquanto tomávamos lanche, Célia me conta o desfecho da trajetória de vida daquelas pessoas que apareciam na foto. Quando eu acabava de comer uma fatia de pão, Célia se queixava que eu comia pouco, repartia o pão em mais pedaços e trazia o pote de margarina para perto de mim. Conto para ela, brevemente, sobre minha avó, enfatizando a sobrecarga de trabalho que ela tinha, desde o cuidado dos filhos, do sogro doente, as tarefas domésticas e a costura para fora. Célia me escuta e conclui sem rodeio: “foi uma

escrava, a vida das mulheres era assim”. Aos poucos, nossa conversa se orienta para temas relativos à cidade de Assis, em específico, sobre a gestão política da cidade, é quando ganha destaque José Santilli⁷, figura local que, tendo atuado como Deputado Estadual (1954-1958; 1959-1963; 1963-1966), Federal (1966-1970; 1974-1978; 1980-1984) e, por fim, como Prefeito da cidade (1984-1988; 1992-1996), trouxe, na perspectiva de Célia, maior infraestrutura para Assis: “foi quando a cidade cresceu”. Pergunto a ela se já tinha ouvido falar de Antonieta, mulher que possuía uma famosa casa de meretrício, de arquitetura francesa inclusive, na cidade. Célia responde que, uma das residências na qual havia trabalhado, fazendo faxina, pertencia a um médico e sua esposa. Frequentemente, quando chegava para trabalhar, sua patroa lhe dizia: “deixa esse trabalho pra lá, hoje quero só desabafar com você”. Ela se queixava para Célia sobre o tempo que o marido passava na casa de meretrício, a respeito do qual o médico se justificava: “vou até lá para atender as moças doentes”. Depois de conversarmos sobre mais algumas personalidades locais, Célia embala metade do pão caseiro para eu levar. Vamos para a rua, ela queria me mostrar onde era a casa da próxima senhora que eu entrevistaria, sua conhecida das oficinas da Unati. A casa fica no quarteirão ao lado. Conversamos mais um pouco na calçada, pergunto para Célia se ela tem alguma sugestão de nome para sua história, considerando que há necessidade de manter o sigilo das participantes da pesquisa: “coloca o nome meu e o dele (italiano) juntos”. Peço um abraço para Célia e agradeço a confiança de dividir sua história comigo. Ela me diz que nosso contato fez bem a ela: “foi humano”. Me despeço com um: “até mais”. Jow, o cachorro, observava a cena por uma fresta do portão.

⁷ Partido Democrata Cristão (PDC); Partido de Representação Popular (PRP); Partido Republicano Trabalhista (PRT); Movimento Democrático Brasileiro (MDB); Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), do qual Santilli foi um dos fundadores; Partido da Social Democracia Brasileira (PSBD). Fonte: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=316358>.

Relato de Nanci

Primeiro Encontro (14h às 18h30)

Nanci, 72 anos, reside no bairro Vila Tênis Clube, localizado à 1km do campus da Unesp. Portanto, nesta região, há um número expressivo de repúblicas e condomínios de quitinetes. Além disso, esta área é caracterizada por reunir grupos variados de moradores: pode-se encontrar, com facilidade, casas de madeira e, também, residências novas ou reformadas, expressando a convergência de padrões socioeconômicos distintos. Em síntese, a população local é de faixa etária mais velha. No entanto, este aspecto é remodelado durante o período letivo da universidade, quando se vê, nas ruas, geralmente pacatas, estudantes atravessando os quarteirões de bicicleta ou a pé. Ao sul, está o parque “Buracão”, local público que comporta uma estrutura para prática de esportes e lazer. O “Tênis Clube”, frequentado pela classe média da cidade, também está nas imediações. Toco o interfone, quem atende é Ana, funcionária responsável pela limpeza da casa. O portão é destravado automaticamente. Alguns minutos depois, Nanci aparece, ao longe, na porta de entrada da casa e me chama, afirmando que eu já podia entrar. Atravesso o quintal da frente, cumprimento Nanci, que me recebe com cordialidade, na sala da casa. Nanci se senta numa poltrona e eu no sofá. Explico a ela os objetivos da minha pesquisa: gostaria de ouvir, a partir de sua história de vida, a respeito das transformações que aconteceram na cidade e no modo de se relacionar com os demais. Entrego a ela o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Nanci o lê e assina. Peço autorização para gravar nossa conversa, deixando o gravador de voz apoiado na mesa de centro da sala. Nanci relembra uma atividade de transcrição de áudio, feita durante sua época de faculdade, observando que eu teria um longo trabalho para transcrever todo material da pesquisa de campo. A partir daí, iniciamos a conversa.

Nanci: éramos em quatro irmãos, só tinha eu de mulher. Sou a segunda. Quando a gente estudou, não era fácil entrar numa faculdade. Já era difícil entrar no ginásio. Havia alguns cursinhos para você fazer, para passar no exame de admissão. Eu considero que o exame de admissão era, proporcionalmente, um vestibular. Por que havia essa prova? Porque não havia vagas para todo mundo. O meu irmão mais velho, meu pai pagou cursinho, para mim, meu pai não pagou. Então, você vê que... A minha mãe tinha uma visão que a gente precisava estudar, sabe? Mas, então, você vê a diferença, né? Nessa época, a gente ainda podia andar a noite. Eu fiz um cursinho, era longe de casa, onde hoje é o “Carlos Alberto”, chamava “Instituto de

Educação”. Era a noite, das sete às nove. Eu tinha 12 anos. Fiz esse cursinho e passei no ginásio. Só que o meu pai, ele tinha preocupação: “você vai ser professora, depois vai dar aula em sítio?!”. Meu pai era maquinista, ferroviário. Ele via as mulheres, professoras, descendo nas estações de cidades pequenas, às vezes até de madrugada, tinha charrete esperando (pelas professoras). A preocupação dele era essa. Naquela época, já tinha a Unesp. Eu sabia que ia fazer Unesp. Primeiro, porque era quatro filhos, não teria como estudar fora. Para mulher sair também (de casa), era muito mais difícil. Então, eu tive que escolher um desses cursos (oferecidos pela Unesp), mas eu sempre gostei muito de língua portuguesa. De primeiro, a gente não tinha tanta opção, então era mais fácil se decidir. Hoje, os jovens escolhem um, param, depois fazem outro (curso). No colegial, com 14 anos, a gente já fazia opção, se você queria a área de humanas, ia para o curso prático; para a área de exatas, fazia o científico; para área de biológicas, fazia o eclético. Daí, tinha o curso normal (magistério), que você já saia pronta para o mercado de trabalho. Eu não fiz magistério, porque já tinha aquela preocupação do meu pai. Fiz o vestibular e já fui para (a faculdade de) Letras: a minha formação é essa. Depois, já comecei minha vida de professora. Tinha um detalhe, aqui na cidade, de escola pública, tínhamos o “Instituto de Educação”. Havia duas particulares: uma era para os meninos, o “Diocesano”; e o “Santa Maria” era para as meninas. Ia para essas escolas quem não conseguia entrar na escola pública. Então, você veja bem, era uma seleção para entrar na escola pública. Quem estudava nas (escolas) particulares, ou os pais tinham muito dinheiro, ou os pais moravam na fazenda, filhos de fazendeiros. Naquela época não tinha transporte, estrada, então os alunos moravam na escola, era internato. Na escola pública, até a oitava série, as classes não eram mistas. Era classe masculina e classe feminina. No colegial, já era mesclado. Inclusive, teve um episódio... o “Instituto de Educação” tinha mudado para onde hoje funciona o colégio “Clybas”. Um dia, estávamos com aula vaga, falamos: “ah, vamos lá na parte cima”. Nós ultrapassamos uma linha imaginária que separava o lado das meninas e dos meninos. Levamos a maior bronca do inspetor de aluno... Você percebe como que era a realidade? Era bem separado. Quando eu fui para o colegial, na sala mista, os meninos viviam precisando consultar o caderno da gente (meninas). No começo, meu pai estranhava muito, porque os meninos iam lá em casa buscar caderno emprestado. Foi uma mudança, um choque. Na faculdade, tinha uma senhora, na minha turma, que já era casada. Era mais fácil, eu ia estudar na casa dela. Meu pai não deixava a gente ficar muito na rua, né? O marido dela tinha carro, então ele levava a gente embora. A gente (mulheres) tinha, sim, uma restrição. São coisas que gente vivenciava e que houve uma mudança bem grande, né? Tinha os cinemas, que eram lotados, e o *foot* na avenida: a gente desfilava na calçada da avenida e os meninos ficavam tudo parado, vendo a gente passar.

Depois, abriram os barzinhos, alguns eram frequentados pelo pessoal da Unesp, esses não eram bem-conceituados (rindo). Havia três cinemas aqui (em Assis): onde hoje é o teatro, era o cinema da igreja, o “Cine São Vicente”; descendo a rua do *shopping*, era o “Cine São José”; depois, fizeram o “Cine Piracaia”. O “Cine São José” era assim (lotado), tinha sessão às cinco, às oito e às dez. Adivinha em qual eu tinha que ir? Das cinco. Nove horas, dez horas já era tarde, eu tinha que voltar para casa antes disso... O que mais você quer que eu fale?

Gostaria de saber um pouco mais sobre a história da sua família.

N.: a minha mãe era daqui da região de Assis. Meu pai, era de Itapetininga, ele nasceu em Itapeva. Minha mãe foi criada pelo pai, a mãe dela separou, os pais eram separados. Minha mãe foi criada pelo pai, tia e avó. A minha tia também se separou do marido. Minha avó, eu fui conhecer, já era grande, ela tinha a pele negra. Meu avô, era sueco. Meu pai era filho de italiano. Quando veio a ferrovia *pra* cá, meu pai veio para Assis. Inclusive, meu avô não queria que meu pai ficasse por aqui. Segundo minha tia, meu pai já era quase noivo lá (Itapetininga), quando veio para cá, encontrou com minha mãe e acabou se casando. Olha que interessante... O que é a vida, né? Minha mãe e meu pai, os dois, tinham até o quarto ano. Ela é de 1920, meu pai de 1917. Minha mãe morava no sítio, ela teve uma infância um pouco mais difícil, pelo que eu percebo... Mas ela era muito esperta, ligada nas coisas. Tanto é que ela incentivou todo mundo a estudar. Nós quatro fomos para o ensino superior. Quando foi fundada a rádio “Difusora”, acho que era 1943, minha mãe entrou como técnica de som, você vê que ela era avançada *pra* época. Ela tinha, já, uma visão ampla das coisas. Chegava na casa dela (mãe), ela perguntava assim: “você ouviu tal notícia?”, você percebe? Quando a gente era criança, se precisasse de alguma coisa, ela que orientava, ensinava a gente. Uma coisa que eu percebo, com a gente e, depois, com meus filhos, eu noto que não precisava ficar tão em cima das crianças. Hoje, os pais têm que fazer as tarefas com os filhos, tem que acompanhar. Eu tenho quatro netos, são bons alunos, mas, outro dia mesmo, minha filha ligou: “ah, mãe, tô tão cansada, estava estudando com o Hélió (neto)”. Então, é uma coisa diferente. A gente tinha responsabilidade, parece que houve uma mudança... Não sei, não vejo necessidade nessa mudança, sabe? Não sei se é a forma de ver a educação... Todas as mães acham bonito aquela história de ir muito na escola. Eu ia sozinha. Os pais não viviam na escola como hoje. Lógico que minha mãe acompanhava, tinha preocupação com uniforme... Hoje, as crianças estão tendo dificuldades e os professores também. O professor é formado para trabalhar, assim, com a normalidade, vou falar esse termo entre aspas. Então, o aluno que tem dificuldade e aquele que tem uma

aprendizagem mais rápida, o professor não sabe trabalhar. Estou sentindo isso. Sei que a criança fica inconveniente quando aprende mais rápido, mas eles (professores) tinham que ter um jogo de cintura... O que mais eu posso falar?

Nanci, como era a casa onde vocês moravam?

N.: até os 14 anos, eu morei na Vila Operária. Na época, era uma vila habitada pelos ferroviários. Porque, na verdade, a ferrovia trouxe muita coisa para cá (Assis), trouxe muita gente. Morava numa casa de madeira, até hoje eu tenho. Era considerada uma casa boa, grande, tinha três quartos... Sala, cozinha. Meu pai que construiu. Uma coisa que, às vezes, até a gente não percebe. Depois, conversando com algumas pessoas... Eles falavam que meus irmãos eram os donos da bola. Eram vistos como se tivessem uma condição melhor, porque meu pai não bebia. Então, o salário dava para manter. Eu nunca precisei trabalhar, quando eu fazia faculdade, dava aula particular, mas não dependia disso. A gente não tinha luxo. Estudamos com dificuldade, mas a gente estudou, éramos diferentes por causa disso. Até hoje eu tenho a casa, inclusive, está alugada. Quando eu estava com 14 anos, meu pai terminou de construir uma casa de material, atrás do Fórum. Nos mudamos para lá.

Foi nesse contexto, da Vila Operária, que a senhora e a Dona Elenira se conheceram?

N.: é, foi nessa casa de madeira. O pai dela também era ferroviário, mas ela tinha mais irmãos.

O que a senhora lembra do cotidiano da Vila Operária?

N.: a minha mãe era muito caseira, ela não trabalhava fora. Ela não sabia costurar, mas costurava para gente. Tinha uma tia de Itapetininga que dava os moldes para minha mãe. A gente brincava muito na rua, não sei se a Elenira te falou isso... A gente brincava de pique, brincava de muita coisa. Não era muro, era cerca. Às vezes, a gente ficava só ali na cerca, vendo os outros brincarem. Era um dia a dia de mais liberdade. Eu era pequena, ia fazer compra para minha mãe, já. Ia ao mercadinho, açougue...

Na rua, brincava menina e menino juntos?

E.: futebol não. Futebol é uma coisa bem mais atual a menina jogar futebol. Na minha época, não. A gente brincava de queimada junto, mas futebol, não. Era só os meninos.

A senhora lembra de alguma festa ou evento que acontecia na cidade?

N.: tinha uma festa muito tradicional, que era a festa do dia do trabalho, feita na Vila Operária, e os ferroviários se envolviam. Tinha quermesse, era uma forma de você mandar correio elegante... Meu pai ajudava, era quando eu podia ficar até tarde na festa. Só uma coisa que meu pai não me deixava fazer: dançar quadrilha. Nunca dancei, era uma coisa restrita. Meu irmão mais velho era mais reservado, então, se ele não fazia as coisas, não tinha muito como eu fazer também... Tinha essa comparação. Talvez se o outro fosse mais saído, eu ia atrás. Uma vez, fui ver uma quadrilha: meu pai foi me buscar, me deu a maior bronca, quase apanhei. Tem umas coisas, né? Depois, quando eu já era casada, fui numa festa junina, aí eu me esbaldei de dançar quadrilha. Baile, eu fui uma vez ou duas, não tinha essa liberdade, de jeito nenhum.

Então Assis funcionava em torno da ferrovia?

N.: sim... Ah, e tinham os desfiles. Tinha o carnaval no “Clube Recreativo”, que era da elite, né? Depois, começaram as escolas de samba. As duas que era rivais: a da Vila Operária, que hoje continua ativa, e a da Vila Xavier. Eram as duas que se enfrentavam, acontecia apuração. Mesmo depois, quando eu já era casada, meu marido gostava, ele não era de danças, mas torcia. Ele nasceu na Vila Operária. Era uma delícia. Quando era criança, tinha o campeonato entre os grupos escolares, a gente ia torcer: os meninos jogavam, as meninas, não.

Quem morava na Vila Xavier?

N.: era uma vila um pouco mais elitizada, de comerciantes.

A cultura da cidade era de orientação católica?

N.: sim... Mas já havia bastante evangélicos também, não da maneira como tem hoje. Tanto é que meu avô era evangélico e minha mãe era de orientação evangélica, mas nós não fomos encaminhados para igreja evangélica. Porque meu pai, você sabe, né? Era daqueles italianos super católicos, então fomos encaminhados para igreja católica. Todos foram batizados,

fizemos primeira comunhão... Ah, tinha o teatro da Vila Operária também... O cinema! Na Vila Operária, havia um padre italiano, o padre Aluísio. O português, da rádio... Você não sabe?⁸ Então, mas esse padre Aluísio era um italiano grandão, estabanado. Ele tinha uma visão que você não acredita, eu acho que ele tinha uma visão muito grande. Tinham os padres que vinham da Itália para cá, e têm os padres diocesanos, que são formados por aqui mesmo. Esse padre Aluísio, ele foi, por muito tempo, o coração da vila. Primeiro: tinha o cinema da igreja, no domingo, tinha a matine. Igual série, cada domingo, passava uma parte. Para ir à matine, primeiro, a gente tinha que ir à missa, onde eles carimbavam a mão da gente. Daí deixavam a gente entrar no cinema: não pagava nada. O teatro amador funcionava ali também. Tinha a biblioteca “circulina”, ele (padre Aluísio) foi um dos orientadores do Vocem (Vila Operária Clube Esporte Mariano). O Vocem surgiu dos “marianinhos” que eram da igreja também. Uma vila que tinha teatro, cinema, biblioteca, o Vocem e a escola de samba. A gente achava que ele (padre Aluísio) era meio conservador, mas ele tinha uma visão muito ampla das coisas. Ele fundou também uma entidade que, toda terça-feira, distribuía pão. Até hoje existe, fornece alimentos, atende as famílias mais carentes. Sabe o que eu acho interessante, meu avô aprendeu a falar português lendo a bíblia. Eu lembro do padre Aluísio indo na minha casa para conversar com meu avô.

Comento: o Padre Aluísio dava uma espécie de unidade para a vila.

N.: dava, tanto é que na festa do 1º de maio, ele celebrava a missa no depósito da Sorocabana (ferrovia). Era aquele *auê*. Também tinha os jogos, no final de ano, que os ferroviários faziam entre si. Meu pai jogava... Tinha o time de futebol da ferroviária e o “São Paulinho”, a rivalidade era entre esses dois. Quando meu pai estava mais velho, saía para acompanhar os jogos, os homens saíam mais de casa que as mulheres, minha mãe ficava em casa. E olha uma coisa que tinha na época, a importância das eleições. As mulheres faziam roupa nova para votar, eu lembro que minha mãe fazia roupa nova, é uma coisa interessante... Quando foi na década de 1960, teve o plebiscito para escolher entre presidencialismo ou parlamentarismo, acompanhei minha mãe para votar. Era uma saída (passeio), encontrava um monte de gente...

- Nanci me fala a respeito da personalidade de seus irmãos, área de estudo e trajetória de vida de cada um deles. Nesse contexto, a conversa assume um tom mais pessoal.

⁸ Português é filho de Padre Aluísio.

N.: eu perdi meu marido em 2018, em fevereiro. Meu marido frequentava a Unati também, gostava de espanhol (oficina de idiomas), adorava a Seresta, sabe? Quando ele ia fazer alguma outra atividade, chegava antes só para ver a Seresta cantar. Quando eu parei de trabalhar, nós começamos a ir juntos... Mas eu já tinha começado, em 2000 e pouco, eu já tinha começado ir para a Unesp. Tinha teatro lá, era muito bom. Eu me aposentei em 2000 do Estado, eu era supervisora do Estado. Depois, fui trabalhar no Sesi como orientadora de aprendizagem, trabalhava só a noite. Tinha até uma funcionária do RU (Restaurante Universitário) que era aluna nossa (no Sesi/EJA – Educação de Jovens e Adultos). Foram cinco anos muito bons. O lado ruim, é que tinha que sair toda noite. Depois, em 2005, eu fui trabalhar como supervisora do Sesi. Parei de trabalhar em 2012. Então... Meu marido já estava meio assim. Já tinha até levado em um monte de neurologista. Ele até não estava dirigindo mais, eu que dirigia. O neurologista não autorizou que ele renovasse a carteira (de habilitação). Ele (marido) fez uma cirurgia de hérnia em outubro, essa cirurgia foi complicando, complicando... Ele faleceu. Eu tenho três filhos. Tinha, né?

- Nanci se emociona.

N.: tenho um filho que mora em São Paulo, o mais velho; e a minha filha mora em Maringá. Esse mais novo, morava aqui (Assis), ele era casado desde 2015. Fazia três anos que ele era casado. Quando eu fiquei sozinha (viúva), ele era meu apoio. Quando eu fiquei sozinha, ele passava aqui em casa todo dia quando saía do serviço. Em setembro, eu fui viajar, voltei em outubro. Quando eu saí para viajar, ele falou assim: “mãe, vai ter o casamento de uma amiga da minha esposa, mas é na véspera da eleição (2018). Mãe, eu acho que vou com o carro da senhora, que é maior”. Não sei por que, ele não foi com meu carro. Ele me falou: “mãe, a gente vai ao casamento, mas, depois, a gente vai para um hotel posar durante a noite. Aí, a gente volta cedinho, para dar tempo da minha esposa ir trabalhar”. O que aconteceu... Ele entrou na contramão, bateu de frente com outro carro, morreram cinco: morreu ele, minha nora e os três no outro carro. Foi em outubro de 2018. Olha só, eu cheguei, desci no aeroporto, meu celular não estava muito bom, então minha filha mandava muita coisa no celular da minha amiga. Foi quando fiquei sabendo da tragédia. Eu fiquei sozinha aqui, né? Tive que aprender a me virar sozinha. Em 2019, fiz uma cirurgia para colocar prótese na perna, minha filha ficou aqui comigo por vinte dias. Nessa época, a Ana começou a trabalhar aqui para ajudar (na casa). Meus filhos disseram que eu devia manter a Ana trabalhando aqui, porque era uma companhia. Na pandemia, ela continuou vindo... Mesmo quando ainda fazia pouco tempo que meu filho havia

falecido, ainda teve a festa de encerramento da oficina de espanhol. Eles fizeram questão que eu fosse, então tudo isso foi muito importante.

O acolhimento, né?

n.: é, isso marca. Assim como marca quando a pessoa não se envolve. Quando meu filho faleceu, ele se perdeu na estrada de noite, indo para o hotel. Entrou na contramão. Uma pessoa aqui da paróquia, era ela que recebia o dízimo. Quer dizer, mesmo que não seja muito amiga, mas tem um certo contato. Ela simplesmente... Ela não apareceu. Não foi ao velório, não mandou mensagem nem no *WhatsApp*. Aí, teve a missa de sétimo dia aqui na paróquia, também não apareceu. São coisinhas pequenas, mas sabe, quando você tá machucada. Daí, aconteceu o seguinte. Ela sempre vinha deixar o envelope, para receber o dízimo. Quando veio deixar o envelope, poderia ter falado: “ô, Nanci, como você está?”. Ela não veio buscar o envelope, porque foi viajar. Coloquei na caixa de cartas da casa dela. Choveu e molhou. Você acredita que ela tirou foto do envelope molhado e mandou para mim... Começou uma discussão pelo *WhatsApp*. É tonteira, mas quando você já está machucada, coisas pequenas machucam. Liguei lá na igreja, falei que não queria mais ela passando aqui. Agora, vem uma outra. Ela bate palma, pergunta se estou bem, conversa um pouquinho. Porque, quando você está sozinha, uma pessoa perguntar se você está bem, ajuda bastante. Ela vem sempre de máscara e fica longe, mas é uma outra presença. A solidão é triste... Fico com medo de sair de noite, principalmente para entrar em casa, acho perigoso. A minha sorte, é que minha filha é muito presente, embora more em Maringá. Ela me liga todo dia, me ajuda muito. Meu filho já é mais... Não liga todo dia, é muito ocupado. Quando eu me vejo muito sozinha, ligo para minha filha. Às vezes, ligo para ela quando preciso de algum tipo de ajuda para mexer no computador, também.

- Nanci inicia um relato sobre o período em que passou a utilizar o computador nas atividades de trabalho.

N.: quando eu trabalhava na Delegacia de Ensino do Estado, a gente estava começando a trabalhar com computador, era uma coisa nova, na década de 1990. A gente não mexia no computador, quem mexia, eram as escolas. Ainda não era um trabalho muito em rede. Uma vez, teve um curso em Marília. Daí, nosso chefe conseguiu que nós, supervisores, fôssemos junto para começar a entrar em contato com o computador. Quando eu voltei, ainda brinquei: “aprendi a ligar e desligar”. A gente usava mais (o computador) como uma máquina de escrever que

permitia as correções (no texto). Teve uma vez que fiquei muito estressada... Eu era responsável pelo processo de remoção de professores: um processo que envolve vida, né? É muita responsabilidade. Tinha que mandar tudo digitado, havia um rapaz que era dessa parte da informática, ele fazia isso, mas eu era a responsável. Esse é até a Maria Clara, virou artista. Ele tinha a opção dele, mas a gente nunca sentiu a interferência da opção dele no trabalho. Eu lembro até que ele foi dançar, fazia balé, nós fomos tudo de torcida, porque a gente gostava muito dele. Porque... Eu vou ser sincera com você: essa parte da homossexualidade, o que eu vejo hoje, a coisa está muito banalizada. Muitas vezes, virou um pouco de modismo. Onde eu corto o cabelo, ele é homossexual, foi meu aluno na EJA, ele até conta as histórias dele... Só que ele tem uma postura de não escandalizar. Porque, o que eu acho que está acontecendo hoje, está havendo uma tentativa de escandalizar as pessoas. Eu sempre respeitei, meu marido também. Escandalizar no sentido de que, se fosse um casal hétero, também escandalizaria... Bom, deixa eu continuar a falar do computador. Um dia, esse computador não funcionava, e a gente com prazo. Ligamos para São Paulo e a pessoa disse: “vamos pensar se amanhã a gente libera para vocês mandarem o material”. Aquele dia, me deu vontade de dar uma machadada no computador. Fizemos uns cursos, das sete às oito da noite, uma amiga minha que dava. Aprendemos a sublinhar, colocar em negrito (as palavras), era parte de máquina de escrever mesmo. Depois, quando fui trabalhar na EJA (SESI), o que acontecia, a gente preparava algumas apresentações, com slides. Muitas vezes, eu escrevia o trabalho e outra funcionária fazia essa parte da informatização.

- Nanci me pede licença para conversar com Ana, que aguardava para receber o pagamento daquele mês, além de negociar a dinâmica dos dias de férias que tiraria a partir daquela data. Aguardo na sala, quando Nanci retorna, observa que não tinha nenhum bolo para me oferecer, no entanto, me serve um suco natural. Ela me fala que, desde quando passou a morar sozinha, não sente vontade de cozinhar apenas para si mesma, já que isso sempre foi algo que fez para alimentar alguém, envolvendo uma troca de afeto. Assim, Nanci mantém a rotina de, ao menos, preparar o almoço para ela e Ana. Outra exceção, é quando o neto, Luís, que também mora em Assis, está na casa dela de visita. Luís, 10 anos, é filho de Rafael (filho mais velho de Nanci que reside em São Paulo/SP). A seguir, retomamos a conversa sobre o processo de informatização no trabalho.

N.: até que essa funcionária reclamou de fazer o trabalho de informática para mim. Quando eu precisei fazer uma prestação de contas para o SESI, pedi para ela um modelo ou formulário que eu aprenderia a fazer. Tinha que fazer muita coisa em *Excel*. Fiz, levei para era ver se estava certo, mas eu penei, viu? Para mim, era novidade. Por causa do computador, minha pressão subiu duas vezes, eu nunca tinha tido problema de pressão. Chegou uma época que o SESI ofereceu, para cada supervisor, um *notebook*, nós andávamos com esse *notebook*. E, lá no SESI, eu não conhecia praticamente ninguém, entendeu? É aquela história de admitir não saber, isso é muito ruim, a gente sofre. Depois, para mexer no celular, eu sofri também. Cheguei a fazer aquela oficina (da Unati) *Ginástica da mente*, com o Auro, ele ensinou a gente a fazer algumas coisas no celular. Eu percebi que minha pressão tinha subido, estava na festa de aniversário de um sobrinho, todo mundo conversando e eu quieta, num canto. Já percebi que não estava legal. Cheguei em casa, comecei a sentir falta de ar, fui para o pronto atendimento, né? Sabe o que eles me deram? Calmante. Eu sou muito ansiosa... Tudo isso porque estava aprendendo a mexer no computador. Também tinha um detalhe: eu trabalhava e meu marido já era aposentado. A minha sede do SESI era em Ourinhos. Eu passava nas escolas de São José do Rio Pardo, Ourinhos, Assis, Paraguaçu Paulista e Regente Feijó, imagina, cada dia eu ia para um lado. Uma vez, eu estava indo para Ourinhos, caiu o escapamento do meu carro. Liguei para o meu marido, fiquei na estrada, parada. Parou um caminhoneiro e falou para mim assim: “a senhora não sabe o que perigo que está passando aqui na estrada”. Isso do homem, tem diferença, não adianta falar que é tudo igual, porque tem diferença, sim. Esse senhor (caminhoneiro) era de Cândido Mota, foi uma pessoa boa. Então, meu marido passou a viajar comigo, ele me esperava nove horas no lugar. Lá em Santa Cruz do Pardo, ele conhecia o sorveteiro da praça, o taxista, sabia de tudo da cidade. Como eu trabalhava o dia inteiro, quem fazia aquelas coisas de banco e tudo, era ele (marido). Ele que cuidava de tudo. Quando ele começou a ficar ruim de cabeça, eu não sabia usar o caixa eletrônico, não sabia tirar dinheiro, tive que aprender, perdi o acanhamento. A necessidade obriga, né? O computador fui acostumando, qualquer coisa, ligo para minha filha, só não ligo no horário de serviço dela. Eu tinha uma vizinha que trabalhava em Santa Cruz do Rio Pardo, às vezes, ela ia de carona comigo. O problema era viajar sozinha. Agora, eu só dirijo dentro da cidade. Tenho 48 anos de carta (de habilitação). Na minha época, era difícil ver mulher na estrada, né? Hoje, você vê muito mais mulher do que homem. Vê mais até a mulher dirigindo e o homem no passageiro. Como supervisora (do Estado), às vezes, precisava ir para Palmital, íamos em três mulheres no carro, quantas vezes os caminhoneiros não buzinavam porque viam mulherada no carro? São coisas a gente passa, né? Mudanças que a gente tem que enfrentar. Quando meu marido faleceu, eu tive que aprender muita coisa, correr

atrás de papel. Minha filha ficou uma semana aqui comigo, íamos juntas. Tem prazo até para fazer inventário. Você vai ao banco, para a fechar a conta da pessoa, é tanta burocracia que você não acredita. É uma situação terrível, porque já estava abalada... E o INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) então? Às vezes, eu saía de casa dez horas da manhã, voltava duas da tarde. Eu levava uma pasta cheia de papéis... Correr atrás de papel não é fácil. Pessoal falava que não conseguia imaginar um de nós sozinho, aonde eu ia, meu marido estava junto. Até porque, a gente tinha a mesma profissão, ele também era professor. Como estou morando sozinha, coloquei câmera e alarmes aqui em casa. Se acontece alguma coisa, o alarme dispara, toca no celular dos meus filhos, eles podem olhar na câmera, tudo. Se a minha filha me liga, e eu não atendo, ela olha pela câmera, vê se o carro não está na garagem, entende que, por isso (por não estar em casa), não atendi o telefone. Não penso em arrumar outra pessoa. Se for velho, eu que vou ter que cuidar; se for novo, vou achar que ele está interessado na minha casa, no carro...

- Nanci é bastante comunicativa, articulando diferentes assuntos ao nosso tema principal de conversa. Noto que ela tem facilidade em retomar alguns pontos, acrescentando mais detalhes ao que, outrora, havia dito. Em vista disso, ela volta à questão da homossexualidade.

N.: tenho um sobrinho, que a avó dele é daquelas beatas de igreja, sabe? O neto dela é homossexual. Ele mora com outro rapaz, o Pedro. Agora, ela adora o Pedro. Você vê como as coisas são... Ou você se adapta, ou você se adapta. Esse neto dela, ele fez artes cênicas. Um dia, ele veio apresentar um espetáculo aqui no teatro (em Assis), nós fomos, ela também foi. Ele aparecia praticamente sem roupa. Meu deus do céu (rindo), ficava imaginando como que ela deveria estar. Um menino super inteligente, agora está morando em São Paulo. E ela tem um primo que é padre, disse que esse não aceita de jeito nenhum. É uma coisa que está aí, está posto, você tem que aceitar. É um neto que é muito amoroso com ela. É... A vida está aí. Você já assistiu aquela série *Grace & Frankie* (Netflix)? É uma série em que uma das mulheres é hippie...

Sei, é aquela que os maridos delas são gays?

N.: isso, depois as duas vão morar juntas. Eu acho gostoso de assistir, sabe? Elas quebram muitos tabus. Uma é hippie, então fuma maconha. É bem interessante. Não sei se você tem tempo de assistir agora, enquanto trabalha na tese, mas é bem legal. Quando eu terminei a

graduação na Unesp, não tinha nem especialização aqui. Depois de uns 15 anos que eu já era formada, tivemos um curso, oferecido pelo Estado. Era com um professor da Unesp. Ele perguntou: “por que você não volta para universidade para fazer especialização?”. Naquela época, eu dava quarenta e quatro aulas e, além disso, tinha os filhos: é uma dedicação total, né? Meu filho mais velho, o Rafael, também fez doutorado, fomos assistir a defesa da tese dele.

Qual é a área dele?

N.: medicina. Ele entrou na federal com 17 anos, com vinte e poucos já tinha o doutorado. Porque não parou, né? Não pode parar, senão desanima. Ele fez a faculdade, residência, não precisou fazer o mestrado, já foi direto para o doutorado. Agora, minha filha, a Natália, já não quis pós-graduação. Ela fez intercâmbio, escolheu um curso de graduação relacionado a línguas, porque já falava inglês e espanhol. Depois, fez outra graduação, estudou direito.

- Nanci pergunta sobre a minha família, estava interessada em saber a escolaridade e área de trabalho deles. Percebo que, para ela, era importante me conhecer mais enquanto pessoa, assim como, entender minha origem e trajetória profissional. Nanci se mostra bastante disponível para conversar, de forma geral, o assunto continuava no universo das relações familiares. Ela trazia causos detalhados de figuras pertencentes a seu círculo de relações mais próximo. Como o dia já anoitecia e eu estava a pé, expliquei para Nanci que eu precisava voltar para casa, sugerindo a ela um próximo encontro, dali uma semana: ela aceita. Nanci me acompanha até o portão da casa, onde ainda conversamos mais um pouco até nos despedimos.

Segundo Encontro (14h às 16h30)

Chego à casa de Nanci e toco o interfone, é ela quem atende e destrava automaticamente o portão. Atravesso o quintal enquanto Nanci abre a porta da sala para me receber. Ela me pergunta sobre o andamento dos encontros com Elenira. Conto sobre a fruta, gabioba, que Elenira fez questão que eu experimentasse. Depois disso, Nanci me fala como havia sido sua semana. O seu irmão, que mora no Paraná, veio visitá-la em Assis. Os dois aproveitaram a oportunidade para ir até Itapetininga, onde passaram alguns dias, repetindo o roteiro tradicional de férias de quando eram crianças. Logo em seguida, damos início à conversa.

Ainda sobre a época que a senhora e sua família moravam na Vila Operária, vocês andavam de carro? A pé? Como era o deslocamento pela cidade?

N.: era tudo a pé, a gente andava muito. Mesmo novos, criança ainda, não havia perigo. Olha que a Vila Operária é depois, vamos dizer assim... Depois do túnel. O túnel é um ponto de referência aqui (em Assis). A gente morava bem para lá e vínhamos até a escola a pé, vinha um grupo de crianças, os pais não vinham nem trazer a gente. Bicicleta, o meu irmão mais velho ganhou só quando começou a faculdade. Tanto é que eu comentei com você, a gente ia para as aulas do exame de admissão à noite, a pé, das sete às nove. Eu tinha 11 para 12 anos.

Havia poucos carros na cidade então (meados de 1960)?

N.: pouquíssimos. Telefone também, a gente tinha uma loucura para ter, mas não tinha. Quando eu fiz quatorze anos, mudamos para mais perto do centro. A minha mãe não gostaria de morar tão longe, porque os filhos precisavam ir para a escola. Foi quando meu pai construiu a casa de material atrás do fórum. Mudamos em 1964. Interessante que morava três Nancis na minha rua, tinha a Nanci F., Nanci G. e Nanci B. A gente se tratava assim, sabe? Brincávamos bastante, uma coisa que eu lembro: a gente queimava açúcar, fazia umas balinhas. Isso quando as mães deixavam. Foi uma infância boa... Ainda não tinha televisão. Minha madrinha chegou a comprar televisão, a gente adorava quando ia na casa dela. Depois de um tempo, meu pai comprou uma televisão que já vinha num móvel. Telefone só tivemos quando eu já estava com quatorze anos. Tínhamos tocador de disco: meu pai gostava de Nelson Gonçalves, Orlando Silva.... O rádio sempre tivemos. Eles (pai e mãe) adoravam ouvir os jogos de futebol. Minha mãe era corinthiana, quando passava jogo, ela falava: “faz figa com as duas mãos”. Parece coisa boba mas, para mim, isso diz de uma relação muito forte. Não tinha ninguém (na família) de time adversário, só corinthiano (rindo). Normalmente, nas férias de janeiro, praticamente todo ano, íamos para Itapetininga. A gente ficava na casa da minha tia, ela morava no centro. A porta já era na rua, tinha janela aberta para rua. Íamos ao cinema toda segunda-feira, no dia que era mais barato. Assistimos “O Médico e o Monstro”, depois ficamos tudo com medo de voltar a pé, para casa da minha tia, porque já era de noite (rindo). Hoje a gente não fica mais, praticamente, na casa de parente. Você sabe que... Isso já não é da minha infância, mas uma experiência que eu tive. O meu filho mais velho, ele tinha muito colega de turma japonês e coreano, na faculdade. Um deles, morou com o Rafael, em São Paulo. Aconteceu dele vir para Assis, mais de uma vez, ele já era de casa. Eu sabia que ele gostava muito de pudim e mousse, são coisas

fáceis de fazer, eu já deixava pronto na geladeira. Uma vez, vieram dois japoneses e um coreano. Passearam por Assis, meu marido saía junto com eles. Esse coreano mandou uma carta depois, agradecendo. Ele disse que nunca tinha vivido uma experiência de hospedagem numa casa de família e que foi uma experiência muito boa. A casa da minha tia vivia cheia de parente, hoje eu vejo como devia ser duro para ela, não é fácil receber os outros, né? Como éramos filhos de ferroviário, a gente tinha a carteirinha, então não pagávamos a passagem de trem para viajar até Itapetininga.

A senhora ainda guarda essa carteirinha?

N.: deixa eu ver se tenho... Sabe o que ainda guardo aqui em casa? O uniforme de maquinista do meu pai: um terno azul marinho. Meu pai tinha a letra linda, ele escrevia o relatório das viagens num caderno em que a capa era feita de lata.

- Nanci vai até o escritório, anexo à sala, buscar a pasta onde guarda documentos antigos. A pasta de documentos está cheia de recordações. Nanci retira - um a um - os papéis, cadernetas e certidões guardados ali; enquanto isso, me explica o contexto de cada um deles, ao passo que me entrega o material em mãos. Assim, folheando ao acaso uma caderneta antiga da Sorocabana, acho, entre receitas de doces, os gastos referentes à construção da casa de material. Nanci me diz que aquela é a letra de sua mãe. Numa agenda de 1976, encontro mais anotações: são receitas de remédios caseiros para dor e câibras, como também, para o cuidado dos cabelos e pele. Mais páginas adiante, vejo outras receitas, dessa vez, para fazer sabão caseiro, coxinha, mistura para dar brilho no cabelo e pão doce, todas reunidas de maneira fortuita. Os registros dispersos comunicam algumas das atividades desempenhadas pela mãe de Nanci: alimentação, cuidados de saúde, beleza e gestão das despesas domésticas. Peço permissão para fotografar o material, Nanci autoriza. Percebendo meu interesse por elementos que recuperam imagens do passado, Nanci vai ao escritório buscar um almanaque de fotografias de Assis (Barros, 2005). Quando retorna, ela se senta ao meu lado, no sofá, e inicia uma narrativa histórica ilustrada da cidade. Ao transcrever o encontro com Nanci, tomo a liberdade de complementar o acervo de imagens, retirados do almanaque, com fotos obtidas, posteriormente, no grupo “Memória Fotográfica Assisense” (Facebook), onde são divulgados registros históricos do município, em sua maioria, publicados pelo

mesmo autor do almanaque: Luiz Barros. Por sua vez, foi Dona Elenira quem sugeriu que eu consultasse esse grupo para obter mais fotos históricas da cidade.

Figura 17. *Construção da linha férrea, trechos adptados com madeira (1910).*



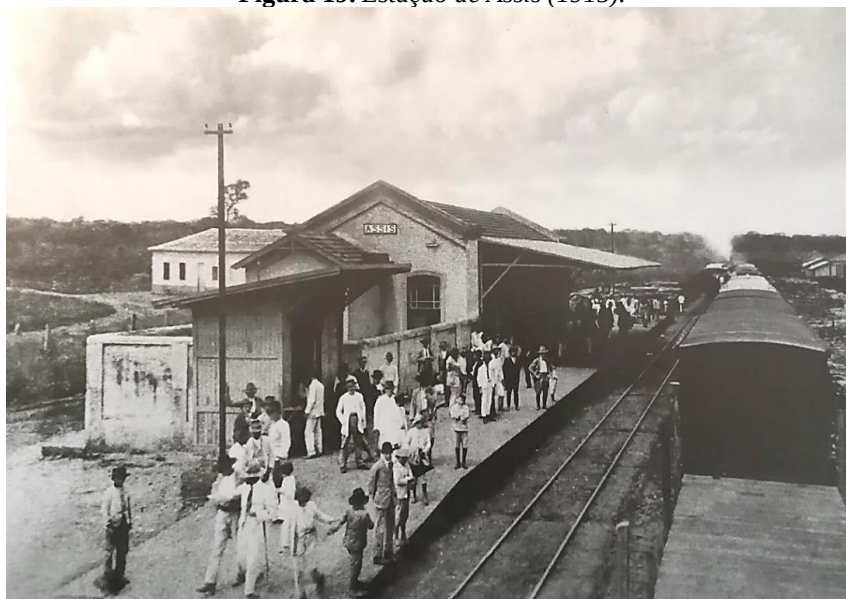
Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 18. *Quilombo na região de Assis (1914).*



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 19. *Estação de Assis (1915).*



(A chegada dos trilhos da estrada de ferro Sorocabana é fator determinante para emancipação da cidade, em 1917).

Fonte: Barros, 2005.

Figura 20. *Comissão de Estudos Geográficos analisando as erosões no solo de Assis (1918).*



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 21. *Fundação da Santa Casa de Assis, 1919.*



Fonte: Barros, 2005.

Figura 22. *Rua da Estação (1920).*



(Hoje, Avenida Rui Barbosa, a principal da cidade. A energia elétrica chega ao município em 1920).

Fonte: Barros, 2005.

Figura 23. *Rua da Estação (2) (década de 1920).*



(Nesta década, chegam os primeiros automóveis (pé-de-bode). Além das atividades de comércio, instaladas em construções na avenida principal, são fundadas as primeiras escolas, hospedaria e o cemitério do município. É dessa época, também, o projeto para alocação do Departamento de Estrada e Rodagem (DR) em Assis).

Fonte: Acervo Luiz Barros; Barros, 2005.

Figura 24. *Família moradora de rancho em Assis (década de 1920).*



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 25. *Oficina da Sorocabana (1926).*



(Devido à sua localização geográfica privilegiada, a cidade recebe as instalações do Centro Abastecedor e da Oficina da Sorocabana, tornando-se centro administrativo da estrada de ferro).

Fonte: Barros, 2005.

Figura 26. *Maria-Fumaça passando pela região.*



(A locomotiva a vapor operou de 1915 até 1944, quando foi substituída pela de tração elétrica. A Maria Fumaça transportava passageiros e mercadorias, conectando o centro-oeste paulista à capital do Estado).

Fonte: Acervo Luiz Barros; Barros, 2005).

Figura 27. *Tropeiros de passagem por Assis (1930).*



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 28. *Conversa na calçada, área central da cidade (década de 1930).*



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 29. *Passagem de gado pela Av. Rui Barbosa (década de 1930).*



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 30. *Mulheres lavando roupa na beira do riacho em Assis (década de 1930-1940).*



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

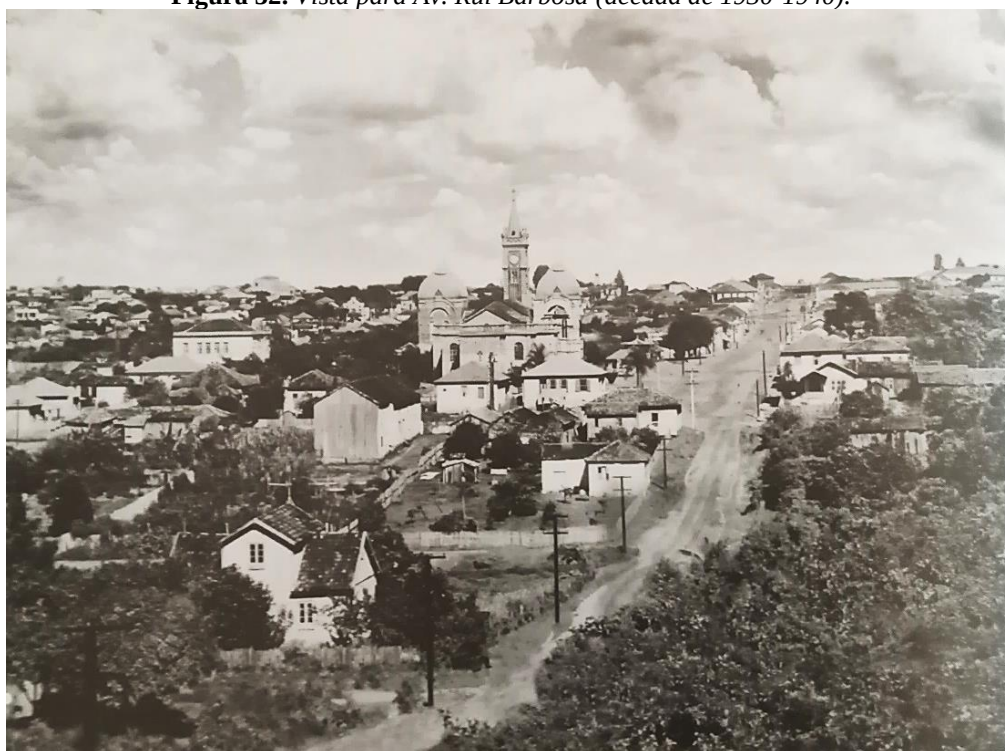
Figura 31. *Jardineira (década de 1930-1940).*



(Em 1930-1940, as jardineiras entram em circulação, transportando passageiros entre as cidades da região. O tempo de trajeto estimado para percorrer 75 km era de 12h).

Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 32. *Vista para Av. Rui Barbosa (década de 1930-1940).*



(Pode-se ver a Catedral, casas residenciais e de comércio. Ao final da avenida, sentido norte, fica a Estação. Na época desta imagem, chega na cidade o serviço de abastecimento de água, antes disponível apenas em poço).

Fonte: Barros, 2005.

Figura 33. Cine São José (década de 1940).



(As atividades culturais ganham espaço. Se popularizam os cinemas na cidade, um dos mais movimentados é o Cine São José, localizado na área central).

Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

N: tem uma história das charretes, né? Quem andava de charrete eram as mulheres que viviam na zona de meretrício, era bem famosa, a casa da Antonieta. Ficava na saída para Cândido Mota. Quando eu dava aula em Cândido Mota, entre 1973/1974, ainda funcionava. Às vezes, quando eu passava por lá, via as mulheres, até com roupas íntimas, varrendo a frente da casa. No começo, as charretes eram usadas como táxi pela população, depois, passou a ser algo malvisto.

Figura 34. *Prefeito José Augusto Ribeiro e equipe. Década de 1940.*



(Após a primeira eleição direta para prefeito de Assis, José Augusto Ribeiro (no centro da foto) realizou obras significativas na infraestrutura da cidade, sendo elas: melhoria das estradas, pavimentação do centro da cidade com paralelepípedo, implantação dos serviços de saneamento, telefonia e postos de saúde. Ainda nesta década, em 1947, a advogada Ana Barbosa é a primeira mulher eleita para o cargo de vereadora em Assis).

Fonte: Barros, 2005.

Figura 35. *Prédio do Sindicato dos Ferroviários (década de 1950).*



(Categoria profissional de grande expressividade na área urbanizada de Assis).

Fonte: Barros, 2005.

Figura 36. Avenida Rui Barbosa (década de 1950).



(No início de 1950, é fundada a ACIA, Associação Comercial e Industrial de Assis, com o objetivo de zelar pelos interesses do setor do comércio, indústria e lavoura, outra área de profissionais, além dos ferroviários, responsável por movimentar a economia da cidade).

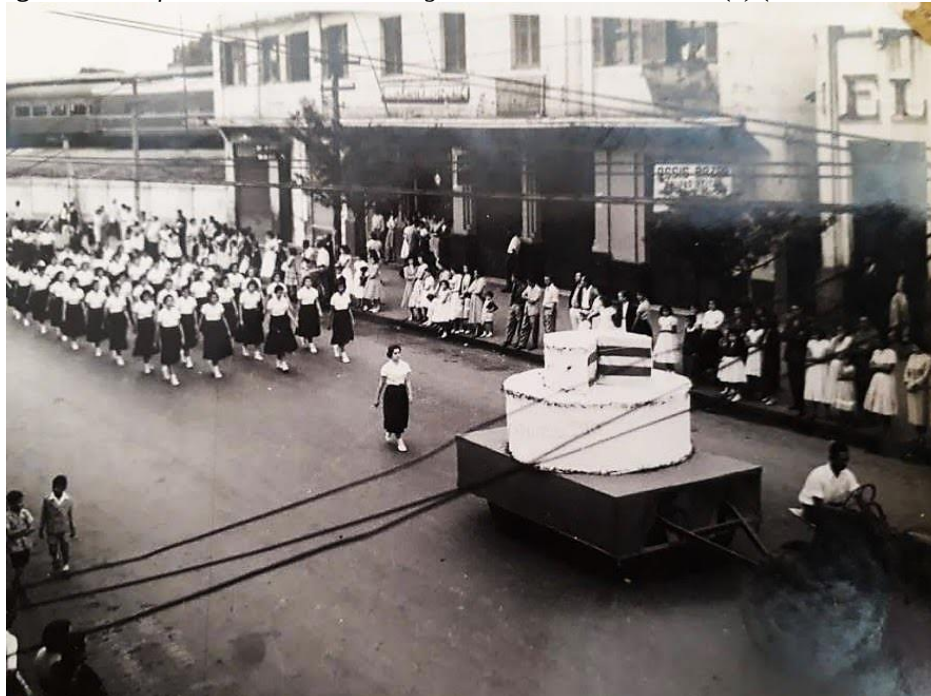
Fonte: Barros, 2005.

Figura 37. Desfile cívico, com carro alegórico, na Av. Rui Barbosa (década de 1950).



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

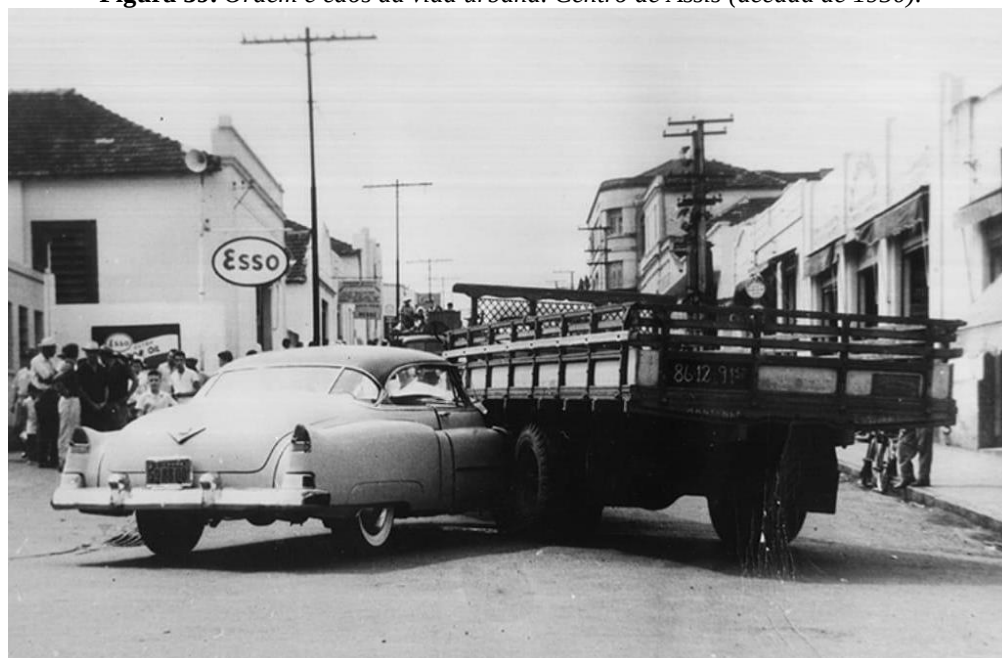
Figura 38. *Desfile cívico, com carro alegórico, na Av. Rui Barbosa (2) (década de 1950).*



(Detalhe: à esquerda, na parte superior da fotografia, pode-se ver dois vagões de trem. Provavelmente, estava parado na estação, localizada a cerca de 200m de onde está passando o desfile).

Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 39. *Ordem e caos da vida urbana. Centro de Assis (década de 1950).*



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 40. Recorte de jornal: trem expresso, de circulação diária, para a Capital do Estado (década de 1950).



Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 41. Construção do Mercadão da cidade (1955).



(Inaugurado em 1955, o Mercadão foi construído na Rua Marechal Deodoro, descentralizando as atividades comerciais da Avenida Rui Barbosa. Além disso, em suas imediações, também funcionava o terminal rodoviário da cidade).

Fonte: Barros, 2005.

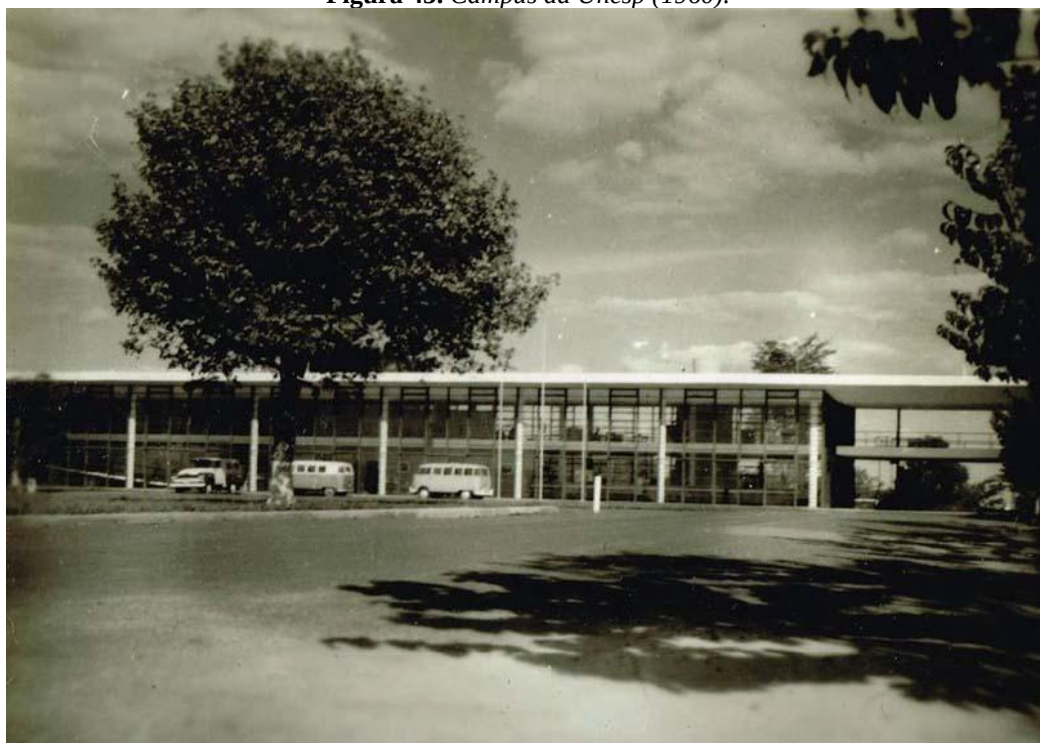
Figura 42. *Prédio provisório do Instituto Isolado de Ensino Superior, que posteriormente veio a ser chamado de Unesp (1956).*



(Fruto da iniciativa de José Santilli, na época, Deputado Estadual eleito pela região, o Instituto Isolado de Ensino Superior inicia suas atividades em 1956. O local foi cedido pela Diocese da cidade. Uma freira aparece no primeiro plano da imagem, à esquerda).

Fonte: Barros, 2005.

Figura 43. *Campus da Unesp (1960).*



(Inaugurado em 1958, 4km distante do centro de Assis).

Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021

Figura 44. *Prédio da prefeitura (1960).*



(No bloco à frente e à direita da imagem, funcionava a Câmara Municipal. Hoje, em novo endereço, desmembrada da prefeitura).

Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

Figura 45. *Obras para contenção da voçoroca⁹ na Vila operária (década de 1970).*



(Hoje em dia, neste local, funciona o parque público popularmente conhecido como Buracão, inaugurado em 1998).

Fonte: Barros, 2005.

⁹ Erosão causada por chuvas intensas em áreas que o solo está desprotegido. Isto se dá pela escassez natural de vegetação ou, também, pela ação humana de desmatamento. Fonte: https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/agricultura_e_meio_ambiente/arvore/CONTAG01_58_210200792814.html.

N.: o buracão foi se formando, aumentando, aumentando. Minha vizinha me contou que morava ali na beirada, a casa dela quase caiu. Eu lembro até hoje, deu uma chuva muito forte. Tinha três crianças dentro do buracão, morreram afogadas. Foi uma batalha para diminuir a erosão. Naquela região, funcionava uma espécie de piscina municipal, a gente passava por ali, era caminho da escola, comprávamos manga e jaboticaba.

Figura 46. Até hoje, o único túnel da cidade, na Vila Operária (década de 1970).



(Na parte superior, passava o trilho da estrada de ferro. Uma carroça, um fusca e um pedestre atravessam o túnel).

Fonte: Acervo Luiz Barros, 2021.

N.: a cidade era dividida pela estrada de ferro, de carro, você atravessava pelo túnel ou lá pelas três porteiras, onde hoje é a Vila Prudenciana, ali moravam as pessoas marginalizadas. Na medida que a cidade cresceu, empurrou essas pessoas mais para a periferia ainda. O Jardim Paraná, por exemplo, era conjunto habitacional, cresceu empurrando parte das pessoas para a Vila Progresso: hoje considerada um dos lugares mais perigosos da cidade. Agora, você encontra casas até luxuosas no Jardim Paraná, as pessoas compraram os terrenos quando ainda era conjunto habitacional, foram reformando com o tempo. Não houve um planejamento das ruas, às vezes, você pode se perder por ali. Eu trabalhei como diretora numa escola Estadual que fica nessa região. Fazendo um levantamento, a maioria ali era filho de pais separados, família desestruturadas, por isso havia muitos problemas. Havia um rapaz na escola, eu precisei conversar com ele, explicar que, na próxima ocorrência, ele seria convidado a se retirar da escola. Até que ele aprontou, depois de expulso, retornou no dia seguinte. Cheguei de mansinho: “olha, você não pode ficar na escola, porque não é mais aluno. Vou pedir para você se retirar”. Ele me respondeu: “a senhora está com medo que eu faça alguma coisa contra a escola? Se eu tiver que fazer alguma coisa, vai ser contra a senhora”. Eu, muito corajosa, falei:

“olha, é o seguinte... Você pode ter uma gangue para me atacar, mas eu tenho uma gangue para me defender”. Nunca mais ele voltou. Ele não estava nem regularmente matriculado para ser expulso. Eu guardo a carta que um aluno mandou reclamando que não podia fazer nada na escola, enfim, falando mal de mim. Ele me chamou de “múmia defumada” (rindo). Ele dizia que tinham mandado uma “múmia defumada” para pôr ordem na escola! Eu ria tanto, falei, essa carta eu preciso guardar. Ele quis dizer que eu era velha (rindo).

- Nanci me conta mais vivências de trabalho. Logo depois, mudamos de assunto, pergunto a ela quais meios de comunicação eram mais populares em Assis.

N.: minha mãe tinha hábito de ler jornal. Ela lia o jornal atrasado, porque meu irmão assinava e, no dia seguinte, ele dava o jornal para ela. Você chegava em casa, minha mãe falava: “ficou sabendo disso? Ó, vai ter concurso, vai ter aquilo...”. Então, ela se informava muito através do jornal, do rádio também, pela *Difusora*. Até hoje, eu tenho o hábito de ouvir as notícias na *Difusora*. Passava novelas no rádio também. Só que minha mãe não costumava ouvir, acho que não dava tempo dela ouvir...

Além de não ter o incentivo para fazer o curso de admissão, havia alguma outra diferença de tratamento entre a senhora e os seus irmãos?

N.: sempre teve, né? As faxinas da casa era atividade da gente (mulher), eles não se envolviam nisso. Mas, depois que meus irmãos se casaram, as mulheres *colocaram eles* no eixo.

- Como eu tinha outro compromisso no final daquela tarde, expliquei para Nanci que encerraríamos a conversa um pouco mais cedo. Pergunto sobre a disponibilidade dela para o próximo encontro, ela me explica que faria uma viagem para visitar a filha, em Maringá/PR, devendo retornar na próxima semana. Deixamos combinamos mais um encontro para dali 8 dias.

Terceiro Encontro (14h às 18h)

Ana havia retornado dos dias que tirou de férias. É ela quem atende o interfone e destrava o portão de entrada. Nanci me recebe na porta da sala, pergunta sobre o andamento

das transcrições. Logo após, continuamos nossa conversa a partir da época em que a família de Nanci se mudou da casa de madeira, na Vila Operária, para a casa de material, na Vila Xavier.

N.: quando eu mudei para essa casa, era uma rua movimentada, tinha muitas meninas, muitas mocinhas, sabe? Isso já foi diferente. Muitos ali estudavam, já estavam terminando a faculdade, a Unesp, no caso. Uma moça, que morava na frente de casa, fez Letras também, estava dois anos à minha frente. A minha convivência passou a ser com um pessoal que era mais envolvido com estudo. Quando eu morava na Vila Operária, convivia com as crianças. Como eu estava ficando mais velha, começou a existir essa separação. E outra, a gente passou a morar perto do centro, então havia a chance de sair (para passear). Quando eu morava nessa casa que eu comecei a ter aula em classes mistas. Meu pai não gostava muito, não... Porque os meninos iam pedir meu caderno emprestado. Foi nessa idade, com 15 anos, que eu comecei a paquerar o meu marido.

Ele era da mesma escola?

N.: não, ele trabalhava na *Sorocabana*. Era assim: quando eu passava pelo túnel, e ele trabalhava no depósito, a gente se via e se paquerava. Os namoros, geralmente, começavam com o correio elegante de quermesse. A primeira vez que ele me mandou, eu nem quis saber, falei: “ah, devolve isso daí”. O que é a vida, né? A gente nem imagina! Ele tinha parado de estudar, voltou para fazer o ensino médio e, depois, a faculdade. Em casa, a gente não tinha mordomia, não. Só que eu nunca precisei trabalhar. Ele trabalhava desde criança. O pai dele tinha uma horta, vendia verduras. Eles moravam nunca chácara próxima ao Parque Buracão, na Vila Operária. Quando ele (marido) começou a estudar matemática na Unesp de Presidente Prudente, ele ainda trabalhava. Naquela época, não tinha quase professor formado, então, logo ele começou a dar aula. Eu namorei por 11 anos. Não era que a gente se via toda hora, todo final de semana: era quando dava certo. Ele me falava que, desde pequeno, ele queria me namorar. Ele passava em frente de casa para ir ao campo de futebol da molecada. Meu marido disse que me via pela frestinha do balaústre. Ele era cinco anos mais velho que eu. Meus irmãos não queriam, nem meu pai queria, que eu namorasse, com 15 anos, eu tinha que estudar. A gente tinha toda essa responsabilidade. Uma vez, a gente estava conversando na praça, meu irmão caçula chegou e me beliscou para eu ir embora. Era feia a coisa... (rindo). Meu marido tinha uma cara de bravo, sabe? Mas, olha... Eu não trocaria o meu marido por outro de jeito

nenhum. Tanto que o pessoal me fala: “ah, você viúva, e agora...”. Olha, a gente que viveu bem, tem que pensar muito, né? Vai arrumar (outra pessoa) para que? Eu perdi meu marido, depois meu filho e minha nora. Já ouvi falarem que eu não senti (as perdas). São as fofocas da cidade, né? Eu tinha que sair, tinha que fazer as coisas. Se eu ficasse em casa, ia ser muito pior. Eu falei assim: “eu tenho momentos tão felizes para recordar que eu não preciso ficar chorando”. Nunca me senti presa. Discutir? Discutia. Mas, ó, nunca um foi dormir no sofá por causa do outro. Uma coisa que me deu bastante apoio, foi o pessoal da Unati. Você tem o luto, mas se você se entregar, você não sobrevive. Tem dias que eu mexo em algo e lembro das coisas... Fui para Maringá, fiquei pensando que meu filho mais novo teria ido junto comigo. Sempre está presente. A presença deles não acaba, não. A primeira vez que eu fui trocar meus óculos, fui preencher o cadastro na ótica, tive que colocar viúva... Você não imagina como dói. Dói mesmo, sabe?

Na época que vocês começaram a namorar, os pais da senhora sabiam?

N.: não, era namoro escondido. Meu pai sofreu um AVC muito novo, ele tinha 56 anos. Eu já trabalhava, estava formada. Então, quem resolvia as coisas em casa, era minha mãe. Meu pai recuperou movimento... Só que ele perdeu a fala. Minha mãe era meio brava, sabe? Uma vez, eu fui ao cinema, era filme de longa-metragem. Quando eu cheguei, minha mãe no portão... Eu já trabalhava, já era formada. Ela disse: “se for pra chegar tarde desse jeito, não vai sair mais de casa”. A gente saía com as colegas também, sempre tinham as colegas que acobertavam. Uma vez, nós fomos na feira em Ourinhos. Se você falasse que ia, não iam deixar. A gente namorava, mas não era sempre que podia estar junto. Quando eu comecei o colegial, ele brigava com meus colegas de turma, principalmente quando jogavam futebol juntos. Eu acho que hoje, aquela fase da paquera, se perdeu... Hoje, olhou um para o outro, já estão juntos num relacionamento muito íntimo. Lógico, evolução dos tempos, né? Mesmo o casamento, aquela ilusão, né? Hoje, todo mundo vai morar junto. A gente tinha aquele sonho. Quando encontrava com o namorado, era um momento importante, porque não podia se ver toda hora. Agora, um vive dentro da casa do outro. Quando vinha alguma namorada do meu filho dormir em casa, eu não punha junto para dormir, não, viu? Não é que eu estava querendo tapar o sol com a peneira, mas é minha casa, eu tinha uma visão de respeito, não sei se é uma coisa muito ultrapassada... Minha filha morava fora, o namorado dela na mesma cidade, era um relacionamento mais íntimo do que foi o da gente (Nanci e o marido), eu acho que perde aquela parte do romantismo.

Não é saudosismo porque isso não volta mais mesmo. Talvez, em alguns momentos, as coisas sejam até melhores do que eram na nossa época.

A senhora considera que teve uma fase de adolescência?

N.: sim, onde eu morava, tinha bastante (adolescentes). Havia o “Clube Sírio”, na Avenida Rui Barbosa. O pessoal ia muito, eu não, porque meus pais não deixavam. Eu saía, passeava dentro de alguns limites impostos. Tinha o grupo da igreja que eu frequentava. Havia muitas restrições, mas eu não era uma pessoa presa. Algumas, tinham mais liberdade do que eu. Nunca fui de ter muitas amigas, tenho amigas desde a época do ginásio que continuam. Uma coisa que eu lembro: todo final de ano, saía o LP do Roberto Carlos, minha vizinha da frente comprava, daí a gente ia lá, se reunia e ficava ouvindo.

- Toca o interfone, é a vizinha da casa ao lado. Ela veio devolver o controle do portão da garagem de Nanci. Durante a semana que estava fora, Nanci havia emprestado a garagem para que os pais da vizinha, vindos de outra cidade, guardassem o carro ali.

N.: eu falo que vizinho é o parente mais próximo. Quando você precisa mesmo, quem está aqui, é o vizinho. Mas então, depois de um tempo, a rua que eu morava (quando adolescente) se tornou a rua das viúvas. Dava para ir enumerando... Foi ficando um monte de viúva, interessante, né? Aquela parte, a Vila Xavier, é uma região mais de idosos. Tem bastante ferroviário por lá, não tanto quanto a Vila Operária, lá é o agrupamento dos ferroviários mesmo. Na adolescência, íamos muito ao cinema, era o local de passeio. Ainda não tinha o “Peduti”, só o “São José” e o “São Vicente”. Segundo o preconceito, o “São Vicente” não era tão bem frequentado. Nele, tinha uma parte de cima. Falavam que quem frequentava, era só para se agarrar lá em cima. Eu ia na sessão das 18h, e os paqueras tudo na fila na sessão das 20h... (rindo). Era uma fila enorme, às vezes, não tinha lugar para todo mundo. A gente assistia aqueles filmes *bang bang*, “Dólar Furado”, a série da “Sissi”: era a história de uma nobreza, ela tinha uns namorados lindos. Tem um filme que eu não me esqueço do nome: “Se meu apartamento falasse”. No cinema, quando você ouvia aquela música “Folhas de Outono”, é quando ia começar o filme. Tinha todo um ritual, quem namorava escondido, a menina sentava e ficava guardando lugar para o namorado. Os namorados ficavam andando pelo cinema, até apagar a luz, aí podiam sentar juntos (gargalhmos). Você tá dando risada, né?! Era assim! A gente ficava pensando: “será que ele vem mesmo?”. Muitas namoravam escondido naquela época. Em compensação, tinha umas que eram bem saidinhas, né? Elas ficavam namorando na

praça da Catedral, então a gente ficava horrorizada. Depois, aquelas que eram mais saídas, se casaram mais depressa, e se casaram com o mesmo namorado. Tinha aquela história de que ficaria falada, no fim, elas se casavam. Depois, começaram a surgir os barzinhos, né? Tinha o “Ringo”, o “Flamingo” e o “Chaleira”. O “Ringo” era bem ali na avenida (Rui Barbosa), eles montaram com umas mesas rústicas, as cadeiras eram tocos de árvores, era difícil arrumar um lugar. O “Flamingo” tinha uma espécie de varanda... Esses eram ambientes mais abertos, diferente do “Chaleira”, era fechado, um lugar escuro. Ele era frequentado pela turma da Unesp, sempre existiu um preconceito, então, os pais não gostavam muito que a gente fosse. Veja bem o preconceito que tinha com a turma da faculdade... Bom, uma amiga minha, ela morava na Vila Operária, eu, na Vila Xavier, mas a gente sempre junto. Quando nós fizemos vestibular para faculdade, uma das... Como eu posso falar, uma das preocupadas com a vida alheia, um dia, ela passou e comentou assim: “você sabiam que vão construir uma maternidade do lado da Unesp?” (gargalhámos). A gente ia de carona, você sabia? Era uma delícia pegar carona. Nos primeiros anos, a situação financeira da faculdade era outra. Nós tínhamos ônibus de graça. Aqui (Vila Tênis Clube) tinha muitos terrenos vagos, algumas casas só. No segundo ano, já cortaram o ônibus. Então, ficávamos no ponto esperando carona. Era normal dar carona. Tinha um pessoal com fama só porque era de fora, aí vinha para cá... As repúblicas não eram consideradas lugares de bom comportamento. A gente tinha amigos que moravam em república. Umas amigas, que estudavam alemão, elas varavam a noite estudando, disse que tinha horas que dava um desespero, elas saíam para correr de camisola, ao redor do quarteirão. Então, você imagine, para uma cidade provinciana, o escândalo que era... Elas se sentiam livres, é um sentimento normal. Só que a cidade é menor, então os comentários são maiores.

Como foi quando a senhora falou para os seus pais que ia estudar na Unesp?

N.: meu pai não me incentivou a estudar, quem me incentivou, foi a minha mãe. Eles nunca se opuseram à Unesp. Não sei se eles tinham muito conhecimento também dessa fama da Unesp. Meu irmão mais velho já estudava lá. Eu sabia que, se eu fosse estudar, teria que ser na Unesp. Para estudar fora... Primeiro que não teria condições econômicas, segundo que meu pai ia deixar mesmo. Eu sabia que precisava escolher entre Filosofia, História, Psicologia ou Letras, que eram os cursos daqui. Eu sempre gostei de língua portuguesa e sempre gostei de dar aula. A gente não tinha muitas opções, então você já se direcionava para aquilo. Tanto é que, quando eu fui fazer colegial, escolhi o clássico (área de humanas).

Nanci, me conta as histórias da sua época de Unesp?

N.: a turma que nós considerávamos mais barra pesada, era a turma de História. Bom, eu peguei 1968, eu lembro até que os professores já deram um monte de trabalho para fazer. Foi quando a universidade entrou em movimento, vamos dizer assim. O governador do Estado declarou fórum de debates, para esvaziar o movimento, era a época da ditadura. Os professores cancelaram os trabalhos. A gente também lembra quando o pessoal foi para Ibiúna. Foi quando algumas pessoas sumiram, simplesmente desapareceram. Tinha até um professor de Filosofia que a mulher dele tinha desaparecido. Depois, ele foi trabalhar na parte administrativa da FEMA (Fundação Educacional do Município de Assis). Ele perdeu a esposa. Havia uma, a Isabelzinha, era mais atuante, penou um pouco também. Uma que fazia francês, foi embora para a França. Teve gente que foi para Ibiúna, porque era um encontro da UNE (União Nacional dos Estudantes), gente que foi de alegre. Então, foi um movimento bem pesado na época. Minha turma não fez nem festa de formatura, foi um momento tão assim... Tinha a turminha que o pessoal falava alguma coisa, mas a gente não vivenciava muito, não conversava... Eram pessoas que tinham comportamentos avançados para a época, hoje não chocaria ninguém.

Por exemplo?

N.: morar junto. Hoje existem repúblicas mistas, naquela época, a gente não ouvia falar nisso. Havia, na época, professores homossexuais que eram fofocados.

As pessoas da sua turma, em sua maioria, eram aqui da cidade?

N.: havia uma turminha de Paraguaçu Paulista, tinha gente de Presidente Prudente, de São Paulo não tinha muito, não. Era mais aqui da região (de Assis). Na minha turma de inglês, algumas alunas tinham feito intercâmbio, era pesado para poder acompanhar. Havia também aquelas que já tinham feito aula de inglês em escola de idioma, daí a gente sentia uma certa discriminação de algum professor. Eu só sabia o inglês do colegial. Não tirava nota baixa, mas ralava, não admitia tirar nota baixa. Um grupinho da minha turma fez transferência para a USP, terminaram o curso lá em São Paulo. A gente percebe que não está tendo investimento aqui na Unesp. Outro dia, eu encontrei um rapaz de Belo Horizonte que fazia Letras aqui. Perguntei: “por que você veio de tão longe?”. Ele respondeu: “porque o curso de Letras daqui é muito valorizado”. Mas, infelizmente, a tendência é que as universidades particulares fiquem melhores que as públicas,

porque elas têm investimento, as públicas não estão tendo (investimento), agora, muito menos. Ah, eu tinha uma dificuldade... Eu não podia com cigarro. Nas salas de aula, não tinham carteiras, era uma mesa única e cadeiras com braço e tudo. Outro padrão, né? Algumas pessoas fumavam durante a aula, mas já sabiam que não podiam se sentar perto de mim.

A senhora gostava mais da parte da gramática ou literatura?

N.: da gramática. Não que eu não goste de ler, eu gosto. Eu achava que algumas formas, de trabalhar com a estrutura do texto, não me levavam a muito enriquecimento, não. Agora, a língua portuguesa, hoje, a gente sabe que, na faculdade, eles não trabalham mais com a gramática. A criança se comunica, então você tem que aceitar. Só que a função da escola é formalizar. Havia umas coisas assim... Eu vou ser sincera, às vezes, vejo umas obras de arte que não me tocam, talvez eu não tenha essa sensibilidade. Eu lembro de algumas coisas de literatura, mas, algumas formas de interpretação, eu achava que acabava forçando um pouco...

Falando de sensibilidade, teve alguma obra que marcou a senhora? Ou, de repente, algum tema de aula?

N.: não tô lembrada, não... O que bagunçou minha cabeça foi o trabalho do último ano de língua portuguesa. Porque nós tivemos que fazer pesquisa em jornais, sobre perífrases verbais. Quem fornecia os jornais para nós era o Seu Acácio, bibliotecário da Unesp. Tínhamos que fichar os textos que apareciam perífrases verbais. Daí, nós tivemos que estabelecer diferenças entre termos muito próximos, por exemplo: possibilidade x probabilidade; necessidade x obrigatoriedade. Isso daí foi difícil. E a gente entregava os trabalhos feitos à mão. Isso daí deu um nó na cabeça. Agora, literatura brasileira... Não é que eu não gostasse, eu não me envolvia. Uma vez, entreguei um trabalho, e o professor falou: “nossa, você só escreveu isso?”. Eu chorei tanto esse dia, tinha medo de ficar de exame. Graças a deus, eu tirei 7,5, precisava de 7 para passar. Depois fui amadurecendo, vi que tinha algumas coisas que passavam despercebidas (na leitura). Eu não tinha nem muita maturidade naquela época, estava com 18, 19 anos. Tinha uma turma bem progressista, mas também tinha os conservadores. Eu lembro que o professor de “Literatura Brasileira” passou um trabalho sobre “O Rei da Vela”¹⁰ (Oswald de Andrade), era um teatro, nós encenamos. Nas aulas de Alemão, trabalhamos com o Bertold Brecht¹¹

¹⁰ Obra de 1967 que satiriza as relações de poder no capitalismo industrial brasileiro.

¹¹ Dramaturgo alemão (1898-1956).

também. Mas a ditadura pressionava, né? Mesmo enquanto professora, também passei por umas experiências com a ditadura. A gente se reunia na igreja, quando fazia greve. De repente, alguém falava: “tem espião aqui no meio”. Era aquela preocupação, né? A gente passou uns momentos meio complicados. Por exemplo, o Paulo Maluf ficou famoso ao falar que “professora não era mal paga, era mal casada”. São as coisas que a gente ouvia...

- Nanci traz relatos de situações que acompanhou como professora e, posteriormente, como supervisora do Estado, enfatizando a piora crescente nas condições de trabalho dos(as) professores(as). Para ela, está acontecendo uma inversão de valores, dando como exemplo o caso que aconteceu, recentemente, na cidade. Uma aluna entrou com ação na justiça contra a professora que tomou o seu celular, em razão do constante uso do aparelho feito em sala de aula.

N.: hoje se defende muito o direito individual, mas não se percebe que o meu direito atrapalha o direito de todos. É igual a história da vacina e da máscara (fazendo um paralelo com a situação da pandemia de Covid-19). Espera aí, estão vendo os resultados nos países onde o pessoal é resistente à vacina. Agora, o pessoal está resistente em nosso país, por conta de um fanatismo também. Nós estamos em uma situação muito complicada: esse negacionismo é muito difícil. Agora, parece que o STF (Supremo Tribunal Federal) deu 48h para eles (governo) explicarem aquela história da exigência da carteira de vacinação. Se os outros países estão fazendo isso, por que nós não? Somos imunes? (ironizando). O avô do meu neto não tomou vacina até hoje. A mulher dele tomou, mas não pode contar. Se fosse uma coisa assim: um grupinho tomou, outro não... Mas, não: é uma questão geral (que envolve toda população).

- Nanci me pergunta sobre quais outros temas nós conversaríamos naquele encontro. Peço a ela para me falar sobre quando seus pais compraram a primeira televisão, mais especificamente, como a chegada da TV impactou a rotina da casa.

N.: a gente já não era tão criança quando tivemos TV. Cada um tinha compromisso em horários diferentes, então não nos reuníamos muito para assistir. A minha mãe gostava muito de assistir o jornal, né? Tinha as novelas que eram muito comentadas, mas não lembro de assistir. Agora, futebol... Aí reunia todo mundo! Até mesmo a Corrida de São Silvestre. É o esporte, né? Fora isso, não sobrava muito tempo (para ver TV). Éramos em quatro filhos, 3 homens e só eu de

mulher. Eu também tinha que ajudar a mãe. Naquela época, os meninos não faziam nada de trabalho doméstico. Não era hábito assistir muito TV, hoje parece ser algo mais comum. Até hoje, não encontro muito tempo para isso... Você começou a assistir *Grace & Frankie* (Netflix)?

Ainda não, Nanci...

N.: minha filha falou que a terceira temporada é a mais engraçada! Agora eu estava assistindo *Maid*. Comecei a ver *Outlander*, não gostei muito, porque os episódios são muitos longos. É a história de uma mulher que foi enfermeira, durante a Segunda Guerra. Ela é transportada no tempo para uma época bem anterior. De vez em quando, ela sai do padrão, porque guarda as vivências do futuro. É interessante, conta a história das bruxas, da questão da feitiçaria. Na pandemia, por ficar mais tempo em casa, deu para assistir. Têm as (séries) mais melodramáticas que eu gosto também, nem sempre dá para assistir só coisa mais pesada. Uma que eu assisti até o fim foi *O gambito da rainha*. *The Crown*¹² eu também gostei, é bem complicada a vida deles (realeza britânica). Eu não sei por que esse pessoal tem tanta loucura pelo poder... A pessoa não tem vida. Ah, agora... A mulher do Bolsonaro, é uma coisa que me chamou atenção... Você é bolsonarista?

Respondo: não.

N.: é que eu não me manifesto politicamente, porque tenho medo de arrumar confusão. Tenho uns amigos, dá vontade de falar: “ô, seu imbecil!”. Tem coisa que é impossível eles não perceberem! O dia que o Mendonça foi sabatinado para fazer parte do STF, daí ele passou na prova, disse que a mulher do Bolsonaro, ao comemorar, começou a falar em línguas. Meu deus do céu... Eu fui para Israel, em Jerusalém. Nós subimos no morro onde disseram que Jesus foi tentado pelo demônio. Quando nós chegamos lá em cima, havia três moças com bolo e refrigerante comemorando o aniversário de uma delas. Uma era judia, a outra mulçumana e a outra cristã, mas as três eram amigas. Chegamos lá, não falávamos a mesma língua, mas, enfim, fazendo aquele carnaval de brasileiro... Olha, virou festa. Isso é falar em línguas! Todo mundo estava ali numa boa, no fim, distribuíram bolo para nós, tiramos foto juntas. A gente não precisou falar numa mesma língua, todo mundo se entendeu. Se Deus quisesse falar numa língua, ele falaria em uma que todo mundo pudesse entender, não só a mulher do Bolsonaro. Por que ela diferente? Por que é casada com o presidente? Ele está na quarta mulher e defende

¹² Todas as séries citadas são da plataforma de *streaming* Netflix.

a família! Como as pessoas não percebem? Isso é fanatismo. Eu não sou lulista, mas eu estou achando que ele é melhor representante nosso do que o Bolsonaro. Ele não fazia a gente passar vergonha. Mas, olha, vou ser sincera com você: não acredito em político nenhum.

Pegando esse gancho de política, qual foi o posicionamento da família da senhora durante a ditadura?

N.: olha... Meu pai chegou a ficar alguns dias preso, então é lógico que era um posicionamento contra. Os ferroviários faziam greve, então ficavam em cima. Ele (pai) foi preso antes de 1964. Minha mãe não era vaidosa, mas, para votar, ela fazia roupa nova. Você sabe que teve uma moça, aqui de Assis, que morreu no Araguaia? Ela jogava basquete, o pai dela era médico. Eles eram negros, pela classe social que ocupavam, já era considerado uma novidade em Assis. Ele era espírita, um homem muito caridoso, deixou muitas lembranças na cidade. Desapareceram com a filha dele no Araguaia, até hoje não encontraram o corpo dela. Quando eu era criança, já ouvia falar muito dele.

- Nanci descreve aspectos políticos da região, particularmente sobre a disputa para os cargos do governo municipal. Tendo atuado como Supervisora de Ensino, ela possui vasta experiência a respeito do jogo de poder que se desdobra nas cidades pequenas, vizinhas à Assis, uma vez que seu trabalho envolvia a inserção nesses locais. De forma abreviada, há uma sobreposição dos interesses privados sobre aqueles de ordem pública, os quais são ditados por grupos familiares tradicionais na região. Especificamente sobre Assis, ela observa que a disputa política se dava entre dois partidos principais: MDB e *Arena*¹³. O político José Santilli¹⁴, um dos fundadores do MDB, tendo atuado como Deputado Estadual, Federal e, por fim, como Prefeito da cidade é o que ganha mais reconhecimento. Principalmente, pelo seu comprometimento com a área da educação. Ele foi responsável por trazer a Unesp para a cidade, bem como, pela criação da FEMA, faculdade municipal. Sua esposa, Professora Titular da USP (Universidade de São Paulo), também contribuiu para o desenvolvimento da área educacional na cidade.

¹³ Partido político criado em apoio ao regime político autoritário, no período da Ditadura Militar. Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/alianca-renovadora-nacional-arena>.

¹⁴ José Santilli Sobrinho (PDC/PRP/PRT/MDB/PMDB/PSDB). Deputado Estadual (1954-1958; 1959-1963; 1963-1966), Federal (1966-1970; 1974-1978; 1980-1984) e, por fim, Prefeito da cidade (1984-1988; 1992-1996). Fonte: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=316358>.

*Nanci, antes de encerrarmos o encontro de hoje, deixa eu te fazer mais uma última pergunta:
existia algum tipo de
restrição sobre o modo que a senhora se vestia?*

N.: tinha. Eu vou ser sincera com você... Não usava roupa muito curta, não. Com o tempo, a gente foi encurtando a saia. Shorts não usava. Meu pai não deixava usar calça comprida. Quando eu entrei na faculdade, teve o trote, precisávamos ir de calça... Foi um sufoco. Tinha um senhor que, na época, ia ao Paraguai, ele trazia calça jeans *Lee*. Meu irmão começou a trabalhar, ele comprou uma calça dessas. Peguei emprestada dele. Para o meu pai me deixar usar, teve que ser feita uma ladainha: “olha, ela é larga, é grossa, não marca o corpo”. Foi quando eu pude usar calça.

- Mais uma vez, havíamos conversado a tarde inteira. Já anoitecia, portanto, sugiro um próximo encontro ainda naquela semana. Nanci aceita.

Quarto Encontro (14h às 19h)

Como de costume, Ana atende o interfone e destrava o portão para que eu entrasse na casa. Nanci me recebe na porta sala. No início deste encontro, ela relembra a experiência de trabalho como revisora de gramática no jornal da paróquia.

N.: o jornal se chamava *Partilhando*. Montávamos com notícias da paróquia, na segunda página, havia sempre a história do “Santo do Mês”. Algumas pessoas escreviam para que seus textos fossem publicados também. Uma amiga me falou: “adoro esse jornal, gosto de ler a vida dos Santos. Notei que só virava Santo quem era da nobreza”. Você vê, já dava até para ter um olhar crítico das coisas? Mas, não era uma coisa muito bem entendida, algumas pessoas da igreja reclamavam que a paróquia gastava dinheiro com uma coisa que as pessoas liam e jogavam fora. Fizeram uma pressão até que cortaram o jornal. Tinha um senhor, ele mandava texto todos os meses. No começo, ele tinha muita dificuldade para escrever, com o tempo, notei que a escrita dele foi se desenvolvendo. Quando tive a oportunidade, falei: “só o progresso desse senhor, já valeu todo o dinheiro que vocês gastaram com o jornal”.

Nanci, depois da sua graduação em Letras, em meados da década de 1970, a senhora já notava mudanças em relação ao papel da mulher na sociedade?

N.: já havia, sim... Embora as pessoas achassem que a gente saia.

Saia?

N.: saia de casa para dar aula na escola, mas as pessoas diziam que a gente (professoras) saia para ficar na rua. Depois que eu me casei, notei que havia uma certa resistência por causa de horário. Na casa da minha sogra, 11h era o almoço, 17h30 a janta, meu sogro era muito sistemático. Eu não, né? Saía (da escola) ao meio-dia, voltava para dar aula às 13h. Não dava tempo de fazer almoço. Nunca me falaram nada, mas percebia que eu era a diferente da família. Só eu que batia perna na rua. Não deixei de fazer comida, cumpri minha responsabilidade, mas não tinha um horário certo para as refeições. Houve uma mudança nesse sentido: precisei me libertar dessa história de horário, dessa rigidez, né?

Qual era o posicionamento do pai da senhora sobre sair na rua?

N.: para eu fazer algo na rua, sempre tinha um irmão para ir junto. Quando eu passei no concurso público para dar aula no Estado, precisei ir até São Paulo fazer o exame médico. Não fui sozinha, meu irmão foi junto. Sempre tinha o respaldo de alguém.

Quais eram seus objetivos nessa época?

N.: depois de me formar, era trabalhar, casar nunca foi uma grande preocupação. Também não tinha desespero para sair logo da casa dos meus pais.

- Nanci inicia um extenso relato sobre a saúde do marido que, nos últimos anos de vida, desenvolveu Alzheimer. Logo, ela me conta sobre o processo diagnóstico e a busca por diferentes profissionais para oferta de cuidados paliativos. O casamento dos dois aconteceu em 1976. Mesmo depois de formada (1972), Ermínia continuou morando com os pais e irmãos. Enquanto isso, dava aulas de português e inglês em colégios nas imediações de Assis, nas cidades menores. O seu marido, na época, namorado, também trabalhava como professor de matemática, geometria e física.

N.: quando eu estava no quarto ano, peguei duas licenças-gestante. Consegui essas aulas, porque a minha vizinha da frente, com quem eu costumava ouvir os LPs do Roberto Carlos, me avisou que tinha essa oportunidade na escola onde ela trabalhava. Então, eu tinha parte dessas aulas aqui e, o restante, era em Florínia (à 50km de Assis). De manhã, eu fazia estágio, de tarde, as aulas da faculdade e, de noite, ia para Florínia: era aquela terra vermelha. Tinha asfalto na estrada principal, mas, até chegar na cidade, era trecho de terra. Os professores fretavam kombi para dar aula nas cidades da região. Enquanto eu não tinha efetivado no Estado, vivia indo para lá e para cá, teve um ano que dei aula em seis escolas ao mesmo tempo, e olha, cada lugar é uma realidade diferente. Às vezes, eu pousava em alguma cidadezinha, porque não tinha transporte de volta pra Assis. Aconteceu de eu precisar ajudar a desatolar o carro no meio da estrada de terra: eu estava calçando salto fino. Imagina o estado que cheguei em casa, descalça, segurando as sandálias na mão. Até que consegui aulas no colégio industrial aqui de Assis, ficava na rua de casa, hoje funciona uma ETEC (Escola Técnica Estadual) ali. Mas, ainda assim, essas aulas que peguei não eram suficientes, então eu precisei continuar viajando.

- Nanci se lembra que tem uma caixa de fotos, então, ela vai até outro cômodo da casa buscar esse material. A cada álbum que retira da caixa, me explica quem são as pessoas e o contexto envolvido nos retratos. Depois, me entrega as fotografias em mãos. Entre os registros de família, há álbuns de viagens que Nanci e o marido fizeram junto com o grupo da Unati. Uma delas, foi para a região de Parati/RJ. Ela recorda, com afeição, a experiência que tiveram na cidade de Conservatória/RJ. Enquanto o grupo passeava pelas ruas, vez ou outra, encontravam artistas locais que declamavam poesias ou cantavam para os turistas. Nanci procura pela foto do trote da Unesp, queria me mostrar o dia em que pode usar calça jeans pela primeira vez. Ao invés disso, acha o retrato do seu primeiro ano na escola, quando ainda era criança. Não a reconheço entre as meninas, pergunto onde ela está: “eu sou a que está cochichando com a colega ao lado”. Concluimos, achando graça: desde sempre, comunicativa. Alguns álbuns e bolinhos de fotos avulsas depois, Nanci me diz: “não é sempre que gosto de mexer aqui (na caixa), porque têm muitas recordações”. Então, ela passa a me entregar fotos do filho mais novo, Breno, que havia falecido no acidente de carro. Nanci se mantém debruçada sobre a caixa fotos, recuperando histórias de momentos especiais da família. Ao passar por retratos de sua mãe, ela me conta que, depois de viúva, a mãe quis permanecer morando sozinha, no entanto, ela não costumava sair de casa. Nanci e o irmão a visitavam diariamente para levar suprimentos: “quando minha mãe era solteira, ela trabalhou fora,

depois de casada, não gostava de ser vista na rua andando sozinha. Eu acho que meu pai fechou ela”.

N.: sou de 1949, eu e meu irmão mais velho, minha mãe teve só com a ajuda de uma parteira. Meu outro irmão mais novo, de 1953, já nasceu no hospital da *Sorocabana*, local onde, hoje, funciona o “Ipê”. Não mexeram muito na estrutura do prédio para transformar em colégio, mantiveram a aparência original do hospital. Olha só como a cidade já mudou! Foi se desenvolvendo, né?

Figura 48: Antigo hospital da Sorocabana em Assis/SP (1951).



Fonte: http://www2.assis.unesp.br/cedap/expo_virtuais/unesp_centenario/1assis-unesp.html.

Figura 48: Colégio Ipê, inaugurado em 1997.



Fonte: Google Street View (2020).

- Em seguida, sugiro retomar a conversa sobre trajetória profissional.

N.: me efetivei no Estado em 1977, minha sede era em Cândido Mota. Eu não fui para nenhuma cidade muito longe, esse não era meu desejo também. Nessa época, eu estava grávida do meu filho mais velho, ele nasceu em dezembro daquele ano. Foi quando consegui a transferência para Assis. Isso foi importante porque, a partir do momento em que me tornei mãe, estava (trabalhando) aqui em Assis. Só que, antes disso, quando eu ainda pegava aula picado, em cidades da região, dei aula em Platina (à 23km de Assis). Você acredita que a sala de aula era adaptada no espaço da sala de uma casa residencial? Acho que a prefeitura alugava só aquele cômodo. Então, enquanto eu dava aula, ouvia a pessoa fazendo comida, ouvindo música... Foi uma experiência!

A senhora já havia tirado carta de motorista?

N.: dois dos meus irmãos eram mais calmos, eles me incentivaram a tirar carta. Eu não tive aquele problema, que eu via acontecer com minhas amigas, dos maridos botando tanto defeito, que, mesmo tendo carta, elas não dirigiam. Fiz autoescola e tudo... Eu comprei um fusca usado, um fuscão azul claro. Tem muito folclore quando você vai fazer a prova, né? Falavam que eu não podia conversar com o instrutor. Quando chega no dia, o cara entra no carro e me pergunta por que eu estava tirando carta. Falei: “olha, eu dou aula, preciso do carro porque também trabalho de noite, pra ir a pé, fica mais difícil”. Passei na prova, não tive problema. Tirei a carta em 1973.

- Nanci segue contando mais vivências de sala aula.

N.: a escola onde me efetivei, na periferia de Assis, tinha uma estrutura boa, a biblioteca de lá, você precisava ver, era ótima! Fiquei 12 anos ali, de vez em quando, ainda pegava algumas aulas em outras cidades. Eu tinha um aluno que apresentava episódios de convulsão. Eu assisti o Padre Aluísio fazendo o exorcismo desse menino em sala de aula! Você acredita?! O Padre Aluísio, da Vila Operária, foi chamado várias vezes para isso. Um menino tranquilo. Geralmente, na minha aula, ele tinha convulsão: era sempre no mesmo horário. Chegaram até a dizer que era culpa minha. Levaram esse menino em tudo quanto é médico, não descobriram o que ele tinha...

- Nanci diz: “vem aqui, vamos tomar um cafezinho”. Me acomodo num banco, junto à ilha da cozinha. A casa é bastante espaçosa. Nanci me serve pão caseiro e doce de coco, ela mesma havia preparado os dois. Tomamos o café da tarde juntas, enquanto isso, ela me contava histórias recentes de seus familiares. Ao notar que já era noite, agradeço Nanci pela conversa e, também, pelo café da tarde. Combinamos um último encontro na próxima semana.

Quinto Encontro (14h às 19h)

Após o almoço, sigo a pé para a casa de Nanci. No meio do caminho, me deparo com uma chuva tipicamente assisense, tornando o uso de guarda-chuva irrelevante. Abrigo, na medida do possível, a pasta onde estava o gravador e o roteiro de entrevista, mas a chuva de Assis não cai só de cima. Rajadas de vento envolvem, com redemoinhos d’água, quem se aventura pelo temporal. Chegando à casa de Nanci, penso em remarcar aquele encontro, no entanto, ela me recebe entusiasmada: havia separado livros sobre a história de Assis para me emprestar, logo a conversa já se desenrolou.

N.: sabe o *Buracanã*¹⁵? Na minha época de graduação (1968-1972), aquilo funcionava como uma arena mesmo, vieram muitos cantores de música popular brasileira, teatro, orquestra, era bem agitada a Unesp! Meu marido contava que, lá na Unesp de Prudente, uma vez, ele estava na cantina, tomando café. De repente, vê o Caetano Veloso ao lado. Eles estavam começando a vida artística, né? A vida universitária era agitada e bem cultural. Isso porque nós tivemos Deputados Estadual e Federal eleitos pela região, fazia diferença para a cidade. Agora, como vem muita gente de fora para Assis, acaba dividindo os votos, é uma dificuldade que a cidade tem. Poderia ter uma união maior... Olha, logo que eu entrei na faculdade, participei de uma reivindicação pelo regime de contratação de professores via CLT (Consolidação de Leis de Trabalho). Era uma ação da APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial de São Paulo). Depois de vinte anos, chegou a correspondência no endereço da minha mãe, constava meu nome de solteira no destinatário. Ganhei a ação: recebi uma quantia significativa.

- Peço para Nanci me contar um pouco mais sobre a experiência do casamento.

¹⁵ Espaço de lazer, no Campus da Unesp Assis, projetado num nível abaixo do plano térreo. Se parece com uma réplica da cavidade presente no *Parque Buracão*.

N.: quando eu me casei, ia completar 27 anos. Na minha família, todo mundo se casou mais tarde. Se você se casa, formaliza a coisa, você não desiste na primeira dificuldade, porque você assumiu um compromisso com a pessoa e, até mesmo, com a sociedade. Se alguém vira para mim e fala que nunca discutiu com o marido, é porque nunca conversou com ele. Não é verdade? Eu tenho essa visão. O fato de formalizar dificulta desistir no primeiro problema. A gente tinha que manter esse compromisso com os pais também, né? A partir do momento que você saía da sua casa, quando se casava, passa um compromisso para eles (pais). O compromisso de que você está formando uma outra família. A minha vida de casada foi tranquila... O meu marido saía na hora do almoço, só voltava de noite. Cada um ia para o seu lado (trabalhar). Tinha uma faxineira em casa que vinha uma vez por semana. Também pagava uma senhora para lavar as roupas. No geral, foi tranquilo. Como ele chegava só de noite, eu tinha medo de ficar na casa sozinha, esperava por ele todos os dias na casa da minha mãe. Depois, cheguei a deixar meus filhos na casa da minha mãe também, porque, em alguns dias, eu dava aula de noite, também.

Era perigoso ficar sozinha em casa?

N.: perigo concreto, não... É que eu estava acostumada a sempre estar com gente... E, também, porque tinha solução (ir para a casa da mãe) eu acho, sabe? É bem isso: quando não tem solução, você se adapta. O ser humano se adapta. Nunca imaginei que eu fosse ficar sozinha, nunca... Entendeu? (se referindo à vida presente). O pessoal fala: “ah, você não fica com medo?”. Eu tranco a casa toda. Mas, naquela época, (o medo de ficar sozinha) era mais por comodismo mesmo.

- Nanci tece considerações sobre o casamento, vida profissional e maternidade.

N.: uma coisa que era determinada lá em casa: nem pensar em ficar com namoradinho antes de se formar. Isso já era uma coisa pré-estabelecida. Poderia pensar em casamento, mas só depois que estivesse estabilizada profissionalmente. Essa estabilidade profissional, dá uma certa independência. Eu tive colegas (professoras) que não tinham independência nenhuma, viu? Eu achava um absurdo. Eu era mais nova que a maioria delas, então já ficava meio de fora. Havia uma, o marido a deixava na porta da escola com um carrão. Quando a gente foi organizar a festa do dia das crianças, pedimos a contribuição de R\$ 10,00 para cada professora. Ela não participou, foi quando descobri que o marido pegava todo o salário dela. Precisava pedir

dinheiro para o marido para tudo que fosse fazer. Depois, ela foi trocada por outra (mulher). Ela tinha a profissão dela, mas eu acho que era de outra geração... Nós já éramos mais avançadas (nos costumes). O fato de você ter uma profissão, você fica mais independente. Não falo nem financeiramente. Eu e meu marido tínhamos conta conjunta. Não tinha que explicar o que cada um gastava... A gente se casou na Vila Operária, meu filho mais velho, Rafael, e a minha filha, a Natália, foram batizados na Vila Operária... O Breno eu não me lembro. Os três gostavam de frequentar a igreja, mas já vinham na paróquia aqui desse bairro. Depois que nos casamos, viemos para essa região da cidade. O Breno sempre participava das encenações do Evangelho. Uma amiga, quando encontrava o Breno, costumava brincar: “lá vem o Jesus”. Ele era envolvido no grupo dos jovens, depois foi escoteiro... Porque ele continuou em Assis. Já o Rafael e a Natália, logo cedo, saíram da cidade. Quando fiquei grávida do Rafael, não cheguei a fazer pré-natal. Lembro que o médico veio em casa e a preocupação dele era me receitar um creme para não ficar com estrias na barriga... Depois, com a Natália e o Breno fiz o acompanhamento médico. Na noite que o Rafael nasceu, eu já tinha ido e volta do trabalho Cândido Mota, dirigi sozinha na estrada, de noite. Quando deu duas e meia da manhã, fui internada, às quatro e meia, ele nasceu, de parto normal. A Natália nasceu durante um período de greve, na época do governo Maluf... Eu não tomava pílula, sabe? Havia aquela história: quem amamenta não engravida. Mentira, eu engravidei. Demorei para descobrir que estava grávida. Mas, a Natália nasceu rapidinho, de parto normal também. No dia anterior ao parto, foi o Dia das Mães. Nós fomos até a praça da Catedral, geralmente, bandas se apresentavam ali. Eu lembro do vestido que eu estava usando. Minha sogra ainda comentou: “eu acho que vai nascer logo, porque a sua barriga abaixou”. Realmente, naquela mesma noite, logo eu fui para o hospital. Deu meia noite, começou a chegar um monte de grávida, lembro que alguém ainda comentou: “é por causa da mudança de Lua”. Olha, acho que teve alguma coisa a ver, sim. Na nossa época, não tinha esse negócio de doula, não... Era dor só!

A senhora entrou no período de Licença Maternidade?

N.: isso, no Estado, nunca tive problema de tirar Licença Maternidade. Era de quatro meses, só que não pulava o período de férias para começar, corria quatro meses direto.

Quando acabava a Licença, como vocês se organizaram em relação ao cuidado com as crianças?

N.: ficava um pouco na minha sogra, um pouco na minha mãe. Tive uma funcionária que fazia tudo, ajudava a cuidar deles também. Quando o Breno nasceu, quem trabalhava comigo (na casa), era a mãe da futura mulher dele, ou seja, depois de um tempo, se tornou a sogra do meu filho. Você veja como que as coisas são... Ela estava noiva quando o Breno era bebê. O vestido de casamento ficou guardado na nossa casa, depois que se casou, parou de trabalhar com a gente. Quando começou aquela moda de *Orkut*, ela falou para a filha (que foi nora de Nanci) procurar pela família na rede social. Foi assim que os dois se conheceram, ela mandou uma mensagem para o Breno e os dois se aproximaram.

Como vocês organizavam a rotina da casa?

N.: ah, normalmente, é a mulher, né? Meu marido era assim, quando eu ficava sem alguém para ajudar (empregada), ele não era acostumado a fazer serviço de casa... Se ele chegasse antes de mim em casa, uma louça ele lavava. Agora, varrer quintal, esse tipo de coisa, ele não fazia, não. Só que ele também nunca me cobrou, sabe? Eu sempre fui de fazer as coisas, cozinhar... Agora não cozinho mais porque não tenho ninguém. Mesmo trabalhando, eu fazia doce para as crianças. Uma coisa que tinha naquela época: quem assumia os filhos era a mulher. No sentido de que: os dois levantavam cedo, tomavam café, se preparavam para trabalhar. Agora, se a empregada não chegasse a tempo, quem faltava no serviço para ficar com as crianças, era eu. Era bem assim. Eu ainda tinha minha mãe para recorrer... Então, eu assumia essa parte, embora a gente tivesse o mesmo trabalho (professores).

Nesse meio tempo, a senhora começou a usar calça ou continuava vestindo apenas saia e vestido?

N.: já usava calça, mas, para dar aula, eu sempre usei guarda pó, tinha medo de que ficasse marcando algo no meu corpo.

E a criação da Natália? Foi diferente dos meninos?

N.: não, ela era mais líder do que os dois (meninos). A identificação dela era mais com o pai, eles eram bem próximos. Assim como os outros, ela andava sozinha para ir à escola. Tinha dias que ela ia e voltava várias vezes para o centro, porque fazia aulas de balé e espanhol. Uma das coisas boas da escola pública é isso, tem o Centro de Línguas. Ela fazia tudo isso a pé. Descia

até lá a Catedral e voltava. Eu não vejo diferença entre os três, não. Ela foi assim, mais ousada, quis fazer intercâmbio. Os outros dois nem procuravam saber sobre isso.

- Pergunto sobre a continuidade da vida profissional de Nanci.

E.: eu entrei no SESI no ano 2000. Já era supervisora, tinha 28 anos de Estado. Poderia me aposentar com 25 anos, mas eu queria continuar trabalhando. Minha vizinha me mostrou um panfleto anunciando a abertura da Seleção Pública do SESI, tinha vaga para Orientador de Aprendizagem. Nem tive muito tempo de ver do que se tratava. Falei: “se der tempo do meu marido ir ao banco pagar a inscrição, eu participo”. Passei, foi uma experiência muito boa. Trabalhei com telecurso (modalidade EJA), então os alunos eram mais velhos. No começo, tinha um pessoal do DR (Departamento de Estradas e Rodagem), começaram a cobrar que os funcionários tivessem certificação do Ensino Médio. Era uma turma muito séria. Trabalhávamos apenas 3h por noite: 1h para preparar o material e as outras 2h dando aula. Onde que a gente tem esse espaço? Lá, eu tive uma experiência de vó preconceituosa em relação ao neto. Tinha o Adalberto, um aluno negro. Um outro aluno chegava numa *caminhoneta*, sabe? Descobri que ele morava num prédio de classe média alta. Só que ele se identificou muito com o Adalberto, que trabalhava na construção civil. A gente aprendia muito com os alunos, porque, por serem mais velhos, eles tinham vivência, né? A avó desse menino chega um dia, na escola, falando mal do Adalberto. Disse que ela estava equivocada sobre o que estava me dizendo... Bom, em 2005, sai do EJA e comecei a trabalhar como Supervisora no SESI. Teve concurso interno. Fiquei mais uns 6 anos trabalhando lá até me aposentar em definitivo. Essa casa, a gente construiu com meus salários das supervisões. Estávamos acostumados a viver só com meu salário e o do meu marido. O SESI foi um dinheiro extra que facilitou para a gente construir essa casa, né? Demos mais mordomias para os filhos. No SESI, tinha acordo coletivo todo ano. No Estado, o salário da gente estagnou. Só que o SESI não tinha plano de carreira, acontecia muita reestruturação de pessoal, demitiam em massa.

Como foi quando a senhora parou de trabalhar no SESI?

N.: parei de trabalhar em 2012. Foi um impacto, né? Mas, desde os anos 2000, eu já frequentava a Unati. Porque eu trabalhava só durante a noite. A oficina que eu mais gostava era de teatro. Meu marido havia se aposentado primeiro. Ele chegava mais cedo na Unesp para ver a Seresta da Unati. Cheguei a fazer oficina de Alemão... Mas, notei que eu estava sendo a chata da aula. Eu dava muito palpite. Agora, estou fazendo a oficina de Espanhol *online*.

- Além de inglês, Nanci estudou alemão durante a graduação em Letras. Em vão, ela tenta me ensinar a pronúncia de algumas palavras nesse idioma: não dá certo, mas dividimos um momento de descontração. Em seguida, ela conta mais recordações da Unati.

E.: no começo dos anos 2000, eu e meu marido fizemos uma viagem para São Paulo. A professora da oficina de teatro, havia fretado um ônibus para levar um grupo de crianças (que também eram suas alunas, mas em outro contexto de trabalho). Ela nos avisou que sobre essas vagas remanescentes, então, embarcamos com eles. Conhecemos a Praça da Sé, todos esses lugares. Assistimos uma apresentação de teatro que foi muito lindo mesmo: “Na Onda da Maré”, do Ivaldo Bertazzo. Ele fazia um trabalho com as crianças da Favela da Maré: você precisa ver que show! E era de graça... Em outra situação, fomos até o Museu do Ipiranga, essa professora levou as crianças para andar de metrô, nunca tinham feito isso. Foram até na 25 de março, sabe? Uma viagem cultural. Fomos no Sesc Ipiranga, começou a chover, tivemos que ficar ali esperando, deixaram a gente ficar na biblioteca. Para passar o tempo, a professora colocou a criançada para recitar. As pessoas, que estavam no Sesc, ficaram tudo olhando, as crianças se destacavam muito. Fomos ao Mercado Municipal também. Essa foi uma experiência que nós tivemos por causa da Unati. Quando eu ia a São Paulo, era a serviço. Então, você vai muito naqueles lugares determinados. Na época do SESI, quando acontecia curso em São Paulo, chegava de noite, ia com as colegas de trabalho comer nas cantinas italianas. Meu marido nunca me falou: “não vai”. Tinha os pepinos de trabalhar no SESI, mas conheci muitas cidades do interior de São Paulo, também. Eu não tinha mais filho me esperando em casa, então não ficava preocupada (durante as viagens a trabalho).

A partir de 2012, como ficou a rotina da senhora?

N.: comecei a cuidar mais da casa, não era sempre que eu tinha ajudante aqui (faxineira). Ia mais para a Unati também. Foi quando eu percebi que rei morto é rei posto. A gente se aposenta e é assim... Tem horas que eu penso, ah, podia ter faltado mais, trabalhado menos... Não tem aquela música dos Titãs? A sensação de missão cumprida com responsabilidade é diferente também. Às vezes, tenho uns ataques: quem levou flautado, aposentou do mesmo jeito. O salário é o mesmo. Iguala tudo.

Durante as atividades da Unati, o que a senhora achava da convivência com os estudantes da Unesp?

N.: existe aquele falatório do pessoal, mas sempre defendi, digo que tem gente muito boa na Unesp.

Fiquei pensando como deve ser para senhora, com toda essa bagagem da área da educação, ser aluna do pessoal mais novo, ainda em formação.

N.: é bom! Algumas questões de gramática, às vezes, eu sinalizo, mas não na frente de todo mundo, depois da aula, eu comento discretamente o que observei. Agora, a turma da Psicologia, eu fico um pouco com o pé atrás, dizem que Psicólogo é mais louco que o paciente. Mas são muito receptivos com a gente. A Célia sempre fala bastante nessa oficina. Acaba funcionando como uma terapia para a gente.

Quando a senhora está no campus, deve lembrar bastante da sua época de estudante, né?

N.: ah, era uma outra situação, a Unesp era muito bem conservada. Quando eu estudava lá, acompanhei a construção do prédio de Psicologia. Eu gostava de fazer trabalho ou ficar estudando ali no bosque. Não costumava frequentar a parte da cantina, onde ficava o Diretório Acadêmico (DA). Era lá embaixo, depois de uma escada que dava no *Buracanã*. Não tinha RU (Restaurante Universitário) ainda.

As amigas, com as outras senhoras da Unati, elas permanecem apenas ali no espaço da Unesp, ou vocês mantêm contato fora das atividades também?

N.: olha... Muitas estabelecem um vínculo maior... Onde eu encontro (alguém da Unati), converso e tudo. De ir um na casa do outro, não acontece, pelo menos, não comigo. Mas, olha... Eu tive muito apoio de todo mundo, sabe? Quando eu passei por aquela situação difícil, que ainda é difícil (perda do marido e do filho, Breno). Eu tive muito apoio: de ligar, mandar mensagem, então, é um grupo. Mesmo que a gente não se encontre sempre, percebo que ficou alguma coisa, só pelo fato de ainda me mandarem uma mensagem no *WhatsApp*. Então, tem umas (pessoas) que fiquei mais ligada. Mesmo não estando junto, cria um vínculo. Até mesmo

com os mais jovens... Engraçado, né? Como a gente se entende com pessoas mais novas! Eu acho muito boa essa convivência. Vamos fazer um café?

- Nanci havia preparado um bolo de maçã para o encerramento dos nossos encontros. Depois de fazer um café fresco, conversamos por mais algumas horas sobre temas distintos: folclores da cidade, história dos bastidores de personalidades locais. Ela me conta do Padre Vicente que, no ano de 2019, celebrou um casamento homoafetivo em Assis. Por causa disso, a Diocese da cidade o afastou de suas funções. Hoje em dia, ele já retornou para a igreja, sua sede é na Vila Operária. O filho mais velho, Rafael, liga por chamada de vídeo. Eu o cumprimento, vejo os netos mais novos de Nanci pela tela do celular. Em seguida, agradeço a participação dela na pesquisa, o seu envolvimento e paciência para me contar tantos detalhes de Assis. Ela embrulha boa parte do bolo de maçã para eu levar. Nos despedimos no portão.

Relato de Elenira

Primeiro Encontro (16h às 17h30)

Elenira, 76 anos, mora na Vila Orestes, vizinha ao Parque Municipal “Buracão”. A região é movimentada, agrupa clínicas, bares, lanchonetes, padaria, pizzaria e postos de combustível. Suas extremidades são, ao norte, a Avenida Dom Antônio (endereço da Unesp) e, ao sul, o túnel da Vila Operária. Caminho até a casa de Elenira, ao chegar, toco o interfone. Ela me recebe pessoalmente no portão. Em seguida, vamos para o espaço da sala, onde conheço a funcionária Aurora, que terminava a faxina na casa. Eu fico no sofá, logo à minha frente, Elenira se acomoda numa poltrona reclinável. Apresento a ela a natureza da pesquisa, explicando que gostaria de ouvir sua história de vida, com o objetivo de, a partir de seu ponto de vista, compreender as transformações de infraestrutura e dos modos de relacionamento, ao longo do processo de modernização de Assis. Antes de assiná-lo, Elenira coloca os óculos e lê, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com calma. Ela me pergunta: “o que você quis dizer aqui (apontando para o papel) com ‘uma perspectiva diferente da de sujeito universal’?”. Respondo: “quero saber, particularmente, qual o impacto do processo de modernização na vida das mulheres. A perspectiva de ‘sujeito universal’ generaliza as pessoas que compõe uma população”. Elenira sinaliza que havia entendido e assina o documento. Explico que o relato não precisava ser resumido num único encontro, poderíamos no ver mais vezes, até considerarmos a atividade encerrada. Sem muita demora, ela inicia um relato sobre sua trajetória.

Elenira: eu nasci no sítio, mas fui registrada em Assis, então, na realidade, eu sou assisense. Meu pai era ferroviário. Passei minha infância, até os 9 anos de idade, num postinho da Sorocabana com quatro casas, na beira da ferrovia, quilômetro 461. As casas eram feitas de madeira, igual aquelas que ainda têm, subindo o túnel, ali na Vila Operária. Do lado direito da nossa casa, tinha um pé de cacto, daqueles grandes. O banheiro era na parte de fora. Lá no quintal do fundo, tínhamos horta. Eu lembro da escada, na porta da cozinha, onde eu ficava sentada olhando as nuvens. Cursei do 1º ao 2º ano, na escola do sítio. Depois, o 3º e 4º ano, fiz em Paraguaçu Paulista. A gente andava de trem para ir nessas duas escolas. A linha só chegava até um ponto do sítio. Então, encontrávamos com a professora no caminho e, de lá, seguíamos juntos, a pé, para a escola. Eu ia descalça: uma, porque não tinha sapato mesmo; *outra, porque* era tudo areião. Quando começamos a estudar em Paraguaçu Paulista, era sofrido, porque, às

vezes, voltava para casa onze horas da noite. Naquela época, o trem atrasava muito, ou acontecia dele passar direto... Era um drama. Também perdia o trem porque a gente se distraía vendo outras coisas, sabe? Uma vez, eu e meus irmãos perdemos o trem porque esbarramos com uns indígenas. O próximo trem que pegamos, não parou no posto onde morávamos, então a gente dormiu em Cardoso de Almeida, na casa do meu padrinho. Era comum as crianças andarem (de trem) sem os pais.

- Elenira apresenta a história de sua família.

E.: tive alguns problemas no lar. Meu pai era, assim, meio danado, mas eu gostava muito dele. Ele foi transferido de cargo (na Sorocabana), por isso nos mudamos para Assis. Meu pai machucou o menisco (joelho) no engate do trem, ele era guarda chave e fazia as manobras das locomotivas. Foi operado, precisou ir até São Paulo para fazer a cirurgia. Como não podia mais trabalhar naquela função, readmitiram ele como estafeta: andava de bicicleta entregando telegramas. O que aconteceu... Ele foi atropelado por um táxi, não tinha sinaleiro naquela época. Meu pai morreu em 1958, com 37 anos. A minha mãe, com 33 anos, ficou com os cinco filhos para cuidar. Pelo menos, a minha irmã mais velha já era moça, logo se casou. Eu gostava muito do meu pai, mesmo que ele bebesse. Eu que acudia ele quando isso acontecia. Meu pai era muito amoroso, amava eu. A Leni (irmã mais velha) fala que ele só gostava de mim: não era isso, não... É que eu sou mais chameguenta. Depois (da morte do pai), ninguém mais podia sair de casa: precisava me avisar a hora que saía e hora que ia voltar. Naquela época, não tinha telefone, televisão, rádio: não tinha nada em casa. Se não falasse para mim a hora que voltava, eu ia atrás. Dei muito trabalho (ficava muito preocupada). Sentia medo que morresse outra pessoa (da família). Com o tempo, passou. O tempo, ele ameniza as dores. Eu tinha 12 anos, também, né? A minha família era muito simples... Minha mãe fez até o 2º ano (escolar). Quando ainda morávamos no sítio, lembro que minha mãe pagava uma mulher para ter aulas particulares. E ela escrevia bem, viu? Depois, ela (mãe) também fez Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Eu sempre fui, assim, boa aluna, xereta, nunca gostei muito de brincar de boneca... Também, nem tinha. Quando eu ia brincar no sítio com as minhas primas, não gostava, logo queria parar. Gostava mesmo de brincar de pique com meus irmãos, pular de barranco, subir nas árvores, essas coisas que eu gostava. Acho que porque eu tinha mais irmãos, a minha irmã já era mais velha, então, eu brincava mais com eles. Eu era muito curiosa... Sou até hoje.

- Em seguida, ela narra os principais acontecimentos da juventude.

E.: durante a adolescência, eu parei de estudar. Com 16 anos, trabalhava numa padaria, ela nem existe mais: o dono cometeu suicídio, por causa de dívida. Depois, trabalhei na casa da minha prima. Ela tinha quatro filhos, eu era empregada doméstica. Ela era professora. Na casa dessa prima, tinha rádio, então eu ficava sabendo de algumas coisas que aconteciam no mundo. Aprendia música e tal. Em casa, não teve rádio, não: eu não sei nem ligar rádio. Trabalhei (na casa da prima) por um ano e meio. Nessa época, saía com uma turma boa, todos da mesma idade. Então, a gente ia no cinema: “Cine São José”, “Cine São Vicente” e o “Cine Peduti”. A gente fazia fila para ir no cinema. Foi quando conheci meu paquera - namoradinho - o Domenico. Ele era filho único: a mãe prendia ele em casa. Ele cantava, fazia serenata para mim. Eu lembro, até hoje, as músicas que ele cantava. Eu fui muito namoradeira... Ixi! Acabava com um, chorava, chorava, já amava outro. Amei muito. Bom, mas o Domenico falou assim para mim: “por que você não faz o curso de admissão para entrar na escola? É de graça!”. Naquela época, já tinha o curso de admissão do Estado. Fazia um vestibulinho para entrar na 5ª série. Eu trabalhava de empregada doméstica e o Domenico estudava. Então, eu e meu irmão fizemos a prova (de admissão): só eu passei. Os professores sempre me diziam que eu era boa aluna. Estudei no “Instituto de Educação de Assis” (IEA). Depois, passou a se chamar “Clybas”, e a sede mudou para a Vila Santa Cecília. Esse lado (da cidade), aqui perto da Unesp, não tinha quase nada, a paróquia era de madeira, as ruas não eram nem asfaltadas (meados de 1960). Eu trabalhava de dia e estudava de noite. Voltava por umas ruas tudo esburacadas. Aconteceu de um homem me seguir: fiquei escondida no meio das árvores. Eu sentia um pouco de medo. Já no colegial, aproveitei e fiz Magistério, se chamava (curso) “Normal”. Durante a noite, assistia as aulas do “Eclético”, voltado para a área de Ciências Biológicas. Prestei História, aqui na Unesp; Ciências Físicas e Biológicas, na Unesp de Marília.

- Elenira apresenta uma síntese da sua trajetória profissional.

E.: viajei, durante três anos, até Marília, para cursar a graduação. Deixei de estudar História, apesar que eu amo. Comecei a trabalhar como professora (de primário), enquanto estava na faculdade. Dava aula em Pedrinhas Paulista, Cruzália, Lutécia... O asfalto só cobria o trecho *principal da rodovia, a partir da entrada das cidades, era tudo terra. Tinha dias que eu dava aula, vinha correndo para Assis, descia de uma perua, subia em outra. Às vezes, algum vizinho me dava carona. Eu chegava em Assis, meia noite /uma hora da manhã, e ia dormir. Levantava,*

no outro dia, às cinco e meia. Então, nem aproveitei minha fase de estudante universitária. Eu era magra, não tinha tempo de comer, mal dormia. Depois, comprei um volks (fusca) usado. O meu cunhado dirigia para mim, ele ficava me esperando para voltarmos para Assis. Minha vida profissional foi bem conturbada (no sentido de envolver o deslocamento contínuo entre as cidades locais). Terminando a faculdade, assumi aulas de: programa de saúde, biologia, matemática, química, ciências... Dava aula para o ginásio e colegial. Em 1980, prestei o concurso do Estado, para ACT (Admissão de Professores em Caráter Temporário), hoje em dia, se chama “Categoria O”. Logo, apareceu um outro concurso: efetivei (no Estado). Em 1984, eu dava aula em cinco escolas diferentes, aqui em Assis. Dei aula até 1996, quando já podia me aposentar, mas eu não queria. Até que fui obrigada a me aposentar para não prejudicar meus colegas de profissão, porque alguns ficariam sem aula. Quando me aposentei, a minha mãe estava doente em casa e eu não era casada, falei: “vou ter que voltar a trabalhar”. Morávamos só nós duas. Entrei na suplência, peguei mais aulas. Prestei concurso novamente, fui para Coordenação Escolar em Tarumã, continuei dando aula em algumas cidades da região e em Assis. Isso já era o meu segundo cargo público. Me aposentei novamente quando fiz 70 anos.

- Camilo chega em casa, muito atencioso, ele me cumprimenta. Elenira pede para o marido buscar a sua irmã mais velha que mora na vizinhança. Em seguida, ela me conta aspectos importantes de sua vida pessoal

E.: nesse meio tempo, na vida pessoal, eu tive muitos namorados. Aconteceu um namoro de 14 anos, com o meu vizinho. Ele me traiu: fiquei doente. Entrei em depressão profunda e tive síndrome do pânico. Foi quando o kardecismo¹⁶ chegou até mim, também fiz 5 anos de psicoterapia. Fui numa casa de Umbanda, em Campinas... Você sabia que, lá, eles estudavam Allan Kardec? Meu marido, o Camilo, ele é de (religião) matriz africana também. Bom, mas, nesse meio tempo, o meu psicólogo falou: “se você não parar de tomar esse meio Frontal¹⁷, eu não vou te tratar”. Foi quando fiz esses cinco anos de psicoterapia. Teve uma noite que me deu pânico, liguei no CVV (Centro de Valorização da Vida), fiquei até de madrugada conversando com o menino. Por isso, eu fiz o curso que eles oferecerem, também queria atender. Foi quando *conheci meu marido, durante o curso do CVV. No começo, era amizade apenas, porque ele fazia Seminário Católico. Daí, minha mãe ficou mal de saúde, fui com ela para Marília, onde ficou uns 6 dias internada. O Camilo apareceu lá. Falei: “como você sabia que eu estava aqui?”.*

¹⁶ Doutrina espírita de Allan Kardec.

¹⁷ Psicofármaco ansiolítico.

Ele me explicou que, quando ligou em casa, a empregada doméstica contou que tínhamos ido para Marília. Logo a gente começou a namorar. O Camilo chegou a voltar para o Seminário, em Londrina. Isso foi no começo de 1997... Eu fiquei muito mal. No ano 2000, ele me falou que estava saindo do Seminário. A partir daí, ficamos juntos. Em 2002, nos casamos no civil e religioso. Meu marido é mais novo que eu, mas está com uma doença autoimune. Ele está com 52 anos. De cabeça, eu sou muito jovem, de corpo não. Sou muito integrada nas notícias. Politicamente, então... Eu não assisto nem filme: vejo tudo que está acontecendo na política. Eu acompanhei a ditadura, por isso que eu não gosto do Bolsonaro, detesto ele. Mando tudo quanto é coisa para os meus amigos (notícias de política). Agora, eu não brigo mais com bolsominion porque não adianta. Gosto de política, mas nunca quis ser política. Política é algo que a gente faz... Quando eu estou dando entrevista para você, estou fazendo política. Eu era da APEOSP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo). Nunca quis ser vereadora, mas, eu - e duas amiga - fomos chamadas muitas vezes: nunca quisemos. Tenho um vício de ficar na cama, chama Clinomania, eu nem arrumo mais a cama. Essa poltrona chegou agora, para eu poder ficar um pouco na sala. Quero ver se eu me adapto. Estou aqui com você, mas fico pensando na cama. Eu sempre dormi tarde, chegava tarde em casa, a vida inteira trabalhei muito. Em 2009, eu tive toxoplasmose no cérebro. Fiquei muito mal. Emagreci 12kg. Fiz o tratamento no Hospital Regional, com uma infectologista. Um dia, tive AVC Isquêmico, dentro do próprio hospital. Eu fiquei duas semanas internada, me deu amnésia, não precisei de UTI, mas estava confusa. Minha mãe morreu em 2010. Eu tinha uma empregada que ficava em casa, ela chegava no final da tarde, ajudava a cuidar da minha mãe, e me fazia companhia... Me aposentei pela segunda vez em 2015. Não tive filhos, mas tenho um pacote de sobrinhos, mais de 50 e está para nascer mais um. Tenho sobrinho, sobrinho neto e sobrinho bisneto.

As pessoas comentavam alguma coisa sobre a senhora não ter filhos?

E.: não, na verdade, me questionavam por que eu não me casava: era namoradeira e não me casava. Isso chamava a atenção.

- Camilo e Leni chegam na casa, ela se junta a nós duas, as irmãs relembram de pessoas com quem conviveram no passado. Enquanto isso, Camilo serve, para mim e Leni, bolo de abacaxi com suco natural de laranja. Logo em seguida, agradeço a gentileza e Elenira me acompanha até o portão, quando combinamos mais um encontro na próxima semana.

Segundo Encontro (16h às 18h30)

Chego à casa de Elenira e toco o interfone. Ela abre o portão automático da garagem, por onde eu entro. Nos encontramos na porta da sala. Comento que, naquela semana, estive com Nanci.

E.: ixi... a Nanci é conversadeira, né? Nós trabalhamos, no começo da minha carreira, juntas, em Pedrinhas Paulista. Ela te contou que fomos vizinhas na Vila Operária? Quando fez, pouco mais de um mês, que ela perdeu o filho, arrastamos ela lá para a “Oficina de Psicologia”, da Unati. Nessa oficina, a gente falava de coisas tristes, tema de morte... Foi bom. Ela falou. Depois, a Ermínia continuou frequentando a Oficina. Só paramos mesmo por causa da pandemia. Sobre o que vamos conversar hoje?

A minha sugestão é conversarmos um pouco mais sobre a infância da senhora.

E.: eu morava no sítio, entre Paraguaçu Paulista e Cardoso de Almeida. Eram quatro casas: morava o chefe da estação, o telegrafista, meu pai - que era o guarda chave -, o outro, eu não me lembro. Não tinha energia elétrica, a gente usava lamparina. Eu queria porque queria ir para a escola. Com 6 anos, comecei o 1º ano. Era pequenininha. A gente ia de trem, depois encontrava a professora, Dona Luíza, na beira do caminho, com ela, andávamos a pé mais 3km até a escola. Ela era negra. Me lembro que, às vezes, a Dona Luíza me pegava no colo (durante o trajeto). O lanche que ela levava, dava um pouco para mim, também. Minha mãe fazia pão e mandava para a Dona Luíza. Lembro do dia que o Getúlio Vargas se matou. Eu estava acho, no segundo ano, já era outra professora, a Dona Cecília. O namorado dela acompanhava a gente a pé. Durante o percurso, a professora foi explicando para os alunos o que tinha acontecido. Meu pai não tinha muito juízo, arrumou uma amante. Ele montou uma casa só para essa mulher... Olha, e a gente sem dinheiro, passando necessidade. Tinha o seletivo na estação, funcionava como um telefone, meu pai vivia ali escutando as coisas. No sítio, era tudo amigos. Tinha um tio, irmão da minha mãe, que morava perto da escola. *A minha avó morava ali também. Ela fazia farinha num monjolo¹⁸, na hora do recreio, a gente ia tudo lá comer. Eu lembro dela esfregando a farinha naqueles tachos quentes, saia uns bijus grandes, a gente ia lá e ficava comendo. Coitada, ela fazia e nós, tudo da escola, comendo, judiação... Minha avó, naquela*

¹⁸ Pilão movido à água.

época, era nova, mas já tinha um birote¹⁹, entendeu? Ela tinha uns 40 e poucos anos, mas parecia bem mais velha. A vida era muito diferente. Tenho um livro que conta a história da minha família, do lado do meu avô, marido dela. Vieram da região dos Açores, tudo fugido de lá. Mexiam com boi. Então, ficaram aqui pelo interior de São Paulo. A princípio, foram para Campos Novos Paulista, mas, por causa do desvio da ferrovia... Na época do Ademar de Barros, foi desviando, desviando, não passou por Campos Novos, mas chegou em Assis. Por isso que Assis progrediu (por causa da linha férrea). Desde pequena, eu sabia que tinha esse livro sobre a história da minha família. Foi uma parente que, quando eu já era adulta, me falou onde eu poderia encontrar (este livro). Comprei, mandei para o meu irmão, para outros familiares... Nossa, eu devorei! Vou buscar para você ver!

- Elenira traz o livro e me explica um pouco mais sobre a origem de sua família. Nele, há uma foto que aparece sua avó.

E.: você vê? Minha avó nunca cortou o cabelo! Sempre de birote. Olha, tem um aqui da família que era filho de padre. Foi um padre que deu origem para minha família, ele teve filhos com uma mulher que era sua escrava. Ouvi, sobre esse livro, quando um tio foi visitar minha mãe, lá no sítio. Eu fiquei louca: queria saber a nossa história! Quando eu consegui (o livro), já adulta, passei três noites inteiras lendo. A gente pensa que a história está tão longe da gente... E não está.

Os pais da senhora eram católicos?

E.: ah... Era... (demonstrando que nem tanto).

Havia capela no sítio?

E.: sim, a Capela de São Benedito, fazia terço uma vez por mês. Era bem perto da nossa casa. Tinha uma pedra, fizeram um cruzeiro nela. Quando demorava para chover, iam jogar água *no* cruzeiro para pedir chuva, sabe? Eu lembro disso... Quando rezavam, era em latim, eu, criança, adorava ficar escutando: “ora pro nobis”. Me dava ataque de riso dentro da igreja! Ah, tinha muita gabioba no sítio. A Leni tem um pé de gabioba na casa dela. Ela tinha guardado algumas

¹⁹ Coque de cabelo.

para o meu sobrinho, mas ele não conseguiu vir para Assis, então, ela quer dar as gabiobas para mim. A gente ia para escola comendo gabioba, pitanga, morango...

- Camilo passa pela sala. Elenira pede para ele buscar as gabiobas na casa da irmã, assim, eu poderia experimentar. Ela brinca comigo: “vou dar só uma para você!” (rindo).

E.: a gente era bem pobre, porque, além de tudo, meu pai tinha aquela vida de gastar onde não precisava, até com mulher, né? Então, eu não lembro, de pequena, de ter sapato. Uma vez, minha professora trouxe um grupo de alunos para Assis. Eu queria muito vir, mas não pude, porque não tinha sapato. Eles iam no cinema. Lá no sítio era muita areia, né? Não tinha jeito de andar com calçado no areião. Uma vez, meu pai mandou eu e meu irmão pegar manga. Fomos com a Neide, amiga nossa. Adorava dormir na casa dela, porque a mãe da Neide contava aquelas histórias de Saci, Lobisomem... Como se fosse de verdade! A gente adorava escutar, morria de medo, mas queria escutar, né? Lembro que a Neide falou de uma porteira, que ficava no caminho para as mangueiras, disse que batia de noite. Você sabe que, uma vez, dormindo na casa dela (Neide), minha irmã mais velha estava junto. Só que a Leni estava distraída, jogando baralho com o pessoal... Eu e a Neide ficamos prestando atenção na porteira. Não é que a porteira fazia barulho mesmo?! Até hoje, eu fico me perguntando o que era aquilo... Daí, no dia que a gente (Elenira e o irmão) foi buscar as mangas, a Neide vinha junto falando de cobra que voava, de touro bravo que estava solto e desgovernado, a gente ouvindo tudo isso em cima do pé de manga: deu medo de descer. Ainda tínhamos que andar uns 3km de volta para casa. Eu ia brigando com meu irmão no caminho, porque estava muito pesado para carregar o saco de manga. Tivemos que deixar um pouco ali. Gente do céu! Mas eu passei tanto medo naquele dia... A Neide não parava, falou de um corpo (humano) seco que vagava naquela região... Os lagartos passavam, a gente assustava! Só sei que chegamos com meio saco de manga em casa: eu brigando com meu irmão e meu irmão brigando comigo. Cada coisa tonta... (rimos).

Vocês nasceram em casa mesmo?

E.: sim, tudo em casa. Vinha a parteira. Eu cheguei a ver alguém passando com a placenta uma vez. Enterravam a placenta.

E se precisasse de ajuda médica?

E.: meu pai era da Sorocabana, então, onde, hoje, é o “Colégio Ipê”, funcionava o “Hospital da Sorocabana”. A gente era atendido ali. A Dona Luíza, minha professora do 1º ano, me deu um brinco de bolinha de ouro. Tive fibrose, a tarraxa ficou dentro da minha orelha, infeccionou. Minha mãe me trouxe, aqui no hospital, para o Doutor Uraci ver. A filha dele, hoje em dia, é minha amiga, amigona.

Existia alguma diferença de tratamento entre a senhora e sua irmã (meninas) e o restante dos irmãos (meninos)?

E.: olha... Um dos meus irmãos falava que meu pai batia muito nele. Só que esse irmão era muito danado. Eu lembro assim, uma vez ou outra, ele apanhando. Eu apanhei do meu pai com cipó, porque eu subi num eucalipto junto com os moleques e, naquela época, usava vestido. Fazia vestido de saco, os sacos de compra do armazém. Minha mãe alvejava e fazia vestido. Ela bordava, eu tinha um de elefantinho. Minha irmã fala que meu pai me tratava diferente. A Leni era mais geniosa, também, já era moça. Então, ela brigava muito com meu pai. Porque, quando ele ia nas festas, bebia, fazia elas (mãe e irmã) passar vergonha. Quando ele morreu, minha irmã estava de mal dele. Eles eram novos demais: minha mãe casou 16 anos, meu pai não tinha nem 18. Então, como disse a minha mãe, tem tanta coisa que ela fez, que ela não faria se fosse mais velha. Eu não sei, quando ela (Leni) era criança, como que foi (com o pai). Mas ele brincava muito comigo, isso porque eu era bem mais nova, pequena ainda. Os meninos eram mais novos que eu. A gente brincava tudo no açude: um dia, meu irmão virou o gamelão de fazer melado de cana, quase morremos afogados, até hoje, não sei nadar, nunca aprendi. Quando estudávamos em Paraguaçu, a gente ficava esperando o trem na praça central. Enquanto não vinha, a gente brincava de pique, ficava tudo correndo por lá, entrava até na igreja para brincar de se esconder.

- Elenira rememora mais situações.

E.: uma das coisas boas que tinha, também nessa época, era quando juntava as famílias (da região do sítio) e ia fazer pamonha. Pegava cinco carroças de milho para fazer pamonha, bolo de milho... Matava porco, todo mundo junto esperando fazer o torresmo. Guardava naquelas latas de vinte litros para não estragar, porque não tinha geladeira. Uns tempos atrás, na FICAR (Feira Industrial Comercial e de Agronegócio), os Centros Espíritas, e mais umas entidades, ficava, cada um, responsável por um tipo de almoço diferente. Teve um Centro que fez - a carne

de porco - do mesmo jeito que a gente preparava no sítio. Eu amei, estava com minhas amigas, fomos comer lá, porque lembrava a infância. Igual gabirola: é p tipo de coisa que marcou minha infância.

Como foi quando vocês mudaram para a cidade?

E.: foi quando meu pai morreu (no acidente de trânsito), daí, minha mãe recebeu um seguro (da Sorocabana), ela comprou uma casinha de madeira, onde moramos de 1959 até 2002. Meus irmãos deixaram essa casa para mim. Acabei vendendo e, mais o valor do carro e da moto que eu tinha, comprei essa casa onde moro agora. Minha mãe foi uma heroína, porque ela ficou com os quatro filhos menores... Minha mãe teve que aprender a fazer documentação, ir para São Paulo, enfim: ela se virou. Antes, não sabia comprar nem um tecido na Pernambucanas, meu pai que fazia tudo. Ela aprendeu a fazer compras, lidar com dinheiro...

A mãe da senhora recebia pensão?

E.: sim, tinha o “Armazém da Sorocabana”, era tudo cheio de alimento, minha mãe comprava lá. Só depois de um tempo, a gente já teve geladeira. Nossa vida foi de muita pobreza, mas não alterava a minha vida de criança, porque eu não sabia muito das coisas. A gente tinha horta, saía para pegar fruta lá na casa da minha avó, que era na pedreira, ela era dona daquelas terras, ludibriaram minha avó para comprar (o terreno). A gente ficava esperando minha avó na linha do trem, ela vinha caminhando com um saco na cabeça, sem por a mão: trazia abacate, laranja, mexerica. A cada quinze dias, esperávamos por ela. Também andávamos até a casa dela, dava 8km. Boa parte do caminho era seguindo a pé pela ferrovia, só depois que desviava para a casa dela. Nada era difícil para gente, andávamos tanto. Minha avó vinha sozinha... Lembro do jeito dela caminhar. Não entendia como aquele saco não caía da cabeça dela. Minha avó morreu na nossa casa de madeira, aqui em Assis. Eu já dava aula, nessa época, tinha começado a estudar Letras na Unesp, em 1982/1984. Passei em primeiro lugar na *redação*, o tema foi: “já não se anda de mãos dadas pelo mundo”. Na época do Curso Eclético²⁰, eu estudei com uma professora que passou para a turma o poema “De Mãos Dadas” do Carlos Drummond de Andrade. Usei essa referência no texto da redação: tirei nota máxima. Acabei abandonando o curso, porque, como já dava aula, eu não tinha tempo. Era complicado, muitos alunos, fazia todas as atividades

²⁰ Equivalente ao Ensino Médio, porém, com ênfase na área de Ciências Biológicas.

à mão, usando mimeógrafo. Os sofás da sala de casa viviam cobertos de folhas, que eu deixava secando. Depois, comprei uma máquina (de escrever). Deu problema na minha mão, porque eu não aprendi a mexer, batia com um dedo só... Aí rodava tudo no mimeógrafo... Olha como que a vida facilitou para esse povo mais novo. Eu nunca gostei de computador, não consegui me adaptar, preenchia tudo à mão. Mais tarde, na escola, já sabiam que eu não fazia esse tipo de serviço (no computador), então nem me pediam mais. Quando aconteceu de ir para a sala de informática com os alunos, eles mesmos já sabiam mexer (no computador), se eu precisasse de alguma coisa, os próprios alunos me ajudavam. Então, para eu montar as aulas, consultava os livros didáticos e preparava o material no mimeógrafo, foi assim que eu me virei.

A senhora consegue descrever como era Assis na época em que sua família mudou para a cidade?

E.: a Avenida Rui Barbosa (a principal) era bem diferente. Tinha a “Casa Iara” de sapatos. Aquele prédio, perto do Camelódromo, era do mesmo jeito; a praça Arlindo Luz também (área da Estação). Na minha adolescência, a gente ia muito no cinema. Íamos na casa da minha vizinha assistir televisão, ainda era em preto e branco (a imagem), víamos “Os Irmãos Coragem”. Essa vizinha era fazendeira. Até que a gente comprou nossa primeira televisão... Igual aquele filósofo diz: “minha família acabou quando compramos uma TV”. A gente só percebe isso mais tarde, né? Porque, primeiro, quando não tinha televisão, sentava num banquinho em frente de casa, vinha os vizinhos, conversava, brincava na rua, a minha rua ainda não era asfaltada. Meus irmãos brincavam de amarelinha, soltavam pião, papagaio, a gente brincava.

Nessa época, a senhora era vizinha da Nanci?

E.: até os meus 12 anos, depois que meu pai morreu, nos mudamos para outra casa. Agora, somos vizinhas novamente, moramos, praticamente, na mesma rua. Ê, Nanci...

A senhora lembra do Padre Aluísio?

E.: ele nunca aprendeu a falar português direito! Quando ficou velho, mandaram ele para Roma, mas ele quis voltar para a Vila Operária. Ele que formou o VOCÉM (Vila Operária Clube Esporte Mariano). Meu irmão jogou nesse time. Esse Padre, vamos dizer assim, ele era a alma

da Vila Operária, sabe? Até falam que o Português, que tem o “Jornal de Segunda”, dizem que é filho do Padre Aluísio: e é mesmo. Ele é igualzinho ao pai. Meu marido fez uma homenagem ao Padre Aluísio, conseguiu muita coisa (material) dos moradores antigos, ele fez uma exposição espetacular. Na entrada, tinha uma imagem do Padre. O Português estava lá fora, eu não sabia dessa história, cheguei para o Português e falei: “nossa, você parece filho do Padre Aluísio, olha aquela foto, é muito parecido com você!”. Depois, mais tarde, fiquei sabendo que (o Português) era filho dele (do Padre) mesmo. O Padre fez uma entidade que existe até hoje, meu marido foi coordenador de lá. Eles faziam sopão, distribuíam alimentos. Até hoje está lá. Meu marido coordena essas coisas (distribuição de alimentos gratuitamente), ele não para.

A Igreja Católica determinava a cultura da cidade?

E.: sim, agora, a Igreja Católica ficou muito retrógrada, né? As pessoas foram se afastando, acabaram fundando até outras. Começou a aparecer essas pentecostais (protestante). Assis começou em torno da igreja, aliás, toda comunidade nasce em torno de uma igreja. Eu costumava frequentar as procissões, mas eu ia para passear, nunca fui muito católica. Como não tinha nada para fazer, ia na procissão. Ela era imensa, começava na Catedral, dava a volta na Praça Arlindo Luz (em frente à Estação), quando passava em frente à Catedral novamente, ainda tinha gente saindo. Hoje não tem mais nada disso, era uma coisa que mobilizava a cidade inteira.

Na fase dos seus 16 anos, quando voltou a estudar, o que a senhora sentia vontade de fazer?

E.: queria ser enfermeira de alto padrão, se chamava assim. Eu queria fazer Enfermagem, mas só tinha fora (de Assis), tinha que fazer cursinho, aqui também não tinha. Até Medicina eu cheguei a pensar em estudar... Depois, a vida muda, né? Não pude fazer nada disso. Fiz o Magistério e fiquei dando aula mesmo. Não me arrependo, não: está bom do jeito que foi.

Os irmãos da senhora estudaram?

E.: não, só um que fez Magistério. Os outros estudaram apenas até o 4º ano. Eu que continuei (estudando) por minha conta em risco, não foi porque minha mãe mandou, não. Fui incentivada por aquele namoradinho. Ah! Anos mais tarde, o Domenico recebeu um prêmio do Silvio Santos: ganhou sítio, um monte de coisa. Eu nunca gostei muito do Silvio Santos... Ele tem

aquela filha casada com Ministro do Bolsonaro. A TV “Globo” eu fiquei muitos anos sem assistir, eles derrubaram a Dilma. Agora, estão se juntando com o Moro, a terceira via, né? (eleições de 2022). Sempre gostei de política. Tive um professor, no Colegial, muito bom, ele era muito gente fina: ele despertou em mim essa curiosidade pela política. Também fui do Grêmio Estudantil. Na APEOSP, teve greve que fui mais de dez vezes para São Paulo, era uma batalha, porque a gente não tinha nem sede, telefone... Usava o telefone da minha casa. Sempre fui ligada à política: aliás, todo ato é político, né? A faculdade de Marília (Unesp) não era igual à daqui que tinha o pessoal mais ferrenho. Teve gente que desapareceu até (durante o período da ditadura). O marido de uma amiga minha foi preso, sem motivos, pegaram ele queimando uns papéis no fundo da casa. Aconteceu muita perseguição em Assis. Quando estávamos em greve (professores), fazíamos as assembleias na paróquia da Vila Santa. Cecília. Diziam que tinha gente de olho (na paróquia). Eu, particularmente, se fui perseguida, não sei. Era tudo muito difícil: só é a favor da ditadura quem não leu e não sabe das coisas.

- Camilo nos chama para tomar o lanche da tarde na cozinha. A mesa estava posta com bolo, gabiobas e suco de natural de maracujá. Durante o lanche, Camilo me conta sobre a sua atuação em instituições filantrópicas, particularmente, a respeito do crescente número de pessoas, na periferia da cidade, que se alimentam, exclusivamente, dos sopões servidos de forma gratuita. Antes de eu ir embora, Camilo ainda me dá uma sacola com batatas doce, fruto do trabalho de pequenos produtores locais. Por último, Elenira me chama para o quintal, ela gostaria que eu conhecesse Chocolate, seu cachorro. O dono dele era o vizinho, no entanto, esse senhor faleceu. Por isso, Elenira adotou o Chocolate. Em seguida, ela me acompanha até o portão da casa, quando combinamos mais um encontro.

Figura 49: *Chocolate.*



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

Terceiro Encontro (16h às 18h)

Chego à casa de Elenira, como de costume, ela abre o portão automático da garagem, enquanto me espera na porta da sala. Neste dia, havia chovido bastante, então, Chocolate estava dentro da casa, ele se deita no tapete, logo à frente do sofá, nos fazendo companhia. Verifico o roteiro de entrevista, com o objetivo de desenvolver temas pendentes. Elenira responde às minhas perguntas de forma concisa, por isso, não peço mais detalhes, procuro manter o diálogo compacto.

Elenira, sobre sua vida profissional, o que mais a senhora acha importante me contar?

E.: depois que cursei o Normal (*Magistério*), comecei a dar aula em sítio: as aulas mais difíceis, que ninguém queria, eu pegava. Não tinha ônibus, dependia de algum vizinho ou amigo me levar. Chegando numa parte, não tinha mais como seguir de carro, então, eu combinava com um senhor, que tinha uma carroça, de ele me esperar para, dali, seguirmos até a escola. Se eu chegasse no ponto de encontro, e ele não estivesse lá, eu entrava mata adentro, atravessava sozinha. Como era longe, acabava chegando 9h30 da manhã para dar aula. Arrumaram um velhinho, o Seu Miguel, ele tinha uma charrete. Ele estava sempre lá para me levar. Este sítio ficava perto de Platina (à 23km de Assis). A estrada não era asfaltada, aí acontecia de atolar o carro, chegava vir gente com cavalo para ajudar. Eu lembro que me embrenhava pelo meio da mata, nem levantava a cabeça, era tudo mato. Às vezes, pegava flores para enfeitar a escola, gostava muito dos alunos. Funcionava numa casinha com três fileiras de carteiras: 1º, 2º e 3º ano, tudo no mesmo espaço. Misturava meninos e meninas. A aula começava às 6h e pouco da manhã. Tive alunos muito bons no sítio. Lembro de uma família *que tinha três crianças... E* era um frio lá onde eu dava aula, acontecia geada, a escola era gelada. Eu não conseguia dar aula de tanto frio. Montava uma fogueirinha na parte de fora e dava aula ali em volta. Essa família era muito pobre. O que eu fiz, comprei uma peça de flanela, a minha irmã, a Leni, costurou um agasalho para eles. Comprei um par kichute para cada um. Eu gastava meu salário com eles, outra parte (do salário), ia para as viagens entre Assis e o sítio. Essas crianças me consideram uma mãe, a ponto de me mandar cartão no Dia das Mães, isso muito tempo depois de eu ter parado de trabalhar lá. Acabava sobrando pouco (salário) para mim. Não tinha energia elétrica nesse tipo de escola. Você sabe que, dando aula, eu preparava sopa. Eles (alunos) levavam os ingredientes de casa e eu fazia a comida. Hoje em dia, os prefeitos mandam o transporte buscar essas crianças que moram em sítio, e elas vêm estudar na cidade. Fica mais barato do que manter toda a estrutura de uma escola na zona rural. Agora é tudo mais fácil. Eu era merendeira, psicóloga, médica... Tudo. Em agosto, do ano que comecei a trabalhar nesse sítio, sofri um acidente a caminho de Marília, quando ia para a faculdade. Foi algo tão feio que o Seu Miguel (da charrete), e o pessoal da escola do sítio, ficaram sabendo do que aconteceu comigo pela “Rádio Bandeirantes”. A perua entrou debaixo de um caminhão. O motorista foi mexer no rádio, se distraiu, machucou todas as sete pessoas que estavam na perua. Depois disso, eu desisti, mesmo que eu precisasse daquele emprego, mas estava muito complicado. Peguei aulas num outro local, um amigo meu me dava carona de jipe para chegar até a escola, o César. Saía 5h30 da manhã de casa, encontrava com ele na Catedral. Um homem começou a me perseguir no trajeto. Tive que pedir para o meu cunhado me levar até a Catedral todas as manhãs. A irmã do César era professora também, viajava no jipe com a gente. Nessa época, eu frequentava o

“Porão”, e eu tinha namorado. Essa Lourdes (irmã do César) falava para a mulher, dona do sítio onde, de vez em quando, a gente parava para comer, que eu chegava de manhã cedo em casa e que eu era... Você sabe o que, né? (prostituta). Um dia, paramos nesse sítio. A mulher, dona do sítio, tinha um filho. Ela falou assim: “ô, fulano, vai no pomar com a Elenira pegar umas mexericas”. Eu estava de guarda-pó, porque mexia com giz. Levantei uma parte, fazendo tipo uma cesta, para colocar as mexericas dentro. O moleque passou a mão em mim. Fiquei tão apavorada, joguei tudo as mexericas, voltei apavorada para a casa. Falava para o César: “vamos embora, vamos embora logo!”, naquele desespero. Eu tonta, contei a história e a Lourdes perto. A mulher, dona do sítio, acabou comigo, falou que eu era isso e aquilo, que eu não prestava, sabe? Olha, como espírita, eu vou falar para você: a lei do retorno é infalível.

A senhora chegou a ficar internada por causa do acidente de trânsito?

E.: sim, machucou muito a minha boca, perdi alguns dentes. Não tinha telefone na casa da minha mãe, conseguiram ligar no meu vizinho, no dia seguinte, eles foram me ver em Marília. Minha mãe quase desmaiou quando me viu: eu estava com a cara toda inchada. Uma outra moça, que também estava na perua, quebrou a perna. Era uma perua kombi. Naquela época, não tinha esse negócio de cinto de segurança, se tivesse, a gente não tinha se machucado tanto. Às vezes, quando dava aula em sítio, ia de carona com uma professora que tinha um volks (fusca), de repente, o carro parava. A gente descia e tirava - com as mãos - o excesso de barro do paralama, aí destravava a roda. Se, no caminho, tivesse algum riozinho, precisava descer e atravessar a pé. O carro não seguia viagem. Cada coisa que eu passei... Minha vida profissional foi bem difícil. Acho que eu não te contei... Quando eu comprei meu primeiro volks (fusca), eu fiquei quebrada no meio do caminho (para dar aula em outra cidade). Meu cunhado que estava dirigindo para mim, eu não sabia (dirigir)... Viemos a pé, sem luz, sem nada. Chegamos na Polícia Rodoviária, meu cunhado chamou um táxi. O taxista ficou falando umas coisas que, até hoje, tenho ressentimento. Perguntou se a minha irmã não sentia ciúmes do meu cunhado dirigir para mim. O meu cunhado e os policiais foram buscar o fusca que ficou parado numa poça d'água. Cheguei 4h30 da manhã em casa e esse taxista falando aquelas coisas. Depois, avisei ao meu vizinho, que tinha uma caminhonete, que, se eu não chegasse até determinado horário, era para ele ir atrás de mim. Foi bem sofrida a minha vida de magistério, parei em 1980. Logo veio o concurso e me efetivei no Estado. Aí a situação foi melhorando.

Houve algum outro problema de segurança?

E.: não que eu me lembre... Ah! Mas, quando eu tinha 12 anos, fui visitar uns parentes que moravam num sítio. A mulher lavava as roupas na beira do rio que passava por ali. Ela me pediu para ir até a casa buscar anil, a gente usava para limpar roupas brancas. Lembro que eu passei pela água, ouvi um barulho. Voltei, olhei... Tinha uns porcos por perto, pensei que o som fosse de um deles. Fui embora. Quando volto para o rio, ela me fala: vai chamar o fulano, tem uma cobra aqui, ela pulou em mim. A hora que eu passei, era a cobra que tinha feito o barulho. O marido dela pegou a espingarda e matou a cobra: era uma jararaca. Depois, jogou num lugar perto do rio. Eu continuei voltado nesse lugar para ver a cobra morta: me dava pavor pensar que, aquele barulho, tinha sido a cobra tentando pular em mim. Por muitos anos, eu sonhei com isso. Olha, quase fui mordida por uma jararaca ... Justamente quando eu estava com aquela tristeza de ter perdido meu pai. Foi difícil. Por outro lado, eu fico pensando, e se meu pai fosse vivo? Ele ia continuar fazendo coisa errada com a minha mãe, né? Como ele era muito danado, ia segurar muito a gente (meninas) em casa...

Quais acontecimentos marcaram mais sua trajetória, Elenira?

E.: na minha infância, foi a morte do meu pai. Mas, o que mais me marcou, foi o movimento das Diretas Já. Quando o Ulysses Guimarães morreu no acidente de avião, não sei, foi esquisito... Isso também me marcou muito.

A senhora permaneceu morando com sua mãe?

E.: sim, sempre morei com ela. Com meu salário, ajudava a pagar as contas, minha mãe recebia pouco de pensão. Até nessa casa ela morou comigo: ela morreu em 2010. Nós viemos para cá em 2002. Foi quando compramos essa casa. Minha mãe sempre quis morar numa casa de tijolos, acabou morando pouco tempo, né?

Como é a relação com suas sobrinhas?

E.: eu tenho uma minha sobrinha fez curso de Farmácia. O tema do TCC dela foi toxoplasmose. Eu *ajudei ela* a fazer essa pesquisa. O gato defeca, quando seca, o vento espalha o toxoplasma no ar, como o parasita é encapsulado, ele não morre. A hora que entra na corrente sanguínea, às vezes, vai para o olho, a pessoa fica cega. Quando eu tinha 30 e poucos anos, um médico,

em Marília, já tinha me avisado que eu estava com isso no sangue. É algo que demora para se manifestar (através de sintomas). Normalmente, os gatos fazem um buraco e cobrem as fezes. Mas, na cidade, não sei onde que eu morava, não devia ter isso (espaço para eles enterrarem). Quando eu me aposentei, por causa dessa doença, foi porque fiquei meio esquecida para dar aula... Até hoje, eu sei o que são as coisas, mas não me vem o nome. Daí, eu descrevo. Você não vê que, de vez em quando, eu falo: “como que chama mesmo?”, entendeu? Pergunto bastante esse tipo de coisa para o meu marido. A minha sobrinha escolheu esse tema de trabalho por causa da nossa proximidade.

Costumava ir para São Paulo?

E.: não me lembro a primeira vez que eu fui... Eu tive uma escolinha de curso de admissão, precisei ir até São Paulo resolver as burocracias. Fiquei com uma febre muito grande, não sei se era uma gripe, precisei ficar deitada na casa da minha tia. Durou pouco tempo essa escola, não era só minha, era de mais colegas (professores). Nessa viagem, eu fui de ônibus, mas eu cheguei a ir de trem para São Paulo. De lá, eu e uma amiga fomos até a praia. Eu ainda guardava a carteirinha de beneficiário da Sorocabana; e, essa minha amiga, era casada com um ferroviário. Demorava para chegar... (ao destino). Foi devagar o declínio da Sorocabana, venderam a linha para a Fepasa (Ferrovia Paulista S/A). Continuou rodando só trem de carga, não tinha mais o de passageiros, até que parou de vez²¹.

A senhora lembra de ter tido algum contato com o tema do feminismo?

E.: eu nem sonhava com isso. Não faz muito tempo que tem esse debate... No interior, ninguém nem pensava nisso. Assis é provinciana. As pessoas me perguntavam: “por que você não casa?”. Não é o tipo de coisa que depende só da gente, depende do outro também, não é? Eu nunca tive coragem de contar isso: eu tinha vergonha, por exemplo, de sair três, quatro solteironas. A gente chegava num lugar, saía para beber ou comer alguma coisa durante a noite, eu sentia vergonha. Se algum amigo estivesse junto, tudo bem. O problema era quando estávamos num grupo só de mulheres, sabe? Mas sempre tiveram homens na minha turma. Apesar que nunca fui de sair muito só com grupo de mulheres, porque eu sempre tive namorado. Só fiquei solteira na época da depressão. Quando voltei a sair, ia com uma turma para o

²¹ Processo associado ao estabelecimento da malha rodoviária na região (1970-1980).

“Almanaque”, era um lugar muito gostoso. Comecei a sair e foi ajudando a melhorar a depressão. Ah, desde moça, eu também já usava calça, comprava tecido e minha irmã, a Leni, costurava para mim. Gostava muito de calça boca de sino, sabe? Uma outra coisa que me incomodava: quando eu falava meu nome completo e me perguntavam se eu não tinha mais um sobrenome (de casada).

Como foi a sua experiência no sindicato?

E.: fui da APEOSP desde 1970. Depois, eu e mais duas amigas (professoras) ficamos na coordenação de Assis. Elas chegaram a se afastar, mas eu continuei. Acontecia de a gente ficar até de madrugada elaborando a nossa fala. As assembleias eram imensas, nos reuníamos na Câmara Municipal, quando ainda era ali em frente à prefeitura. Íamos muito para São Paulo, nas assembleias estaduais. Fui a passeatas em São Paulo, 50 mil professores na Avenida Paulista. Tiveram situações de enfrentamento com a polícia, mas era aquele pessoal mais arraigado, violento, que encarava a Tropa de Choque. Eu não participava desse tipo de confronto, não. A gente pedia por melhorias da escola pública, plano de carreira, cada greve tinha o seu tema. A maioria, era por melhoria salarial. Greve é uma coisa que estressa muito a gente: as pessoas querem a solução de imediato, mas tem todo o processo de negociação. Naquela época, parava quase todas as escolas. Tinha quem não parasse, com medo de ficar sem salário. Uma das pautas que a gente ganhava era a de que não descontassem nosso salário, mas nem sempre era assim, entende? Aconteceu de, depois de uma greve, eu repor aula e, mesmo assim, não receber. Não me importava porque, não lutava por mim, lutava pela categoria. Quando você tem ideologia é outra coisa, né? A maioria, ali, eram mulheres (na APEOSP). Trabalhei, só uma vez, com um homem na coordenação. Notei que ele tinha dificuldade de conduzir as assembleias. Eles (professores) queriam ouvir a gente: saber de outros assuntos. Esse rapaz só sabia falar de greve. Tive que interromper ele para poder explicar as coisas. Não era hora de tratar de greve, era para falar de detalhe, de coisas diretamente ligadas à carreira. Uma vez, fizemos um protesto em Ourinhos. Aproveitamos o dia de abertura da Feira Agropecuária. Invadimos a arena com as bandeiras, gritando. Tinha um homem fazendo uma apresentação de sanfona, ele chegou a cantar com a gente (os gritos de ordem). Hoje em dia, a APEOSP faz umas reuniões dos aposentados, mas eu não participo mais. Acho assim: deixa para quem está na ativa. Quando acontecia manifestação na Paulista, saia três ônibus, lotados

de professores, daqui de Assis. O Santilli²² oferecia ônibus para a gente participar. Ele foi um bom prefeito.

Para finalizar, quando a senhora começou a frequentar a Unati?

E.: um pouco antes de me aposentar, em 2014. Eu fazia 7/8 oficinas por semana, todo dia estava na Unesp, precisava preencher meu tempo. Entrei no coral do Centro Espírita e no (coral) da Unimed também. Foi o jeito que eu encontrei para não passar muito tempo deitada na cama. Estava na oficina de capoeira, espanhol... Só parei agora por causa da pandemia, não me adaptei às atividades online. Em um dos corais, a gente até conseguiu fazer uns ensaios *online*, foi interessante, mas, agora, a gente já voltou a se encontrar pessoalmente. Eu também participo do Agita Assis²³, as reuniões acontecem aqui do lado, no Parque Buracão.

- Elenira me convida para tomar lanche: pão de queijo e suco natural de laranja. Enquanto ela arrumava a mesa, vejo um quadro no corredor. Nele, há inúmeras fotos suas, em diferentes épocas, desde criança, até os dias atuais. Ela me explica que é um quadro comemorativo do seu aniversário de 70 anos. Me chama atenção a foto em que ela está fazendo uma fala, no microfone, como representante do grêmio estudantil, durante a adolescência. Elenira me chama para o quintal dos fundos da casa, onde tem uma parreira. Chegando lá, ela colhe algumas uvas e me oferece para eu experimentasse. Depois do lanche, vamos até o portão da casa, onde conversamos mais um pouco na calçada, enquanto isso, Chocolate corria e passeava pela rua. O final de tarde estava muito bonito, havia chovido, o tempo começava abrir novamente. Nos despedimos com um abraço, Elenira me fala que, como o céu estava muito bonito, ia aproveitar para ficar mais um pouco na rua com o Chocolate. Enquanto caminho de volta para casa, aproveito para tirar algumas fotografias daquele entardecer.

²² José Santilli Sobrinho (PDC/PRP/PRT/MDB/PMDB/PSDB). Deputado Estadual (1954-1958; 1959-1963; 1963-1966), Federal (1966-1970; 1974-1978; 1980-1984) e, por fim, Prefeito da cidade (1984-1988; 1992-1996). Fonte: <<https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=316358>>.

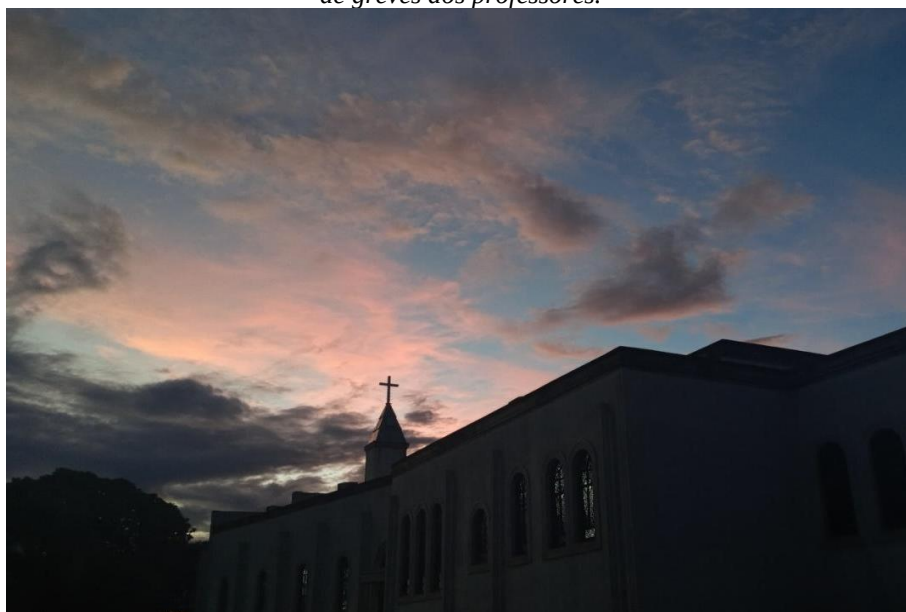
²³ Programa elaborado em conjunto, entre as Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Unidades da Estratégia Saúde da Família (ESF), com o objetivo de estimular a prática de exercício físico regularmente. Fonte: <<https://saude.assis.sp.gov.br/pagina/21/agita-assis>>.

Figura 50. *Lua cheia.*



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

Figura 51. *A Paróquia do bairro Santa Cecília: ponto de encontro religioso e, também, espaço de articulação de greves dos professores.*



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

Relato de Lourdes

Primeiro Encontro (09 às 11h30)

Eu havia combinado com Lourdes, 74 anos, um encontro na terça-feira, porém, na segunda-feira daquela semana, tomei a dose adicional da vacina contra a Covid-19, apresentei um quadro de reação à noite, achei melhor remarcar a entrevista para dali dois dias. Lourdes compreendeu a situação e completou a mensagem de voz dizendo: “melhora logo, viu?”. Na manhã da quinta-feira, fui a pé até sua casa, localizada a 2,5km do campus da Unesp. Trata-se de um bairro que, diferentemente da região onde as outras senhoras que participaram da pesquisa moram, este fica próximo do centro comercial da cidade. Toco a campainha, Lourdes me recebe com simpatia, entramos na sala, onde vejo diversos quadros de fotografia de seu filho fardado: ele é policial militar. Lourdes se senta em um dos sofás, na cabeceira dele, está apoiada a bíblia e um copo de água. Logo à frente, vejo uma cesta com agulhas e novelos de lã que ela usa para fazer crochê. Reparo que, no teto, existem móveis de pássaros, sendo que, junto a porta de entrada da sala, há um suporte com água para beija-flor. Mesmo preso no quintal dos fundos, o cachorro de Lourdes latia ao perceber o movimento na casa, ela me explica que Thor é de porte pequeno, mas bravo. Me sento no sofá ao lado, conversamos um pouco sobre a situação da pandemia. Em seguida, apresento para Lourdes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ela lê o documento com tranquilidade antes de assiná-lo. Depois, me fala que conhece meu orientador e coorientadora, já havia participado de oficinas na Unati organizadas pelos dois. Explico para Lourdes que tenho interesse em ouvir sua história de vida, com ênfase na descrição dos espaços e dos relacionamentos que ela vivenciou. Peço autorização para gravar nossa conversa, noto que há um banco próximo ao sofá, o qual utilizo para apoiar o gravador. Me detenho e pergunto: “a senhora ia usar o banco para esticar as pernas?”, ela me responde que não, que posso usá-lo, já que gosta de esticar as pernas somente enquanto faz crochê.

A senhora pode me falar sobre a origem de sua família?

Lourdes: meu avô era mineiro e a minha avó era espanhola. A família dela foi para Poços de Caldas/MG. Lá meu vô casou e teve meu pai, mais uns cinco/seis filhos. Depois, meu pai *casou* com minha mãe e nós fomos para Apucarana, no norte do Paraná (cidade a 165km de Assis). Lá, minha mãe teve treze filhos: só um homem. Eu trabalhei desde pequena, eu tinha uns

dez/onze anos eu já pajeava criança. Meu pai era daquela época que menina não estudava, porque dizia que mandava carta para namorado, fazia coisas que não podia. Então, eu me criei analfabeta. Quando eu *casei*, eu casei com dezesseis anos. Fui morar em Ivaiporã, no Paraná (cidade a 267km de Assis). Lá em Ivaiporã, eu tive meu filho... Que eu digo, meu único filho, hoje ele está com 49 anos. Eu vivi casada por 58 anos. Quando foi dia 30 de setembro de 2019, ele (marido) morreu. Agora, eu sou sozinha, e quero permanecer sozinha. Não vou ter mais marido, não. Eu fui muito feliz com meu marido, meu marido fazia de tudo para mim, eu gostava muito dele. Ele era policial militar, daí reformou, nós viemos para cá (Assis), ele era de Cândido Mota (cidade vizinha de Assis). Daí, os parentes dele morava tudo aqui: pai, mãe, irmão... Daí nós viemos para cá, em 1988.

Como era a casa onde cresceu?

L.: eu cresci lá em Minas, vim de Minas com nove anos. Era barreada, casa feita de taquara, bambu e tacava barro em cima. Não tinha chão, era só pisado assim, sabe? Era desse jeito... Coberto com sapé, *nós era* de origem bem pobre mesmo, bem pobre. Ali era patrimônio de Poços de Caldas, igual Tarumã era de Assis. Era bem pobre, igual aquelas favelas do Rio de Janeiro, mas lá, cada um tinha seu chão para plantar, era desse jeito. As mulheres tinham filho em casa, não ia nem no médico. Eu só fui *no* médico quando fiquei grávida do meu filho.

O pai da senhora trabalhava com plantação?

L.: plantação de milho, arroz, feijão... Mas plantava só para comer, ou então, quando um ficava sem, fazia um tal de mutirão para colher, guardar, armazenar... Tinha quem criava porco, galinha, vaca. Quando uma pessoa ficava sem mantimento, ia na casa do outro buscar, sabe? Era bem assim, era muito bom.

E sua mãe?

L.: minha mãe fazia comida para as pessoas que *trabalhava*, porque fazia mutirão e plantava tudo no mesmo dia. Ninguém era sozinho, um ajudava o outro. Sabe, quando um matava porco, era repartido para cada pessoa vizinha, era tudo bem *organizadinho*. Meu pai tinha uma venda de vender açúcar, quando o açúcar era de saco ainda... Açúcar, arroz, feijão, bala... Todas essas coisas, e sardinha também tinha. Goiabada... Essas coisas *tinha* também. Minha mãe pouco

ajudava porque ela acabava de ter um filho, dali a pouco, já tinha outro. Foram quatorze filhos, mas morreu um, ficou treze. Meu pai que era o parteiro, cortava o umbigo com coisa quente, curava com tabaco, fumo de corda bem moído e azeite de mamona. A criança crescia forte, bonita, gorda. Não tinha esse problemão de agora...

Qual é a ordem de nascimento?

L.: deixa eu ver... Sou a quinta.

Então a senhora viu vários nascimentos...

L.: vi! Eu lembro de quase todos, do meu irmão eu lembro. De todo mundo eu lembro, a gente vendo. Muitas vezes, mandavam a gente para fora de casa, não podia ficar perto.

Como foi a infância em Poços de Caldas?

L.: *ixi... Nós brincava* na água. No lugar que a gente morava, tinha um riozinho que passava no fundo, a gente ia lá nadar e dar *bambuzada* nos urubus. *Nós era* arteiro, menina! (rindo) *Ixi...* Tinha balanço lá nas árvores, uma vez, arrebentou com minha irmã, esfolou tudo. A gente entrava em caverna, tinha morcego, um grudou no cabelo da minha irmã e não saía... Meu pai fazia de tudo para tirar o morcego da cabeça da minha irmã e não conseguia, aí pegou e raspou a cabeça dela para tirar o morcego. Lembro dele com a faca... Tenho isso gravado, até hoje tenho medo de morcego. Nós nunca *tivemo* o cabelo cumprido, meu pai não deixava, tinha o cabelo cortado que nem tijelinha, sabe? Mas foi um *tendeu*. Às vezes, a mãe pedia para gente ir lá no galinheiro, no ninho, pegar ovo. Um dia, tinha uma cobrona perto do ninho. *Passemos* um dos maiores dos perrengues, no fim, tudo deu certo. Meu pai ia matar porco quando chegava mês de dezembro, essas datas assim (festivas). Ele matava porco para assar. Meu pai ia com meu tio: meu tio segurava o porco e meu pai dava tiro, olha se tem cabimento uma coisa dessa... Perigo, né? Dava tiro com a espingarda. Cada coisa que eu já passei, que eu vou te contar...

Vocês brincavam entre os irmãos ou juntava com os vizinhos também?

L.: não, era só os irmãos. Minha mãe nunca *deixou nós* sair assim, ir para casa dos outros. Quando a mulher ganhava nenê, a pessoa ia visitar e levava de presente uma galinha, sabe? E a

gente ia. Minha mãe falava: “se eles oferecerem coisa, *vocês não pega*. Fala muito obrigado”. Não podia pegar nada que oferecesse, porque minha mãe dizia que era falta de educação.

Existia um centro comercial ali onde moravam?

L.: em Poços sim, mas onde a gente morava, na roça, não. Tinha o rio que passava ali perto. A gente ia até uma ponte, ficava tacando pedra dentro da água, *vendo ela* pular. Eu conheci carro, porque ia levar açúcar, sal, lá na venda do meu pai. Era uma caminhoneta, ela tinha um pássaro em cima do capô, eu achava a coisa mais linda do mundo aquele pássaro, tentei várias vezes arrancar (gargalhamos), o pássaro era grudado no capô do carro, mas ninguém viu... Não podia pôr a mão do carro do homem.

A convivência era mais com a família?

L.: só com a família, a não ser quando acontecia terço na casa da gente, mutirão, daí tínhamos contato com essas outras pessoas... Ia muito cigano lá, sabe? Falavam que cigano carregava as crianças. Quando minha mãe saía para levar o almoço para turma da roça, a gente ficava sozinho em casa. Um dia, chegou uma ciganada. Minhas irmãs correram tudo para dentro (de casa), a minha irmã mais velha que atendeu eles. Quando minha mãe chegou, deu por falta de linguiça e do rolo de fumo. A gente tinha um varal de linguiça, linguiça feita em casa, sabe?

Sua irmã é quantos anos mais velha que a senhora?

L.: agora, ela tem 86 anos, então é coisa de doze anos mais velha. Ela está com Alzheimer. Depois que meu cunhado morreu, ela ficou com Alzheimer... Meu sobrinho *trouxe ela* aqui (Assis), ela não me reconheceu. Me deu uma tristeza... Também, mais de 60 anos casada, o marido morreu de câncer, aí ela desenvolveu Alzheimer. Ela fazia crochê e tricô como ninguém, ela que me ensinou essa parte de lã. Tem uma enfermeira que cuida dela de dia e outra que vai de noite. Dos seis filhos que ela teve, é o meu sobrinho que mora com ela, que faz todas as coisas. Os outros são casados, vão lá de vez em quando só. Ela está bem de saúde, mas não conhece nem os filhos... É desesperador, coitada. Tenho mais duas irmãs que moram na mesma região que ela, lá em Minas Gerais.

Como era a relação com sua mãe?

L.: a minha mãe era muito brava, meu pai não, ele era bem bom. Ele deixava as partes ruim para minha mãe, sabe? Então, a minha que mandava a gente fazer as coisas, a minha mãe que dava o cacete quando a gente fazia coisa errada, e era muita coisa errada que a gente fazia (rindo). A gente era arteiro que Deus me livre. Eu adorava minha mãe. Depois que nós viemos para Apucarana, minha mãe trabalhava na casa dos outros, de diarista. Tudo *nós trabalhava* de doméstica também, depois se encontrava só de noite em casa. Ela era boazinha, mas quando nós éramos pequenos, ela era brava. Mas também... Pudera. Quando mudamos para Apucarana, ela já tinha seis filhos.

- Lourdes recebe uma mensagem no celular, é o seu filho. Naquele dia, quando ele saísse do serviço, passaria para visita-la.

Seus pais eram alfabetizados?

L.: minha mãe não, meu pai era. Minha mãe era da época de que mulher não estudava. Ela não sabia fazer nada escrito, mas tinha tudo de cabeça: pão, bolo, essas coisas de cozinha, era só de cabeça, não lia nada, era incrível, fazia umas coisas boas. Quando ela ia lavar roupa no rio, ela levava duas ou três meninas (filhas) com ela, *nós ajudava ela* a carregar o sabão, as escovas, a tábua. Depois, ela torcia e a gente estendia na cerca de arame. O sabão era feito de cinzas. Pegava uma lata de vinte litros, naquele tempo, banha vinha na lata de vinte litros, querosene também. Punha as cinzas dentro, socava bem dentro da lata, fazia um furinho em baixo e colocava água, ia caindo aquela coisa pelo furinho, chamava *diquadra*, era o sabão. *As cinzas era* do fogão de lenha. A gente tomava banho com aquele sabão, lavava louça, mesa, banco e pronto. *Os lençol*, toalha de mesa, até as roupas da gente era tudo de saco de mantimentos. Até as peças de baixo da gente era de saco. O único saco que não dava para fazer roupa era o de sal, porque era muito furadinho, agora o resto, até as toalhas era de saco. Minha mãe desfiava a ponta e costurava uma parte do saco em outro, fazendo desenho entre eles. Fui usar *meu primeiro alpargata*, eu tinha doze anos. Trabalhava para uma mulher, cuidava do molequinho dela, ela me deu *um alpargata*, já era em Apucarana, antes eu só andava descalça. Meus pais tinham alpargata, mas eu lembro da minha irmã mais velha, bem grandona, descalça. Ela se casou com quinze anos. Os pratos da gente era latinha de goiabada e as panelas de ferro. A

gente comia o que sobrava de um dia para outro, macarrão com frango eu adorava. Agora, dizem que até arroz que guarda de um dia para outro faz mal... Hoje não pode nada.

E energia elétrica?

L.: não tinha... Nem quando mudei para Ivaiporã (em 1964), ainda não tinha também. Existia um cinema lá, que funcionava a base de gerador. Quando acabava o filme, desligava as luzes, era asfaltado só na frente do cinema. Mas, lá em Minas (quando Lourdes era criança), a única coisa que a gente tinha era um rádio, que ficava bem no alto. Funcionava à bateria. Só meu pai ligava, ele ouvia o jornal, que era de Brasília. Quando o Juscelino Kubitschek foi candidato, meu pai ficava escutando no rádio ele falar. No rádio, tinha missa, música... Mas quando dava 18h, meu pai ouvia o jornal e nós ficávamos brincando na terra. Eu não entendi bulhufas daquilo.

A família da senhora frequentava a igreja?

L.: tinha uma capela perto de casa, fazia batizado, catecismo, primeira comunhão, casamente, tudo lá. Quando acontecia batizado, organizavam almoço na casa do padrinho da criança. Era todo mundo compadre, porque morava perto um do outro. Naquele tempo, não via evangélico, só católico. O padre ia até lá a cavalo para rezar missa. O terço era as pessoas mesmo que *fazia*.

Gostava de ir à capela?

L.: eu gostava, eles davam uns santinhos *petiticos* para a gente, santinho de papel, o padre trazia uma vez por ano. Eu guardava aqueles santinhos com tanto amor, menina! Nossa, era uma relíquia.

E as brincadeiras?

L.: brincadeira de roda, passa-anel, esconde-esconde... Às vezes, acontecia das minhas irmãs mais velhas não me deixarem brincar, porque elas eram maiores. Uma vez, meu pai marretou um dedo da minha irmã porque ela tinha passado esmalte. Não podia usar esmalte, batom... Deus me livre. A coitada da minha irmã... Tinha uma frutinha que quando *cavocava* ela, soltava uma tinta, a minha irmã fez isso e passou nas unhas. Aí não tinha com o que tirar... Meu pai

martelou a mão dela com chinelo, e ela não conseguia tirar a tinta. Minha mãe passava bombril na mão dela. Foi um tendeú. O que minha mãe pode fazer, ela fez. No final, minha irmã passou a mão no carvão, ficou com a mão tudo suja para o pai não bater nela. Outra vez, foi visita lá em casa, e a gente (criança) tinha que ficar para fora. Minha mãe fez bolinho de chuva e minha irmã foi lá pedir. Depois que a visita saiu, vimos a mãe bater bolinho. Quando ela terminou, colocou uma bacia de bolinho em cima da mesa. Fui eu e minhas irmãs. Ela disse que a irmã que tinha pedido bolinho seria a que comeria mais. Minha mãe *fez ela* comer como forma de castigo. Até hoje ela não come bolinho de chuva, coitada. Aquele tempo não podia nem dizer “você”, era só “senhor” e “senhora”. Eu tenho dois netos: um tem dois e outro tem quatro anos. Ontem, vieram aqui. Deixaram a minha casa em condição de miséria (rindo). Eu não tenho faxineira, sou eu mesma que limpo. Minha nora até ofereceu ajuda para limpar, mas limpo cada dia uma coisa. Deixaram tudo fora do lugar. O de quatro anos parece um relâmpago, na mesma hora que está aqui, já está lá no fundo mexendo nas coisas.

Havia alguma linha de trem perto de onde vocês moravam?

L.: não... O que tinha era jardineira, não chamava ônibus, não. Abria a porteira e a jardineira passava. Conheci o trem quando vim para Apucarana. O meu avô morreu e fomos para Minas de trem, era maria fumaça, a fuligem ficava tudo na roupa da gente. Dava oito dias de viagem. Quando chegamos, minha avó tinha morrido também, demorava para chegar a carta. Ficamos sabendo da morte meu avô, um mês depois que aconteceu, era o tempo que demorava para chegar a carta. Nós voltamos de caminhão. Quando nós mudamos para Apucarana, fomos morar numa casa que era um hotel abandonado. Houve um crime nesse hotel, então ele fechou. Quando chegamos em Apucarana, não tínhamos para onde ir. Fomos ficar uns dias ali até achar uma casa. Depois *nós mudemos* para uma vila, eu tinha dez anos.

Quanto tempo moraram no hotel abandonado?

L.: seis meses, uma das minhas irmãs nasceu lá. Depois, fomos para uma casa de madeira, com assoalho, de quatro cômodos. Tinha duas camas de casal num quarto, a gente dormia tudo junto. Meus primos, quando ia lá, a minha mãe punha comida numa bacia e *nós comia* tudo junto, não tinha separação.

Seus pais estavam trabalhando?

L.: meu pai trabalhava no frigorífico. Ele matava e tirava o couro. Minha mãe era lavadeira de roupa e limpava a casa dos outros também. Como minha mãe ia na casa das pessoas, já aproveitava para arranjar emprego *pra* gente. A primeira mulher para quem eu trabalhei, eu tinha uns onze anos, ela tinha uma menina e um molequinho. Ele era tão pesado que eu não aguentava pegar ele no colo. Então, ela colocava o menino no carrinho, no berço... Mas eu tinha que fazer tudo, menina. Tinha que lavar louça, estender fralda... Um dia, no carnaval, a mãe saiu e deixou o molequinho só comigo. Ela me falou: “se o Wilsinho chorar, você dá umas gotinhas desse remédio que eu vou no carnaval”. Ele começou a chorar, dei a mamadeira e ele chorando, chorando... Fui lá no vidro de remédio, mas eu não sabia contar, dei o remédio para ele. O moleque dormiu que precisou ir para o hospital acordar, menina do céu. Eu me assustei, fiquei com medo, fui lá e enchi o vidro do remédio com água. Eu tinha dado muito. Passava cada perrengue que Deus me livre... Ela (patroa) que dava a comida para mim, ela pegava a sobra do prato das crianças. Fazia doce, gelatina, sagu, dava pouquinho para mim. Uma vez, fui numa janta com ela, eu não tinha roupa. Sabe o que ela fez? Pegou uma fronha e fez um vestido para *mim* ir. Foi essa mulher que me deu a alpargata. Fiquei com as crianças no carrinho, enquanto ela jantava. Um vestido de fronha, já pensou? Ele ficou comprido ainda.

A senhora recebia pagamento?

L.: recebia, mas dava tudo para minha mãe. Não ficava com nenhum tostão, não sabia nem quanto eu recebia, ela pagava para minha mãe. Depois, quando eu era maior, tinha uns doze anos, dava o dinheiro para minha mãe, morria de dó de ver ela trabalhando, ela tinha uma porção de varizes nas pernas. Trabalhava que nem uma condenada, quando chegava em casa, colocava as pernas para cima e ficava passando a mão, dizendo que doía muito. Eu morria de dó dela. *Nós trabalhava* até de dia de domingo. Quando eu pajeava o molequinho, dormia na casa da patroa, numa cama de campanha. Ela me mandava passar enceradeira no chão da casa, a enceradeira me puxava, eu não tinha força. Me mandava passar o escovão então. Eu encerava a casa de joelho, ficava tremendo depois, porque o cheiro da cera era muito forte.

E se precisasse ir ao médico?

L.: *ixi...* Não levava, não. Uma vez, eu cortei meu dedo, ela (patroa) amarrou um paninho, nem passou remédio, meu dedo ficou roxo. Ela passou sal com água.

Como se cortou?

L.: fui lavar a mamadeira do moleque, naquele tempo, a mamadeira era de vidro. Ela falou para eu limpar a mamadeira com água fervendo, segurei com uma mão, e joguei a água com a outra. Quando a água encostou no vidro, ele trincou e cortou meu dedo... Ela disse que ia tirar do meu ordenado o valor da mamadeira. No final das contas, acho que ficou com dó e não descontou. O marido dela era farmacêutico, e eles arranjaram uma mudança para Curitiba. Ela queria me levar junto, mas eu arranjei um outro lugar para trabalhar. Minha mãe arrumou para mim. Essa mulher (patroa) era boa. Trabalhei com ela até quando eu *casei*. Ela não ligava para nada, na hora de comer, fazia eu *sentar na* mesa junto com ela. Na hora de dormir, me perguntava se eu não queria comer mais nada. Eu morava lá na casa. Só o marido dela que era um sem-vergonha. O marido dela queria me agarrar. Ela tinha só três filhos. Tinha telefone na casa dela. A outra patroa (a primeira), Dona Luísa, era desesperadora.

A Dona Luísa ficava o tempo todo em casa?

L.: ficava lendo revista, a *Manchete*. Ela teve o Wilsinho quando eu já trabalhava lá. Era o dia inteirinho vendo revista. Tinha umas de história em quadrinho que eu gostava de folhear.

Escondido?

L.: escondido! Ela tinha coleção de revista, gibi, chaveiro e dinheiro. Quando ela saía, igual o dia que ela foi para o carnaval, eu fiquei olhando as revistas de quadrinhos, que coisa bonita, mas eu não sabia ler. Via umas pessoas bonitas. Fui ver televisão, eu já era casada, era preto em branco, a gente assistia mais chuveiro que televisão. Isso demorou ainda, porque lá em Ivaiporã não tinha luz, só gerador. Dava dez horas, apagava tudo. Eu tinha radinho de pilha, onde eu escutava novela. A TV tinha uma *antenona* que só pegava chuveiro, a gente via só a sombra das pessoas. Estava passando “Os irmãos coragem”. Tinha o Chacrinha, o Silvio Santos, o Bolinha, tudo de dia de domingo. A gente assistia de domingo aquelas tontices. O que tinha

muito em Ivaiporã era circo, eu adorava. Depois que meu filho nasceu, não fui mais. Eu fiquei nove anos casada para depois ter filho. Eu ia no circo, no parque... Adorava andar na roda gigante. Meu marido era polícia, então a gente não pagava para entrar nos brinquedos. Eu gostava de jogar para ganhar ursinho, a gente jogava argola.

Brinco: a senhora era boa de mira?

L.: que nada... (rindo) Era ruim, sempre perdia.

E o marido da senhora?

L.: ele não ia no parque comigo. Eu ia com as vizinhas e com os filhos delas. Com dezesseis anos, eu ia muito em parque e circo. Ia em procissão de uma cidade para outra. Quando a gente é criança, não cansa.

Então ele deixava a senhora sair?

L.: deixava, ele nunca foi ciumento. Ele deixava eu ir na Unesp, eu ia quatro dias da semana na Unesp, cada dia era uma oficina diferente. Ele era muito bom.

Das revistas que a senhora via, teve algo que te chamou atenção?

L.: eu levei um susto quando vi a imagem de uma mulher grávida, com um neném na barriga. Não sabia que se nascia da barriga, nunca ninguém me falou, né? Eu vi aquela criancinha dentro da barriga da mulher, mas levei um susto que joguei a revista longe.

Era uma ilustração?

L.: era uma propaganda de remédio, aparecia o neném de cabeça para baixo e a mulher com a mão apoiada na barriga. Menina do céu...

E quando a mãe da senhora engravidava?

L.: a gente nem reparava na barriga, porque ela era gorda. Quando nascia o nenê, eu não sabia de onde tinha vindo. Não sabia nem que mulher ficava menstruada. Eu menstruei tarde, tinha quatorze anos. Procurei minha irmã mais velha para conversar, ela falou: “é assim mesmo, todo mês vai acontecer”. A mãe que fazia as calcinhas para a gente, aí ela começou a fazer umas calcinhas mais forradas no fundo. Ao invés de chegar e contar... Minha irmã que explicou para mim. Quando eu me casei, não sabia o que precisava fazer também...

E aí?!

L.: e aí que eu quase morri de susto. Depois que fiquei grávida do meu filho, quase morri de susto novamente, quando ele começou a se mexer dentro na minha barriga. Tinha uma vizinha que se chamava Genoveva, ela me falou que, depois de quatro ou cinco meses, o bebê começa a mexer. Ele ou ela, não tinha esse negócio de saber o sexo do bebê. Quando ia fazer o pré-natal, o médico usava um negócio, parecido com um funil, que ele apoiava na barriga e escutava o coração do bebê. Ele dava para a gente escutar o coração também, eu achava a coisa mais linda aquela batida. Não tinha ultrassom... Era tudo parto normal. Cesariana só se estivesse morrendo.

Nesse meio tempo, o que as irmãs da senhora faziam?

L.: estavam tudo trabalhando, só a mais velha que era casada. Uma delas, trabalhou a vida inteira na mesma casa, cuidou dos filhos e dos netos de uma mesma família. Ela entrou menina lá também. Eu trabalhei na casa dos outros até me casar, eu me casei fugida.

Como foi isso?

L.: quando conheci meu marido, ele era 22 anos mais velho que eu. Ele foi para Apucarana fazer um curso da polícia. Eu *conheci ele* numa padaria, tomando café. Ele me perguntou umas coisas e eu respondi. Ele disse que precisava falar com meu pai. Perguntei: “você quer falar com meu pai por que?!” Polícia, né... Fiquei apreensiva. Bom, dei meu endereço para ele. Pois ele foi lá *pedir eu* em casamento, meu pai botou ele para correr. Eu trabalhava do lado da padaria

que ele tomava café e ele ficava me paquerando. Ele me falou: “vou terminar de fazer meu curso e vou embora”. Eu ia varrer a calçada só para ver ele.

A senhora gostava dele?

- Lourdes fica em silêncio... Olha para mim e faz que sim com a cabeça algumas vezes, ao mesmo tempo que abre um sorriso, demonstrando que gostava bastante do marido.

L.: quando ele chegava para tomar café, eu já ia varrer lá fora. Ele me dava sorvete, chocolate... Daí ele falou: “você não quer ir embora comigo?”, perguntei para onde, ele me respondeu que era para Ivaiporã, me disse: “chegando lá, nos casamos”. Daí, eu falei: “é bem agora que eu vou mesmo, eu vou”. Marcamos a hora, ele passaria para me buscar de jipe. Quando foi dez horas da manhã, falei para minha patroa: “não vou trabalhar mais aqui, não. Pode arrumar outra moça”. Ela respondeu: “meu Deus do céu... Você está com quinze anos, menina!”. Arrumei minhas coisas, peguei meu dinheiro e fui. Passei dois anos sem voltar para a casa dos meus pais. Quando chegamos em Ivaiporã, nós fomos morar na cadeia.

Sério?

L.: ele era carcereiro, tinha a cadeia e a casa do carcereiro. A cadeia não era de material, era de cerca de balaústre e madeira... E aquela *presaiada*... Era dois cômodos só a casa, tinha quarto e cozinha. Daí, deram a entrada para a gente *casar*. Chegou no batalhão, o comandante não deu ordem para o casamento. Fizeram um contrato de união estável, nós vivemos 58 anos juntos dessa forma, quando ele morreu, fiquei com o ordenado dele e sou mulher dele de verdade. *Casamos* na igreja, vivemos bem. Ele nunca levantou a voz para mim. Só depois de muito tempo de casados que ele me contou que meu pai *botou ele* para correr (rindo).

Quando a irmã mais velha da senhora se casou, ela precisou fugir também?

L.: não, ela se casou de véu e grinalda. Ela não sabia o que precisava fazer quando se casava. A casa dela e do marido ficava perto de onde meu pai morava. Meu cunhado trabalhava com meu pai, então deu a mão dela. Teve a festa de casamento, macarrão com frango e guaraná. Quando foi de noite, escutamos uma gritaria na porta de casa, era minha irmã, dizendo que não queria fazer nada com meu cunhado, já que estava com medo. O pai mandou *nós voltar* para cama,

ficamos escutando atrás da porta. No final, ela voltou com ele (marido). Mas não queria de jeito nenhum. A mãe da gente não falava nada dessas coisas, não. Hoje as mães contam certinho, naquele tempo, não. Aquilo que falei para você, de quando vi a imagem da mulher com o bebê na barriga, a minha patroa (Dona Luísa) que falou para mim que era desse jeito que o nenê nasce. Ela estava grávida do Wilsinho. Ganhou no hospital. Naquele tempo, eles tinham em casa um boneco do Pelé. Eu acho que custava caro, era o Pelé com a bola no pé. Essa Dona Luísa dava ovo de Páscoa para a filha e para o filho, para mim, não dava nem um pedacinho...

Comento: ela não te via como criança.

L.: ela não me via como nada... Aquilo era trabalho escravo. Eles usavam banheira e eu precisava ariar, tinha que entrar na banheira para ariar ela inteira. As únicas coisas que ela me deu foi a alpargata e o vestido de fronha. Quando eu trabalhava na Dona Luísa, ela não me deixava voltar para casa, tinha que ficar cuidando do Wilsinho, aquela passou a ser minha casa. A porta da geladeira dela, eu não aguentava abrir. Era um trinco que tinha que puxar para baixo. Ela guardava tudo na geladeira, então, se eu ficasse com fome, não tinha jeito de comer, ela que colocava comida no prato da gente. O café da manhã era uma fatia de pão com manteiga e um copo de chá. Na janta, era sopa de legumes. Eu passava uma fome, menina do céu...

Almoçava?

L.: almoçava só um prato. O que as crianças largavam, ela punha junto no meu prato. Aquilo era trabalho escravo.

A senhora não tinha nenhum momento de lazer então?

L.: que nada... *Malemá*, quando era carnaval, eu chegava na beira do muro, com as crianças, para ver os bloquinhos desfilando na rua. Eles passavam espirrando lança perfume na gente. Naquele tempo, não era proibido. Nem pegava, eu sentia só o cheiro. Essa Dona Luísa não ia numa missa, não ia em lugar nenhum. Ficava só dentro de casa. Uma vez, ela pediu para eu ir comprar uma revista para ela. Me deu o nome da revista escrito num papelzinho. O homem me deu a revista e eu voltei correndo para casa. O marido dela costumava ler muito jornal, ele era bonzinho.

Tinha energia elétrica?

L.: não, a geladeira era a querosene e a luz era de lampião. A vitrola e o telefone funcionavam a manivela. Nunca usei o telefone, só peguei para limpar. Eles tinham um piano também, o homem tocava piano.

Brinco: arriscou tocar piano alguma vez?

L.: (rindo) não tinha jeito! Aquela mulher não saía de casa... E tinha chave o piano. Ela guardava bombom, doce, tudo dentro de um armário com chave. Ela contava as laranjas na fruteira. Tangerina, manga... Quando ela ia conversar com a vizinha, antes, contava as coisas da fruteira. Voltava e fazia a contagem novamente. Acho que para escravo devia ser mais fácil... Eu só não apanhava. Cheguei a contar para o meu pai, meu pai me tirou de lá, dali a pouco a família foi embora para Curitiba. Foi quando comecei a trabalhar na casa da minha segunda patroa, até o dia que fugi para me casar.

Como a senhora conhecia o Pelé?

L.: eu ouvia o jogo no rádio... Quer dizer, eu ouvia os outros ouvindo o jogo no rádio. Esse meu patrão, marido da Dona Luísa, tinha um rádio bonito. Ele ligava para ouvir o jogo do Brasil, ele vibrava, era sempre o Pelé que fazia o gol. Era uma festa, soltavam foguete. Hoje eu não gosto nem de ver. O Pelé *tava* internado, né? Meu pai morreu com noventa e quatro anos, minha mãe, coitada, com setenta e três. Só sofreu essa mulher. Ela não soube o que é ser feliz, só trabalhou, não teve mais nada. Quando comprou uma casa, na COHAB (Companhia de Habitação Popular), um tempo depois, morreu. Aquele tempo era mais fácil aposentar, né? Ela aposentou, acho que não ficou nem dez anos aposentada e morreu.

Seus pais continuaram em Apucarana?

L.: sim, minha irmã levou meu pai para Minas, acho que já era em 1990. Vai fazer três anos que ele morreu. Só com minha irmã mais velha que meu pai gostava de morar. Ele chegou a passar uns dias aqui em casa, bateu um desespero nele, pediu para voltar para casa dela.

Qual o nome da segunda patroa que a senhora teve?

L.: Alzira, ela tinha dois filhos, uma menina e um moleque, os dois já eram mais velhos, foram estudar fora, em Arapongas, quando comecei a trabalhar na casa. Naquele tempo, tinha um negócio de internar as crianças em colégio de freira. Eu nunca mais *vi eles*, porque logo eu me casei. Eu ficava limpando a casa, lavando a roupa, passando roupa. Só comida que eu não fazia. A casa era de dois andares. Na parte de baixo, tinha um quartinho onde eu passava roupa, era onde eu dormia. Tudo quanto era roupa tinha que ser passado. O marido dela era advogado e usava terno, camisa de manga comprida... Era chique. Uma vez, eu *tava* lavando a banheira. Ele chegou e me agarrou por trás. Só Deus para *perdoar eu*. Quase morri de susto, taquei a bucha suja nele, daí ela (Dona Alzira) veio, passou um sabão nele que, nossa... Foi a minha sorte, viu? Foi um berreiro. Nunca mais ela *deixou ele* sozinho comigo. Ela só fazia serviço manual, bordado, pintura, muito bonitos os quadros que ela pintava. Ele era advogado de um banco. Todo mundo falava que ele era sem vergonha, mas eu não entendia o que queriam dizer com isso. Depois que eu aprendi o que era ser sem vergonha.

O pagamento funcionava da mesma forma? Ia direto para a mãe da senhora?

L.: sim, minha mãe passava lá uma vez por semana. Essa (patroa) me dava bastante coisa, me dava chinelo, roupa, perfume. A primeira vez que eu usei um batom, foi um que ela me deu.

Qual era a cor?

L.: cor de rosa... Perfume ela me deu um bem fraquinho.

O seu pai implicou?

L.: acho que nunca nem me viu de batom e perfume, porque eu quase não ia para casa e, quando eu ia, ele não estava lá. Meu pai jogava baralho. Geralmente, de domingo, quando a gente não trabalhava e eu ia visitar, ele estava fora, jogando.

Continuava sem momento de lazer?

L.: não tinha. Ia na casa dos meus pais de domingo depois do almoço, às duas da tarde. Ela (Dona Alzira) mandava eu voltar às cinco da tarde. Então, não tinha tempo nem de ir até a igreja. Nem até a pracinha. Não tinha nada dessas coisas. Minha patroa não saia também, o marido dela ficava o dia inteiro, de sábado e domingo, numa cadeira de balanço lendo livro.

A senhora só tinha sua certidão de nascimento de documento?

L.: sim, fui tirar a carteirinha do RG só em Ivaiporã. Hoje, o bebê já sai do hospital com CPF.

Tem fotos dessa época?

L.: naquela época, as fotos eram tiradas naquelas máquinas que o homem cobria o rosto com o pano, sabe? Tenho essa foto minha aqui (Dona Esmeralda aponta para um quadro na parede). É da época que eu fugi para me casar. Essa é tal da foto reproduzida, foi a Dona Alzira que mandou fazer. Esse anel, que estou usando, era da Dona Alzira, ela falou para eu colocar, disse que ficaria bonito na foto. O rapaz veio em casa, me desenhou rapidinho, uns três meses depois, chegou o quadro. Faz pouco tempo, fui ali na avenida com meu neto, pedi para fazer um retrato pintado dele, saiu igualzinho. Dei para minha nora, ficou tão bonitinho.

- Pergunto se Lourdes têm fotografias de sua família, ela me chama para sala ao lado, onde está montado seu ateliê de costura. O tampo da mesa de trabalho é forrando de imagens, sobre elas, há uma folha de vidro, protegendo. Vejo fotos antigas da família, alguns retratos do marido, filho e netos. O cachorro, Thor, volta a latir, parece agitado no quintal. Retornamos para a sala, onde Lourdes me mostra porta-retratos na estante, com fotos de seus netos. Ela se diverte: “olha o que meu netinho me deu de presente ontem, um *hominho*”. Um homenzinho de brinquedo, que Esmeralda deixa de enfeite, sentado na estante da sala. Proponho a ela mais um encontro: Lourdes aceita.

Segundo Encontro (09 às 13h)

Nessa manhã, garoava, tornando o trajeto que, de hábito, eu fazia a pé, um pouco mais complicado. Chego à casa de Lourdes agindo de forma desajeitada, tentando dar conta de fechar o guarda-chuva sem deixar a pasta, com o roteiro de entrevista e o gravador de voz, molhar ou escorregar para o chão. Por sua vez, Lourdes me recebe com serenidade. Trocamos comentários genéricos sobre o mau tempo. Procuro um lugar para deixar o guarda-chuva, é quando noto alguns enfeites de corujas, compondo a decoração da fachada da casa. A partir daí, retomamos nossa conversa.

Comento: então a senhora gosta de coruja...

L.: gosto, tenho coruja para tudo que é lado! Só tirei as que ficavam aqui da estante da sala, porque meus netos acabam quebrando. Uma coruja fez ninho na casa do vizinho, chocou três filhotes, coisa mais linda. Precisa ver que bonitinha. Quando ela faz ninho, não vai embora, não. Ela fica. Daqui do vizinho, ela foi embora porque pintaram a casa, sabe? Se não tivesse pintado, ela não teria ido embora, a coruja era bem chegadinha lá. Os meninos da roça *comprava* carne para dar pra elas. Estendiam a carne num pedaço de bambu, elas pegavam. Outro bicho que eu acho lindo é gavião, lá no sítio do meu filho tem. Vai tucano também, tem uma mata ali perto. Na Unesp, teve uma época, aparecia macaco, a gente dava fruta para eles, iam comer manga, tem bastante pé de manga na Unesp. Teve uma vez que eu estava no sítio do meu filho, cuidando do meu neto, ele queria ir até o galinheiro pegar ovo. Chegamos lá, tinha uma sucuri. Ela estava só com os pés de um frango para fora da boca. Chamei o rapaz do Ibama, meu neto queria ajudar a tirar a cobra. Tiraram ela de lá dentro de um tambor azul. Elas comiam tudo os coelhos que meu filho criava. Menina do céu... Meu neto diz que não tem medo, a única coisa que ele não gosta é de trovão (rindo), vê se pode?! As búfalas, que meu filho cria no sítio, são mansinhas, é um bicho feio, rústico, mas tão bonitinha... Bom, do que mais a gente vai falar hoje?

Paramos na parte que a senhora fugiu para Ivaiporã (1964).

L.: nós moramos bastante tempo na casa do carcereiro, até *nós comprar* uma casa. O carcereiro tinha que ficar perto da cadeia, né? Então *nós compramo* uma casa em frente.

Como era Ivaiporã?

L.: era uma cidadezinha que não tinha luz nem água. Era poço de tirar água. Não tinha nada. Quando eu *tava* grávida do meu filho, chegou a luz. A gente já podia ter uma televisão, um rádio. Depois de um tempo, veio a água. Daí ficou bom. Já veio o asfalto. Caro o asfalto! Para eles passarem asfalto na frente da casa da gente, tínhamos que pagar. Era caro que Deus me livre... Pagamos parcelado, à vista, não tinha ninguém que pagasse. Hoje já é uma cidade grande. Naquela época, tinha o armazém que vendia tudo em saco de papel. O *Bazar Santa Rosa* vendia linha, botão, tecido. Quando eu estava fazendo meu curso de costura, era só lá para comprar essas coisas. Terminei o corte e costura, durava três anos de estudo, já começou a chegar loja, a *Pernambucanas*...

Quando chegou o asfalto, existiam outras casas próximas à sua?

L.: sim, era uma vila comprida, a nossa casa era de esquina. Então, cobraram o asfalto dos dois lados para a gente. Todo mundo tinha que pagar. Quem não ia querer asfalto na frente de casa? A terra, em Ivaiporã, não é igual a daqui: arenosa. Lá, a terra é vermelha, vermelha... Todas as casas tinha um facão na porta para limpar o sapato. Um facão ou uma enxada. As pessoas faziam tudo a pé ou de jipe. Quando chovia, antes de ter asfalto, colocavam corrente na roda do jipe, caso contrário, deslizava. A gente tinha lampião de querosene. Quem usava lamparina, amanhecia com o nariz tudo preto de respirar fumaça. O lampião tem o vidro em cima, a fumaça não vai para fora. Ninguém tinha geladeira, porque ainda não tinha chegado a luz. As que funcionavam a querosene eram caras. Juiz, promotor, advogado era quem tinha geladeira. Minha primeira geladeira, foi quando meu filho nasceu, em 1972. Meu marido mandou fazer uma casa de madeira para a gente, *pro* meu filho já nascer numa casa. Ela era bem-feitinha, com banheiro dentro de casa. Antes, o banheiro era fora de casa, e o chuveiro era daqueles de puxar com corda, sabe? Quando eu estava lavando o banheiro, comecei a ter contração, nem terminei de limpar o banheiro. Minha comadre, que era vizinha, terminou de limpar o banheiro para mim. Voltei para casa, já estava tudo certinho. Até hoje a casa está lá. A nossa primeira casa (do carcereiro) e a cadeia foi desmanchado, fizeram um hospital público ali. Antes, só tinha o *Hospital Bom Jesus*, onde eu tive meu filho. Era pago.

O que a senhora achava do convívio com seu marido?

L.: foi bom, porque eu era muito nova, então, para mim, ele era um pai. Ficamos nove anos sem ter nenê, eu não queria. Aí veio o meu filho, eu queria uma menina. Meu marido tinha um espírito de acalantar, acolher. Quando tinha algum problema, dor de cabeça, ele não saía de perto.

Como era sua rotina?

L.: aquela época, eu fazia curso de corte e costura. Fica lá, vendo o tempo passar. Fazendo comida... Fazia carne de sol, de lata. Comia o ano inteiro aquilo. Eu ia em circo, parque, no cinema. Eu ia quase toda quarta. Assistia “Mazzaropi”, “Carlito”, “Gordo e o Magro”, tudo que era essas tontices, eu ia assistir. Arrebentava a fita, demorava um século para consertar. Quando consertava, o filme voltava para o começo. A gente não cansava de ver a mesma coisa, só tinha aquilo. Às vezes, acontecia a quermesse, faziam bingo valendo vaca, galinha, porco. Eu jogava, mas nunca ganhei nada. Eu me perdia para colocar as peças no lugar. Ganhei uma máquina de costura simplesinha numa rifa, não usei muito, porque, quando me formei no corte e costura, meu marido me deu uma máquina zigue-zague. Comprava a máquina, ganhava uma caixa de costura. Hoje em dia, capaz que você compra a máquina e paga a correia à parte.

Com quem a senhora ia ao cinema?

L.: com a Dona Genoveva, ela era uns 20 anos mais velhas do que eu. Como meu marido era polícia, a gente não pagava. No cinema, parque, circo... A gente entrava de graça. No circo, tinha show de cantor, teve *Tonico e Tinoco*. Esses cantor bem *antigão* mesmo... A gente ficava tudo feliz, porque não ia ninguém para lá, e eles vinham tudo de São Paulo, né? Nos parques, eu gostava da roda gigante. Descia, entrava na fila de novo (rindo). Tinha a Dona Geni também, minha comadre. Eu que batizei o filho dela, ela ia comigo e com a Dona Genoveva.

Suas vizinhas?

L.: sim, vizinhas de balaústre. Aquele tempo não tinha muro: era cerca. A gente pedia, na cerca, coisa um para o outro. Ou, se fizesse algo diferente em casa, ia até a cerca levar para o outro.

Elas eram casadas com policiais?

L.: não, a Geni era casada com um escrивão, já a Genoveva era casada com um homem que tinha armazém. Tinha a Dona Dina. Ela era casada com um homem que vendia bilhete. Ele vendia bilhete na calçada, não existia lotérica, ele vendia jogo do bicho, rifa... Agora não pode fazer mais nada dessas coisas. A Dona Cida era uma vizinha que não podia ter filhos, ela pegou, de papel passado, um menino. Era de uma das mulheres que andava de charrete, deu para Dona Cida criar. O menino dela é meu afilhado. A gente era tudo comadre, de ir uma na casa da outra tomar café.

Sobre o que vocês conversavam?

L.: olha... Para te falar bem a verdade, só sobre os maridos da gente e o que a gente queria ter quando chegasse luz e água: televisão, geladeira, rádio... Tinha umas que falava que *os marido* era ruim, pão duro... Mas, também, coitados... Não tinha dinheiro. Conversava sobre filho também, eu sempre falava que não queria ter filhos.

A senhora era a mais nova?

L.: sim, eu era, praticamente, filha delas.

Te tratavam como filha?

L.: *ixi... Me traziam eu* na palma da mão, tudo me adoravam. Quando ia fazer as coisas em casa, o café da tarde, elas que faziam as coisas: bolinho, bolachinha... Eu não sabia fazer. Era uma delícia. Meu marido gostava que elas ficassem em casa comigo. Juntava aquela mulherada e *nós ficava* tudo conversando. Tinha um pé de maracujá, *dava uns maracujá grande, nós ficava ali*. Fresquinho, o pé de maracujá tampava bem o sol. Natal, Ano Novo, a gente fazia festa todo mundo junto. A gente fazia procissão, era uma distância igual daqui até Cândido Mota (10km), ia e voltava a pé. Cada uma ia com um pedaço de pau na mão, geralmente cabo de vassoura; na outra mão, a vela acesa. Era de dia e nós com a vela acesa (rindo). Puxa vida, o que eu já não vivi?! Até Deus dúvida (rindo). Fui num bingo com a Dona Genoveva, valendo um Volkswagen (fusca), de repente, começa um *tropé*, uma gritaria... Era um bingo falso, pegaram o dinheiro da gente e deram no pé. Tinha muito esse tipo de coisa lá.

As comadres da senhora eram alfabetizadas?

L.: só a Geni, o resto não. Eu aprendi ler nas revistas. Na casa de frente para a minha, da Dona Romilda, a menina dela, Rosana, ela tinha o que, uns dez anos. Ela já sabia ler. Então, a Rosana ia na minha casa e *ensinava eu*. Aprendi a ler revista. Só que não aprendi a escrever. Só sabia ler. Todo mês, meu marido viajava para Curitiba, fazia um curso no quartel. Algumas vezes, eu ia junto, outras, não. A Rosana e o outro filho da Dona Romilda, o Jairo, eles vinham na minha casa, para eu não passar a noite sozinha. Meu marido tentou me ensinar a atirar... Pegou uma 38 e fomos até a mata, ele me falou: “ajoelha com só um joelho no chão, põe o revólver certinho na mão, a hora que eu falar para atirar, você atira”. Puxei o gatinho e caí para trás. Não aguentei, parece que dá um soco na mão. Nunca mais quis saber de revólver, nem de espingarda de chumbinho eu queria saber. Meu filho é campeão de tiro, já ganhou medalha e tudo.

Como a Rosana te ensinou a ler?

L.: quando meu marido fazia patrulha, ele parava na banca para pegar revista *pra* mim. Era gibi, revista em quadrinho. Revista do *Tio Patinhas*. O pai da Rosana fazia coleção de gibi. Ela me ensinava as letras e a mistura delas. Aprendi a escrever um pouco, quando fiz Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Quando entrei na Unati, a Mariele que me ensinou, fiz o EJA (Educação de Jovens e Adultos). Entrei na Unati no ano 2000. Hoje eu escrevo até bem, só não sei onde coloca ponto, vírgula... Mas, com o telefone (*smartphone*), a gente não erra, porque ele já coloca tudo certinho. Ele já sabe o que precisa fazer. O *tablet* principalmente. Eu gosto mais de mexer no *tablet*.

E para fazer o curso de corte e costura?

L.: tinha uma professora, ela morava no sítio, eu ia todo dia. Das duas horas até as cinco. A gente aprendia tudo, depois que começava a costurar. Quando a gente ia se formar, fazia uma peça de roupa. Eu fiz uma camisa. Daí, a roupa que a gente costurava, ia lá para São Paulo, para eles dar as notas, e aí se formava. Eu tenho os livros, o esquadro do curso. Se a peça chegasse lá (em São Paulo) e estivesse malfeita, eles não davam o diploma, tinha que estudar mais. Eu tirei meu diploma. Já veio enquadrado de São Paulo. Depois, eu não fiquei muito contente com o curso de corte costura, aí eu fiz curso de cabelereira. Mas, isso, meu filho já era grande, tinha uns dez anos. Me formei cabelereira, meu marido fez um salão para mim, lá em Ivaiporã. O salão chamava *Charme*. Eu atendia de terça a sábado, tinha uma freguesia boa, menina! Quando foi um dia, fui fazer um permanente, me intoxiquei. Não pude trabalhar mais. Muita gente

queria fazer permanente ou alisar o cabelo. Fui até para o hospital. Fechei o salão, logo nós mudamos para Assis, em 1988.

O curso de corte e costura era pago?

L.: era pago, o de cabelereira também era pago.

E a parte da matemática, a questão das medidas, como a senhora fazia?

L.: olha... Sem mentira nenhuma, vinha uma folha de papel que tinha tudo certinho. O manequim certinho. Por exemplo: ombro, tinha o número 12 na frente. A gente olhava assim. Depois que me formei, cortava por outra roupa (como molde), até hoje eu corto usando outra roupa. Ponho uma em cima da outra e corto. Mas, naquele tempo, eu não sabia, não. Fazer conta, quanto que dava, eu não sabia. Eu costurava numa máquina de pedal, tinha uma freguesia que nossa... Eu costurava para as mulheres da zona. Você sabe do que se trata?

Respondo: sei do que se trata, sim.

L.: eu costurava para elas, faziam muita roupa, muita roupa... Pagavam direitinho. Eu nem ligava que elas eram da zona, não *tava* nem aí, eu queria era costurar. *As outras pessoas ficava* meio esquisito assim, sabe? Eu nunca tive esse preconceito besta, não. Se elas estavam lá, não era à toa, coitadas. Naquele tempo, se fizesse alguma coisa antes do casamento, o pai *tocava elas* para fora de casa. Não tinha perdão, tinha era que ir embora. Como é que vai fazer? Para onde que *essas moças vai*, né? Era para *esses lugar* mesmo, coitadas. Lá, em Ivaiporã, *elas não podia* sair na rua, só podia sair de charrete. Vinha de charrete na casa da gente. Costurava para uma mulher que chamava Deusa, Deusamira, chamavam ela de Deusa. Ela era dona da casa da mulherada. Ela trazia *aquelas mulher* para eu fazer roupa, tinha dia que fazia fila *para mim* tirar medida delas. Precisa de ver... Elas nunca ficaram devendo um tostão. Vinham de charrete, às vezes, tinha quatro, cinco charretes na frente da minha casa.

Vocês conversavam?

L.: *ixi...* Conversava tudo as coisas, perguntava as coisas para elas. Você acredita que a primeira vez que eu vi um homossexual, eu já *tava* com vinte e cinco anos, foi a primeira vez que eu vi.

A Deusa levou esse homossexual para eu fazer uma roupa para ele usar no carnaval. Era para fazer uma saia bem rodada, bem franzida. Foi a primeira vez que eu vi!

O que a senhora achou?

L.: eu nem entendi direito, sabe? Fiquei pensando: “por que será que esse homem vai vestir saia?”. Depois eu me acostumei, perguntei para ele: “Kate, o que você é lá na casa *das mulher*?”; ele respondeu: “eu sou mulher também”. Acostumei. Ele me deu uma mala com um jogo de toalha lindo. Ele era de Santos. Tinha uma mulher, chamava Márcia, eu costurava para ela também, ela era dona de casa. Ela que tinha trazido o Kate. Ela ia para Santos, a família dela morava lá, tinha um filho que morava lá. Quando ela voltava de Santos, trazia umas pessoas com ela. Ele era um rapaz bonitinho. Eu não sabia, não... Não sabia que existia isso. Eu ia muito para Curitiba com meu marido, mas nunca tinha visto.

Seu marido ficava incomodado com as charretes?

L.: não... Ele não ligava, tinha amizade com as mulheres, porque fazia patrulha lá. Ele dava assistência, era tudo amigo. Você pode ter ciúmes de uma parente sua, mas de mulher de zona, não. Porque elas *são fiel*. *São fiel*: não traem uma pessoa amiga por dinheiro nenhum. Eu não tinha ciúmes delas, não. Elas vinham, traziam coisas para mim, traziam até comida para mim. Tinha uma que era um anjo. Cozinhava uma comida que nossa... Ela fez, para mim, uma galinhada. Eu guardo a tigela até hoje, uma tigela de vidro branca.

- Pergunto para Lourdes se a tigela está guardada num lugar de fácil acesso, já que eu gostaria de vê-la. Ela vai até a cozinha buscar. Peço para tirar uma fotografia: Ela assente.

Por que elas andavam de charrete?

L.: por preconceito... Hoje a gente encontra uma moça de programa, nem sabe que ela é de programa, né? Naquele tempo, não. A mulher não podia *andar de a pé*, não podia nem ficar em internada em hospital. Menina, era feia a coisa, viu? Se ficasse doente, o médico ia até a casa, tratava lá. E aquele tempo, tinha doença venérea, doença feia mesmo. Acho que tinha

preconceito disso também. Elas andavam de charrete cobrindo o corpo com uma lona, você só via a cabeça. Acho que era para não fazer propaganda.

A senhora tinha curiosidade de perguntar como funcionava a zona?

L.: perguntava! Elas falavam tudo certinho, falavam coisa meio feia também. Tinha vezes que eu me arrependia de perguntar. Quando eu abri o salão, não perguntava mais nada, já estava mais esperta. Tinha um menino da zona que ia no salão, ele chamava Rose. Ele pedia para eu fazer reparo numas roupas. O Rose avisava: “eu vou ficar aqui atrás dessa estante, vou me trocar aqui, não quero que ninguém olhe”. O salão com quatro, cinco pessoas. Tinha dois espelhos grandes, a gente *espiava ele* pelo espelho... Olha que barbaridade! (rindo) Cada coisa que a gente fazia... Meu marido mandou construir o salão acoplado à nossa casa, trabalhava lá de casa.

- Lourdes vai buscar um copo d’água, quando retorna, começamos a conversar sobre a chegada de uma rede de hipermercados em Assis. Ela fala que tem costume de caminhar até o mercado mais afastado do centro da cidade, o trajeto, ida e volta, é de 6,4km.

L.: tem o ônibus circular que passa ali perto, mas eu só pegava quando fazia curso no IEDA (Instituto Educacional de Assis). Ia e voltava de circular, era só de sábado o curso. Quando era sábado, a circular ia até o presídio: pegava *as mulher* que tinha ido visitar o marido com as crianças, mãe que tinha ido visitar filho, né? Vinha lotada de gente a circular.

Qual curso a senhora fez?

L.: curso de aprender a usar computador. Cheguei a fazer na Unesp também, foi numa oficina que aprendi a mexer no telefone (*smartphone*).

A partir de 1964, teve algum evento que marcou a senhora, por conta do início da ditadura?

L.: ah, não podia ter quatro pessoas reunidas, não. Se tivesse, ia preso. Era tão esquisito, nossa... Quando o Castello Branco morreu, ainda morávamos na casinha ao lado da cadeia, ouvi a notícia no rádio. Se você saísse da igreja, fosse mulher ou homem, não podia ficar ali conversando, tinha que ir para casa. Uma coisa que eu achei muito ruim, viu? Até dentro da

casa da gente eles implicavam com muitas pessoas conversando. Eu ouvi falar, não sei por que eu não *tava* lá... A polícia arrebitou a casa de uma pessoa, porque tinha uns homens reunidos. Quando arrombaram a porta, os homens *tavam* jogando baralho (rindo), meu marido que me contava.

Teve alguma mudança no trabalho do seu marido?

L.: não, porque ele era carcereiro. Ele não atendia esse tipo de ocorrência. Só fazia patrulha na zona. Quando nós viemos embora para Assis, fechou a zona. Sabe qual era o problema da zona? As mulheres ganhavam criança. Tinha uma vila, chamava “Vila Pega Cria”. Nascia as crianças na zona, elas davam para uma velha, que era benzedeira, cuidar da criança... Mas elas eram muito mal cuidadas. Eu ,com meu marido, pegamos uma menina com 1 ano e 8 meses para criar. Fiquemos com dó. Fizeram uma denúncia que essa mulher não estava cuidando bem das crianças. *Chegamo* lá, essa menininha veio com os bracinhos aberto para mim. Piolho, bicho de pé, ferida... Fomos tratando. Registramos ela. Ficou moça, casou, teve uma menina. Quando ela *tava* com 36 anos, o homem com quem ela era casada, ficou ciúmes, tacou fogo na casa: queimou tudo a casa dela. Era casa da COHAB, aqui em Assis. A filha deles tinha 14 anos. As duas vieram morar comigo. Quando foi um dia, ela teve uma dor de cabeça, fomos no hospital, ela *tava* com aneurisma, morreu. Minha neta foi morar com a outra avó, agora já é casada, mãe de dois filhos. De vez em quando, ela dá uma ligada para mim. Foi muito duro para mim: era minha filha... Quando pegamos ela *pra* cuidar, ainda bebê, dava comida, ela comia bem pouco e já dormia, de tão fraca que era. Não podia dar uma sopa forte que ela desmaiava. Ficou um mulherão bonita, forte. Ela estudou, era formada. Estudou em Ivaiporã, quando mudamos *pra* cá, ela fez faculdade na FEMA (Fundação Educacional do Município de Assis). Estudou química... Mas morreu.

Comento: então existia a Vila Pega Cria...

L.: tinha e era grande. A velha que cuidava era uma antiga mulher de zona. Não cuidava, né? Não tinha condições, as mães também *era* pobre. A Cida (vizinha) mesmo pegou o Wladson lá. Tinha uma portuguesa, o marido era dono de uma loja de tinta. Ela era minha cliente no salão. O marido dela engravidou uma mulher da zona. A portuguesa foi para Portugal comprar o enxoval. Nasceu a menina, ela já pegou.

Como foi a relação com sua filha?

L.: foi boa, ela não me dava trabalho. O único problema era que ela não sabia gostar de um homem só. O médico falou que ela teve o aneurisma porque ficou muito nervosa com incêndio. Nós chegamos a reformar a casa dela, o marido nunca mais apareceu, só voltou para ir *no* funeral da minha filha. Ele já estava casado novamente. Minha filha me ajudava muito no salão de cabelereiro. Era irmã do meu filho. Quando mudamos para Assis, ela *tava* com 20 anos.

Por que mudaram para Assis?

L.: meu marido era daqui, né? Meu sogro, sogra, era tudo daqui. Essa casa era da minha sogra, herdamos de herança. Não foi bem herança, porque tivemos que pagar a parte dos outros irmãos. Vendemos a casa de Ivaiporã e aplicamos aqui.

Depois que a senhora se casou, não teve mais contato com sua família?

L.: fiquei dois anos sem contato. Tinha medo de ir lá em casa, por causa que meu pai ficou muito bravo. Eles não sabiam onde que eu *tava*. Um dia eu quis ir até lá, meu marido me levou. Ih... Foi tão tranquilo. Quando minha mãe me viu, chorou, achava que eu tinha morrido. A casa está lá até hoje. Eles iam lá em casa depois disso. Ficamos com um contato bom. Minha mãe morreu uns 6 meses antes de eu mudar para Assis. Quando meu pai morreu, não fui ver ele. Meu filho ia me levar de carro, chegava lá, meu pai já tinha sido enterrado. Não precisava ir, não. Porque, todo mês, eu depositava dinheiro para meu sobrinho, filho da minha irmã que estava com ele. No final da vida, meu pai precisou de enfermeira, precisava de cuidador. Ele caiu da cama, quebrou o fêmur. Foi para o hospital fazer cirurgia, morreu. Deu parada cardíaca. Ela era forte... Tinha uma vista boa, lia a bíblia sem óculos, e bíblia tem aquela letrelinha pequena.

A senhora tem o costume de ler a bíblia?

L.: precisei comprar uma com as letras maiores para enxergar, é essa que está aqui no sofá. Eu até leio um pouquinho todo dia, mas eu não sigo a bíblia, não. Não vou na missa, não. A missa *tá* muito diferente. *As pessoas vai* para fazer desfile de moda. Naquele outro tempo, *as pessoa ia* humilde. Agora o pessoal vai de salto, bolsa... Ficam olhando torto para os outros. Então eu não vou mais. Faço tudo aqui em casa, rezo em casa.

Antes acontecia mais solidariedade na igreja?

L.: é! Eu fui aqui na catedral, no dia de *Corpus Christi*, sentei num banco vago. Veio uma mulher, acho que era daquelas filhas de maria... Ela mandou eu sair do banco, disse que lá ia sentar não sei quem, não sei quem e mais não sei quem, sabe? Levantei, fui lá para trás onde nem tinha banco. Só para esperar sair a procissão. Pensei: “quer saber de uma coisa, eu vou embora”. Nunca mais voltei, foi por isso. No batizado dos *meus neto*, eu vou. Primeira comunhão, eu fui na da filha da minha vizinha, que me convidou. Em missa eu não vou mais. Missa campal eu ainda vou, levo ramo para benzer e tudo.

A senhora lembra como era Assis em 1988?

L.: era quase igual, não mudou muito, não. O que eu reparei que mudou é o Mercado. Tinha mercado lá dentro, frutaria, era bastante coisa lá dentro. Era bem movimento. Agora, a gente não pode nem ir lá, porque é perigoso. Meu filho estava com 15 anos quando nos mudamos. Ele foi fazer curso de técnico agrícola lá em Cândido Mota. Quando fez 18 anos, foi para o exército, ficou 5 anos na reserva. O pai dele ficou doente, teve câncer no estômago. Ele deu baixa no exército e voltou para cuidar do pai. Quando o pai fez cirurgia, se recuperou, ele (filho) prestou concurso para polícia militar e para o almoxarifado do presídio, falou: “qual chegar primeiro, eu vou”. Chegou da polícia, entrou na polícia em 2001. No exército, ele foi cabo e sargento. Depois, trabalhou um tempo como instrutor no exército. Isso tudo conta para a aposentadoria dele.

Ele era bem próximo do seu marido?

L.: era a cutícula e a unha. O dia que meu marido ficou ruim, ele carregou o pai no colo. Ele se recuperou do câncer, morreu 20 anos depois, de infarto. No dia que deu infarto nele, *nós estava* jantando, aqui na sala. Tinha uma poltrona que ele gostava de sentar, aí onde você tá. Ele gostava de ficar naquela poltrona assistindo o jornal. Eu tinha feito uma sopa, trouxe o prato para ele, meu marido falou: “bem, eu *tô* com dor de estômago”. Respondi: “você nunca teve isso...”, me devolveu o prato. A boca dele foi roxeando, telefonei para o SAMU, me perguntaram como ele *tava*. Pediram para eu conversar com ele que, já já, chegavam, ela me explicou que *tava* dando infarto. Falou para eu dar água tônica. Sorte que eu tinha em casa. Fui lá, destranquei o portão e conversava com ele: “ah, você tá com graça, tá aí fazendo graça...”.

Chegou o SAMU, fomos correndo para UPA, recebeu oxigênio, quando deu onze da noite, transferiram para o Hospital Regional. Tinha que fazer um procedimento urgente, me entregaram o termo para eu assinar. Eu não conseguia nem ler. Uma moça leu para mim, eu assinei. Até hoje não sei que procedimento foi. Transferiram para UTI da Santa Casa... Eu ligando para meu filho e ele não atendia... Ligava para minha nora, ela não atendia. Liguei para um amigo do meu filho: “vai lá no sítio, chama meu filho”. Não deu meia hora, meu filho chegou. Meu marido ficou 12 dias na UTI, 3 dias no quarto. Quando foi dia 30 de setembro, repetiu o infarto, não teve jeito... Meu filho vinha duas, três vezes por dia para ver o pai. A minha nora estava para ganhar meu segundo neto, dia 8 de outubro, ele nasceu. Quando foram levar meu marido de volta para UTI, ele agarrou na minha mão e falou: “meu bem, eu te amo, meu bem”.

- Lourdes se emociona: “foi a última palavra que ele falou para mim”.

L.: quando estava na UTI, pediu para chamar meu filho, queria passar a senha do banco. Fez dois anos. Foi a Elenira (amiga da Unati) que me deu uma força quando ele morreu, me deu uma força boa. Cheguei a morar dois meses com meu filho. Mas não podia deixar minha casa sozinha, voltei para cá.

Nesse meio tempo, a senhora também ficou com seu neto recém-nascido, né?

L.: sim, fiquei com ele, dava banho, fazia tudo. Meu neto mais velho estava com 2 anos, isso me ajudou também. Falei para o meu filho que eu não queria ficar dependente de ninguém, queria voltar para Assis. Fomos duas vezes até Londrina, no batalhão, acertar a papelada da pensão. Agora vou precisar fazer prova de vida. Vamos até Londrina novamente, dessa vez, vamos levar meu neto mais velho junto para passear.

Quando vocês mudaram para Assis, ele já havia se aposentado?

L.: sim, se aposentou como carcereiro. Ele era concursado. Meu sogro tinha um sítio aqui em Assis, cultivava algumas coisas... Meu filho, desde pequeno, não queria saber de brinquedo, só gostava de bicho, brincava com carrinho de boi. Uma vez, meu marido ganhou uma vaca de um preso. A coisa mais difícil que tem, é a vaca ter três bezerros, pois esta estava grávida de três

bezerros. Quando viemos para Assis, vendemos a vaca e os bezerros. Com o dinheiro, pagamos parte dessa casa. A vaca *tá* nessa casa (rindo). Era um fazendeiro que tinha sido preso. Tinha uma *gentarada* rica na cadeia, viu? Não tinha esse negócio de que, quem tem dinheiro, não vai preso: ia para a cadeia! Esse homem que deu a vaca, a filha de um fazendeiro, engraçou com um irmão dele. Esse irmão matou a moça. O fazendeiro, pai dela, falou que ia matar esse irmão dele, o Anísio. Ficaram todo mundo correndo do fazendeiro, mandaram o Anísio para o Paraguai. Quando foi um dia, esse fazendeiro ficou de tocaia, esperando os irmãos passar, eles iam de carroça para a cidade. O fazendeiro queria matar pelo menos um dos irmãos. Quando o fazendeiro deu o tiro, o que estava preso, andava armado, devolveu o tiro, mas o fazendeiro não morreu. Os irmãos fugiram para o Paraguai para ficar com o Anísio, quando vieram embora, foram todos presos. Quando era final de semana, levava um deles por vez para visitar a mãe na fazenda. Eu ia junto com meu marido. Como meu marido era o carcereiro, ele era o responsável por levar para as visitas. Esses irmãos trabalhavam na cozinha da cadeia, a cozinha que ficava dentro da minha casa. Faziam um doce, menina! Doce de mamão, doce de casca de laranja, doce de figo... Cada doce bom.

Existia uma relação com os presos então?

L.: eu era bem *chegadona* neles, sabe? Tinha o padre, eu que batizei o filho dele quando nasceu, eu era madrinha do menino... Tinha o Seu Valdomiro, era velho já, foi preso por causa de macumba. Quando meu filho era pequeno, estava com uns 2 anos, Seu Valdomiro colocava meu filho ombro e brincava com ele. Bem dizer, quem criou mais meu filho, foram os presos. Meu filho chamava pelo Seu Valdomiro, gostava muito também do Seu Benvindo e do Seu Adamantino. Meu filho e o Adamantino ficavam riscando, desenhando no chão, sabe? Criou assim: nas mãos dos presos. Uma vez, eu na área de casa, meu filho brincando com o Rogério, ele *tava* preso porque tinha matado a esposa. De repente, escuto um *griteiro* do Rogério, gritando... Sai correndo, quando chego, vejo o meu filho, de 9 meses, andando. O Rogério gritava, batia palma e o meu filho rindo. Nunca mais parou de andar. Já pensou?! Cada coisa (rindo).

Havia mulheres na cadeia?

L.: sim, ela chamava Sueli, morava na zona. Brigou com um homem, deu uma garrafada na cabeça dele. O homem *tava* bêbado, caiu e morreu, por isso foi presa. Ela era tão boazinha,

ficava junto comigo. De dia, ficava na cozinha comigo. Depois, foi uma mulher chamada Dona Ivolina, com essa eu não fiz amizade, não. Ela matou o marido, não tiravam ela para fora da cadeia. Ficou uma outra mulher lá que tinha matado as crianças, deu semente de mamona para as crianças comer. Deu desinteria, matou as crianças. Tinha umas cinco, seis mulheres... Só duas que tinham matado homem. As outras estavam presa por farra, por fazer as coisas errado. Aquele tempo não tinha droga, sabe? Existia uma tal de uma bolinha (metanfetamina) que as mulheres da zona *tomava*. A Maria Camargo ficava louca, louca de tomar chá de folha da flor saia branca, sabe? Era igual maconha, ficava louca. Ia presa sempre, era presa com as crianças no colo, nunca deu nenhum filho para ninguém. Ia presa com as crianças. Chegou a ficar lá em casa comigo, por causa das criancinhas. Ela era brava que nossa senhora... Numa vez que foi presa, estava para nascer um filho, meu marido me deixou com ela, ali embaixo do pé de maracujá, esperando o nenê. Ela era mais velha, ficava *entocadinha*, sentada no chão igual índio. Me falava que não gostava de gigolô, que encostava e ficava tirando dinheiro das mulheres. Teve um gigolô, menino novo, ficava com uma mulher mais velha, a Dona Mariazinha. Matou ela com faca. Ele se escondeu no topo de uma árvore, a polícia procurava em tudo que é canto, passava por baixo da árvore, e nada dele. Acharam que ele apareceria no funeral, que nada... Naquela noite, encontraram o corpo dele enforcado nessa árvore: se matou. Era um pé de gabioba amarela, uma árvore grande igual pé de caju. Aqui em Assis só tem da gabioba verde. Meu filho, quando já era meninote, voltava da escola e falava: “mãe, eu vou lá buscar gabioba”. Ele chegava em casa já no final da tarde, cheio de gabioba, mamão, framboesa... Com dez anos, começou a criar frango, ele mesmo fez a as gaiolas. Carpiu tudo a grama em frente de casa, fez uma horta: dava couve, cenoura, salsinha, abobrinha; todo mundo ia tudo pedir lá para pegar. Ele aguava todo dia de tarde a hortinha dele. Ele plantou pé de manga, pitanga... A terra lá é muito boa. Quando começou a fazer o técnico agrícola, em Cândido Mota, meu filho era o primeiro da sala. A professora *chamava ele* para dar instruções para a turma.

- Já era meio-dia, a chuva continuava. Lourdes me convida para a cozinha, diz que não tem o costume de almoçar, geralmente, come somente frutas nesse horário. Peço a ela um copo d’água. Na cozinha, está a porta que dá para o quintal, onde Thor fica preso. Não o vejo, mas Lourdes reforça que ele bravo. Em seguida, ela me chama para conhecer o restante da casa. Vamos para o corredor, primeiro entramos no quarto que era de seu filho, vejo um quadro, com a imagem de um cavalo, que ele fez ainda quando criança, na escola. Depois, Lourdes me mostra seu quarto, a cama arrumada, mais

enfeites de coruja. Por último, o terceiro quarto, onde ela me explica que, como o marido estava doente, os dois dormiam em cômodos separados e, aquele, tinha sido o quarto dele. Ali, havia mais corujas. Segundo Lourdes, elas estavam guardadas, porque os netos têm o costume de brincar com seus enfeites. Assim, para evitar que as corujas quebrem, ela as deixa a salvo no quarto. Voltamos a seu ateliê de costura, anexo à sala, observo as fotos que decoram o tampo de sua mesa de trabalho. Ela começa a me mostrar algumas bolsas que costurou, me chama atenção uma bolsa cinza. “É farda, uso as fardas antigas do meu filho para fazer bolsas. Um tecido bom, aguenta bastante peso, é boa para trazer as frutas do mercado”. Além das bolsas de farda, há outras feitas com tecido de guarda-chuvas/sombrinha, ela complementa: “essas são boas porque não molha por dentro”. Visualmente, as bolsas de sombrinha eram bem coloridas e chamavam atenção, além de possuírem a tecnologia adaptada à prova d’água. Porém, eu me mantinha intrigada com a bolsa de farda. Peço para ver melhor: na parte de dentro, o forro da bolsa, era estampado com flores. Demonstro interesse de fotografar, Lourdes autoriza e sorri contente, ao perceber meu interesse pelo seu trabalho.

Imagem 52. *Bolsa de farda.*



Fonte: Acervo Pessoal, 2021.

- Lourdes me mostra o livro do curso de corte e costura por correspondência, o “Vogue”, que ela completou com o auxílio de uma professora, no final da década de 1960, em

Ivaiporã/PR. Além do livro, ela guarda a tesoura e o esquadro que acompanhavam o material. A nota da roupa, enviada por correspondência para São Paulo (onde passava pela avaliação), era gravada no esquadro. Começo a folhear o fascículo, sendo que, o curso completo, corresponde a cinco livros com moldes detalhados de roupas da moda infantil e feminina. Trata-se de uma formação destinada às “patricias do interior” que, pelas mais diversas razões, não têm acesso a aulas presenciais na cidade de São Paulo. O autor da metodologia “Vogue” destaca que o conteúdo é apresentado de forma acessível, exigindo do público-alvo ensino primário completo, ainda que, na prática, não houvesse necessidade de comprovar o grau de instrução para adquirir o material e obter o certificado de formação. Nas primeiras páginas, há uma seção intitulada “Conselhos Úteis”, em que o autor reafirma a importância da profissionalização da mulher da seguinte forma:

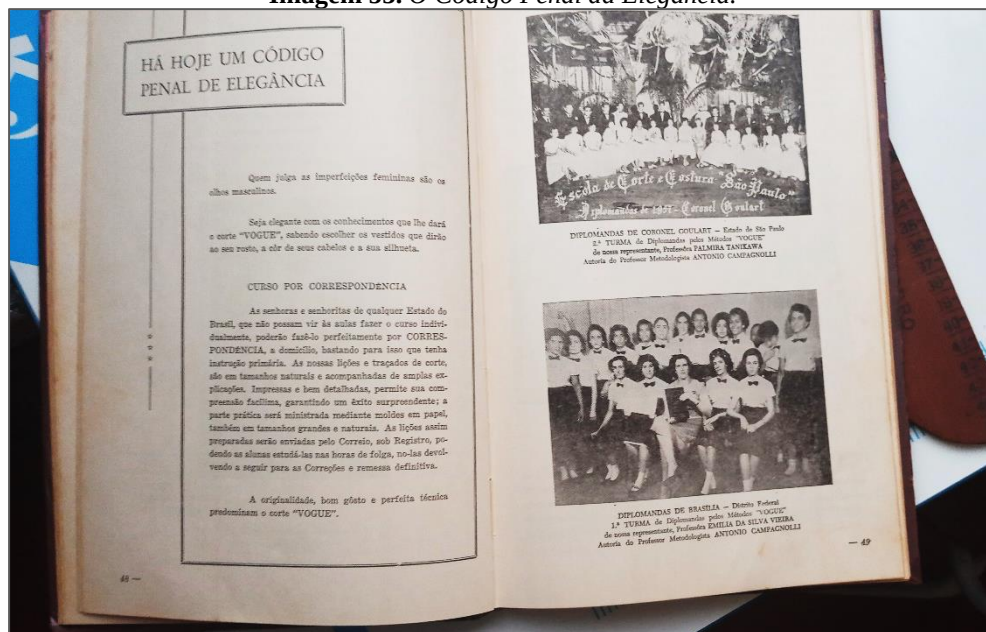
A nossa vida sobre a terra é incerta. Precisamos nos preparar para o que vier. Os pais não vivem para sempre e eles devem preparar o dote de suas filhas dando-lhes uma profissão honrosa [...] às vezes o braço forte falta e é preciso o fraco movimentar-se [...].

- Sigo folheando as páginas do livro, encontro um parágrafo onde estão elencadas as vantagens da formação em corte e costura, anotadas com base nos padrões de gênero e socialização da época (meados de 1960), transcrevo algumas delas:
 - Não gastando com costureira, poderá gastar consigo mesmo e assim andar sempre andar bem trajada;
 - Apresentando-se sempre bem vestida, será mais considerada pelas suas amigas e mais apreciada pelos homens de bom gosto;
 - Poderá abrir um ateliê de costura, ganhando honestamente, garantindo o seu futuro e de seus filhos;
 - Não se achará nunca diante das desgraças que a miséria aconselha às moças que ficam desamparadas no mundo;
- O último item, evidentemente, se refere à prostituição. Nota-se o destaque atribuído às categorias de honra, honestidade e boa aparência associadas à profissionalização do público feminino, ainda que qualificado como “braço fraco”. Por sua vez, o método à distância também é promovido, com o recurso argumentativo das vantagens:

Este estudo feito com tranquilidade em sua casa em um ambiente familiar e descansado, são fatores que contribuem para uma perfeita concentração de espírito. Estudará a lição com vantagem de ter mais sossego, para análise e controle da mesma, num ensino individual e não coletivo. Não precisará se preocupar com outras alunas, saber se estudou a lição, nem será obrigada a ouvir repetidamente lições que já sabe

- Leio alguns desses trechos em voz alta, Lourdes comenta, achando graça: “depois falam que curso a distância é coisa de agora, isso sempre existiu”. Mais algumas páginas adiante, encontro outra chamada que sintetiza, de forma inesperada e contundente, parte dos temas trazidos por Dona Esmeralda: “há hoje um código penal de elegância [...] Quem julga as imperfeições femininas são os olhos masculinos”.

Imagem 53. O Código Penal da Elegância.



Fonte: Método Vogue de Corte e Alta Costura. Antonio Campagnolli. Edição da década de 1950. Acervo Pessoal, 2021.

Terceiro Encontro (09 às 14h)

Retorno para o último encontro com Lourdes. Ela vem me receber no portão, em seguida, entrarmos na sala. Início a conversa perguntando, novamente, se ela tem memórias da paisagem de Assis, gostaria de ouvir o que ela lembrava do cotidiano em meados de 1990.

L.: só do Mercado que lembro, era bem movimentado, agora tá uma porcaria... Dizem que eles vão colocar o *Poupatempo* aqui, né? (no Mercado). Eu ouvi na rádio, tem esse projeto de trazer para cá. Vai ter que mudar de onde tá (atualmente, instalado numa região distante do centro de Assis). Difícil vai ser negociar com as pessoas, porque cada pessoa que tem banca ali, é dono. Tem muita banca vazia, eu quase não entro ali. Uma vez pegou fogo, né? Demoraram para arrumar de novo, quando voltou, ficou desse jeito. Antes, a circular parava lá (havia o

terminal rodoviário municipal ao lado do Mercadão), foi só decaindo... Agora, (o terminal) mudou para onde funcionava a estação do trem.

Em 1988 a linha de trem ainda operava?

L.: sim, teve uma vez, eu tinha colocado algumas peças de roupa para ferver. Eu limpo assim toalha de banho, pano de prato... Eu fervo ainda, sabe? Coloquei a roupa para ferver e desci lá na avenida. Menina do céu, que sufoco para *mim subir*, o trem nunca terminava de passar. Quando eu lembrei que tinha deixado as roupas fervendo, o trem já vinha vindo, não tinha como eu atravessar de volta, foi um apuro. Mas não aconteceu nada, não. Ô meu Deus, cada coisas que a gente passa...

Era trem de passageiro ou de carga?

L.: só de carga, o de passageiro já não funcionava mais. Era uns trens comprido que Deus me livre. E quando estava fazendo manobra, então? Terminava de passar para um lado, as pessoas atravessavam correndo, antes dele retornar. Eu não ia correndo, tinha medo, perdia um tempão esperando... Da vez que fomos até Minas (Poços de Calda) de maria fumaça, voltamos para o Paraná de caminhão (meados de 1950). Veio com pouca em cima, só *com nós*: colocamos uns colchão na carroceira do caminhão, viajamos deitados ali. Parava em posto para abastecer e *nós almoçava*, jantava, tomava lanche. Demorou bastante para a gente chegar aqui, tinha muito lugar sem asfalto... Minha mãe trouxe um mundaréu de coisas: pão, bolacha, a gente chamava de merenda. A gente vinha comendo no caminho. Dormia mais do que ficava acordado. Era um caminhão descoberto, não choveu. No trem, era diferente, um banco ficava de frente para outro. Ficou uma parte da maria fumaça só com a gente. Dava para dormir em algum banco vazio, mas não era estofado, era de madeira. A estação de trem de Poços de Calda era muito linda... A gente, quando é criança, acha tudo bonito, né? Quando cresce, deixa disso.

- Aproveito o gancho para me inteirar a respeito de temas que estavam pendentes no roteiro da entrevista.

Mudando um pouco de assunto, os documentos pessoais, a senhora tirou em Ivaiporã/PR?

L.: isso, mudei para Ivaiporã com 15 anos, com 18 anos tirei meu título de eleitor. A primeira vez que eu votei, tinha 18 anos. De primeira, o voto era de marcar com xis. Aquele tempo, que eu votei, era muita trapaça na eleição. Tinha vezes que *os homem* dava quatro, cinco cédulas para a gente, e a gente marcava em todas o candidato que a gente escolhia. Como eu não sabia ler direito, eu estudava a cédula do candidato que eu ia votar, para saber onde colocar o xis. Naquele tempo, polícia não votava, não. Meu marido ia *me levar eu* de lambreta. Ele parava longe do lugar que eu votava, polícia não podia nem chegar perto da urna. Quando meu filho *tava* com 15 dias de vida, eu fui votar, deixei ele com o pai, quando voltei, ele chorava, chorava... Porque eu demorei, tinha muita fila.

Como escolhia seu candidato?

L.: eu ia pela cabeça dos outros. Votei num advogado, era voto de cabresto, sabe? Ele ia na casa da gente, explicava que era para colocar o xis no primeiro quadradinho da cédula para votar nele. Era para prefeito. Não tinha eleição para vereador, só na próxima vez que fui votar, já tinha candidato a vereador. Mas era a mesma coisa: xis e quadradinho, estudava pela cabeça dos outros. Eles faziam política, indo na casa da gente.

O candidato a prefeito ia, em pessoa, até sua casa?

L.: sim, vinha o candidato e mais uns junto com ele. Lá em casa era um voto só, porque meu marido não votava.

Recebia algo em troca?

L.: para mim, não... Mas eles davam dentadura, cadeira de rodas, cesta básica... Dava sapato. Teve candidato que deu um pé de botina, falou: “se eu ganhar, dou o outro pé”. Não tinha problema, não. Não ia preso por isso. Tinha candidato que levava pessoa doente para fazer cirurgia, mas a maioria, o que dava, era dente, fazia dentadura e o candidato que pagava. Naquele tempo, não votava em deputado, nem em presidente. Era o tempo da ditadura, a gente não votava, *eles era* eleito lá por cima. Agora pouco, estava ouvindo no rádio, um vidente falar que o Lula vai ganhar a presidência. Falou que o Bolsonaro vai concorrer com o Lula, um dos dois vai sofrer acidente de avião e o Bolsonaro perde para o Lula. Disse que o Faustão vai ficar doente... Ele foi para a Band agora, né? Também falou que o Bolsonaro vai se separar da

mulher, e que a menina que ganhou o BBB vai ter nenê. Eu não acredito muito nesse tipo de coisa, não... Mas que o Lula vai ganhar do Bolsonaro, vai. Sabe por quê? Porque prenderam o Lula. O Sérgio Moro não dá no coro; nosso governador daqui (João Doria) não ganha; Ciro Gomes não tem nem jeito; O Lula tá igual boi de piranha: todo mundo cai em cima dele. O Bolsonaro só ganhou a eleição porque tomou aquela facada, que todo mundo fala que é de mentira. Se não, ele não ganhava, não. Se fez de coitadinho, fez política de dentro de casa, não foi nos debates... Então quer dizer que ele ganhou, mas dessa vez não ganha mais. Capaz de perder até para o Sérgio Moro ou o Ciro Gomes. Meu filho queria que eu votasse nele (Bolsonaro), mas não votei, não. Sabe por quê? Porque eu não confio nele. Ele falou um dia, para uma mulher, na televisão aí... Uma deputada lá, que a mulher não servia nem para ser estuprada. Onde já se viu falar uma coisa dessas para uma mulher?! Ele é muito arrogante demais. Ele não para com ninguém. Foi uma eleição difícil e perigosa também (2018). O Lula vai ter que tomar muito, muito cuidado... Porque, senão, acabam com ele antes de chegar à eleição (2022).

Qual rádio a senhora escuta?

L.: ouço a “Integração do Vale”, lá de Cândido Mota, e a “Difusora”, daqui de Assis. A “Difusora” passa até no *Facebook* e *YouTube*... Mas eu não assisto, não. Eu escuto, porque, para assistir, você precisa parar. Eu não gosto de parar as coisas. Também, eu só ouço na hora das notícias.

- Procuro trazer, novamente, a conversa para o tema do espaço da cidade. Tendo notado que Lourdes não falava muito sobre Assis, lanço outra referência.

Como era quando a senhora ia, com seu marido, para Curitiba/PR?

L.: eu achava lindo Curitiba, só que é muito frio, né? A gente ia no mês de maio, ia empacotada para aguentar o frio. Lá, os hotéis têm tudo acolchoado de pena de ganso, aquecedor elétrico no quarto, às vezes dava estalo, eu ficava com medo, tenho um medo de choque, menina do céu! Meu marido recebia pagamento de seis em seis meses em Curitiba: sempre em maio e dezembro. Eles acumulavam o pagamento, só depois que passou a receber todo mês. Quando estava sem o pagamento, a pessoa comprava, nos armazéns ou na farmácia, com vale. Depois passou a receber mensal, aí teve décimo terceiro, tudo. Mas a gente ia de ônibus até Curitiba

receber o pagamento, lá no tesouro. Eu não podia entrar, mas meu marido me contava. O dinheiro não ficava em cofre. Tinha uma grade: quem ia receber ficava de um lado e, o homem que dava o dinheiro, do outro. Meu marido entregava os vales, que tinha usado para comprar as coisas, aí eles descontavam do salário. Tinha gente que ia receber, não recebia nada, porque já tinha gastado tudo em vale. Os *polícia* que *ficava* em bar bebendo, jogando, a maioria deles não recebia. Meu marido guardava quase todo o pagamento. O vale só não era descontado para compra de comida, agora, supérfluo, descontava do ordenado: doce enlatado, leite condensado... O único doce que o vale cobria era goiabada. Álcool, cigarro e supérfluo, eles não cobriam. Os *polícia* quase não precisavam comprar também, porque chegava no bar, os *homem* dava. Um que morava em frente de casa, o Fuminho, ele bebia fardado, com o fuzil nas costas, precisa de ver, era um Deus nos acuda. Ele foi preso várias vezes por causa disso, ficava preso em Londrina. Quando ia levar o preso no fórum para fazer o júri, naquela época não tinha algema. Ia da cadeia até o fórum a pé, com as mãos amarradas e *dois polícia* atrás com o fuzil.

A população acompanhava esse trajeto?

L.: não, os *polícia* não deixava. Agora, quando chegava no fórum, *tava* cheio, as pessoas iam tudo assistir o julgamento. Eu nunca fui, não gosto dessas coisas. Disse que dava até briga lá dentro. Não tinha um carro da polícia. Só o jipe que era do delegado. Depois chegou uma viatura rural, mas não podia sair com ela para não gastar gasolina. Naquele tempo, que eu mudei para lá (1964), droga não tinha, só tinha golpe de bilhete e tocaia de justiceiro, pistoleiro: só tinha isso. Era uns trinta e poucos presos na cadeia, tudo pistoleiro que matava para ganhar dinheiro. Os que mandavam matar e o que matava ia preso do mesmo jeito. Às vezes, *tava* preso o pistoleiro, o homem que mandou matar e o homem que arrumou o pistoleiro. Tudo preso. Tinha *dois irmão* lá preso que eram muito *bravo*, bravo mesmo, era um terror, eram bem altos e fortes: pistoleiros. Um deles era tão bonzinho, mas só com a gente. Quando *tava* pra fora da cadeia, era um pitbull. Tinha muito crime nas costas. Ele foi para Curitiba. Meu marido foi escoltar ele até Curitiba e me levou junto, na viatura da polícia rural. Mas, com a gente, ele era *bão*, na cadeia também ele era bom. Eles eram bem de vida, tinham fazenda. Uma vez, eles pegaram o homem que estuprava as mulheres que lavavam roupa num riozinho. Amarram o saco desse homem no para-choque do carro e saíram andando. Nossa, foi uma polêmica, menina do céu... Esse homem quase morreu, mas também foi preso. Uma vez, tinha um menininho, ele chamava Rubinho, tinha o que... Uns 11 anos. Ele era ladrão, roubava tudo as coisas lá. Não assaltava ninguém: entrava em armazém e padaria durante a noite. Até que pegaram ele, levaram para a

cadeia. Como ele não podia ficar preso, porque era menor, ia lá pra dentro da cadeia, dormia no corredor da cadeia só de noite. De dia, ele ficava comigo. Eu tinha uma amizade com ele. Ele ia lá na cadeia e falava assim: “tô fazendo vaquinha para o café, vaca para o café!”. Tudo *os presos corria*, pegava um dinheiro e dava na mão dele, ele saía para comprar o pó do café. Não comprava pó de café nenhum... Na cadeia, servia café só de manhã. Então, ele pegava dinheiro *pro* pão, café e açúcar, sabe? Chegava no armazém, comprava doce, groselha e vinha embora. *Os presos falava*: “cadê o café? Onde que *tá* o café?”; o Rubinho respondia só batendo com a mão na barriga. Menina do céu... E os presos não podia falar nada para meu marido, porque era proibido fazer vaca e jogar baralho, dominó... Só jogavam jogo de palitinho. Uma vez, levamos o Rubinho para Curitiba, para a prisão de menor. Foi eu, meu marido e o motorista da viatura rural. Quando foi dali um mês, mais ou menos, ele *tava de vorta*. Escapou de lá. Falei: “Rubinho, como é que você foi escapar de lá, Rubinho...”. Ele respondeu: “eu vim embora em cima de um caminhão de banana, quando chegou em Mauá da Serra, o motorista parou para ver as bananas e me tirou de lá, me estatelei no chão”. Não sei como ele chegou até Ivaiporã. Não prenderam mais... Quando meu filho nasceu, o Rubinho já *tava* com 14 anos, aí já podia ficar na cadeia. Deixavam ele lá na cozinha durante o dia. Os pais dele tinha morrido, não tinha irmão, não tinha ninguém...

Comento: a senhora teve uma boa convivência com os presos então.

L.: *ixi...* Sou comadre de quase todos eles. Chamavam eu para batizar os filhos deles. Foi uma experiência boa. Eu ia fazer curso para polícia, da primeira vez, eu era muito nova; na segunda vez, não tinha polícia mulher, só escrivã. Eu ia fazer o curso, não deu certo, mas minha vontade era fazer.

Qual função queria?

L.: ficar com meu marido na carceragem. E não tinha problema, não... A maioria *dos polícia* era analfabeto. Colocavam o dedão para assinar. Agora, se não tiver estudo, não entra. Se não tiver altura, não entra... Lá (Ivaiporã), fazia o curso em 15 dias e já pegava a farda. Agora *tá* muito diferente, né? É tráfico, assalto... Se fica só um policial de carcereiro é capaz dos presos matar.

- Lourdes pede licença para ir até o banheiro, quando retorna, me pergunta sobre a amiga, que conheceu nas oficinas da Unati, com quem eu também havia me encontrado naquela semana. Faço uma breve observação sobre a pandemia, dizendo o quanto bagunçou nossas vidas. Ela me responde que “deu uma falta de coragem” para sair na rua.

Comento: a senhora me falou que gostaria de ter feito o curso para polícia, fiquei pensando...

A senhora foi carcereira, sim.

L.: acho que eu fui um pouco, né? (rindo) Porque eu ajudava lá na cadeia. Depois que eu abri o salão, nós mudamos para outra casa longe da cadeia. Abriu uma outra cadeia também, onde ficava tudo junto (administração e carceragem), ficava tipo num sítio. Aí, já tinha viatura, os *polícia* não andava mais com fuzil, andava com revólver. O delegado ficava perto da cadeia, era a cadeia e a delegacia juntas. Fui só na inauguração, quando os presos ainda não *tinha* sido *transportado*. Os presos eram *transportado* num tipo de um furgão com umas janelinhas. Vinha preso de Curitiba. Aí era cadeia de material. Antes, era cadeia de madeira... E o preso não fugia, viu?

De madeira?

L.: um galpão de madeira, as grades só na porta de cada cela e o corredor. Punha para tomar sol lá fora. Ninguém fugia... Um tomava conta do outro, porque se um fugia, todos levava, né? Depois que passaram para essa cadeia de material, fugiu preso. Os presos *pegou* um ônibus de refém, com pessoa dentro e tudo. Passou até na televisão. Quando nós viemos *pra* cá (Assis, 1988) já era preso traficante. Tinha acabado aquele negócio de pistoleiro. Quando eu morava perto da cadeia, a maioria dos presos era velho, uns 50 anos. Tinha um lá bem velhinho... Chamava Seu Camilo, era mineiro, bem baixinho assim, era *pistoleirinho*, sabe? Morreu enquanto tava na cadeia, era bem velho. Acontecia de alguns presos serem condenados e transferiam para penitenciária de Curitiba. Quando chegava lá, eram mortos dentro da cadeia. Foi assim com o Bráulio e o Vitório. O Bráulio era amigo meu, eles *cozinha* lá na cozinha. O Vitório era meu compadre, eu batizei um filho dele. O Vitório matou o sogro, porque o sogro pegou a filha na marra. Depois fizeram a cadeia de material, começou a vir gente de outras cidades, aí tinha preso mais novo (de idade). Mas quando a gente ainda morava perto da cadeia de madeira, lembro que chegou um rapaz, o Estevão. A noiva dele não queria mais se casar, então ele matou a moça. Esse não saía da cela, porque os parentes da noiva *ia* lá pegar ele. O

pai da noiva jurou matar ele. O Estevão pegou 15 anos de cadeia, foi mandado para Curitiba, nunca mais fiquei sabendo dele. Outra vez, foi preso um japonêsinho, ele me falou que era fácil de fazer bomba. Perguntei como que ele fazia, ele me disse: “peraí, vou fazer uma para a senhora ver”. Pegou uma caixa de fósforo, raspou tudo o fósforo, fez um burquinho no tijolo, colocou a pólvora da caixa de fósforo ali. Deu uma martelada por cima, você precisa ver o estouro que deu... Menina do céu, cada coisa que eu já vi nesse mundo. Dentro da cadeia não podia caixa de fósforo, isqueiro, eles só fumavam durante o banho de Sol.

A senhora fumava?

L.: não... Nunca fumei e nunca bebi. Bebida de álcool e pimenta, *pra* mim, passa longe.

Sempre acompanhava seu marido para Curitiba?

L.: não... Porque não tinha algema, só corda. A pessoa ia amarrada, não sabia se podia fazer alguma coisa. Quando foi o Bráulio eu fui, quando foi o Vitório eu fui, quando foi o Rubinho eu fui...

Era tranquilo ficar sozinha quando seu marido estava fora?

L.: tranquilo... tinha as meninas, minhas amigas. A Devair, que era filha de polícia, posava comigo. Às vezes, tinha duas, três meninas para posar comigo. Eu não tinha medo da cadeia, os presos não *fazia* nada.

Quando vocês iam para Curitiba, receber o pagamento, costumavam fazer algum passeio por ali?

L.: não... Teve uma vez que fui com ele (marido), um dos primeiros pagamentos que ele foi pegar, ele falou: “*vamo* ali na loja de roupa, que eu vou comprar uma roupa para você”. Era uma blusa de *bouclê*. Chegamos lá, eu falei: “olha que boneca bonita!”; ele respondeu: “eu vim aqui para comprar a blusa que você escolheu”. Fui saindo da loja com a blusa embrulhada no papel, ele entrou e comprou a boneca *pra* mim. Cada coisa, né... Eu era grandona já, tinha uns 18 anos.

Onde a senhora deixava a boneca?

L.: em cima da minha cama. Eu tenho a boneca ainda... Cada coisa. Naquele tempo, os presos *fazia* anel de moeda. Era moeda de cobre. Eu tinha um anel que um preso fez para mim, não sei que fim que deu... Tinha que ariar o anel.

Quando mudaram para Assis, pensou em reabrir o salão de beleza?

L.: não... Porque me deu intoxicação. Até hoje eu não posso entrar em salão quando estão fazendo progressiva. Eu costurava bastante.... Demorou para eu acostumar aqui (em Assis), nossa... Não gostava daqui. Eu ficava muito parada, daí comecei a costurar.

O achava ruim em Assis?

L.: tudo... Saia na rua, ninguém conhecia ninguém, sabe? Lá no Paraná, um vizinho é parente. Aqui do lado, morava uma mulher que trabalhava numa usina, só voltava para casa de noite, eu nem conhecia ela. Os vizinhos nenhum ligava para mim. Lá no Paraná, você saia conversando com todo mundo, todo mundo conversava com a gente. Ia numa missa, quermesse, as pessoas *tavam* tudo rodeado. Aqui não. Eu ia em salão de beleza, chegava lá para cortar cabelo, *as mulher* parecia que era muda. Eu não acostumava de jeito nenhum, chorava. Meu filho quis vir para cá para fazer o técnico agrícola. Meu marido falou: “vamos para Assis, eu nasci em Cândido Mota, nosso filho estuda em Cândido Mota”. Meu marido falava: “você quer *vortar pra* lá? Quer *vortar nós volta*, a casa tá lá”. Não trouxemos quase nada, compramos tudo aqui. Pensei em voltar e deixar meu filho aqui: não gostei. Foi quando me acostumei. Eu ia muito lá na escola agrícola. Nos primeiros seis meses, fica internado, não pode vir pra casa. Depois, podia ir e voltar todo dia. Quando meu filho passou a voltar para casa, eu me acostumei mais (com Assis). Chegava a hora dele sair, eu tinha que levantar *pra* fazer o café; quando ele voltava, eu tinha que tá com a janta pronta. Daí eu acostumei mais. Naquela época, eu não queria ficar aqui de jeito nenhum, eu ia lá no colégio. Ia na hora do recreio, ficava com ele lá. A professora e a diretora gostava bastante de mim. Depois eu voltava embora de ônibus. Até hoje eu acho estranho a vizinhada. O meu vizinho aqui é muito bom, tinha uma vizinha que era muito boa também, mas ela morreu. Tem uma outra que é bem amiga minha. Tem uma senhora bem velhinha, que mora aqui *pra* trás, eu quase não vejo ela: vai sair, abre o portão e só vejo o carro, quando volta, entra de carro. Uma outra senhora, por causa da Covid, foi morar no sítio...

Então eu fiquei praticamente sem vizinho. Tem um senhor que mora aqui perto, é viúvo, mas aí não faço amizade com homem. As casas tudo com murão alto... A gente não vê nada. Aqui do lado tem uma casa que moram uns homens piloto de avião, avião de passar veneno na plantação.

Não teve como manter contato com as comadres do Paraná?

L.: não tem, porque a maioria mora tudo em sítio, fazenda... As únicas que eu mantenho contato era a que era mulher de um polícia. Eu sempre converso com ela no telefone. Ver, eu nunca mais vi. Ela me convidou para passar o Natal lá... Mas eu não vou, não. Não vou sair de casa. Disse que tem variante (de Covid) chegando... Deus me livre de pegar essa Covid.

E quando o filho da senhora foi embora para servir o exército?

L.: bateu aquela vontade de ir embora de novo. Ficava com meu marido aqui em casa, *nós ia* muito lá cidade onde ele (filho) *tava* também. Alguns militares ficam dentro do quartel, outros alugam república. Meu filho morava em república. *Nós ficava* lá. Quando tinha comemoração, ele ia receber medalha, a gente ia. O tempo foi passando, ele ficou 5 anos fora.

Não tinha vontade de costurar?

L.: não... Eu me aposentei como costureira, mas não tinha vontade de costurar. Agora que a gente não pode sair de casa, fiquei fazendo tapete, crochê e tapete. Não gosto muito de mexer com lã, tem algumas que me dá alergia.

A senhora costumava frequentar a paróquia do bairro?

L.: ia... Mas, depois de um tempo, parei. Eu participava do “Agita Assis”²⁴, ia no CCI (Centro de Convivência do Idoso), fiz bastante amiga. Lá na Unesp, eu tenho um mundo velho de amigos. Eu fazia (oficinas de) artesanato, pintura, seresta... Fiz dois anos de italiano, mas não gostei. A língua italiana é meio parecida com a nossa. A Mariele dava a “oficina do baú”. Foi quando comecei a fazer o letramento. Fiz até esses tempos.

²⁴ Programa elaborado em conjunto, entre as Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Unidades da Estratégia Saúde da Família (ESF), com o objetivo de estimular a prática de exercício físico regularmente. Fonte: <<https://saude.assis.sp.gov.br/pagina/21/agita-assis>>.

Por que chamava “oficina do baú”?

L.: porque a gente contava as histórias... Tinha história de dar arrepio na gente. História de assombração. Uma vez, começou a sair água de um túmulo aqui em Assis. Saia igual uma torneirinha. Diziam que era o túmulo de uma moça que tinha virado santa. As pessoas *ia* lá pegar água. Eu nunca fui, não. Não acreditava. Até que um dia, o prefeito José Santilli mandou abrir o túmulo para ver por que daquela água. Chovia, enchia de água. Conforme fazia calor, a água ia saindo. A moça desvirou santa e acabou... Ai meu Deus, é cada coisa (rindo). Quando eu ia no cemitério, eu ia no túmulo daquela família que o ladrão matou, sabe? A mulher e o homem *tinha* duas filhas. Chegou um homem na casa deles, disse que era benzedor. Eles eram ricos. O benzedor era ladrão. Benzeu a água com veneno, morreu os quatro. Eu ia lá. Visitava o túmulo do padre também.

A senhora contou alguma de suas histórias na “oficina do baú”?

L.: contei várias... A de quando eu fugi (para me casar) eu contei. A Mariele era muito legal. Vinha bastante gente, umas vinte pessoas. Vinha um ônibus cheio de Cândido Mota. Nessa última oficina que a Mariele fez, fui algumas vezes só, eu não gostei do jeito das pessoas que ia, sabe? Umas pessoas muito orgulhosas, *umas mulher rica*. Deixava a gente meio isolada, daí eu não fui mais. Eu fiz capoeira para idosos lá na Unesp. Meu apelido na capoeira era Esmeralda. Todo mundo que entrava na capoeira, recebia um apelido. Era uma capoeira bem *light*, né? Por causa da idade.

Como era a oficina de letramento?

L.: todo dia a gente escrevia, eles *dava* caderno pra gente, dava lápis, caneta. Eles escreviam na lousa e a gente copiava. Às vezes, dava ditado, trabalho para fazer em casa. Tivemos uma professora que era um amor a menina, parecia uma amorinha. Ela foi terminar os estudos em Marília. Tinha uma menina do Rio de Janeiro que deu aula *pra* nós também, ela tinha uma tatuagem no pé, uma borboleta. Eu errava muito na vírgula e nos pontos...

Quando o filho da senhora estava morando fora, como ficou sua rotina?

L.: ouvia rádio o dia inteiro. Ouvia a Márcia Renata (radialista), ela entrava na rádio depois do almoço e ia até às cinco da tarde. Eu ouvia e participava do programa. Meu filho quase não vinha *pra* casa. Uma vez ele veio dar instrução no tiro de guerra, veio com dois colegas. Puseram o caminhão do exército aqui na área de casa. Eu tinha que fazer almoço *pra* eles, janta, café... Cozinhar pra gente sozinha, é muito ruim. Muito, muito ruim. Então eu não faço mais. Você mora aqui (em Assis) mesmo?

Sim, moro aqui perto, ao lado da loja X.

L.: aqui pertinho. De onde você é?

De Santos.

L.: tenho um vizinho aqui que é de Santos também. Ele é viúvo. Você mora sozinha?

Sim... A senhora conhece Santos?

L.: quando eu fugi com meu marido, ele me levou para lá, ficamos alguns dias na praia de São Vicente. Ficamos uns dois dias. Fomos e voltamos de ônibus.

Entrou no mar?

L.: algumas vezes, não gostei, não. Olha, não gosto de chimarrão porque tem que tomar todo mundo junto; não gosto de piscina porque entra muita gente. Do mar, eu acho grossa a água do mar. No primeiro dia que fui, entrei só na beiradinha, fiquei morrendo de medo. No segundo, entrei um pouco mais, tomei uma *ondarada*, já fiquei com medo. Não *vortei* mais, não. Eu também não gostei que só tinha carne de peixe... Achava esquisito. Hoje eu nem como mais carne, faz uns dez anos que não como mais carne. Fico pensando no quanto os bichinhos *sofre*. Pecado.

Depois que vocês mudaram para Assis, tinham o hábito de passear por aqui?

L.: não... Só ia na casa do meu cunhado e da minha cunhada, que era minha comadre. De domingo, a gente fazia almoço junto. Meu marido não gostava de sair, então eu ficava com ele em casa. Depois minha cunhada morreu. Agora, eu vou até a casa da Maria, minha comadre, ela operou da coluna, ficou paraplégica, não sai da cama.

Como ficou sabendo das oficinas da Unati?

L.: pelo rádio, falavam que tinha oficina lá de tudo que é jeito. Cheguei na Unesp, me matriculei em todas. Ia todo dia, só não ia de sexta-feira. Meu marido ficava em casa fazendo palavra cruzada. Eu fiz ioga, computação, artesanato, pintura... Tinha dia que era duas oficinas. Seresta eu fiz um ano só, quando a gente cantava só moda sertaneja.

E a oficina de computação?

L.: no começo eu achava difícil, porque não tinha *tablet* ou computador em casa... Daí, meu marido comprou um computador *pra* mim, quando voltava pra casa, estudava no meu computador. Faz mais de um ano que não abro o computador... Tinha a oficina de ginástica da mente, era cada coisa que meu deus do céu: conta de cabeça, caça palavra, tinha uma de fechar o olho e narrar o que *tava* fazendo, era difícil... Ele ensinava *umas coisa boa*, menina do céu. *Aprendemo* a fazer passarinho de papel (origami). Eles davam uma folha de papel, *pra* gente ver quantos bicho que via, uns bichos tudo escondido no papel. Tudo oculto. Eu achava logo porque *tava* acostumada a fazer caça palavra. Quem achasse primeiro, ganhava uma estrelinha, eu ganhei várias. Era com o Auro, ele é engraçado, né? Adoro ele. Enquanto a gente *tava* fazendo quebra-cabeça, chegava perto da gente, e dava um susto (rindo). A memória da gente melhora bastante quando vai na aula (oficina) dele, melhora bastante mesmo. Hoje eu bato o olho numa figura oculta, já vejo. Ontem eu *tava* no celular, no *TikTok*, apareceu uma figura, o bicho que eu achasse primeiro, era minha personalidade. Eu achei o cavalo, mas tinha elefante, macaco... Depois a gente lia em baixo o que era... A minha personalidade era egoísta (rindo) não sou nada! Dizia que gosto das coisas só *pra* mim (rindo), só tontice. Não tenho egoísmo, não. Cada coisa... Eu escrevi embaixo: “não sou isso que tá falando, não”, ah, vá tomar banho (rindo).

A senhora ia a pé para a Unesp?

L.: sim, ia eu e mais duas amigas. Uma delas parou de ir, porque ficou com a visão curta. Voltava com outras amigas, às vezes de carona. Principalmente quando tinha aula de ioga, que acabava tarde, às cinco horas. Quando voltava a pé, chegava em casa seis da tarde. Eu ia pela Dom Antônio. Quando comecei a fazer Unati, não tinha nem o mercado perto da Unesp, era só um barracão. Nunca tive nenhum problema no caminho. Teve uma vez, participei de uma corrida, tenho a camiseta e a medalha. Não podia correr, era só caminhada. Tinha *umas mulher* que correu. Eu cheguei em nono lugar. Tinha que ir tudo certinho, de bermuda e tênis. Eu uso uns shorts mais largos, abaixo do joelho. Se meu filho me vê de vestido curto e short curto, ele já reclama, ele não gosta, não.

Como era a convivência com os estudantes?

L.: *ixi...* Eu adorava, era uma beleza. Um dia, a Mariele inventou um negócio de sair pela Unesp, andar por lá com uma placa escrita: “me dá um abraço”. *Nós saimo* lá, tinha gente que olhava e virava a cara. Mas muita, muita menina, rapaz, vinha correndo, tudo correndo, *pra* abraçar a gente. A Mariele inventava umas coisas do arco da velha. *Ela pois* um espelho dentro de uma caixa de sapato. Aí passava, na oficina do baú, passava mostrando quem que era... Dizia que a felicidade *tava* naquela pessoa, naquela coisa que *tava* dentro da caixa. Daí, passava a caixa, eu olhava, olhava eu, sabe? (havia um espelho dentro da caixa). Aí ela tampava e passava para o próximo. Não podia falar o que era, tinha que ficar quieto. Tinha uma mulher, que quando olhou, assustou e “ahhh”, deu um grito (gargalhmos). Eu pensei, Deus me livre, só pode ser bicho dentro da caixa (rindo).

O que acha do espaço da Unesp?

L.: *ixi...* *nós ia* tudo por lá. A aula de capoeira nós tinha lá no bosque. Eu gostava de ir lá, porque lá tinha umas castanhas. Eu peguei uma castanha e fiz um chaveiro *pra* mim.

- Lourdes me mostra o chaveiro, nele, há um broche com duas pistolas, que era de seu marido, colado na castanha.

L.: lá no bosque o chão é cheio disso daí (castanha).

Ah, então a senhora chegou a ver a luz do sol passando ali, entre as árvores, no final da tarde.

L.: vi! E aquele monte de cigarra cantando... Aquela parte da Unesp é linda demais da conta!

Fez alguma apresentação nas festas de fim de ano da Unati?

L.: sim, *apresentemo* de ioga, seresta, das aulas (oficinas) do Auro também...

Brinco: ficou nervosa?

L.: não... Fiquei bem *pra trás* mesmo, lá no fundo (rindo). Deixei os outros lá na frente. Se eu errasse, ninguém *tava* vendo, né?

A senhora chegou a participar de alguma oficina da Unati online, durante a pandemia?

L.: não... Eu nem lembrava. Eu acho que é muito ruim, recebi o convite, mas nem lembrava.

Lourdes considerando sua experiência, pensando também nas mulheres com quem a senhora teve contato ao longo de sua trajetória de vida, o que a senhora acha do que tem acontecido?

Notou alguma mudança?

L.: adoro quando vejo uma mulher feminista bem da pesada mesmo! A Camila Pitanga, eu adora ela. Fala só coisa certa... A Camila Pitanga é uma sabichona, sabe das coisas. Eu gostava de ouvir a Hebe e a Dercy Gonçalves. A Dercy era boa para falar as coisas, falava as coisas de verdade. Tem uma propaganda que mostra os *homem* falando assim: “mulher com saia curta tem que apanhar; mulher que desobedece o homem, tem que apanhar”. Depois, na propaganda, fala que acabou esse tempo, né? Eu acho legal. Eu sei que... Quando a gente convive com uma pessoa, que nem com *as mulher* da zona, a gente se acostuma com a pessoa, fica amiga. A gente faz amizade e sente falta da pessoa depois. Na Unati é assim também, porque a gente fica amigo de verdade. Quando a gente fazia oficina lá no “Buracanã” (área de esportes da Unesp), tinha geladeira, fogão, a gente levava de casa ou fazia comida ali mesmo. Tinha festa, amigo secreto... Era tão bom. A Dona Célia, quando levava comida, não demorava nem um minuto pra acabar, de tanto sucesso que fazia. Eu levei uma torta de laranja que todo mundo queria comer... Ficou

boa, eu levei na forma. Fatia de casca de laranja e gelatina por cima, decorando. Menina, mas não é que ficou boa?! (rindo).

A senhora deve ter umas boas histórias da convivência com as mulheres no salão de beleza também...

L.: tenho! Mas eu só te conto com o gravador (de voz) desligado.

- Sem demora, ela me conta sobre a dinâmica das relações que se passavam no salão. O espaço era frequentado pelas mulheres da zona de meretrício, como também, pelas donas de casa da cidade. Por isso, Lourdes me explica que precisou desenvolver certa habilidade para não comprometer nenhuma de suas clientes. Ela tomava bastante cuidado com os temas de conversa, silenciando e, até mesmo, tendo que neutralizar situações nas quais, mulheres que tinham relações com um mesmo homem, seja na condição de marido ou cliente, se encontravam no salão. Por vezes, homens também a procuravam, querendo saber qual horário Lourdes receberia determinada pessoa, com o objetivo de surpreendê-la com um encontro. Mesmo que Lourdes desconversasse, alguns tinham o costume de rondar por ali. Houve uma situação em que sua cliente partiu para cima do homem que a importunava. Tratava-se de homens que não tinham mais permissão para entrar na casa de meretrício, portanto, burlavam esse impedimento ao forjar encontros a contragosto das mulheres. Lourdes também relembra o dia que atendeu uma mulher homossexual, que trabalhava como cozinheira na zona. Ela pediu para deixar o cabelo curto, apenas mantendo o topete. As pessoas diziam que ela era lutadora de capoeira. Encerradas as histórias desse tempo, Lourdes me pergunta como estava a situação das greves na Unesp. Ela guarda a imagem da ocupação que os estudantes fizeram no campus, reivindicando moradia estudantil. Durante a greve, quando ia até as oficinas da Unati, ela lembra de passar pelas barracas e ver os estudantes ali. Uma aluna procurou Lourdes para explicar o movimento, e esse diálogo ficou registrado em sua memória. Ela lembra que a greve deu certo: o resultado foi a ampliação do prédio da moradia dos estudantes. Lourdes observa que quando começou a participar das oficinas da Unati, todos os materiais eram oferecidos gratuitamente pela Unesp e, nos últimos anos, já passou a ser cobrada uma taxa para compra dos itens, ou era solicitado que cada um levasse de casa seu próprio material. Por fim, ela concluiu que o espaço físico da Unesp está precisando de manutenção. Lourdes me chama para

a cozinha, me oferece água. Sobre a mesa, está uma variedade de frutas, dentre elas, pêssego. Pergunto em qual mercado ela havia comprado, já que estavam com uma cara boa. De imediato, Lourdes escolhe alguns e coloca numa sacola, dando de presente para mim. Eu a agradeço e faço um pedido: “posso conhecer o Thor?”. Lourdes abre a porta da cozinha... Ele é bem mais amigável do que eu imaginava. Thor faz festa. Lourdes se rende ao momento, admitindo que Thor tem seu lado amistoso. Ficamos ali brincando um pouco com o cachorro, em seguida, voltamos para a sala.

Figura55. Thor.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2021.

- Começo a ensaiar uma despedida, quando Lourdes me pede para ficar mais um pouco. Sem pensar duas vezes, retorno para aquele que já era meu lugar no sofá, da mesma forma, ela se senta logo à minha frente, puxa o banco e estica as pernas sobre ele. Conversamos trivialidades, em especial, a respeito de novelas. Quando deu duas horas da tarde, me despedi de Lourdes agradecendo a confiança e a conversa daquelas manhãs.

Nos despedimos com um abraço. Ao chegar em casa, recebo uma mensagem dela no *WhatsApp*: era uma foto da boneca, que o marido havia dado de presente, quando estavam de passagem por Curitiba.